

RALPH METZNER.

Ayahuasca é uma bebida de plantas amazônicas que vem sendo usada com propósitos de cura e de oráculo através dos séculos, ou quem sabe até dos milênios, tanto pelos índios xamãs como pelos mestiços do Brasil, do Peru, da Colômbia e do Equador. Ela é conhecida pelas diversas tribos por vários nomes, tais como *caapi*, *natêma*, *mihi*, e *yagé*. O termo **Ayahuasca** é originário da língua sul-americana Quêchua, língua que veio do dialeto Inca na conquista de Cusco: *huasca* significa "cipó" e *aya* significa "almas" ou "gente morta", ou até mesmo "espíritos". As expressões mais apropriadas para as traduções serão, portanto "cipó das almas" ou "cipó dos espíritos". Muitos médicos e psicólogos do Ocidente descobriram que estas substâncias podem levar o ser humano para uma dimensão espiritual de consciência, com experiências místicas, diferentes do misticismo religioso clássico.

Ralph Metzner está à frente de estudos no campo da consciência humana há mais de 35 anos. Começou seus trabalhos na Universidade de Harvard com Timothy Leary e Richard Alpert sobre possíveis aplicações terapêuticas de drogas psicodélicas. Neste livro, o autor reuniu um grupo heterogêneo de colaboradores que proporciona ao leitor a exploração das dimensões química, biológica, psicológica e experimental da **Ayahuasca** – um aspecto da volta do interesse no xamanismo e nas plantas sagradas como parte da busca mundial pela renovação das relações espirituais com o mundo natural.

Ralph Metzner, Ph.D., é doutor em psicologia clínica na Universidade de Harvard, onde também obteve seu pós-doutorado em psicofarmacologia. Ele é co-autor do livro *The Psychedelic Experience* (1964), autor das obras *Know your Type* (1979), *Opening to Inner Light* (1986). Além disso, é professor de psicologia no *California Institute of Integral Studies*, de São Francisco.

ISBN 85-7510-033-5



9 788575 100332



GRYPHUS

Ayahuasca

LUCINÓGENOS, CONSCIÊNCIA E O ESPÍRITO DA NATUREZA

ESGOTADO

60,
a

esoterico

AYAHUASCA

Rio de Janeiro
2002

AYAHUASCA

ALUCINÓGENOS,
CONSCIÊNCIA
e o
ESPÍRITO DA NATUREZA

RALPH METZNER, Ph.D., ORGANIZADOR

com contribuições de
Jace C. Callaway, Ph.D.
Charles S. Grob, M.D.
Dennis J. McKenna, Ph.D.
e outros

TRADUÇÃO DE: MARCIA FRAZÃO



GRYPHUS

Rio de Janeiro
2002

© Copyright
Ralph Metzner

Título Original
Ayahuasca – Hallucinogens, Conciousness and the Spirit of Nature

Gerente de produção
Cesar Lourenço Caneca

Editoração eletrônica
Claudia Regina S. L. de Medeiros

Capa
Victor Hugo Ceccato

Revisão
Maria Helena da Silva

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

A976

Ayahuasca: alucinógenos, consciência e espírito da natureza
/ Ralph Metzner, organizador; como contribuições de Jace C.
Callaway, Charles S. Grob, Dennis J. McKenna e outros; tradução
de Marcia Frazão. – Rio de Janeiro: Gryphus, 2002.

Tradução de: Ayahuasca: hallucinogens, conciouness and the
spirit of nature.

Inclui bibliografia
ISBN 85-7510-033-5

1. Ayahuasca – Amazonas, Rio, Região – Aspectos psicoló-
gicos. 2. Alucinógenos – Amazonas, Rio, Região – Aspectos
psicológicos.

I. Metzner, Ralph. II. Callaway, Jace C.

02-0544

CDD 394.14
CDU 392.85

GRYPHUS

Um selo da Companhia Editora Forense

Av. Erasmo Braga, 299, 7º andar, 20020-000

Rio de Janeiro – RJ. Tel.: (0XX21) 2533-5537 – Fax: (0XX21) 2533-4752

www.gryphus.com.br – e-mail: gryphus@gryphus.com.br

SUMÁRIO

Introdução: O Cipó Amazônico das Visões <i>Ralph Metzner</i>	1
1. A Experiência da Ayahuasca Ensinos dos Espíritos das Plantas Amazônicas	43
Iniciação à Antiga Linhagem dos Curandeiros Visionários <i>Raoul Adamson</i>	43
Estamos Experimentando o Maravilhoso Fenômeno da Re-Criação <i>Cristina Santos</i>	55
Depois de ter Vivido Recentemente a Experiência da Minha Morte, Pude Vislumbrar o Milagre de Estar Vivo <i>Stefan C.</i>	61
Rompendo as Fronteiras da Mente <i>Kate S.</i>	68
A Visão de Sekhmet <i>Ganesha</i>	72
Juntando as Peças da Minha Vida de um Modo Mais Significativo <i>Ava S.</i>	82
A Planta Mestre Doou-me Graciosamente o Conhecimento <i>Oregon T.</i>	87
Aqui Começa uma Série de Ensinos sobre a Natureza do Coração <i>Joseph S.</i>	93

Uma Visão do Tecido que Todos Nós Tecemos <i>Caroline S.</i>	99
As Serpentes Etéreas Mantiveram-me em Cativoiro <i>Shyloh Ravenswood</i>	102
Ser e Estar com a Natureza <i>Pamela C.</i>	105
Um Líquido para a Alma <i>I. M. Lovetree</i>	109
Através da Ajuda dos Espíritos da Planta, Curei a Mim Mesma e aos Outros <i>Eugenia G.</i>	116
A Grande Dança Espiral da Vida <i>Raimundo D.</i>	121
Uma Experiência Concretamente Semelhante ao que Ocorre no Budismo <i>Renata S.</i>	124
Uma Jornada à Floresta da Esmeralda <i>Richard N.</i>	126
A Longa Jornada Multifacetada da Experiência Judaica <i>Abraham L.</i>	133
Ensinando ao Corpo as Relações que Precisam Ser Mantidas com o Espírito <i>Wähtola H.</i>	139
Um Augúrio Antigo da Minha Ressurreição <i>Barry F.</i>	144
Um Mundo Inteiramente Novo de Seres Espirituais <i>Frank Owings</i>	147

Morte e Renascimento no Santo Daime <i>Madalena Fonseca</i>	151
A Natureza Abraçou-me, Soprando o Seu Hálito de Vida Dentro de Mim <i>Stefan C.</i>	154
O Buda, o Cristo, e a Rainha da Floresta <i>Ganesha</i>	162
Agonia e Êxtase com o Santo Daime <i>Raoul Adamson</i>	165
2. Ayahuasca: Uma História Etnofarmacológica <i>Dennis J. Mckenna</i>	172
3. A Psicologia da Ayahuasca <i>Charles S. Grob</i>	195
4. Fitoquímica e Neurofarmacologia da Ayahuasca <i>Jace C. Callaway</i>	226
5. Conclusões, Reflexões e Especulações <i>Ralph Metzner</i>	251
Notas sobre os Colaboradores	266

INTRODUÇÃO: O CIPÓ AMAZÔNICO DAS VISÕES

Ralph Metzner, Ph.D.

A *YAHUASCA* É UMA beberagem de plantas amazônicas que vem sendo usada com propósitos de cura e de oráculo através dos séculos, ou quem sabe até dos milênios, tanto pelos índios xamãs como pelos mestiços do Brasil, do Peru, da Colômbia e do Equador. Ela é conhecida pelas diversas tribos por vários nomes, tais como *caapi*, *natéma*, *mihí*, e *yagé*. O termo *ayahuasca* é originário da língua sul-americana Quéchuá: *huasca* significa “cipó” e *aya* significa “almas” ou “gente morta”, ou até mesmo “espíritos”. As expressões mais apropriadas para as traduções serão portanto “cipó das almas” ou “cipó dos espíritos”. Porém, enquanto nome de alguma coisa, esta palavra não é por si mesma abrangente, uma vez que o cipó *Banisteriopsis caapi* é somente um dos dois ingredientes essenciais à beberagem alucinógena; o outro é a folha da planta *Psychotria viridis*, que contém a poderosa substância psicoativa denominada dimetiltriptamina (DMT). A DMT e mais alguns derivados que também estão presentes em vários outros alucinógenos naturais – tal como o cogumelo mágico do México – propiciam as experiências visionárias e o acesso à dimensão dos espíritos e das almas dos ancestrais. A substância DMT não é oralmente ativa, porém, é metabolizada pela enzima do estômago conhecida por monoaminoxidase (MAO). Alguns agentes químicos do cipó inibem a ação da MAO e por isso são referidos como inibidores-MAO: a presença deles na beberagem torna disponível o princípio psicoativo, permitindo-lhe circular através da corrente sanguínea até o cérebro, onde por fim provoca o acesso visionário à dimensão dos seres transcendentes. Enfim, todos os detalhes sobre este admirável e sofisticado sistema indígena de droga psicoativa, além da história de sua descoberta pela ciência, serão descritos e investigados neste livro.

Na condição de planta alucinógena ou medicinal, a ayahuasca está inserida em um grupo de substâncias similares que desafiam a classificação: a psilocibina derivada do *teonanácatl*, o cogumelo sagrado dos

astecas; a mescalina derivada do peyote; o cacto norte-americano e também o mexicano; o DMT e diversos outros agentes químicos semelhantes a ele, derivados dos pós sul-americanos conhecidos como *epena* ou *coboba*; o célebre LSD derivado da ergotina, um fungo que cresce nos grãos; a ibogaína derivada da raiz da *Tabernanthe iboga*, uma árvore africana; e outras mais. Na forma de extratos vegetais ou de drogas sintetizadas, tais substâncias têm sido objeto de uma grande variedade de pesquisas científicas ao longo dos últimos 50 anos, não só por suas potenciais aplicações na psicoterapia, mas também por sua ação na expansão da consciência para o desenvolvimento da criatividade e ainda como ampliadoras da investigação espiritual. Elas têm sido denominadas como *psicoticomiméticas* (loucura mimética), *psicolíticas* (corruptoras da mente), *psicodélicas* (manifestadoras da mente), *alucinógenas* (induzidoras da visão), e *enteogênicas* (as que fazem a ligação com o interior sagrado). Além de refletir uma enorme variedade de atitudes e intenções, a diferença marcante entre estes termos também destaca os diversos cenários aos quais essas substâncias têm sido relacionadas. Por isso serão também descritas neste livro as considerações psicológicas e psiquiátricas da pesquisa científica ocidental a respeito da ayahuasca.

Os conceitos de xamã e xamanismo não são peculiares à América do Sul, no sentido estrito da língua, uma vez que seus termos são originários da língua siberiana. Contudo, eles têm sido empregados nos últimos anos para denominar as práticas de cura e de oráculo que contêm uma proposta de indução ao estado alterado de consciência chamado de "jornada xamanística"; através destas práticas o xamã penetra nas "realidades não-ordinárias", em busca do conhecimento e do poder de cura próprio dos espíritos que habitam tais mundos. As duas técnicas xamanísticas mais utilizadas para entrar neste estado alterado de consciência são a batucada rítmica, praticada habitualmente no hemisfério norte (Ásia, América e Europa), e o emprego de plantas ou de fungos alucinógenos, praticado com mais constância nos trópicos, sobretudo nas Américas Central e do Sul. Segundo os antropólogos, a ayahuasca talvez seja o alucinógeno mais poderoso e amplamente utilizado pelos xamãs.

As sociedades tribais fazem uso destas plantas e preparados vegetais porque os vêem incorporados por seres de consciência inteligente, somente perceptíveis pelos estados especiais da consciência, capa-

zes de funcionar como mestres espirituais e ricas fontes de poder de cura e de conhecimento. Embora tais plantas sejam chamadas de "medicinais", têm significação bem mais ampla, indicando, também, algo semelhante ao poder da cura ou um tipo de energia que tanto pode estar associada a uma planta como a uma pessoa, um animal, ou até mesmo um lugar. Como estas plantas são também denominadas "plantas mestres", conservam-se ainda muitas tradições que dedicam longos anos de iniciação e treinamento para o seu manuseio. Eis porque a utilização da ayahuasca no contexto do xamanismo amazônico constituirá um outro tópico deste livro.

Um bom número de cientistas e psicólogos do Ocidente admite que tais substâncias podem propiciar o acesso às dimensões espirituais ou transpessoais da consciência, além de terem proporcionado outras experiências místicas no seio da religiosidade clássica, tanto no Oriente como no Ocidente. O novo termo "*enteógeno*", é uma tentativa de reconhecer de um modo mais apropriado este elemento de acesso a outras dimensões e aos diversos estados sagrados. Tanto na igreja do peyote dos nativo-americanos quanto no culto africano *Bwiti* que faz uso da iboga, assim como nas diversas igrejas brasileiras que se valem da ayahuasca, temos visto o desenvolvimento de movimentos religiosos autenticamente folclóricos que incorporam as plantas *enteógenas* ou *alucinógenas* como sacramentos: não só aperfeiçoando formações sincréticas religiosas como também as mais elevadas formas de cerimônias.

A utilização da ayahuasca por algumas igrejas brasileiras vem ganhando milhares de seguidores nas Américas do Sul e do Norte, e também na Europa, crescendo, assim, vertiginosamente em número e influência. Encontramo-nos, portanto, diante de uma substância que tem contribuído profundamente para a modificação dos indivíduos, e que já começa a fomentar alguma coisa muito próxima de um amplo movimento de transformação cultural. Eis porque tais facetas da história da ayahuasca serão também investigadas neste livro.

Na medida em que centenas ou talvez milhares de indivíduos têm participado de práticas xamanísticas que fazem uso da ayahuasca (bem como de outras plantas alucinógenas ou medicinais), aderindo às cerimônias de suas várias igrejas já estabelecidas, torna-se cada vez mais evidente a profunda descontinuidade entre a visão de mundo (e do sistema de valores) do universo ocidental industrializado e a das socieda-

des tradicionais dos praticantes xamanísticos. O poderoso ressurgimento da atitude respeitosa e reverencial para com a Terra e todas as suas criaturas parece ser uma consequência natural das experiências realizadas com as plantas mestres visionárias. E este retorno do xamanismo enteogênico pode ser visto como uma ampla resposta mundial à degradação do ecossistema e da biosfera: uma tomada de atitude na qual se inserem alguns movimentos profundamente enraizados na ecologia, tais como o ecofeminismo, o biorregionalismo, a ecopsicologia, a medicina herbática e natural, a agricultura orgânica, e outros. Já se pode então entrever em cada um desses movimentos um novo despertar, ou melhor, a retomada de uma antiqüíssima consciência que nunca deixou de respeitar e levar em conta a interconexão entre o orgânico e o espiritual no conjunto da vida deste planeta.

Na condição de psicólogo, tenho me envolvido há mais de 35 anos com um leque variado de estudos sobre a consciência, sem deixar de lado os estados alterados, aqueles induzidos pelas drogas, plantas e outros meios. Na década de 1960, trabalhei na Universidade de Harvard com Timothy Leary e Richard Alpert, pesquisando as possíveis aplicações terapêuticas de drogas psicodélicas como o LSD e a psilocibina. Nos anos 1970, meu trabalho voltou-se para a investigação de outros métodos, não diretamente ligados às drogas mas que também visam à transformação da consciência, ou seja: aqueles encontrados nas tradições ocidentais e orientais e que vão da ioga à meditação e à alquimia, até chegar às técnicas recentes de psicoterapia que fazem uso dos profundos estados alterados de consciência. Nos anos 1980, entrei em contato com a obra de Michael Harner e de alguns outros que sempre se dedicaram ao estudo dos ensinamentos e práticas xamanísticas de todo o mundo, e me deparei com aqueles estados não-ordinários da consciência, induzidos por tambores, plantas alucinógenas, jejum, busca da visão, pela tenda do suor, e por diversos outros procedimentos.

Depois de perceber a existência de inúmeras tradições que fazem uso respeitoso dos alucinógenos com propostas xamanísticas que remontam aos tempos pré-históricos, fiquei muito mais interessado pelas plantas e cogumelos que já possuem uma longa história de utilização do que pelas novas descobertas de drogas poderosas, cujo uso aliás envolve quase sempre diversos riscos desconhecidos. E comecei também a entender o ressurgimento do interesse pelo xamanismo e pelas plan-

tas sagradas como parte de um esforço mundial em prol do renascimento de um tipo de concepção na qual existe uma conexão íntima entre o universo espiritual e o mundo natural.

Ao longo dos dois últimos milênios, a civilização ocidental vem desenvolvendo de maneira desenfreada uma série de padrões de dominação baseados na presunção da superioridade humana. Tais padrões de dominação têm a ver com o processo gradual de dessacralização, objetivação e exploração de tudo aquilo que não faz parte da natureza humana. Por outro lado, sobreviveram vários outros padrões alternativos de cultura entre os povos indígenas, justamente porque estes preservaram sistemas animistas de crença e práticas xamanísticas oriundos de tempos remotos. Eis porque entendemos a retomada do interesse pelo xamanismo e por sua utilização intencional das plantas enteogênicas na função de sacramentos como um auspicioso sinal de que será outra vez dissipado o corte estabelecido entre o sagrado e o natural.

O reconhecimento das essências espirituais inerentes à natureza é a base da visão de mundo dos povos indígenas, tal como ocorria entre os nossos ancestrais das sociedades pré-industriais. No interior das organizações sociais xamanísticas, os indivíduos cultivavam uma relação diretamente perceptiva e espiritual com os animais, as plantas, e toda a Terra na sua magnífica diversidade de vidas. A visão moderna e materialista do mundo, focada de forma obsessiva no progresso tecnológico e no controle e exploração daquilo que é arrogantemente chamado de "fontes naturais", encontra-se quase que inteiramente dissociada de uma consciência espiritual em relação à natureza. Apesar de haver nesta ruptura entre espiritualidade humana e natureza algumas raízes que foram fincadas no passado remoto da cultura ocidental, suas causas principais residem nos paradigmas mecanicistas que surgiram com a ciência dos séculos XVI e XVII.

A moderna visão de mundo dualista foi produto do conflito entre a igreja cristã e a nova ciência experimental de Newton, Galileu, Descartes, e outros. Enquanto, do seu lado, a ciência confinava-se nos objetos materiais e nas forças mensuráveis, do outro lado situava-se tudo aquilo que era realizado através da fé, do valor, da moralidade, da subjetividade, da psique, e do espírito; configurando portanto o domínio da religião, um espaço onde a ciência era totalmente negligenciada. A partir daí, não só as experiências interiores como também as percepções sutis e os valores espirituais deixaram de ser relevantes

para o estudo científico e passaram a ser considerados como formas inferiores de realidade, “meramente subjetivas”, como gostamos de dizer. Isto acabou encorajando uma atitude deturpada e puramente mecanicista frente ao mundo natural; assim, toda e qualquer percepção e comunicação com as essências ou inteligências espirituais inerentes à natureza eram logo consideradas suspeitas, quando não ridicularizadas como “entusiasmo” ou “misticismo” desorientados.

O resultado deste rumo esdrúxulo dos fatos no mundo moderno não poderia ser outro senão uma confusão absolutamente contraditória, ainda mais porque a experiência pessoal de cada indivíduo e o senso comum da coletividade são unânimes quando afirmam que o reino subjetivo do espírito e do valor possui uma importância igual à da esfera dos objetos materiais. Desta forma, o ressurgimento das práticas e crenças animistas, neopagãs e xamanísticas – incluindo aí o uso sacramental das plantas alucinógenas ou enteógenas – representa a reunificação da ciência com a espiritualidade, duas dimensões que têm estado divorciadas desde o aparecimento da ciência mecanicista no século XVII. Acredito que os valores espirituais serão outra vez a primeira motivação dos cientistas; tal direcionamento seria muito mais saudável para a humanidade e para o planeta como um todo do que a postura científica de hoje, quase que inteiramente voltada para a geração de lucros e armamentos.

Esta obra abordará o fenômeno da ayahuasca sob as perspectivas da objetividade natural e social da ciência (botânica, química, farmacologia, medicina, antropologia, e psicologia), sem abandonar o ponto de vista da experiência subjetiva, geralmente desconsiderada pela investigação científica. Mas, para tanto, é necessário um novo olhar sobre a epistemologia da consciência.

CIÊNCIA E EXPERIÊNCIA – NA DIREÇÃO DA EPISTEMOLOGIA PARA UM ESTUDO DA CONSCIÊNCIA

A ciência do Ocidente em geral – particularmente a psicologia – nunca esteve à vontade quando estudou os aspectos subjetivos da vida: as qualidades da experiência, os objetivos, as intuições, os estados alterados, e as aspirações espirituais. Assim, sob a influência da dicotomia do pensamento newtoniano/cartesiano, as manifestações da consciência e da experiência passaram a ser vistas como pertencentes à esfera

da religião, aliás com a aquiescência da ciência, que ficou fora destas questões. Mais tarde, ao mesmo tempo que a influência ideológica da Igreja diminuía e o paradigma materialista tornava-se supremo, não só a consciência como qualquer outro experimento subjetivo foram definitivamente banidos do discurso científico.

No século XIX, o filósofo social alemão Wilhelm Dilthey tentou colocar as “ciências mentais” (*Geisteswissenschaften*) em pé de igualdade com as “ciências naturais” (*Naturwissenschaften*). Entretanto, esta idéia jamais influenciou o mundo anglo-saxão, sobretudo porque as ciências sociais (psicologia, sociologia, antropologia, e ciência política) passaram a adotar e imitar a observação empírica e quantitativa dos métodos analíticos das ciências naturais. Por isso, as observações a respeito do comportamento foram as únicas qualificadas como científicas pela psicologia; isto foi levado ao extremo pelo behaviorismo de B. F. Skinner, o qual afirmava que os estados mentais situavam-se em uma “caixa preta” irreconhecível. Embora tenha diminuído a influência do behaviorismo estrito sobre a psicologia dos meados do século XX, nem por isso deixou de persistir o compromisso ideológico com uma visão materialista do mundo. Eis porque, nos paradigmas dominantes da psicologia ou ciência cognitiva (onde estão incluídas as ciências do cérebro, a engenharia computacional, os sistemas informáticos, e outros afins), a consciência ainda é tratada como algo que deve ser explicado (para não dizer invalidado) em termos mais “reais”, isto é, como “rede neural” ou como “circuitos cerebrais”, e por aí afora.

Entretanto, no final da metade do século XIX, surgiu na Europa um movimento filosófico que assumiu forma inteiramente distinta no estudo da consciência. O matemático e filósofo alemão Edmund Husserl (1859-1938) concebeu originalmente a *fenomenologia* como uma tentativa de libertar a filosofia e a busca do conhecimento absoluto de todo naturalismo e relativismo inerentes à psicologia experimental recém-surgida. Ele criticou o método psicofísico de Wilhelm Wundt e G. T. Fechner, uma vez que este procedimento oferecia correlações entre os eventos subjetivos e os físicos, mas ignorava as possibilidades do “pré-entendimento”, essencial à consciência. Segundo Husserl, as verdades abstratas da matemática constituem *essências* apreendidas diretamente pela mente, sem observações relativas ou empíricas. A sua proposta de uma Fenomenologia como método para se alcançar o conhecimento essencial e universal do significado e da

natureza da consciência teve, em parte, o intuito de esclarecer os pré-entendimentos implícitos em outras abordagens psicológicas.

O conceito fundamental da fenomenologia de Husserl é a *intencionalidade*: a consciência é sempre intencional, é constituída “de” ou “sobre” alguma coisa, isto é, está sempre direcionada como uma seta ou um vetor matemático para algum objeto de significado. Os objetos para os quais a consciência dispõe a sua intencionalidade podem ser externos ou inerentes à experiência interna dela mesma. E porque seu caráter intencional esta sempre “constituindo” as características essenciais dos vários domínios da existência externa e interna, a consciência possui uma “prioridade ontológica” fundamental, ou seja: ela é o próprio “solo que suporta a realidade”. Este foco lançado sobre a intenção, de maneira a destacá-la como o principal atributo constitutivo da consciência, estabelece um paralelo perfeito com a ênfase dada ao “cenário” como um dos primeiros aspectos a determinar os estados alterados. A primazia ontológica da consciência na fenomenologia de Husserl assemelha-se portanto à visão de mundo dos místicos nas tradições do Oriente e do Ocidente, como também é congruente com as visões que surgem nos estados alterados e profundos da mente.

Outra contribuição inovadora para a fenomenologia da consciência foi dada pelo filósofo francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), pois o centro de interesse do seu trabalho desloca-se da mente subjetiva para o corpo subjetivo, ou melhor, para a experiência corporal (*le corps propre*). Para Merleau-Ponty, a percepção é intrinsecamente criativa, já que realiza uma atividade participatória que situa-se entre o corpo vivo e o mundo. Portanto, toda subjetividade ou consciência pressupõe a inerência humana no seio de um mundo corporal, que é percebido como tendo profundidade, intimidade e horizonte. O ecofilósofo David Abram (1996) tem procurado demonstrar o quanto o pensamento de Merleau-Ponty – sobretudo na obra *O Visível e o Invisível* – antecipou os mais ferrenhos ecologistas, além de ter se adiantado em relação a todos aqueles que tentam desenvolver um novo despertar consciente de nossa presença efetiva no mundo natural.

O filósofo americano William James (1842-1910) fez uma abordagem da psicologia da consciência de um modo bem característico. Por isso, talvez tenha sido o primeiro a utilizar o conceito de “campo” na sua descrição da consciência: os seres humanos possuem “campos

de consciência” altamente complexos que encerram em si as sensações corporais, o sentido das impressões, as memórias, os pensamentos, os desejos, e as “determinações do futuro”; isto lhes permite constituir “uma abundante multiplicidade de objetos e relações”. Aliás, James fez questão de deixar bem claro o sentido de sua célebre expressão “torrente de pensamento”, quando disse que nela cabiam imagens, sensações, sentimentos, etc. Segundo este autor, a mente “parece abraçar uma confederação de entidades psíquicas”; o que é confirmado de bom grado pelos investigadores contemporâneos dos estados da consciência.

Além de destacar a multiplicidade de elementos que existem na consciência, James ficou impressionado pelo caráter de sua seletividade. Na sua obra *Principles of Psychology*, ele escreveu o seguinte: “A mente está situada no palco de um teatro constitutivo de possibilidades múltiplas e simultâneas. A organização da consciência se faz, portanto, através da comparação destas possibilidades entre si, que termina por selecionar alguma coisa em particular, uma vez que o restante dos elementos é suprimido pelo agente reforçador e inibidor da atenção.” (James [1890] 1952, 187). O *self* constituiria então o princípio unificador entre os múltiplos campos da consciência, e ainda seria o agente ativo e seletivo que se auto-expressaria através dos seus interesses e de acordo com o direcionamento de sua atenção.

Ao mesmo tempo que se dedicava aos aspectos da multiplicidade, seletividade e atenção da consciência, James investigava as suas dimensões paranormais e místicas, aquelas mesmas que geralmente estão situadas fora das fronteiras do interesse pessoal ou científico. Durante um longo período de sua vida, este filósofo nutriu um grande entusiasmo pelo fenômeno da consciência subliminar – “estados mentais excepcionais” –, incluindo a hipnose, o automatismo (sonambulismo), a histeria, a personalidade múltipla, a possessão demoníaca, a feitiçaria, a degeneração, e a genialidade. E este interesse pelos estados incomuns da consciência o levou a experimentar o óxido nitroso, ou gás hilariante, como é mais conhecido, o que acabou reforçando seu entendimento a respeito dos estados transracionais da consciência. Segundo ele, seus experimentos psicodélicos anteriores fizeram-no concluir que “a nossa consciência normal, ou racional, como gostamos de chamá-la, é de fato uma realidade; no entanto, ainda existe um tipo especial de consciência que, além de estar separada por véus finíssimos, apresenta formas inteiramente distintas” (James [1901] 1958, p. 228).

A citação anterior encontra-se no livro *The Varieties of Religious Experience*, provavelmente sua obra mais importante. Nela, William James explorou com grande discernimento e eloquência a natureza e o significado das experiências místicas, ou de “conversão”; entretanto, a seus olhos, a conversão não significava apenas a mudança de uma religião para outra, mas também o processo que leva alguém a se ater ao sentido da unidade e da dimensão sagrada da vida. No meu livro *The Unfolding Self*, adotei a abordagem empírica e comparativa de James, ao fazer um estudo da experiência transformadora com o intuito de delinear os arquétipos básicos dos padrões de transformação psico-espiritual. E a presente coleção de narrativas sobre as experiências com a ayahuasca encaixa-se na mesma tradição da fenomenologia empírica.

Através de uma releitura dos textos de William James que mais exprimem sua filosofia do *empirismo radical* (James [1912] 1996), pude perceber que tal postura filosófica acaba propondo uma epistemologia seletiva para o estudo dos estados alterados da consciência. No seio do paradigma materialista ainda em vigor nos círculos científicos, qualquer ponto de vista, ou aprendizado, obtido através de sonhos, transe, intuições, êxtases místicos e afins pode ser entendido como “puramente subjetivo”, ficando assim circunscrito no espaço destes mesmos estados, além de perder sua aplicabilidade geral e sua condição de “realidade”. Por isso, o paradigma dos estados alterados da consciência (EAC) ainda é considerado marginal. Contudo, no seu ensaio sobre o “estado específico das ciências”, o psicólogo Charles Tart tentou romper o conceito opressor daquele paradigma, sugerindo que as observações obtidas através de um estado alterado de consciência só poderiam ser verificadas ou refutadas neste mesmo estado. Embora esta solução seja teoricamente válida, ela se defronta com muitas dificuldades práticas.

William James começou com o princípio básico da abordagem empírica (cujo significado tem a experiência como base), ou seja: todo conhecimento é derivado da experiência. O que tem a sua expressão no ditado alemão “*Die Erfahrung ist die Mutter der Wissenschaft*”, que traduzimos assim: “A experiência é a mãe da ciência”. Eis o que James escreve:

Dou o nome de “empirismo radical” à minha *Weltanschauung*... No entanto, para ser radical, o empirismo não precisa admitir na sua construção qualquer elemento que seja dire-

tamente experimentado, nem excluir dela qualquer elemento que não seja diretamente experimentado. De todo modo, para que uma tal filosofia seja pertinente, as relações que fazem a conexão das suas experiências devem ser elas mesmas experimentadas; por isso, qualquer tipo de relação já experimentada deve ser considerada como “real”, ou seja, como um algo a mais já inserido no sistema (James [1996], p. 42).

Esta visão é capaz de fornecer uma fundação filosófica para a psicologia científica da consciência, mesmo porque todo conhecimento deve ter como base a observação, isto é, a experiência. Contudo, até aqui, esta maneira de conceber o mundo coincide com o empirismo das ciências sociais e naturais. A segunda assunção de James é portanto aquela que configura o aspecto “radical” desejado, além de explicar porque ele incluiu as experiências religiosas e paranormais nas suas investigações. No entanto, embora as experimentações com os estados alterados de consciência não devam ser jamais negligenciadas pelo empirismo radical, o fato é que são correntemente excluídas da ciência materialista e reducionista.

O XAMANISMO DA AYAHUASCA NA AMAZÔNIA

As origens do uso xamanístico da ayahuasca, e de outras plantas alucinógenas, remontam a centenas ou talvez milhares de anos atrás. Mas, não podemos ter certeza disso, uma vez que estamos lidando com culturas que não deixaram registros escritos. O antropólogo Geraldo Reichel-Dolmatoff – que passou a maior parte de sua vida entre os índios da Colômbia, Peru e Bolívia – registrou diversas histórias nas quais a descoberta do yagé (ou ayahuasca) encontra-se no centro do mito original da criação. O povo Tukano, da região de Vaupés na Colômbia, conta que os primeiros homens vieram do céu por meio de uma serpente canoa, e que o Pai Sol lhe prometeu uma bebida que seria capaz de conectá-los com os poderes radiantes das alturas. No instante em que os homens tentavam fazer esta bebida na “Casa das Águas”, a primeira mulher dirigiu-se à floresta para dar à luz, retornando depois com um menino inteiramente dourado, pois ela o esfregara com algumas folhas. Este menininho luminoso era o cipó; cada um dos homens cortou um pedaço deste ser vivo, e depois estes mesmos pedaços tornaram-se parte da linhagem do cipó. Há uma variação deste

mito, oriunda de Desana, na qual a serpente canoa vem da Via Láctea, trazendo consigo um homem, uma mulher, e três plantas para o povo: a cassava, a coca, e a caapi. As plantas foram consideradas um presente do Sol, pois entendeu-se que elas constituíam uma espécie de receptáculo para a sua luz dourada; esta mesma luz seria aquela que forneceria aos primeiros homens as leis que regeriam o seu comportamento e a língua que passariam a falar (Reichel-Dolmatoff, 1972).

Segundo narrativas destes mitos originais, a planta medicinal conhecida por caapi estava associada, no início dos tempos, às origens da língua e da cultura, estando portanto entrelaçada com o início da humanidade. De acordo com o que nos contam, os homens vieram do cosmos e lhes foi dado o cipó das almas para que pudessem estar sempre em contato com a criatividade das energias cósmicas e solares. Reichel-Dolmatoff afirma que, para os índios, “a utilização da yagé tem como proposta o retorno ao útero, ou seja, uma volta à fonte e origem (*fons et origo*) de todas as coisas; através dela o indivíduo consegue ‘ver’ as divindades tribais, a criação do universo e da humanidade, o primeiro par humano, a criação dos animais, e o estabelecimento da ordem social” (102). Em conjunção com vários aspectos visionários e cósmicos, a mitologia e a experimentação da yagé entre os índios estão saturadas de imagens sexuais e de parto, e também do tema xamanístico do desmembramento. Na história dos Tukano, o primeiro gesto da mulher-yagé – a mesma que dá à luz a criança cipó (que por sua vez é imediatamente desmembrada) – é o de entrar na casa (útero) para perguntar aos homens quem é o pai da criança. “Aos olhos dos índios, a experiência alucinógena é essencialmente sexual. Assim, para torná-la sublime, ou melhor, para que possa ser feita uma passagem do plano erótico e sensual à união espiritual com o tempo místico, o primeiro objetivo almejado por todos é o estado intra-uterino.” (Reichel-Dolmatoff, 1972, p. 104).

Desde os séculos da conquista, os exploradores ocidentais da região amazônica têm feito observações esporádicas sobre a preparação e o uso de plantas intoxicantes por parte dos índios. No século XVII, os padres católicos ficaram terrivelmente chocados quando entraram em contato com os cultos do cogumelo sagrado no México, e não fizeram outra coisa senão adotar atitudes condenatórias. Por outro lado, existiram também alguns outros exploradores da estirpe do naturalista alemão Alexander von Humboldt, no século XVIII, e do botânico

inglês Richard Spruce, no século XIX, cujas observações nos chegaram através de narrativas mais humanistas e desprovidas de tantos preconceitos. Ao passo que no século XX, pairando acima de tudo o que foi dito antes, encontra-se a obra do eminente botânico Richard Evans Schultes, que foi por muito tempo diretor do Museu Botânico da Universidade de Harvard, além de ter sido o responsável pela determinação do complexo etnobotânico da ayahuasca e de muitas outras plantas psicoativas e medicinais da América do Sul. A fascinante e complicada história de como a ayahuasca foi finalmente identificada de maneira correta pela botânica, e de como a sua farmacologia acabou sendo analisada, encontra-se neste livro, no capítulo escrito por Dennis McKenna, que também contribuiu com peças cruciais de informação para a solução deste quebra-cabeça etnobotânico.

A partir da segunda metade do século XX, cresceu o número de estudantes e pesquisadores de antropologia e etnobotânica que se interessavam pela investigação das raízes do envolvimento humano, notadamente xamanístico, com as plantas psicoativas. O começo desta pesquisa cultural nos anos 1950 e 1960 foi simultâneo à descoberta das drogas psicodélicas e sua introdução na psicologia e na psiquiatria. Estas obras têm o seu início com a redescoberta de R. Gordon Wasson do culto pré-colombiano ao cogumelo mágico, com os primeiros trabalhos de Michael Harner sobre o papel dos alucinógenos na feitiçaria e no xamanismo europeu, e ainda com os trabalhos de respeitados pesquisadores tais como Weston LaBarre, Richard Evans Schultes, Claudio Naranjo e Peter Furst, passando também pelos fantásticos escritos de cunho onírico de Carlos Castaneda e Terence McKenna.

A forte penetração da tradição xamanística da ayahuasca na cultura ocidental deu-se inicialmente através do livro *Yagé Letters*, de William Burroughs e Allen Ginsberg, publicado em 1963, e logo em seguida através da biografia de Manuel Córdova de Rios, publicada em 1971 e escrita por Bruce Lamb com o título de *Wizard of the Upper Amazon*. Córdova foi raptado na adolescência por uma tribo de índios e teve sua iniciação no conhecimento da cura através de uma longa série de sessões com ayahuasca, nas quais dedicou-se ao aprendizado da flora e da fauna da floresta amazônica por meio de visões precisas e confiáveis.

A utilização xamanística da ayahuasca na região amazônica, assim como de outras plantas como o tabaco, que é tida como uma daquelas que detêm o maior poder psicoativo e de cura, deslocou-se do contexto puramente indígena até alcançar as populações mestiças dos

centros urbanos. O xamanismo mestiço que faz uso da ayahuasca é conhecido como *vegetalismo*, e os seus praticantes são chamados de *vegetalistas*. Além de se valerem da ayahuasca nas suas cerimônias de cura, estes curandeiros conhecem outras ervas medicinais igualmente poderosas, e também trabalham com elas. A purgação gastrointestinal é uma reação tida como essencial nesta proposta de cura; eis porque a beberagem da yagé é geralmente mencionada como *la purga*. Há um livro escrito por Luis Eduardo Luna (1986), um antropólogo cujos estudos são dedicados especialmente ao vegetalismo, que descreve as características essenciais desta prática xamanística.

O formato tradicional do cerimonial xamanístico com as plantas alucinógenas é estruturado como uma experiência livre, na qual um pequeno grupo de pessoas se reúne em atitude respeitosa e espiritual para compartilhar a profunda jornada interior de cura e as demais transformações facilitadas por este poderoso catalisador. O treinamento inicial do curandeiro, bem como certas sessões especiais de cura, geralmente inclui uma ou duas pessoas ao lado do *ayahuasquero*. O termo “jornada” é a metáfora preferida das sociedades xamanísticas para denominar aquilo que os psicólogos chamam de “estado alterado de consciência” e os antropólogos de “realidade não-ordinária”. Trata-se daquele período de tempo no qual a dimensão psicológica do indivíduo o induz a sentir-se em viagem, como se ele estivesse voando, quando não o faz sentir-se imerso em estranhas e por vezes terríficas percepções que estão bem longe da sua experiência ordinária; tudo isso ocorre enquanto o seu corpo físico encontra-se deitado ou sentado junto a outros participantes da cerimônia.

Existe, no entanto, um paradoxo na terminologia freqüentemente utilizada para descrever tais substâncias. A palavra “alucinógeno” vem sendo reiteradamente rejeitada pelos pesquisadores ocidentais que se consagram ao estudo dos psicodélicos, sob a alegação de que o seu emprego é apelativo e inapropriado, já que tais agentes não induzem ninguém a ter “alucinações” no sentido de percepções ilusórias, e portanto irrealis. Entretanto, o termo alucinação deriva da palavra latina *alucinar*, que significa “maravilhar a mente”, tratando-se então de uma jornada em estado alterado. Prefiro continuar utilizando o termo alucinógeno, desde que seja entendido no sentido de ser um “indutor de jornadas na mente”.

Um dos elementos mais significativos de quase todas as cerimônias xamanísticas de cura que trabalham com a ayahuasca, e outras

plantas e cogumelos psicoativos, é a cantoria do xamã; um fator que é invariavelmente tido como essencial para o sucesso da cura ou do processo divinatório. A cantoria típica dos rituais enteogênicos é geralmente realizada com um ritmo rápido, similar ao pulsar rítmico das jornadas xamanísticas propiciadas pelos tambores (amplamente encontrados nas suas sociedades do hemisfério norte, da Ásia, Europa e América). O efeito psicológico da cantoria rítmica e do bater do tambor parece dar suporte para o trânsito através do fluxo das visões, além de atenuar o desejo compulsivo do indivíduo de ficar de vez enredado nas experiências aterradoras e sedutoras. Os sons entoados pelos ayahuasqueiros são chamados de *icaros*, e em geral possuem uma qualidade bastante harmoniosa. Estas canções são assimiladas pelos curandeiros durante o período de aprendizado, e são sempre entendidas como sendo as canções dos espíritos que se aliam a cada um deles. Então, aqui se tem um sistema radical e alternativo de cura bastante semelhante à teoria da “pílula mágica” amplamente aceita pelo Ocidente: o médico pega o remédio e canta algumas cantigas para invocar os espíritos que farão a cura do paciente.

Outro traço distintivo das tradicionais cerimônias com alucinógenos está no fato de que são quase sempre realizadas no escuro, ou então com pouca luz. Talvez isto ocorra para facilitar a emergência das visões que aparecem quando se tem os olhos fechados, pois tal como os sonhos estas também vêm dos mundos interiores da consciência. O que faz sentido, se considerarmos que o intenso estímulo visual do mundo exterior dificulta a concentração nas sutilezas de qualquer fenômeno visual que possa surgir do espaço interior. Uma exceção à regra dos rituais psicoativos de cura está na cerimônia do peyote, geralmente realizada à noite e em torno de uma fogueira, com seus participantes experimentando as visões à medida que fixam o olhar sobre o fogo.

O papel do guia *curandero*, ou curandeiro, é sempre tido e descrito como central e essencial. Por isso, ele deve ser uma pessoa com uma longa e vasta experiência no uso dessas plantas, pois só assim poderá treinar um aprendiz ou propiciar uma vivência iniciatória para quem busque o conhecimento. Praticamente em todos os rituais enteogênicos, o guia ou xamã faz quase tudo cantando, e esta cantoria acaba moldando profundamente a qualidade e o conteúdo da experiência.

A vivência da cura pode se dar no plano físico, psíquico e espiritual, muito embora os tradicionais curandeiros xamanísticos não façam estas

distinções analíticas. As experiências xamanísticas de cura, que fazem uso de enteógenos ou de outros meios, apresentam três variações fundamentais: a primeira é a extração da toxina que muitas vezes é enxertada por meio de procedimentos mágicos; a segunda é a recuperação do fragmento da alma que foi danificado; e a terceira é a sujeição do indivíduo ao desmembramento, através do qual ele se sente primeiramente destruído, para depois sentir-se reconstituído com um corpo mais forte e sadio.

Tal experimentação também pode propiciar o acesso ao conhecimento oculto, fazendo emergir seu aspecto oracular de “visão”, de profecia, ou de intuição. Neste contexto, quando a intenção é de cura, o aspecto divinatório assume algo equivalente àquilo que a medicina ocidental chama de diagnose, que tanto pode vir do lugar original da planta como da pessoa que a manipulou, ou mesmo daquele recanto onde “perdeu-se” o fragmento da alma doente, ou das ervas que deverão ser usadas para curar a doença do indivíduo, e etc. Costuma-se dizer que existe uma inteligência associada com a planta medicinal, que se comunica por via interior com quem ingere o preparado. Os curandeiros indígenas referem-se às plantas enteogênicas como “plantas mestres”.

Para que o acesso à dimensão metafísica se efetive realmente, ou melhor, para que ocorra uma viagem a estes domínios pelos meios não-ordinários, é necessário que esteja presente um sentimento bastante singular, além de uma percepção excepcional. Em todas as tradições xamanísticas, sejam elas inspiradas ou não nos alucinógenos, tais dimensões são chamadas de “mundo do alto” e “mundo de baixo”, embora neste mesmo contexto também haja a expressão “mundo do meio”, e mais frequentemente “mundo do espírito”. Nas tradições mágicas e esotéricas do Ocidente, elas são chamadas de “mundo interior”, “planos sutis”, “mundo encantado”, ou “outro mundo”. Alguns antropólogos, como Michael Harner, referem-se a estes reinos como “realidades não-ordinárias”. Eis porque o acesso aos outros mundos normalmente se dá através de uma jornada, via de regra com a pessoa montada em algum animal ou carregada por um enorme pássaro. Também é possível contemplar o mundo do espírito sem que haja qualquer deslocamento, ou seja, sem que a pessoa perca a consciência do tempo e do espaço presentes na sua realidade ordinária. Porque tanto a paisagem como os seres do outro mundo são capazes de aparecer no mundo real. No entanto, em qualquer tipo de evento, as fronteiras usuais entre os diferentes mundos parecem se tornar mais permeáveis durante estas experiências.



Cipó *Banisteriopsis caapi*
(foto de Jack Coddington)



Psychotria viridis, na floresta
havaiana (foto de Ralph Metzner)

Às vezes, essa experiência pode envolver a percepção de seres ou entidades imateriais habitualmente invisíveis. Quando isto ocorre, estes espíritos são reorganizados de forma a serem associados com determinados animais (como a serpente e o jaguar), e ainda com algumas plantas, árvores e cogumelos, como também com certos lugares (rios e florestas) ou ancestrais, e outras entidades não ordinárias (como, extraterrestres e elfos). E nesta mesma experiência podemos incluir o fenômeno no qual o indivíduo vivencia a sensação de que está se tornando um determinado espírito ou identificando-se com ele (transformando-se em um jaguar ou em uma serpente, ou em muitos outros animais). A cura e a divinação são vivenciadas como tendo sido realizadas ou assistidas por tais espíritos, que recebem as referências de “aliados”, “animais de poder”, “guardiães”, ou “ajudantes”. Em alguns rituais de cura, pode-se também entrar em contato com espíritos maléficos que precisam ser exorcizados ou neutralizados.

A existência de mundos múltiplos ou esferas da consciência e a realidade dos seres espirituais são dois dos muitos elementos da tradição xamanística que ainda constituem um desafio mais direto e radical para uma aceitação por parte do pensamento ocidental; porque tais concepções encontram-se inteiramente à margem da pálida razão científica da modernidade. Contudo, vem se tornando cada vez mais

comum o reconhecimento da realidade dos mundos múltiplos e dos seres espirituais por parte de inúmeros pesquisadores da América do Norte e da Europa que já fizeram uso de plantas alucinógenas como a ayahuasca nas suas respeitáveis investigações a respeito da consciência.

PESQUISAS COM DROGAS PSICODÉLICAS NA PSICOTERAPIA OCIDENTAL

Exceto pelo trabalho experimental do psiquiatra chileno Claudio Naranjo, realizado nos anos 1960 com a harmalina sintética (um dos ingredientes que compõem a combinação clássica da ayahuasca), é muito recente o uso da ayahuasca como um componente adjunto à psicoterapia ou às pesquisas do estudo psicológico. No entanto, porque esta planta pode ser incluída na classe de substâncias tais como o LSD, a mescalina, a psilocibina e a DMT, torna-se de suma importância uma breve exposição da história das pesquisas com drogas psicodélicas como instrumentos de ajuda para a psicoterapia e a autodescoberta. Poder-se-ia dizer que as várias formas (com ou sem drogas) de tratamento médico e psiquiátrico são o equivalente ocidental e moderno do sistema tradicional de cura xamanística encontrado entre os povos indígenas.

A partir do momento em que um laboratório suíço descobriu, durante a Segunda Guerra Mundial, as fantásticas propriedades de alterar a mente através do LSD, estas mesmas propriedades passaram a ser caracterizadas como psicoticomiméticas e psicolíticas. A perspectiva de desarrumar a mente, de forma a retirá-la por algumas horas dos seus parâmetros normais com o objetivo de estimular a loucura, acabou ganhando o interesse de uns poucos psiquiatras pesquisadores que viram neste procedimento uma possível técnica para treinamento. Esta possibilidade, porém, também intrigou as agências de espionagem e os militares de algumas superpotências, especialmente as americanas. Então devotou-se um esforço considerável e de alto custo a estas pesquisas por dez anos: a meta era estabelecer sistemas efetivos e subreptícios que fossem capazes de levar soldados inimigos, agentes e líderes à máxima confusão, desorientação, ou embaraço (Lee e Shlain, 1985). Por ironia da sorte, e para a nossa felicidade, foi justamente a capacidade do LSD de levar a mente a um confronto com seu potencial místico e oculto que arruinou sua aplicabilidade como armamen-



Preparação da ayahuasca: alguns pedaços do cipó são quebrados (de maneira a liberar os seus agentes químicos), para serem depois colocados num recipiente com água junto às camadas de folhas da *P. Viridis* (foto de Ralph Metzner)

to de guerra. Assim, ao invés de tornar o sujeito previsivelmente submisso a um programa de controle da mente, o LSD possuía a enervante propensão de suspender qualquer que fosse a programação mental existente, uma vez que liberava o indivíduo para o mundo cósmico da consciência. E, obviamente, os militares não estavam nem um pouco dispostos a manter nas suas fileiras soldados ou agentes de espionagem que viessem a se tornar místicos.

Os primeiros relatórios oriundos do laboratório Sandoz, no qual Albert Hofmann sintetizou o LSD e descobriu acidentalmente suas fantásticas propriedades, descreveram esta substância como algo que "tanto propiciava a abertura psíquica como a sua perda" (*seelische Auflockerung*).

Foi portanto o conceito psicolítico que se tornou dominante para a utilização assistida do LSD na psicoterapia. Nesta terapia psicolítica, os pacientes neuróticos que sofriam de ansiedade, depressão, obsessão compulsiva e desordens psicossomáticas recebiam doses gradativamente crescentes de LSD em sessões sucessivas, ao mesmo



O chá da ayahuasca sendo fervido (foto de Ralph Metzner)

tempo em que se fazia maiores ou menores interações analíticas convencionais que seguiam a perspectiva freudiana (Passie, 1997; Grof, 1980). Pensava-se então que, com a perda das defesas por este meio psicolítico, o paciente estaria em condições de se tornar mais vivamente desperto para a dinâmica do seu inconsciente emocional e também para as suas reações padronizadas (provavelmente adquiridas nas primeiras interações com a família); presumia-se que este método traria a resolução para os conflitos internos do paciente.

Trabalhando incansavelmente com este modelo, o psiquiatra tcheco Stanislav Grof deparou-se com uma descoberta deslumbrante: por meio destas séries (que se valiam de doses crescentes da referida substância) poderia haver uma profunda abertura psíquica para as memórias do nascimento e ainda para o período anterior a este. Assim, depois de resolver os conflitos provenientes das dinâmicas freudianas da infância, os pacientes estariam em condições de reviver as significantes características sensoriais e emocionais que ocorreram no seu próprio nascimento: padrões que Grof chamou de *matrizes perinatais* (Grof, 1985). Depois então de ter passado pelas imagens do trauma do nascimento, freqüentemente associadas com um contexto sexual violento,

to, o indivíduo seria capaz de penetrar nas dimensões místicas e transcendentes da consciência. A combinação das imagens de sexo e parto com as experiências místicas e cósmicas desta pesquisa estabelece muitos paralelos com uma constelação similar encontrada entre os índios da Amazônia que utilizam a yagé.

Simultâneo à abordagem psicolítica que vem sendo desenvolvida na Europa, o modelo psicodélico tem sido a via preferida nos círculos psicológicos e psiquiátricos anglo-americanos. O psiquiatra inglês Humphrey Osmond – que trabalhou no Canadá com Abram Hoffer no tratamento do alcoolismo por meio do LSD, e que também forneceu a Aldous Huxley sua primeira experiência com a mescalina (imortalizada no livro *As Portas da Percepção*) – introduziu este termo na sua troca de cartas com Huxley. A terapia psicodélica – inicialmente usada no tratamento de alcoólatras porque pensava-se que poderia estimular uma mudança de vida nestes pacientes – era constituída no mais das vezes por um pequeno número de sessões com doses altas, durante as quais esperava-se que os conteúdos da mente inconsciente viessem à tona na forma de vívidas lembranças, para que através desta visão ocorresse uma transformação.

O termo “psicodélico” foi adotado por pesquisadores do porte de Timothy Leary, Frank Barron e Richard Alpert, além de também ter sido assumido pelo projeto de pesquisa de Harvard, que começou a publicar a *Psychedelic Review* e ainda realizou um dos primeiros estudos a respeito da mudança de comportamento dos condenados. Mas, afora este projeto com os presos, o trabalho de Leary não ficou limitado ao tratamento e à terapia, pois ele desenvolveu uma pesquisa sobre os valores extraídos da experiência psicodélica e suas possíveis aplicações com pessoas “normais” (na maioria estudantes graduados), artistas, músicos, poetas e escritores; nesta pesquisa era provido um cenário familiar relativamente desestruturado, que nem por isso lhes deixava de servir de apoio. Estas experiências também contribuíram para a introdução do conceito de expansão da consciência, pois contrastavam com as rígidas e obsessivas características dos viciados em narcóticos, ou mesmo com as obsessões e compulsões em geral (Metzner, 1994). Leary também foi o responsável pela introdução e popularização daquilo que se tornou conhecido como a hipótese do cenário; segundo esta perspectiva, as determinantes primárias da experiência psicodélica encontram-se simultaneamente no cenário interno

(intenção, expectativa e motivação) e externo, isto é, no contexto, além de incluírem a presença do guia ou terapeuta.

Tanto a pesquisa psicológica dos psicodélicos como as aplicações dos psicólíticos e da psicoterapia psicodélica foram muito bem revistas e sumariadas por Lester Grinspoon e James Bakalar no livro intitulado *Psychedelics Reconsidered* ([1979] 1997). A história da introdução do LSD e de outros alucinógenos na cultura americana, e de suas inúmeras e extraordinárias consequências sociais e políticas, foi descrita no livro *Storming Heaven* (1987), de Jay Stevens. A trajetória pessoal de Leary, protagonista de uma sequência de eventos bastante conhecidos, é narrada em estilo único, gaiato e provocativo nas suas diversas autobiografias, especialmente nos livros *High Priest* ([1968] 1995) e *Flashbacks* (1983).

Apesar das inúmeras diferenças teóricas e práticas entre as diversas abordagens psicolíticas e psicodélicas, elas compartilham um número significativo de conclusões e direções fundamentais, sobre as quais farei agora um sumário. As características de ambas são próprias da utilização dos psicoativos que é sempre assistida pela psicoterapia, distinguindo-se portanto de outros usos de drogas alteradoras do humor, como tranqüilizantes ou antidepressivos, onde o paciente toma um comprimido e vai para casa.

A psicoterapia com alucinógenos tem invariavelmente como base a experimentação de um profundo estado alterado da consciência. Através dela, o indivíduo obtém uma visão terapêutica de suas neuroses, dos seus padrões de comportamento e da dinâmica emocional dos seus vícios, além de questionar seus próprios conceitos e entendimento da realidade, tornando-se capaz de transcendê-los nos seus fundamentos. Esta concepção integra-se à visão dos xamãs que fazem uso da ayahuasca, pois eles afirmam que a bebida não só lhes dá uma idéia mais profunda de si mesmos como também uma nova e melhor maneira de viver.

Já possui aceitação generalizada a noção de que o "cenário" constitui o fator mais importante e determinante da experiência psicodélica, enquanto a droga desempenha o papel de catalisador ou de gatilho. O que estabelece um contraste com a terapêutica de outras drogas psiquiátricas e psicoativas – incluindo os estimulantes, os antidepressivos e os narcóticos –, onde a ação farmacológica é predominante, enquanto o cenário desempenha papel menor. Este modelo chamado de ce-

nário também pode ser estendido à compreensão de outras modalidades de estados alterados de consciência que não utilizam as drogas como catalisadores, tais como a hipnose, a meditação, a batucada rítmica, o isolamento sensorial, o jejum, e muitos outros (Metzner, 1989). Enfim, a aceitação generalizada da predominância do cenário acaba implicando em uma abordagem xamanística sobre os alucinógenos, sobretudo porque a postura essencial desta estrutura ritual é o ato da consciência que procura arrumar um cenário próprio para os objetivos do xamã, ou mesmo do paciente ou iniciado.

Na construção dos paradigmas psicolíticos e psicodélicos, os autores têm utilizado repetidamente duas analogias ou metáforas, tentando tornar inteligível o sentido das experiências com as drogas. A primeira delas é a analogia do amplificador, segundo a qual as drogas funcionariam amplificando os conteúdos psíquicos, sem propriamente especificá-los. Esta amplificação pode ser o resultado da ameaça de novas entradas sensoriais, ou melhor, uma consequência da abertura das portas da percepção, ou então ocorre por algum processo central ainda não entendido que talvez envolva um ou mais neurotransmissores. A outra analogia serve-se da metáfora do microscópio: diz-se com muita frequência que os psicodélicos representam na psicologia o mesmo papel que o microscópio desempenha na biologia, – ambos abrem as dimensões e os processos da mente humana para a observação direta e verificável daquilo que até então esteve escondido ou inacessível. O amplificador e o microscópio constituem, portanto, algumas metáforas tecnológicas tanto para a percepção como para a divinação expandidas, porque tentam descrever a habilidade de ver e ouvir de forma vívida e também a capacidade de contemplar outros mundos ou dimensões normalmente invisíveis, acrescentando-se que estes instrumentos representam uma tentativa para se conhecer tudo que está oculto.

Em contraste com o uso de outras drogas psiquiátricas ou psicolíticas, já há um amplo reconhecimento da experiência pessoal do terapeuta ou guia, e por consequência de sua assistência no uso dos psicodélicos, como elemento essencial na efetivação da psicoterapia psicodélica. Mesmo porque, sem esta experiência pessoal, qualquer comunicação entre o terapeuta e o indivíduo estaria severamente limitada no curso do estado psicodélico. Portanto, este princípio implica em que o treinamento do terapeuta deverá cumprir um papel signi-

ficativo na experiência psicodélica. E isto é tão evidente no contexto xamanístico que nem chega a ser mencionado, sobretudo porque os curandeiros xamanísticos se submetem a meses, e muitas vezes anos, de treinamento pessoal sob a liderança de um ayahuasqueiro experiente, antes de começar a curar alguém.

Porque os psicodélicos propiciam acesso às dimensões transcendentes, religiosas e transpessoais da consciência, são tidos pela maioria dos pesquisadores como autênticos ativadores das experiências místicas e espirituais; o que sem dúvida alguma coloca inúmeros desafios e novas esperanças para todas as disciplinas e profissões psicológicas. Segundo testemunho de Albert Hofmann, o desenvolvimento de sua habilidade no reconhecimento das propriedades psicolíticas do LSD baseou-se na comparação desta experiência com as lembranças de momentos místicos de sua infância (Hofmann, 1979). Stanislav Grof foi outro a descobrir que, depois de resolver os assuntos relativos à infância e ao trauma perinatal, o indivíduo geralmente se depara com uma esfera da consciência que transcende o tempo, o espaço e outros parâmetros do mundo ordinário (Grof, 1985). Este autor deu então o nome de *transpessoal* a esta esfera particular da consciência, e empregou o termo *holotrópico* (a busca do todo) não só para caracterizar a qualidade principal da consciência em atividade nesta mesma esfera como também os outros meios de acesso a ela, ou seja, aqueles que se valem de certos métodos de respiração (respiração holotrópica). Estimulado pela sua amizade com Aldous Huxley, Huston Smith e Alan Watts, Timothy Leary devotou grande parte do seu tempo e energia à investigação e descrição das dimensões espirituais e religiosas da experiência psicodélica. Deste seu interesse resultaram algumas adaptações do *Bardo Thödol*, texto budista tibetano, e do *Tao Te Ching*, texto taoísta chinês, que serviram de guia para a experiência psicodélica (Leary, Metzner e Alpert, 1964; Leary, 1966/1997).

Depois de levarem avante suas pesquisas pelas muitas experiências com psicodélicos, os psicólogos ocidentais chegaram a conclusões semelhantes às dos exploradores xamanísticos da Amazônia e do antigo México; em ambas abordagens existe o reconhecimento da possibilidade de cura e da resolução dos problemas e dificuldades pessoais, especialmente em relação aos padrões de culpa e medo que estejam interligados com a sexualidade e o nascimento. Porém, tão logo se alcança um nível mais profundo, verifica-se que tais experiências permi-

tem acesso às esferas mais transcendentais e místicas do fenômeno humano, passando a nos ensinar um sem fim de lições relativas ao nosso passado remoto, à nossa origem, ao nosso envolvimento com os reinos espirituais, e ao nosso possível futuro.

Charles Grob escreveu um capítulo neste livro, onde faz uma revisão de tudo aquilo que a ciência conhece atualmente sobre os efeitos psicológicos da ayahuasca e dos seus ingredientes químicos. E quero dizer ainda que as narrativas das aventuras subjetivas com a ayahuasca aqui presentes, registradas na sua maioria por norte-americanos e europeus, também ilustram e confirmam inúmeros temas e imagens encontrados entre os usuários indígenas e mestiços, bem como entre os mais diversos usuários que já provaram os diferentes psicodélicos de maneira psicoterapêutica.

OS ALCALÓIDES DAS PLANTAS, OS NEUROTRANSMISSORES, E O CÉREBRO HUMANO

No momento em que os cientistas tentaram entender e explicar a ação das drogas e plantas alucinógenas como a ayahuasca nos termos dos modelos correntes na farmacologia e na neuroquímica, eles passaram a viver um intrigante desafio em meio a um profundo mistério. Recordo que nos anos 1960, quando fiz o pós-doutorado em farmacologia na Harvard Medical School, ainda não havia nenhuma explanação sobre os profundos efeitos psíquicos dessas substâncias, embora já houvesse milhares de estudos a respeito da ação do LSD e de outras drogas psicoativas sobre os processos fisiológicos e bioquímicos dos humanos e animais. Lembro-me que havia somente um estudo que fazia sentido; embora suas bases fossem intuitivas, era feita uma investigação sobre a região do cérebro de um macaco onde se detinham de maneira mais concentrada os resíduos metabólicos do LSD. As conclusões registraram altas concentrações destes resíduos nos campos visuais, especialmente na retina, e nas glândulas pituitária e pineal. Uma tal descoberta adequava-se ao já conhecido e intenso efeito alucinatório visual da droga, e ainda aos efeitos que ocorriam sobre o centro regulador dos processos neuro-hormonais. Sabemos que a glândula pineal está intrinsecamente envolvida com o ciclo do sono e do despertar porque produz o hormônio melatonina, que por sua vez relaciona-se intimamente com as triptaminas DMT e com o 5-metoxi-DMT, conhecidos psicoativos.

O único avanço no campo da bioquímica do cérebro que contribuiu de forma significativa para o nosso entendimento foi a descoberta dos *neurotransmissores*, substâncias produzidas no corpo, liberadas nas junções (denominadas sinapses) existentes entre os neurônios, que facilitam a transmissão do sinal elétrico através desta junção sináptica ou fissura. Embora já tenham sido identificados dezenas de neurotransmissores, tudo indica que somente quatro deles representam papéis mais centrais e definitivos: dopamina, epinefrina, acetilcolina, e serotonina. A maior parte das drogas produzidas pela indústria farmacêutica para modificar os estados de ânimo – como a depressão, a ansiedade, a psicose, e outros – afetam um ou mais destes quatro neurotransmissores, ora aumentando ora inibindo suas ações. Dentre estes, a serotonina, cujo nome químico é 5-hidroxitriptamina, é geralmente tida como a substância mais ativa no desempenho das drogas psicoativas. Ela é sintetizada no corpo, a partir do triptofano, seu precursor dietético, e um dos oito aminoácidos essenciais.

Num capítulo deste livro, o neuroquímico J. C. Callaway apresenta as atuais informações sobre as complexas interações que ocorrem através da beberagem da ayahuasca com a serotonina endógena no cérebro humano, um conhecimento para o qual este autor vem contribuindo com pesquisas originais. No quadro deste quebra-cabeça bioquímico, as peças mais intrigantes só vieram à luz na última década. Uma delas foi a comprovação de que a deficiência da serotonina implica na manifestação da depressão, da ansiedade, da irritabilidade, da violência, da insônia, e de outros distúrbios psicológicos e neurológicos. Isto constitui a base para o tratamento (dietético ou suplementar) da depressão pelo triptofano, como também pelos inibidores seletivos da recaptação de serotonina (SSRIs), como o Prozac, que aumenta a disponibilidade da serotonina nos circuitos do cérebro. A serotonina é normalmente catabolizada no corpo pela MAO, razão pela qual os inibidores-MAO – como os alcalóides harmala, presentes na ayahuasca – são capazes de aumentar seus níveis endógenos; talvez por isso os bebedores de ayahuasca são geralmente calmos, além de não demonstrarem o menor sinal de medo quando se confrontam com as terríveis visões que surgem nesta experiência. A serotonina também se encontra nos intestinos, intensificando a motilidade intestinal, e, quando seus níveis estão altos, pode induzir o vômito e a diarreia.

Estas são as bases para a ação purgativa da ayahuasca, conhecida entre os curandeiros mestiços como *la purga*. Quando os usuários experimentam a ação purgativa desta beberagem, com doses moderadas, ocorre uma espécie de cura clara e libertadora (como veremos em algumas narrativas na Parte II deste livro), ao passo que, com doses excessivas, pode acarretar a acentuação de sintomas fisiológicos dolorosos. O que, aliás, é considerado como indicativo de uma “síndrome de serotonina”, ou seja, uma reação serotoninérgica aos níveis excessivos de serotonina. Por isso Callaway previne prontamente que esta reação pode ser desencadeada pela combinação dos SSRIs com os inibidores-MAO dos alcalóides harmala, presentes na ayahuasca.

Eis porque nos causou espanto quando soubemos que tanto os xamãs indígenas quanto os mestiços da floresta amazônica descobriram ou caracterizaram estas plantas, e seus efeitos bioquímicos interativos, valendo-se apenas, e com muito zelo, da observação e experimentação naturalística. É verdade que existem algumas variações quanto ao tempo de fervura da mistura, bem como quanto às ervas e plantas que devem ser adicionadas a ela, pois tanto podem ser escolhidas as folhas de datura como outras ervas medicinais mais apropriadas às condições de quem está sendo curado. Mas o fato é que há sempre, no mínimo, uma combinação de dois tipos de plantas, uma delas contendo os alcalóides alucinógenos da triptamina e a outra contendo a serotonina-elevadora e os inibidores-MAO dos alcalóides harmala. O termo quéchua, usado para designar a triptamina contida na folha da planta é *chacrana*, enquanto para o cipó emprega-se a palavra *mariri*.

Os integrantes da igreja da *hoasca* (UDV), que será descrita com maiores detalhes mais à frente, costumam dizer que a *chacrana* traz a “luz”, isto é, as visões, ao passo que o *mariri* simboliza a “força”. Muitas de suas narrativas subjetivas afirmam que, a despeito da incômoda purgação e de todas as visões terríveis, as pessoas se sentem fortalecidas nestas experiências, e que esta força provém do próprio ser de quem estabelece um contato com as profundas raízes biológicas de si mesmo. Cientes de que a harmina encerrada no cipó é o elemento que produz a reação purgativa, eles aumentam sua quantidade quando querem ajudar algum paciente a purgar os parasitas ou outras toxinas do corpo. Mas, sem jamais negligenciar o possível perigo de uma reação serotoninérgica, pois sempre prescrevem uma dieta

restrita com níveis mínimos de triptofanos (geralmente encontrados nos carboidratos) quando indicam ao iniciante doses freqüentes de ayahuasca.

Ao procurar determinar as doenças e as condições em que as plantas podem ser usadas para a cura, alguns herbalistas e curandeiros indígenas se tornam verdadeiras enciclopédias ambulantes de um conhecimento botânico medicinal, desenvolvido através de uma relação direta com centenas ou milhares de plantas; um tipo de saber que não é adquirido pelas vias literárias, mas pela experiência em si. "A experiência é a mãe da ciência". Além disso, estas mesmas pessoas ainda fizeram prosperar um conhecimento sofisticado da bioquímica das interações e efeitos destas plantas-drogas no corpo humano. Geralmente a enzima Mao funciona como uma barreira ou tela protetora bioquímica, catabolizando os alcalóides que poderiam provocar efeitos tóxicos no corpo.

Há muitas evidências de que os herbalistas indígenas fazem uso da harmala – contida em algumas plantas (como o cipó caapi) – para testar no seu próprio corpo os efeitos das inúmeras plantas medicinais, e de que sempre ingerem doses baixas que não possam intoxicá-los. Deve-se levar em consideração todos os preparativos e a maneira ritual das beberagens produzidas pelos curandeiros indígenas, para que se fique a salvo de problemas eventuais. Mesmo porque, depois de uma extensa experimentação que remonta a centenas de anos, este povo já conhece o suficiente para fazer uma distinção competente entre as plantas venenosas e as medicinais; porém, não deixam de ser adeptos dos venenos vegetais, pois basta ver a utilização que eles fazem do curare nas suas flechas venenosas. Este fator de segurança não é necessariamente aplicado nas misturas das plantas tradicionais com outras substâncias, e muito menos com os novos componentes sintetizados em laboratórios, isto é, aqueles que não constituem ocorrências da natureza e que ainda não foram testados nos seus efeitos de longa duração.

Inspirados pela recente descoberta da história da ayahuasca, diversos botânicos, químicos, farmacologistas e ecologistas começaram a procurar por outras espécies de plantas – sobretudo aquelas que contivessem triptaminas psicoativas e inibidores-MAO Beta-carbolinas – que pudessem ser combinadas para produzir uma poção semelhante à ayahuasca. E encontrou-se um exemplo disso nas folhas da *Psychotria viridis* que, quando combinadas com as sementes da Arruda Síria

(*Peganum harmala*) que contêm harmalina, resultam em algo que poderia ser chamado de um "análogo da ayahuasca" (Ott, 1994). Embora alguns destes cientistas sejam profissionais treinados, outros são apenas autodidatas aficionados pelo universo das plantas, e a maioria deles está desligada das universidades e dos principais institutos de pesquisas. Suas descobertas limitam-se, então, a uma simples exposição nos livros de publicação independente e em jornais não-ortodoxos (como o *Entheogen Review*), ou na Internet, conforme está ocorrendo agora em escala cada vez mais crescente (www.lycaeum.com). Atualmente, já estão identificadas dezenas de plantas que contêm Beta-carbolinas, como também centenas de outras que contêm triptaminas em várias concentrações, como a DMT. Deve-se, no entanto, ressaltar que a grande maioria dessas combinações similares à ayahuasca nunca foi usada com propostas xamanísticas por qualquer tribo indígena, e que o dado de incerteza quanto ao risco de toxicidade é bastante elevado.

A única exceção encontra-se no preparado vegetal denominado *jurema*, usado por algumas tribos do Nordeste do Brasil. A planta de que se valem pertence à espécie *Mimosa*, cuja raiz possui uma casca contendo grande quantidade de DMT. Apesar de não se ter ainda um conhecimento claro de quais são as plantas usadas pelos índios para desativar a enzima MAO, alguns pesquisadores ocidentais já fizeram uma combinação da mimosa com as sementes da arruda síria para este fim, embora disso tenha resultado um alucinógeno sem o efeito purgativo da clássica ayahuasca. Eis porque neste livro nos concentraremos inteiramente nos saberes e experimentos tradicionais da ayahuasca ou yagé. Mas se alguns leitores desejarem maiores informações sobre os análogos desta substância, assim como de outras plantas e combinações psicoativas ou enteogênicas, sugiro-lhes uma consulta aos textos de Jonathan Ott (1993, 1994) ou na recém-publicada *Enzyklopädie der Psychoactiven Pflanzen* (Enciclopédia das Plantas Psicoativas) (Rätsch, 1998).

Os cientistas associados às gigantescas corporações farmacêuticas já perceberam há muito tempo que as florestas tropicais da Amazônia e de outros lugares constituem verdadeiros tesouros e celeiros de plantas medicinais que, em grande maioria, são ainda desconhecidas para a medicina; portanto, conforme tem sido freqüentemente assinalado, a cura do câncer e de muitas outras doenças pode estar em alguma planta desconhecida dessas florestas. Já estão sendo elaborados exten-

soos projetos de pesquisa que visam encontrar novas drogas vegetais que possam servir de teste, para serem depois isoladas, sintetizadas e colocadas no mercado. Há, no entanto, outra linha de pesquisa que se dedica a coletar o conhecimento etnobotânico dos povos indígenas, reconhecendo a importância de suas formas de utilização, os rituais, a mitologia e a tradição de tais plantas, sem dar valor relevante ao componente molecular que poderia ser isolado a partir delas. Porém, em torno deste último tipo de pesquisa já surge uma imensa e considerável controvérsia sobre a compensação material e financeira que deve ser dada aos povos indígenas pelos cientistas ou empresas que se valem do seu conhecimento medicinal e científico. E não se pode excluir deste grupo de interessados os cientistas e observadores, representados e citados neste livro, que levam a sério o trabalho dos curandeiros indígenas com plantas alucinógenas, mesmo sabendo-se que eles tentam preservar de um modo holístico todo o corpo do conhecimento botânico, psicológico, cósmico e espiritual desses povos.

Coerente com tudo aquilo que vem sendo demonstrado sobre o conhecimento das ervas e dos preparados medicinais, os ayahuasqueiros são unânimes ao afirmar que todo o seu saber lhes é dado tanto pelos espíritos das plantas como dos animais e das florestas. Fundamentada neste princípio, a efetivação da cura não se baseia apenas no preparado da planta, pois depende também da essência, ou melhor, do espírito invocado pelo curandeiro no momento da utilização da planta-mestre através da expressão das cantigas.

Apoiados nesta crença que contradiz o modelo oficial da medicina, cujo fundamento é o isolamento e a purificação do composto molecular, os xamãs se põem em concordância com Samuel Hahnemann, o grande cientista alemão do século XVIII, fundador da homeopatia. Neste sistema de medicina, os extratos das plantas são repetidamente diluídos a um tal grau que com muita frequência nenhuma molécula da substância original é perdida. Além disso, através de um processo conhecido como *sucussão*, estes extratos também sofrem inúmeras sacudidelas e vibrações. Segundo Hahnemann, o espírito ou a essência da planta alcança uma completa liberação de sua substância através das repetidas diluições e sucussões, tornando-se capaz de atuar diretamente sobre o espírito do paciente. Neste particular, ou seja, no reconhecimento das virtudes curativas das essências espirituais inerentes às plantas medicinais, homeopatas e curandeiros

xamanísticos estão de acordo. E devo aqui acrescentar que esta visão encontra-se também representada, implícita ou explicitamente, no conjunto das narrativas deste livro, tanto de minha parte quanto da dos meus colegas e colaboradores.

A SERPENTE CÓSMICA E O DNA – A OBRA DE JEREMY NARBY

Vivendo na Suíça, o antropólogo e conservacionista canadense Jeremy Narby deu recentemente uma contribuição revolucionária para a integração entre a compreensão científica da ayahuasca e o modo xamanístico deste conhecimento (Narby, 1998). Na obra *The Cosmic Serpent*, o autor narra como suas experiências com os xamãs da tribo Ashininca da floresta amazônica peruana levaram-no a reexaminar os fundamentos da biologia molecular, até chegar a uma hipótese que reconcilia os ensinamentos dos ayahuasqueiros com as descobertas da ciência moderna.

Narby estava ciente do conflito irreconciliável entre a visão de mundo xamanística, segundo a qual pode-se obter um saber seguro e aplicável para a cura a partir das visões induzidas pela ingestão de plantas alucinógenas, e a concepção científica, para a qual as visões da ayahuasca não passam de simples alucinações causadas pelas toxinas das plantas. Não se dando por satisfeito, ele iniciou uma jornada visando uma reconciliação destas duas perspectivas aparentemente contraditórias, e decidiu levar a sério os ayahuasqueiros, movido pela convicção de que seria possível estabelecer um conhecimento medicinal válido a partir das plantas mestres. Esta decisão ganhou força por suas próprias experiências com a ayahuasca. Ele praticou o método do empirismo radical, uma vez que sua própria experiência tornou-se a base de uma busca pelo conhecimento; até porque ele nunca excluiu a experiência, temendo que ela pudesse não se encaixar nas teorias prevalentes.

De acordo com as descobertas pessoais de Narby, e segundo ainda as narrativas aqui expostas, as visões das serpentes, algumas vezes gigantescas e outras luminosas, são extremamente comuns nas experiências com a ayahuasca. Os ayahuasqueiros disseram a Narby que o espírito da serpente é a mãe deste preparado, além de ser a fonte do saber e da força curativa que dele advém. E por isso, são encontradas, ao longo dos trabalhos artísticos dos índios, as muitas imagens de ser-

pentes que dançam ou se movem, em duplas ou múltiplas. Quando Narby começou a ler a volumosa literatura da biologia molecular, no intuito de encontrar algumas pistas que esclarecessem como o cérebro é afetado durante os estados alterados da consciência, ele concluiu que a molécula do DNA, na sua forma de uma dupla voluta enroscada, talvez pudesse ser a contraparte molecular para as alucinatórias serpentes da ayahuasca.

O uso das imagens das serpentes não se dá apenas entre os xamãs amazônicos, mas por quase todo o mundo. Elas são utilizadas na Ásia, no Mediterrâneo e na Austrália para efetivar a representação da força básica da vida, sobretudo porque a sabedoria da serpente é tida como a fonte do conhecimento. A imagem da serpente é vista freqüentemente como um elo de ligação entre o céu e a terra; sob esta mesma visão, encontra-se também a imagem da cobra associada com diferentes idéias de ascensão. Seguindo o texto de Narby, ele nos diz que "na literatura da biologia molecular, a forma do DNA não se restringe a ser descrita através de uma analogia com duas serpentes gêmeas, uma vez que ela é comparada mais precisamente com uma corda ou um cipó, ou mesmo com uma escada." (p. 93).

Sabe-se que o DNA é o código molecular usado para toda a vida deste planeta, quer seja animal, vegetal, ou humana. Ele está presente em cada uma das células de todos os corpos, ou seja, em todas as plantas ou em qualquer animal, fungo, ou ser humano. A partir daí, Narby propôs a hipótese de que, por meio das visões, talvez os xamãs estejam tentando conduzir suas próprias consciências à dimensão do molecular, de maneira que possam ler a informação de como combinar os inibidores-MAO com os hormônios cerebrais, de como reconhecer as correspondências entre as plantas curativas e as doenças, e por aí afora. Sua descrição biológica da molécula do DNA expõe com brilhantismo muitos aspectos que correspondem aos *insights* dos xamãs; mesmo porque, como eles mesmos dizem, a origem de tais *insights* está nas suas visões das serpentes e na sua mitologia das serpentes cósmicas.

Se alguém esticasse o DNA contido no núcleo de uma célula humana, seriam obtidos somente dez átomos ao largo de 1.80m de fio... O núcleo de uma célula é, portanto, equivalente em volume a dois milionésimos de uma cabeça de alfinete. E assim 1.80m de fio do DNA acondiciona com rapidez todo o seu volume através do

gesto de enroscar-se incessantemente sobre si mesmo, harmonizando assim o comprimento extremo e a pequenez infinitesimal, exatamente como procedem as serpentes míticas. Segundo as estimativas, o ser humano comum é composto de muitos bilhões de células. O que significa dizer que há mais 201 bilhões de DNA no corpo humano... O DNA de uma pessoa é tão longo que poderia rodear a Terra cinco milhões de vezes; isto é análogo ao que se diz a respeito das serpentes que rodeiam o mundo! (pp. 87-88).

Afora isso, o código molecular do DNA tem se mantido inalterado desde o início da vida deste planeta, pois somente a arrumação das "letras" deste código é que vai mudando conforme a evolução das diferentes espécies. "Tal como as serpentes míticas, o DNA se apresenta como o mestre da transformação. Todas as informações que existem nas células do DNA são feitas do ar que respiramos, da paisagem que vemos, e da vasta diversidade de seres vivos dos quais fazemos parte." (p. 92). Narby chega a dizer que a serpente dupla do DNA é que constitui de fato a fonte do conhecimento, quer seja adquirido por meio da ayahuasca ou de outras técnicas que levem a estados alterados da consciência, tais como a batucada, o jejum, o isolamento, ou os sonhos. E ainda diz que a tão propalada luminosidade que ocorre nas visões xamanísticas deveria ser posta em relação ao fato de que a molécula do DNA emite biofótons, justamente porque a luz molecular só emerge com a redução da iluminação externa. Enfim, mesmo que a hipótese de Narby não ofereça nenhum dado novo, ou provas substanciais, ela possui implicações revolucionárias que reconciliam os pontos de vista diametralmente opostos da ciência e do xamanismo.

AS CERIMÔNIAS RELIGIOSAS SINCRÉTICAS QUE FAZEM USO DA AYAHUASCA

Reconheço que é, de certa maneira, arbitrária a distinção que tenho feito entre os rituais xamanísticos e as cerimônias religiosas que fazem uso das plantas enteogênicas, pois há entre eles um certo *continuum* de formas e experiências ritualísticas. A ênfase da prática xamanística é sempre posta sobre a cura e a prática divinatória, sendo geralmente conduzida por pequenos grupos de mais ou menos 12 participantes, embora por vezes abrigue apenas um ou dois indivídu-

os em aflição, ou mesmo aprendizes de xamã. Já as cerimônias religiosas tradicionais, como as da Igreja Nativo-Americana ou do culto africano Bwiti, são formadas por grupos maiores de 20 a 40 participantes, ou então, nas igrejas brasileiras que circulam em torno da ayahuasca, por centenas de pessoas. Nestas cerimônias, a cura e as visões deixam de ser o foco das intenções gerais, para que predominem o culto e a celebração grupal através de cantigas e orações. Neste último contexto, não se dá a presença do xamã ou do curandeiro, e sim de sacerdotes e oficiantes. Quase não há discussões a respeito das visões ou das descobertas, ao contrário do que ocorre no contexto da cura ou da divinação xamanística.

Os grupos do meio urbano que se aglutinam em torno das cerimônias enteogênicas tradicionais são organizados em igrejas já reconhecidas, e propiciam aos seus membros um certo grau de coesão social e proteção. Mas a função social mais importante dessas cerimônias religiosas está no fortalecimento dos laços comunitários e no sentido de participação e integração dos seus membros. Segundo relato de Charles Grob, na pesquisa sobre os usuários da ayahuasca da *União do Vegetal*, neste meio existe uma redução acentuada do alcoolismo e do vício das drogas, e o mesmo acontece com os integrantes da Igreja Nativo-Americana dos Estados Unidos. De acordo com os antropólogos, a função social dessas igrejas é a de prover um escudo protetor para a tradição folclórica, uma vez que elas se põem contra as intrusões dos missionários cristãos e as seduições da sociedade de consumo ocidental.

No Brasil, já existem três igrejas organizadas onde a ayahuasca constitui o fundamento principal: o *Santo Daime*, a *União do Vegetal* (UDV), e a *Barquinia*. A igreja mais antiga é a do Santo Daime, fundada no estado do Acre nos anos 1930 por Raimundo Irineu, seringueiro descendente de africanos. Acompanhado por xamãs, este homem ingeriu a ayahuasca e teve a visão de uma divindade feminina, a Rainha da Floresta, que o instruiu para que fosse criado um movimento religioso que tanto abrigasse o chá, ao qual os adeptos deram o nome de *dai-me* (dai-me), como também as canções eventualmente canalizadas nas sessões. A UDV (União do Vegetal), que reúne atualmente o maior grupo, foi fundada em 1954 no estado de Rondônia por Gabriel de Costa, outro seringueiro que também teve a visão de uma igreja; seus membros dão ao chá o nome de *hoasca*, que significa simplesmente "o cipó". A Barquinia também começou por volta dos anos 1950 pela

iniciativa de alguns líderes cerimoniais dissidentes do Santo Daime que queriam incorporar elementos da Umbanda, uma religião brasileira mesclada de espiritismo. Os integrantes das diferentes igrejas são oriundos de segmentos rurais e urbanos brasileiros, e cada uma delas possui centenas de adeptos, sendo que duas têm ramificações na América do Norte e na Europa. Como essas igrejas receberam reconhecimento oficial, a utilização da ayahuasca no interior de suas estruturas é dada como legal.

Embora essas igrejas mantenham algumas diferenças de ênfase nas suas formas ritualísticas, todas incorporaram diversos elementos cristãos nas suas cerimônias. A maior delas, a UDV, é a mais formal, porque durante a cerimônia os participantes ficam sentados em cadeiras enfileiradas para ouvir os sermões e as cantigas entoadas pelos *mestres*, que por sua vez, também se sentam em torno de uma mesa situada no centro; além disso, ainda é reservado um período para perguntas e respostas. Às vezes, seus membros dão alguns testemunhos sobre transformações pessoais, e aqui as sessões se parecem com as confissões que ocorrem no A.A. Na cerimônia do Santo Daime predomina a cantoria de hinos, realizada por toda a congregação, geralmente conduzida por um pequeno grupo de cantores. Algumas de suas cerimônias também envolvem danças com passos ritmados e bem marcados, bastante semelhantes ao *gospel* das cerimônias dos negros norte-americanos (o interessante aqui é que ambos os cultos foram criados por descendentes de africanos). A igreja Barquinia também faz uso dos cantos e das danças, mas acrescenta contatos mediúnicos com os *caboclos* e os espíritos dos índios, e com os *pretos velhos*, espíritos dos escravos africanos. Enfim, algumas narrativas deste livro vieram de norte-americanos que participaram do Santo Daime ou da igreja da União do Vegetal.

O sincretismo destes movimentos religiosos brasileiros levou o uso das substâncias enteogênicas de algumas plantas para fora do contexto dos rituais xamanísticos de cura, pois somente um número limitado de pessoas se dispõe a submeter-se a eles. Mas o fato é que tais movimentos fazem profundas experiências espirituais com as plantas enteogênicas medicinais, além de torná-las acessíveis para diferentes pessoas de diversas camadas sociais, tanto no Brasil como na América do Norte e na Europa. Esta forma de agregação representa um movimento de autêntica revitalização religiosa. É bem possível que estejamos testemunhando o início de um amplo movimento transcultural com impacto extremamente significativo.

TURISMO DA AYAHUASCA

Não apenas brasileiros e seus vizinhos participam das cerimônias religiosas do Santo Daime e da União do Vegetal. Nos últimos dez anos houve um aumento considerável de europeus e norte-americanos que viajaram até a Amazônia para participar de excursões ecológicas, tendo como objetivo o conhecimento da floresta e da cultura indígena; estas excursões geralmente incluem uma ou mais sessões de ayahuasca conduzidas por um xamã mestiço da região. O interesse crescente pelo turismo da ayahuasca foi despertado em parte pelos escritos do filósofo visionário Terence McKenna e do seu irmão cientista Dennis, especialmente pela obra surpreendente de autoria de ambos intitulada *The Invisible Landscape* (1975), e ainda por uma outra de Terence McKenna cujo título é *True Hallucination* (1993), livros que descrevem suas aventuras alucinógenas, etnobotânicas e alquímicas.

Houve ainda duas outras contribuições que intensificaram o interesse pela ayahuasca. Inicialmente, através dos dois livros de Bruce Lamb sobre Manuel Córdova de Rios; o primeiro já mencionado, *Wizard of the Upper Amazon* (1971), e o posterior, *Rio Tigre and Beyond* (1985). Em seguida, veio a público uma incrível coleção de quadros inspirados nas visões da ayahuasca, criados pelo antigo ayahuasqueiro Pablo Amaringo, juntamente com a história de sua desistência da prática de cura por sua repugnância pela feitiçaria, que ele associava a esta prática (Amaringo e Luna, 1991). Os roqueiros Sting e Paul Simon também compartilharam histórias de suas experiências com a ayahuasca que seduziram muita gente. Além disso, inúmeros ayahuasqueiros mestiços viajam constantemente através dos Estados Unidos e da Europa, onde conduzem cerimônias para grupos de pessoas da classe média, geralmente educadas e na sua grande maioria brancas. Mencione-se ainda os anúncios para excursões à selva da ayahuasca, feitos pela Internet e em revistas como a *Shaman's Drum*.

O turismo da ayahuasca tem despertado críticas daqueles que acham que pode ser uma intrusão nas culturas indígenas, e também de outros que vêem a possibilidade de engodos, prejuízos ou envenenamentos dos turistas, por parte de xamãs falsos e ignorantes. Contudo, nem todos se enquadram em tais avaliações, pois muitos dedicam-se a buscar com sinceridade a sabedoria espiritual, enquanto outros encontram-se à procura desesperada de algum alívio para doenças que

a medicina convencional não foi capaz de curar. Aliás, umas tantas "curas" milagrosas de câncer têm sido relatadas (MAPS, 1998). Não posso deixar de ressaltar aqui o outro lado da questão sobre as culturas indígenas, uma vez que tanto os turistas da ayahuasca como outras modalidades de turismo contribuem significativamente para algumas das economias locais da América do Sul. Além disso, têm sido criadas algumas reservas ecológicas para proteger a floresta e suas plantas medicinais e psicoativas; o turismo da ayahuasca e o ecoturismo proporcionam, então, muitas melhorias, embora, é claro, haja a possibilidade de abuso, mas os efeitos positivos também são reais.

As igrejas da ayahuasca também são criticadas por aqueles que dizem que elas exploram e se apropriam erroneamente dos métodos e ensinamentos xamanísticos; na realidade, cada uma das igrejas criou metodologias próprias e raramente admite a contribuição dos índios nas suas práticas medicinais e etnobotânicas. Assim, o quadro hierárquico da UDV não cansa de afirmar que o seu fundador, Mestre Gabriel, recebeu uma mensagem segundo a qual ele havia sido um determinado rei inca que ensinou aos índios como preparar e usar a ayahuasca. Evidencia-se que os saberes e métodos do povo indígena são mais uma vez menosprezados e marginalizados; não será por isso que aceitaremos como verdadeira a afirmação de que ocorre uma decadência na prática xamanística dessas igrejas. Até porque elas representam uma forma sincrética de religiosidade que realiza o trabalho de tornar a beberagem alucinógena disponível para um grande número de pessoas urbanas das Américas Latina e do Norte, e também da Europa. Eu mesmo conheci pessoas das diferentes igrejas e nem por isso fui obrigado a aderir à sua religiosidade ou às suas práticas, apesar de ter apreciado seus valores, que constituem um apoio humano inestimável, tanto para a família como para a comunidade em geral.

Afora os estudos realizados no Peru e no Brasil com xamãs mestiços e antropólogos norte-americanos, tem crescido consideravelmente o número de psiconautas que chegam à ayahuasca com uma respeitável bagagem, adquirida com o uso psicoterapêutico das drogas psicodélicas. É deste rol de livres investigadores da consciência que se origina a maior parte das narrativas contidas neste livro. Por isso, denomino estas abordagens como um híbrido de métodos xamanísticos e psicoterapêuticos.

O HIBRIDISMO DOS RITUAIS XAMANÍSTICOS PSICOTERAPÊUTICOS

Nas últimas décadas, tenho sido participante e observador em centenas de círculos ritualísticos que abrigam um sem-número de indivíduos constantes e militantes, tanto na Europa como na América do Norte. Entre as plantas enteogênicas utilizadas em tais rituais estão incluídos os cogumelos psilocibos, o cacto San Pedro, a iboga, e outras. Meu interesse nestes rituais está sempre voltado para a natureza da transformação psico-espiritual pela qual passam seus participantes (Metzner, 1998).

Alguns elementos básicos das cerimônias tradicionais xamanísticas são mantidos intactos nestes rituais híbridos que conjugam o xamanismo e a terapêutica: a estrutura do círculo, com os participantes sentados ou não; um altar disposto no centro do círculo, ou então uma fogueira neste mesmo centro, quando a cerimônia é realizada ao ar livre ou no interior de uma tenda; a presença de um ancião ou guia experiente, tendo às vezes um ou mais assistentes; a preferência por uma luz tênue, ou mesmo pela semi-escuridão (em certas ocasiões são usadas viseiras); o uso da música através dos tambores, dos chocalhos, dos cantos, ou de gravações de canções evocativas; a celebração do espaço ritual por meio da invocação dos espíritos das quatro direções e dos elementos; e ainda o cultivo de uma respeitosa atitude espiritual.

Diversos pesquisadores dos enteogênicos já compreenderam a importância da composição do cenário; por isso, devotam uma atenção especial ao esclarecimento das intenções de cura e de visões. Por considerarem o cenário um item fundamental, eles dedicam muita atenção à arrumação do lugar e à escolha da hora, como também à disposição do espaço de forma o mais tranqüila possível, procurando mantê-lo belo e livre das distrações e interrupções do mundo exterior.

Nos círculos onde tive oportunidade de servir de testemunha, a maioria dos participantes já havia passado pela experiência de uma ou mais práticas psico-espirituais, onde eram incluídos os tambores xamanísticos, a meditação *vipassana* budista, a tantra yoga, e a respiração holotrófica. E muitos destes participantes já tinham vivenciado várias modalidades de psicoterapia e terapia corporal, tornando-se, portanto, capazes de fazer um entrelaçamento das visões e ensinamentos destas práticas com o trabalho realizado com as plantas

medicinais enteogênicas. Ao final da experiência, todos eles afirmam que a combinação das plantas medicinais enteogênicas com as práticas meditativas e terapêuticas processa a ampliação da consciência e a sensibilização da percepção; e ainda revelam que este processo é acompanhado por um despertar bastante especial para as dimensões somática, emocional e instintiva, além de nele sempre haver um fortalecimento do senso das interconexões entre estes diferentes níveis da consciência.

Em geral, utiliza-se nestas cerimônias uma variação do bastão que fala e canta. Esta prática, sobre a qual geralmente se referem como "concílio", parece ter sido originária dos ritos indígenas do Pacífico Norte, e nela somente quem recebe o bastão no círculo pode cantar ou falar; por isso, não há discussões, questionamentos ou as interpretações que ocorrem nas formas costumeiras de psicoterapia grupal. Pode-se dizer, porém, que em algumas dessas sessões sempre há um mínimo de interação entre os participantes no período em que a consciência está expandida.

No momento de preparação para o círculo ritual, os participantes costumam compartilhar suas intenções e propostas, embora alguns prefiram entregar-se a práticas meditativas ou dirigir-se sozinhos para o meio da natureza, quando não se dedicam às diferentes formas expressivas da arte, como o desenho, a pintura ou a escrita. Após a efetivação do círculo ritual, o que por vezes se dá na manhã seguinte, geralmente ocorre uma espécie de integração prática, onde os participantes trocam entre si as lições aprendidas, para que possam aplicá-las melhor no seguimento de suas vidas.

A maioria dos ocidentais que desenvolveram uma rotina de trabalho constante com as substâncias das plantas enteogênicas, normalmente expande seu sistema de crenças para além dos limites do paradigma materialista convencional da ciência e da psicologia do Ocidente. Embora não deixem de adotar a validade das várias abordagens psicológicas do mundo ocidental – como as de Sigmund Freud, de Carl Gustav Jung, e de Wilhelm Reich –, tais indivíduos acabam aceitando uma realidade habitada pelos seres espirituais, além de reconhecer que vivemos em mundos múltiplos de consciência; ou seja, suas conclusões tornam-se idênticas às dos povos indígenas e de todas as tradições esotéricas da Ásia e do Oriente. Eis porque discutirei os pontos de vista e as diversas implicações destas descobertas no capítulo final deste livro.

Entre os assuntos dessas sessões, o tema mais recorrente é o da consciência que se deve ter com a proteção e integridade da Terra, não só em relação ao meio ambiente e à vida selvagem como também às culturas indígenas. O interesse crescente pelo xamanismo em geral, e pelos métodos xamanísticos da ayahuasca em particular, representa uma pequena parte de um amplo movimento mundial que luta em prol de uma conexão mais direta, experimental e espiritual com o mundo natural. Por isso, não surpreende que muitos ocidentais procurem a medicina simplória da selva em lugares e culturas distantes, principalmente tratando-se de medicinas que freqüentemente conduzem a violentas purgações, sobretudo porque a maioria destas pessoas está à procura de profundas realizações espirituais e mudanças substanciais na saúde.

REFERÊNCIAS

- Abram, D. 1996. *The Spell of the Sensuous*. Nova York: Pantheon Books.
- Amaringo, P. & L. E. Luna. 1991. *Ayahuasca Visions – The Religious Iconography of a Peruvian Shaman*. Berkeley, CA: North Atlantic Books.
- Burroughs, W. S. & A. Ginsberg. 1963. *The Yagé Letters*. São Francisco: City Lights.
- Dobkin de Rios, M. 1972. *Visionary Vine – Psychedelic Healing in the Peruvian Amazon*. São Francisco: Chandler Publishing Co.
- . 1984. *Hallucinogens: Cross-Cultural Perspectives*. Albuquerque: University of New Mexico Press.
- Furst, P. 1976. *Hallucinogens and Culture*. São Francisco: Chandler & Sharp.
- , ed. [1972] 1990. *Flesh of the Gods*. Prospect Heights, IL: Waveland Press.
- Grinspoon, L. & J. Bakalar. 1979. *Psychedelic Drugs Reconsidered*. Nova York: Basic Books.
- Grof, S. 1980. *LSD Psychotherapy*. Pomona, CA: Hunter House.
- . 1985. *Beyond the Brain: Birth, Death and Transcendence in Psychotherapy*. Albany, NY: State University of New York Press.
- Harner, M., ed. 1973. *Hallucinogens and Shamanism*. Nova York: Oxford University Press.
- . 1980. *The Way of the Shaman*. São Francisco: Harper & Row.
- Hofmann, A. 1979. *LSD – Mein Sorgenkind*. Stuttgart: Klett-Cotta.
- James, W. [1901] 1952. *Principles of Psychology*. Great Books of the Western World. Chicago: Encyclopedia Britannica.
- . [1901] 1958. *Varieties of Religious Experience*. Nova York: New American Library.

- . [1912] 1996. *Essays in Radical Empiricism*. Lincoln: University of Nebraska Press.
- Lamb, F. B. 1971. *Wizard of the Upper Amazon*. Boston: Houghton-Mifflin Co.
- . 1985. *Rio Tigre and Beyond*. Berkeley: North Atlantic Books.
- Leary, T., R. Metzner, & R. Alpert. 1964. *The Psychedelic Experience – A Manual Based on the Tibetan Book of the Dead*. New Hyde Park, NY: University Press Books.
- Leary, T. [1966] 1997. *Psychedelic Prayers*. Berkeley: Ronin Publishing Co.
- Lee, M. & B. Shlain. 1985. *Acid Dreams, The CIS, LSD and the Sixties Rebellion*. Nova York: Grove Press.
- Luna, L. E. 1986. *Vegetalismo – Shamanism Among the Mestizo Population of the Peruvian Amazon*. Estocolmo: Almqvist & Wiksell International.
- MAPS (Bulletin of the Multidisciplinary Association for Psychedelic Studies). 1998. vol. VIII, n.º 3.
- McKenna, T. & D. McKenna. 1975. *The Invisible Landscape*. Nova York: Seabury Press.
- McKenna, T. 1993. *True Hallucinations*. Nova York: Harper Collins.
- Metzner, Ralph. 1989. "States of consciousness and transpersonal psychology". In *Existential and Phenomenological Perspectives in Psychology*, ed. R. Vallee & S. Halling, 329-338. Nova York: Plenum Press.
- . 1994. "Addiction and transcendence as altered states of consciousness". *Journal of Transpersonal Psychology* 26, 1:1-17.
- . 1998. "From Harvard to Zihuatanejo". In *Timothy Lear – Outside Looking In*, ed. R. Forte. Rochester, VT: Inner Traditions International, no prelo.
- . 1998. "Hallucinogenic drugs and plants in psychotherapy and shamanism". *Journal of Psychoactive Drugs*, no prelo.
- . 1997. *The Unfolding Self – Varieties of Transformative Experience*. Novato, CA: Origin Press.
- Naranjo, C. 1973. *The Healing Journey*. Nova York: Random House.
- Narby, J. 1998. *The Cosmic Serpent – DNA and the Origins of Knowledge*. Nova York: Jeremy P. Tarcher/Putnam.
- Ott, J. 1993. *Pharmacotheca. Entheogenic Drugs, Their Plant Sources and History*. Kennewick, WA: Natural Products Co.
- . 1994. *Ayahuasca Analogues*. Kennewick, WA: Natural Products Co.
- . 1995. *The Age of Entheogens & The Angels' Dictionary*. Kennewick, WA: Natural Products Co.
- Passie, T. *Psycholytic and Psychedelic Therapy Research – 1931-1995*. Laurentius Publishers, 1997.

- Rätsch, C. 1998. *Enzyklopädie der Psychoaktiven Pflanzen*. Aarau, Suíça: AT Verlag.
- Reichel-Dolmatoff, G. 1972. "The Cultural Context of an aboriginal hallucinogen: *Banisteriopsis Caapi*". In *Flesh of the Gods – The Ritual Use of Hallucinogens*, ed. Peter Furst. Prospect Heights, IL.: Waveland Press.
- Stevens, J. 1987. *Storming Heaven – LSD and the American Dream*. Nova York: Atlantic Monthly Press.
- Taussig, M. 1987. *Shamanism, Colonialism and the Wild Man – A Study in Terror and Healing*. Chicago: University of Chicago Press.
- Wasson, R. G. 1980. *The Wondrous Mushroom*. Nova York: McGraw-Hill.

1

A EXPERIÊNCIA DA AYAHUASCA ENSINAMENTOS DOS ESPÍRITOS DAS PLANTAS AMAZÔNICAS

Iniciação à Antiga Linhagem dos Curandeiros Visionários

Raoul Adamson

A narrativa que se segue, feita por um psicólogo de 50 anos, ilustra vários elementos clássicos das visões produzidas pela ayahuasca: os encontros com serpentes e jaguares, e a sensação de ter feito contato com seres ou espíritos inteligentes que ensinam e curam. Ele também aprende a cantar para criar uma espécie de autodefesa contra comportamentos abusivos. E aqui ainda aparecem alguns achados quanto ao processo de percepção e julgamento, além de um profundo sentimento de aceitação e gratidão.

MINHA INICIAÇÃO NA AYAHUASCA deu-se através de um amigo etnobotânico que estudou um bom tempo na América do Sul com os mestiços *ayahuasqueros* do Peru. Ele já havia aprendido a cultivar, no Havaí, as duas plantas necessárias para a beberagem, e não teve dificuldade em prepará-la de acordo com a receita tradicional. O cenário foi uma casa espaçosa situada nos bosques de uma área rural da Carolina do Norte. Bebemos o preparado, que tem um gosto estranho entre o amargo e o doce, em meio a uma quase completa escuridão, tendo nas imediações apenas uma ou duas velas acesas. A música maia *Xochimoci* entrava insinuante pelos nossos ouvidos. E não demorou para que eu me sentisse paradoxalmente relaxado, pesado e leve, percebendo com nitidez que minha cabeça se expandia.

De repente, surgiu uma ondulante tapeçaria de visões, que exibiu inicialmente padrões geométricos iguais aos já vistos por mim em ex-

periências anteriores com alucinógenos, quando provei inclusive os cogumelos psilocibos; isto fez com que a atmosfera me parecesse familiar. Como de costume, não senti satisfação alguma em ter de me deparar com estes padrões geométricos, que me pareciam pegajosos e demasiadamente plásticos e artificiais, como se fossem a decoração de um shopping ou de algum cassino de Las Vegas. Procurei um significado para minha reação, e logo me foi mostrado que uma tal imagem não passava de um revestimento tecnocultural posto pelo homem sobre o mundo natural: o que eu contemplava era, simplesmente, o mundo humano! À medida que aceitava com algum pesar esta evidência, eu ia me tornando capaz de olhar através dela, para logo entrar em contato com as energias pulsantes da natureza, permeada por seres e formas espirituais e astrais.

Havia formas e imagens de plantas, de animais, de humanos, de templos e cidades etéreas, e de artefatos voadores e estruturas flutuantes. De vez em quando, emergiam algumas imagens particulares que se punham fora do fluxo contínuo anterior, mas logo eram reabsorvidas. Pelo fato de todas as imagens das diferentes formas e objetos estarem sempre retrocedendo para o tecido ondulante de visões, percebi que as mirava como se estivessem projetadas sobre o movimento espiralado de uma enorme serpente, de cuja pele emanava brilhantes desenhos em tom de prata e verde. Mas eu não conseguia ver a cabeça nem a cauda, e isto me fez imaginá-la em tamanho grosseiro e deformado, mesmo porque parecia que este réptil ocupava todo o ambiente. E detalhe curioso: a visão desta serpente gigantesca não evocava em mim o menor sinal de medo; ao contrário, minha resposta emocional era de reverência e humildade diante da magnitude e do poder espiritual de tal ser.

Lembrei-me das pinturas de Pablo Amaringo que descreviam esta imensa serpente como o “espírito-mãe”, sobre o qual muitos outros espíritos menores fazem sua viagem. Já é habitual na região amazônica a visão de três diferentes serpentes-mães: a do ar, a do rio, e a da floresta. Aquela que eu vi, pareceu-me uma grande serpente-mãe que serpenteava por todo o vale onde nos encontrávamos.

Em continuidade às visões, conheci uma outra serpente bem mais “normal” em suas dimensões, pois era quase do meu tamanho. Ela entrou no meu corpo pela boca, e seguiu enrolando vagarosamente pelo estômago e intestinos por umas duas ou três horas. Ao atingir o in-

testino, além de sentir um pouco de cólica, ouvi os sons incríveis e barulhentos dos gases e da digestão que vinham das minhas vísceras. A partir daí, toda minha atenção concentrou-se na nebulosa equivalência que havia entre a serpente e os intestinos: o formato da cobra lembra mais ou menos um longo sistema intestinal com uma cabeça e uma cauda nas extremidades, e, de um modo recíproco, nosso intestino apresenta um serpenteado cheio de torções, voltas e movimentos peristálticos. Concluí, então, que aquela serpente, movimentando-se do seu jeito pelo meu sistema intestinal, não fazia outra coisa senão “ensinar” a meus intestinos uma maneira de ser muito mais poderosa e eficaz, o que certamente constituía uma experiência visceral!

Vi um grande número de pessoas negras que dançavam na minha direção e depois recuavam. Elas mostravam-se aos pares, como se fossem gêmeas, e moviam-se em linhas paralelas, e isto me fez conjecturar que tais pares representavam os espíritos das duas plantas do chá da ayahuasca. Logo depois me vi semi-inclinado sobre um sofá, e um jaguar surgiu subitamente à minha frente. Era um enorme felino negro e macho que também entrou no meu corpo com a mesma postura semi-inclinada em que eu estava. Mas, tão logo me dei conta disso, o jaguar foi embora. Em outro momento, quando eu me encontrava de joelhos, senti nitidamente um pássaro pousando nas minhas costas. Percebi que estava sendo sucintamente apresentado a alguns dos diversos espíritos aos quais a ayahuasca permite o acesso. E assim cheguei a uma conclusão, concreta e misteriosamente interna, de que com a prática, e um pouco mais de concentração, eu seria capaz de reter por mais tempo os encontros com os diferentes espíritos animais, e que acabaria obtendo deles as respostas para minhas perguntas. Até porque Don Fidel, um dos velhos ayahuasqueiros, dizia: “As visões chegam para lhe curar.”

Apareceram novas imagens de deuses maias e de demônios subterrâneos dançantes: eram esqueléticos e aleijados; exibiam as peles soltas, sangrentas, pustulentas e cheias de bolhas; não possuíam cabeça; mostravam feridas abertas, e além disso alguns sapos estavam pregados com enormes espinhos nos seus pescoços. A única mensagem que estes seres repetiram inúmeras vezes foi: “Você não tem de *fazer* nada!” E assim, incorporando a morte, a decadência, a doença e outros horrores inimagináveis na sua dança da transformação, fez-se profundamente em mim uma cura interior, e de tal modo que me parecia inteiramente independente de qualquer intervenção de minha parte!

Ao ver que estava sendo iniciado na antiga linhagem de curandeiros visionários, prostrei-me maravilhado!

Já era tarde e eu estava mais uma vez de joelhos, sentindo-me exausto pela agitação nas minhas vísceras, mas tendo a certeza de que aquela viagem pelos confins da selva, dos rios e das serpentes trouxera à minha alma um indescritível bem-estar. Abaixei a testa de modo que tocasse o chão, e qual não foi a minha surpresa quando me vi penetrando lentamente a terra através do solo e das pedras, para depois movimentar-me de maneira cada vez mais rápida até cair do outro lado do espaço vasto e profundo da escuridão, alegremente inundado de infindáveis pontos de luz, carregando comigo partículas e faíscas cintilantes que não acabavam mais, e ainda sendo acompanhado de todas as estrelas luminosas do universo.

Meu segundo encontro com o cipó das visões ocorreu no Ano Novo. Eu queria explorar a experiência de uma dose maior da beberagem, e com esta recomendação pedi a minha parceira que a “preparasse” para mim. Estávamos numa casa de praia e tínhamos em mãos algumas gravações de *icaros*, que neste caso eram cantos de cura dos ayahuasqueiros compostos por Eduardo Luna. Eu havia refletido sobre o sacrifício e o auto-sacrifício, e me perguntara o que significaria passar pela experiência de ser comido por um animal. A primeira idéia que me ocorreu foi a de que nós, os humanos, tendo nos tornado os principais predadores da cadeia alimentar, há muito tempo não passávamos por tal prova. No entanto, um dia vivenciamos isso com muita constância, pois a nossa existência durante a Idade da Pedra foi seguramente marcada por muitos encontros fatais com inúmeros predadores. Por isso, tive a convicção de que esta relação entre dois organismos, na qual um deles é o “comedor” e o outro a “comida”, encontrava-se desequilibrada.

Assim, dado que todos os processos da vida operam sob o princípio do perpétuo equilíbrio e da mudança, eu agora me indagava como ficaria a situação de quem era comido. E, tão logo pus esta questão, os espíritos da ayahuasca responderam prontamente: “Quando somos comidos por uma serpente, adquirimos imediatamente seu poder e seu conhecimento. Deixe-se, portanto, ser comido por uma delas para ganhar o poder de todas.” Vieram à minha mente aquelas esculturas e pinturas maias que exibem uma serpente-dragão gigantesca com a face humana de um deus que nos olha lá do fundo das presas de um animal. Foi o bastante para que me sentisse pronto para ser comido.

Na primeira experiência com a ayahuasca, eu havia “engolido” a serpente, embora tudo levasse a crer que ela tomara a iniciativa. Agora era minha vez de ser engolido e digerido por uma serpente. Mas o aparecimento de minhas visões se deu simultaneamente com várias reações do meu corpo, que me saíam de forma involuntária, e houve uma sequência de excreção, purgação, arroto e gases. A jornada alquímica já estava no processo de cozimento, e gases e fluidos se espalhavam e se dissipavam no meu corpo psíquico, e ocasionalmente no meu corpo físico. E nada disso me era doloroso, embora me fosse estranho e incomum. Eu sentia que estava *em* determinadas áreas do meu corpo onde nunca tinha estado conscientemente. Eu começava a sentir que tinha virado do avesso; a impressão era a de que alguma força brotara de minha boca e de minha garganta, puxando-me pelo avesso até que todos os meus órgãos internos estivessem dependurados do lado de fora, enquanto meus membros e músculos punham-se para dentro.

Surgiram pequeninos seres verdes, que reconheci como os elfos da mata da ayahuasca, carregando para longe algumas coisas que pareciam escudos e peças metálicas. Davam-me a impressão que estavam separando as peças de uma estrutura para lavá-las e poli-las, ou mesmo separando-as em ordem para que pudessem funcionar melhor. De repente, me dei conta de que aquela estrutura era eu mesmo. Gritei a plenos pulmões (ou melhor, lá de dentro de mim): “Esperem, vocês estão me desmantelando!” Sem interromper a tarefa, eles replicaram atenciosamente: “Não se preocupe, porque depois nós vamos colocar tudo nos seus devidos lugares e você vai ficar ótimo!” Durante todo o tempo, estes seres acompanharam o canto de alguns *icaros* que estavam ouvindo.

Eu já tinha ouvido e até mesmo vivido alguma coisa a respeito de tais experiências xamanísticas de desmembramento, nas quais o indivíduo é pulverizado ou dilacerado em pedaços como uma forma de prelúdio para uma eventual reconstituição de cura. Mas foi a primeira vez que passei por uma espécie de desmantelamento civilizado, cortês e ao mesmo tempo eficiente. Aqueles elfos verdes puseram a couraça do meu caráter à parte, e depois me devolveram um corpo e uma mente renovados, além de muito mais flexíveis e confortáveis.

Os *icaros* propiciaram um apoio essencial nesta forma radical de transformação da consciência somática; sem eles, eu teria me sentido perdido e aterrorizado. O ritmo rápido dos cantos permitia que eu me movesse à vontade pela floresta de visões, ao passo que a voz quente e

profunda dos *ayahuasqueros* trazia-me um suave conforto, tornando tolerável até mesmo as intervenções mais desagradáveis da beberagem. No instante em que me senti caindo num estado soturno de pesar e angústia, derramei-me em prantos, sem conseguir identificar a razão para tanta dor. Até que me dei conta de que estava escutando o trecho de uma gravação, onde uma mulher recebia a cura numa cerimônia da ayahuasca, enquanto contava sua história. Embora não me fosse possível entender as palavras, os soluços e os gritos angustiados que a acompanhavam me deixavam na posição de quem estava vivenciando, de maneira profundamente dolorosa, os sentimentos de alguém que relatava a perda de um ente querido. Após o lamento da mulher, a voz quente e suave do ayahuasqueiro, repleta de uma ternura infinita, ofereceu um bálsamo de cura para sua alma atormentada. Algum tempo depois, fiquei sabendo que aquele era de fato um trecho da gravação da cura de uma mulher cujo marido fora assassinado.

Nesta experiência, vivenciei dois momentos de intensa ansiedade. O primeiro foi o instante em que me vi passando por sensações fisiológicas extremamente incomuns, como aquela na qual eu era virado pelo avesso, sem sequer conseguir saber se meus sinais vitais, como o pulso e a respiração, estavam funcionando. Cheguei a pedir à minha parceira para verificar se eu ainda mantinha todos os sinais normais de vida. Depois de ser informado que tudo estava funcionando perfeitamente, passei a me preocupar com a possibilidade de estar perdendo a minha mente de maneira a ficar realmente insano. Pedi outra vez a ajuda de minha parceira que, após algum tempo, respondeu-me que não havia quaisquer sinais de insanidade em mim, justamente porque eu tinha colocado esta questão de modo inteiramente racional. Cheguei à conclusão de que as capacidades racionais e reflexivas não são prejudicadas durante essas jornadas interiores, — o que ocorre é a adição de uma nova e imensa variedade de percepções não-racionais e hipersensoriais.

De qualquer forma, pude me ver aprendendo aqueles ensinamentos que dizem respeito às atitudes e ações de todo guerreiro diante de suas visões. Um guerreiro visionário jamais se entrega à passividade, como ocorre ao assistirmos um filme ou um episódio da televisão, ou mesmo quando estamos sonhando. Assim, este guerreiro lança um olhar ativo para suas visões, não só observando todos os detalhes, mas também procurando significações escondidas atrás das

aparências. Esta é, então, a marca indelével deste guerreiro que está sempre a caminhar sem nenhuma mancha ou imperfeição, pouco importando se é ele ou ela que está cumprindo este papel; nesta espécie de indivíduo não há qualquer tipo de projeção egocêntrica que venha a distorcer sua percepção. Além disso, ele (ou ela) não assume o costumeiro papel de vítima, nem fica idealizando as condições propícias para a vulnerabilidade. É claro que ele pode ser ferido como qualquer pessoa, seja na mata das visões subjetivas ou na selva urbana da dita realidade, o fato é que tais feridas acabam sendo cuidadas de maneira adequada.

Subjacente a esta forma de aprendizado, reforcei um método de análise da percepção que havia aprendido durante um estado visionário anterior, e que nunca mais deixei de praticar. Nesta ocasião, tive a demonstração de que existem três fases distintas no processo da percepção, seja da realidade interior seja da exterior: a primeira é a experimentação do puro contato sensorial; a segunda é a ação do observador que testemunha a experiência; e a terceira é a fixação e a comunicação desta mesma experiência, que implica na expressão de palavras, sons, pinturas, etc. Cheguei à conclusão de que a meditação budista (*vipassana*) está situada na segunda fase, ou seja, a do testemunho. O que me fez ir adiante para também ter como demonstrado que uma experiência plena e completa deve abranger as três fases. As experiências dolorosas ou traumáticas são então geralmente incompletas, porque muitas vezes surgem poderosos empecilhos que não permitem a quem as vivencia a terceira fase, a da comunicação. Para haver a cura do trauma, é necessário que a história seja contada, porque só assim será compartilhada, acreditada e reconhecida.

Nos preparativos da experiência seguinte com a ayahuasca, pedi aos meus espíritos guias que me ajudassem a conseguir algumas canções (*icaros*), porque eu estava bastante impressionado com o poder destes cantos para canalizar as visões na direção da cura. E o modo como isto ocorreu foi surpreendente. Eu e mais duas pessoas tomamos o preparado: um amigo que passara por larga experiência com os rituais de cura da região amazônica, e um médico que teria a primeira vivência com a ayahuasca. Ainda estavam presentes uma amiga e a esposa do médico, apenas como acompanhantes. No instante em que a ayahuasca começou a fazer efeito, o médico passou a expressar seu desconforto com as transformações, que já lhe tomavam, através de um tamborilar alto e repetido sobre uma vasilha que ele segurava no

colo, e também com insultos que de vez em quando lançava para mim e o meu amigo. Esta purgação emocional de sua explosão agressiva era sempre acompanhada pela purgação física dos seus vômitos.

No início, cheguei a pensar que seria apenas uma primeira reação de choque que logo passaria. No entanto, na medida em que sua atitude insistia em continuar, passei a sentir uma dose considerável de aborrecimento e irritação. E o mesmo ocorria com meu amigo mais experiente, que encolhia-se debaixo de um cobertor, sob a proteção de um casulo de silêncio. Fiquei sabendo mais tarde que seu medo era que pudesse ser contaminado por uma reação negativa semelhante à do médico. Minha reação foi ligeiramente diferente, pois eu não queria que esta onda de negatividade destruísse ou distorcesse a jornada positiva de cura que havia projetado para mim. Por isso me deitei num canto, afastando-me dos outros, até que me vi cantando ritmadamente frases em tom baixo e suave. Algumas delas se relacionavam com a verborragia hostil que ainda vinha do nosso amigo médico: "Ele está querendo mesmo impor aos outros aquilo que é, e o que não é!", ou então: "Ele está mesmo querendo me bater!" No fim, estas frases funcionaram como um escudo que me protegeu daquela energia ameaçadora, e depois retirou-se gradualmente para o pano de fundo da minha consciência.

Mas persistiu outro canto em mim, com uma espécie de ritmo salmodiado, que com numerosas repetições e diferentes combinações e variações nos seus versos dizia mais ou menos o seguinte:

"Ó mulher, Ó homem / Ó homem, Ó mulher / Ó canção da mulher, Ó canção do homem / Ó canção do anseio, Ó anseio da canção / Ó canção do anseio / da mulher pelo homem / Ó anseio da canção / do homem pela mulher."

O tom da minha voz oscilava entre o masculino e o feminino, e percebi que do meu canto emanava uma aura reconfortante que se espalhava pelo nosso pequeno grupo. Assim, o agitado companheiro foi se acalmando, enquanto eu me sentia profundamente tocado pelo raro dom de cura desta música que vinha dos espíritos da ayahuasca. Eu já ouvira a afirmação de que tais canções eram capazes de conseguir a cura, mas era uma novidade para mim que elas também pudessem funcionar como uma proteção diante de qualquer negatividade tóxica do emocional.

Tive outra jornada memorável com a ayahuasca, desta vez numa casa situada nas encostas do vulcão Mauna Loa no Havaí. Consegui-

mos reunir um grupo de cinco homens e três mulheres que, embora experiente, sustentou opiniões diferentes, e não resolvidas, quanto ao tipo de canto que deveria ser utilizado; isto gerou uma incômoda atmosfera de incertezas, pelo menos eu senti assim. Pois bem, a primeira cena com que me deparei foi a de uma mulher vomitando com uma intensidade vulcânica. Decidi, então, encarar qualquer coisa que se apresentasse.

Tive duas visões quando me deitei no chão para contemplar os padrões de luz e sombra que se desenhavam no teto. A primeira foi a do contorno de um enorme lagarto; olhando-o de baixo, era como se ele estivesse plantado sobre a clarabóia de um teto. Meu sentimento em relação a esta imagem, que permaneceu por toda a noite, era o de que ela estava nos protegendo, pois se tratava de Itzamna, o deus solar maia que sempre assume a forma de um lagarto. A certa altura, acabei me transformando em iguana, sentindo a estranha sensação de possuir uma cauda pesada e tão longa quanto meu torso.

A segunda imagem foi a de um homem sentado na entrada de uma caverna. Ele olhava para um ponto de luz, estava coberto por uma espécie de capuz pontudo, e segurava um enorme cajado. Por mais que eu tentasse, não me ocorreu uma só idéia do que representava esta imagem. E ela também persistiu por todo o tempo, inclusive nos momentos em que eu retornava de alguma interação com outras pessoas que estavam vivendo situações diferentes das minhas. Enfim, quando eu questionava repetidamente sobre esta visão, além de não obter nenhum esclarecimento, não me vinha qualquer tipo de elaboração sobre seu significado.

Oito meses mais tarde, por ocasião de um jejum para a busca da visão nas montanhas da Califórnia, finalmente, consegui enxergar o significado daquela segunda imagem. Eu estava sentado na entrada de uma caverna onde iria pernoitar, olhando o vale que começava a insinuar sua face noturna à minha frente, quando me lembrei subitamente da visão da ayahuasca, e por fim concluí: aquele homem sentado na entrada de uma caverna, exibindo um capuz pontudo e um cajado, era justamente *eu*. A visão tinha sido premonitória ou talvez profética, e juntou-se a várias outras e a diversos sonhos que nos últimos anos me levaram à convicção de que grande parte destes fenômenos é parcialmente premonitória. Porém, nos esquecemos com muita facilidade de nossas visões e dos nossos sonhos, tornando-se difícil fazer uma comparação com as percepções registradas nos eventos e experiências subseqüentes.

Por último, gostaria de relatar uma experiência na qual tomei sozinho uma dose considerável de ayahuasca, tendo apenas minha parceira por companhia. A intenção era conseguir um *insight* muito mais intenso no processo visionário. Embora eu já tivesse passado pelo aprendizado de lições valiosíssimas que confirmavam todos os *insights* dos budistas e de outras disciplinas de meditação, minha pretensão era a de aprender mais um pouco. Assim, depois de uma ou duas horas, uma ondulante massa de formas caleidoscópicas e geométricas fluía ao meu redor e através do meu corpo; elas explodiam e implodiam de maneira suave, transformando-se tão rapidamente que me era impossível verbalizar qualquer descrição. No final, este ir e vir vertiginoso ensinou-me a deslocar com precisão o foco de minha atenção passando das visões, mais “exteriores” para as sensações corporais, estas mais “interiores”, e vice-versa. Em certos momentos, cheguei a dar conta de ambas simultaneamente, embora desaparecessem toda vez que eu tentava verbalizá-las.

Pude ainda observar que, quando eu me preocupava demasiadamente com algumas sensações corporais, projetando nelas uma certa obsessão hipocondríaca, o fluxo das imagens ia diminuindo até parar. Mas, tão logo eu respirava fundo e deixava de me preocupar, o fluxo retornava. Por isso, minha primeira lição, que confirmava tudo aquilo que meus mestres de meditação haviam me ensinado, foi a seguinte: *pare de se preocupar* com sua experiência porque isso bloqueia o fluxo de energia.

Percebi também, que, ao fazer julgamentos sobre qualquer aspecto das minhas visões, sobretudo quando as desvalorizava achando-as feias, horríveis ou más, o curso da experiência estancava. Quando havia resistência de minha parte, na tentativa de afastar as partes indesejáveis ou inaceitáveis da experiência, eu só conseguia me fixar no meu próprio campo de atenção, tornando todo o cenário ainda mais ameaçador. Assim, o raciocínio “eu não posso ver *isso*” mantinha este *isso* (qualquer que fosse ele) à minha frente. Quando eu parava de julgar, as imagens emergiam de volta à corrente das visões. Minha segunda lição foi a seguinte: *pare de julgar* suas experiências, separando-as em boas ou más, pois a resistência ao curso da vida só faz fixar e ampliar o negativismo.

A lição seguinte ocorreu quando minha parceira retirou-se do aposento, deixando-me o forte desejo de que ela estivesse sentada ao

meu lado. Fiquei como uma criança totalmente carente da mãe, comecei a choramingar como um menino zangado, e deixei de prestar atenção nas minhas visões e nas minhas sensações físicas. Assim, esta carência desesperada pela presença da mamãezinha, que até então estivera comigo, passou a ocupar toda minha atenção, obliterando os demais aspectos de uma experiência que vinha sendo muito mais ampla. Com isso, pude vivenciar e ter uma confirmação irrefutável da segunda das Quatro Verdades Nobres do budismo: o sofrimento está no próprio desejo. E, na medida em que sempre desejamos alguma coisa que no momento não possuímos, este desejo conduzirá inevitavelmente a uma constante insatisfação, que é justamente o que constitui a primeira das Quatro Verdades Nobres daquela doutrina.

Assim, minha terceira lição foi a seguinte: *minimizar o desejo*, pois ele tende a nos afastar daquilo que deveria ser a nossa vivência, deslocando a atenção para tudo que está ausente. Quando fui capaz de me libertar da necessidade de ter a mãe ou uma mulher por perto, pude retornar com alegria ao fluxo anterior de imagens e *insights*.

Refletindo sobre a necessidade da criança de ter consigo a mãe, passei a pensar na minha em particular, que estava para morrer aos 80 anos. E, cogitando sobre sua morte, lembrei-me que nas últimas semanas havia pensado muito na minha própria morte, o que intensificou em mim o sentimento de que havia um laço de mortalidade entre nós. Isto me fez dizer para minha parceira: “Venho fazendo muitas considerações a respeito da morte!” Mas, como ela quis logo saber a razão, respondi: “Não que eu tenha escolhido ficar ruminando sobre a morte, já que ela é mesmo irremediável e o que fiz foi apenas perceber este fato. O que mais me agrada e conforta agora é pensar que um dia vou morrer ou que já estou morrendo!” Não satisfeita, ela insistiu em saber por que eu gostava de ficar cogitando sobre isso; minha resposta: “Porque acaba abrindo a minha consciência.”

A percepção de tal ensinamento era semelhante ao que eu havia aprendido quando fiz minhas conjeturas em torno da experiência que viria: caso eu me esquivasse de certos pensamentos, ou daquelas visões que dizem respeito à morte, à decadência e à destruição, haveria uma tendência óbvia para que tudo isso permanecesse no campo da minha consciência. Por outro lado, se eu não me omitisse frente a estes pensamentos e imagens chamados com muita frequência de “negativos”, eu me poria em condições de aceitar igualmente a vida e a

morte. Mesmo porque a morte é um dos aspectos normais e naturais da vida, não sendo, portanto, o oposto desta. Eis porque a Grande Deusa, em quaisquer de suas formas, tanto dá a vida por meio do nascimento como a tira através da morte.

Depois deste momento da experiência, e a partir dela, nunca mais me vi enredado em sentimentos ou desejos de morte, assim como não fui mais tomado pela sensação de que morreria cedo. Pelo contrário, na parte final desta viagem deparei-me com a visão de uma menina de seis ou sete anos, cujo conhecimento pessoal era muito antigo, e que viria a ser nossa filha. E esta foi realmente uma visão profética, pois no ano seguinte ela nasceu. Fiquei bastante contente ao comprovar que não só o tempo como também minha morte e o nascimento de minha filha encontravam-se acima de mim.

Poder optar por aceitar com tranqüilidade minha falta de escolha, fez com que eu sentisse, maravilhado, a intensa, profunda e verdadeira paz, além de ter visto brotar um amor crescente pela minha esposa, pela filha que viria, pela Deusa Tríplice, e pelo meu eu interior.

Na busca ativa e retrospectiva das minhas experiências com a ayahuasca, não me farto em constatar que elas representam algumas iniciações nas antigas linhagens e práticas de cura e de visões. E o mais importante é que estas visões curativas e as práticas interligadas a elas me foram dadas, ensinadas e demonstradas pelos espíritos das plantas e dos animais, portanto, pela essência da própria Terra. Enfim, esta espécie de experiência deixou em mim o crescente e duradouro sentimento de profunda gratidão, além de uma reverência sincera pela magnífica e misteriosa beleza da vida.

Estamos Experimentando o Maravilhoso Fenômeno da Re-criação

Cristina Santos

Nesta narrativa, uma escritora e terapeuta de shiatsu, de 29 anos de idade, faz uma reflexão sobre suas experiências de adolescência com as drogas psicoativas, e ainda sobre suas vivências tardias em torno da meditação iluminadora do budismo, comparando-as com a profunda união com as árvores e com a manifestação intensa de força vital vivenciadas por ela através da ayahuasca.

MEU TRABALHO COM ENTEÓGENOS começou quando eu estava com 15 anos de idade. Eu, meu irmão mais velho, e Will, nosso melhor amigo, tínhamos o hábito de tomar LSD para depois sairmos a passeio no bosque que ficava atrás da nossa casa num subúrbio de Connecticut. A caminhada terminava ao chegarmos ao nosso cantinho favorito: uma clareira aconchegante cravada no meio da mata, que possuía um delicioso laguinho. A melhor época para tais aventuras era o verão, quando podíamos pernoitar, vestidos com roupas leves e estirados confortavelmente na relva. Nossas viagens eram cercadas de aromas e abrigadas pelas estrelas que nos serviam de guias. Depois que saí do ginásio continuei minha exploração em companhia da maconha, do PCP (pó de anjo) e do ópio, além de nesta época ter iniciado um namoro com o MDMA (Ecstasy), que durou até os anos da universidade.

Minha universidade ficava em Minnesota, e lá acrescentei a mescalina e a psilocibina à minha crescente lista de companheiros de viagem. Nas férias de verão do meu primeiro ano, Will me chamou a atenção para um curso de meditação budista que ele havia feito em Shelburne Falls, Massachusetts. Ele me convenceu a fazer o curso: "Pode acreditar que vai ser uma viagem incrível! A fragmentação do seu corpo em minúsculas partículas subatômicas será a melhor coisa que você vai sentir!" Obviamente, para quem já estava apaixonada pelos enteógenos, a promessa de tal meditação era um convite para lá de sedutor.

Telefonei, então, para o Centro de Meditação Vipassana, e reservei minha vaga no curso de dez dias que viria a seguir. Depois desse período de completo silêncio e de meditação ao longo de 12 horas por

dia, descobri que o curso não era apenas de uma viagem. Porque me foi extremamente doloroso ter de ficar sentada para meditar por períodos seguidos de uma a duas horas, fazendo com que minha agitação mental chegasse ao limite. Por ter me sentido um fiasco como budista, e a despeito de ter prometido a mim mesma que concluiria aqueles dez dias, jurei que nunca mais passaria de novo por uma meditação.

No último dia do curso, no ápice de minha angústia, revelei meu sentimento para Paul, meu instrutor (psiquiatra e mestre experimentado de Vipassana). Seu jeito tranqüilo me deixou inteiramente relaxada, e assim ele me convenceu a meditar juntos por algum tempo. Coloquei-me frente a ele na posição de lótus, e passei à técnica de explorar sensivelmente meu corpo, da cabeça aos pés. Passados alguns instantes, percebi uma sólida energia azul a se movimentar na minha cabeça. Ela atingiu minha garganta, provocando uma sensação de estalo semelhante ao desarmar de uma garrafa de champanhe, que me fez chorar descontroladamente. Deixei a sala, onde umas cem pessoas meditavam em silêncio, e fui para o lado de fora da casa, e ali acolheu-me a brisa morna do pôr-do-sol de Berkshires.

Eu estava tomada por algo que hoje consigo identificar como um tremendo pesar, ou melhor, uma profunda e extática conexão com o sofrimento deste planeta; embora, tenha sido gratificante e poderosa a satisfação de matar minha fome de algo do qual até então eu não estava consciente. Os budistas chamam a isso de *dukkha*, ou seja, a experimentação direta do sofrimento universal, e este é o primeiro passo no caminho da iluminação.

Apesar de ter jurado nunca mais meditar, embarquei em uma prática de meditação que já vem durando mais de uma década com longas horas diárias de dedicação, além de todo ano me inscrever em cursos de dez dias. Desde então, a técnica da vipassana, isto é, o próprio *dharma*, tem sido um grande mestre nestes meus 29 anos de vida. Aos 20, abandonei todas as drogas, primeiramente pela minha intenção de explorar a Vipassana de acordo com os seus mais puros preceitos, que excluem os agentes intoxicantes, e, depois, porque o tempo me fez sentir que eu não precisava dos enteógenos para investigar ou expandir a consciência. Contudo, no último inverno, depois de mais de uma década na prática pura do *dharma*, e seis meses antes do meu trigésimo aniversário, as plantas mestres surgiram inesperadamente no caminho do meu autoconhecimento.

Eu e um amigo chegamos em Coba no final de uma tarde, ambos exaustos devido a uma viagem através do Iucatã. Burt, este meu amigo químico, perguntou-me se eu queria experimentar a *pharmahuasca* [uma combinação de duas drogas sintéticas, similar à beberagem da ayahuasca – Ed.] que ele havia preparado no seu laboratório. Explicou-me que a viagem duraria umas três horas, e que só então poderíamos nos alimentar e dormir. Aceitei a proposta, ingerimos com água a cápsula que continha a *pharmahuasca* (150 mg de harmina + 100 mg de DMT pura), e nos pusemos à vontade naquele quarto confortável de hotel à espera do início da viagem.

Como já era previsto, levou uma hora para que tal acontecesse. E tudo começou de forma adorável, logo surgiram algumas cores líquidas que se misturavam, suspiros profundos e extasiados que indicavam a perda do soma, e ainda uma forte sensação de que havia sido removido o teto da minha psique, abrindo assim um espaço infinito sobre minha cabeça. Esta experiência, porém, não me agradava de todo, pois sua ação era a de uma droga de laboratório. Eu me sentia intoxicada, ao invés de me sentir iluminada, e me via inebriada, em vez de estar conectada, e também fiquei tão entediada que comeci a contar os minutos para que as três horas passassem depressa. Sugerí que fôssemos para o lado de fora, achando que perto do lago, e a céu aberto, talvez eu pudesse vivenciar a comunhão que havia planejado quando resolvi ingerir a *pharmahuasca*.

Andamos até o final de um *pier* que se estendia ao longo das águas do lago, e ali nos acomodamos em silêncio, abrigados pelo brilhante minueto das estrelas no céu. No instante em que as três horas já quase chegavam ao fim, sem que tivesse havido qualquer sinal de comunhão, falei para meu amigo: “Acredito que você já saiba da enorme diferença entre tomar esta droga química e ingerir o material da planta que lhe serve de base!” Havia nesta afirmativa uma convicção que vinha de algum lugar que eu não conseguia identificar, mas eu não deixava de estar certa. O meu leal amigo cientista emitiu um resignado “hum, hum”, demonstrando assim que já tinha ouvido os inumeráveis argumentos dos organófilos em favor das substâncias naturais, e não nutria qualquer intenção de defender sua criação. Depois, me dei conta de uma árvore iluminada pela luz de um poste na entrada do hotel, que também estava situada à beira do lago, e isto me fez expressar a intenção de ir até lá para mirá-la. Nossa viagem já tinha mesmo ter-

minado, e retornamos ao ponto de partida, caminhando pelo *pier* de baixo do céu índigo do Iucatã, para visitar aquele majestoso vegetal.

Aproximei-me daquela árvore da mesma forma que me aproximaria do meu amado, ou seja, em um clima de enorme intimidade. Dispus delicadamente minha mão sobre seu tronco, pois eu queria acariciá-la com todo meu afeto, de tal maneira que as linhas dos meus dedos pudessem explorar cada um dos nós de sua superfície, depositando meu carinho em cada casquinha do seu corpo. Por fim, as graciosas curvas convidaram-me a escalar seu tronco; uma vez aí, apoiei meu peso sobre seus galhos bifurcados, colocando os braços ao redor de um enorme galho, com isso as batidas do meu coração começaram a reverberar na sólida estrutura daquela árvore. De repente, comecei a chorar, deixando extravasar o mesmo pesar, ou melhor, a mesma *dukkha* pela qual passara, uma década antes, naquela sala de meditação. Meu peito sacudiu em espasmos e as lágrimas rolaram pela minha face, como se as múltiplas formas do sofrimento do planeta estivessem vertendo sobre mim.

Meu profundo pesar dirigia-se a todo aquele que vive a vida sem jamais experimentar a verdadeira paz da mente e do coração. Assim fiquei até que este sentimento diminuiu de intensidade, fazendo com que eu percebesse que meus dedos encontravam-se sobre o nó de um galho que possuía a forma de uma vulva. E, para a minha surpresa, aquele galho estendia-se até o limite de uma forma ovular, dando a impressão de ser uma mulher de cabeça para baixo, tendo as pernas ligeiramente abertas e os pés esticados para o céu. Comecei outra vez a chorar, agora com um sofrimento muito particular, isto é, o de uma mulher que havia sido estuprada.

Nos quatro anos anteriores, eu tinha trabalhado com sobreviventes de abusos sexuais na minha prática privada do shiatsu. O que a árvore me dizia tinha a ver com o meu trabalho, e concluí que a partir dali não deveria mais fazer um simples acompanhamento do sofrimento das mulheres, — minha função mais importante teria de ser a de ajudá-las a se tornarem capazes de celebrar e criar. A própria árvore parecia querer ilustrar esta evidência, pois logo retirou-me do sofrimento, fazendo com que eu deslizasse a mão suavemente por aquela pequena vulva, de maneira a deslocar a atenção para outro galho. E o sentimento que este novo galho transmitia era o de espontaneidade e criatividade, ou seja, de muita alegria! Todas as imagens que vieram à minha mente estavam relacionadas com a poesia, a dança, a escultura, e o riso.

Esta nova experiência, porém, que também dizia respeito à *dukkha* não me era familiar, por isso, eu insistia em retornar ao pesar intenso e profundo já conhecido por mim. Contudo, paciente e persistentemente, a árvore voltava a redirecionar meu foco de atenção para a alegria do outro galho que expressava o mundo da criação e da renovação. Sua mensagem era bem clara: você já conhece a ladainha lamuriante de cor e salteado, agora é o momento de ensinar a si mesma uma nova canção!

Fui desenvolvendo minhas forças para mergulhar no ritmo da alegria, mesmo porque eu já estava maravilhada com aquela árvore, por ela ser capaz de um ato tão criativo. Passei a examinar os intrincados padrões de enroscamento do seu córtex, e a sentir a aspereza das pregas em torno da sua estrutura lisa. Fiquei admirada diante da estupenda ascensão sensual dos seus galhos, que se esticavam para o alto como se quisessem abraçar o espaço infinito. E, então, aproximei os lábios da casca áspera do seu tronco, para lhe sussurrar: “Olha só a forma que você mesma se deu! Menina, você é absolutamente linda!” Neste instante, a lição de criatividade tornou-se mais clara ainda. Cada um de nós se desenha a si próprio a partir de uma energia imensamente pura, e por isso existem tantos olhos maravilhosos, um sem fim de mãos educadas, e este planeta verdejante que respira através dos seus pulmões também verdes. Entretanto, sobre-sob-dentro-e-fora de tudo isso algum ato irresistível de criatividade quis que existíssemos, e todos nós passamos a vivenciar o divino e maravilhoso fenômeno da re-criação. Enfim, a vida é por si mesma uma obra de arte indescritivelmente magistral que está sempre a estimular as raízes desta florida e humana criatura.

Meu amigo e eu retornamos ao quarto de hotel; ele, para dormir um pouco, e eu para viajar com o espírito da ayahuasca por mais oito horas. Assim, comecei a vivenciar os movimentos do planeta à medida que passei a sincronizar o ato de inspirar e expirar com o fluxo da teia de Gaia. Desci até um recanto de argila vermelha, situado no centro da terra e abaixo do meu umbigo, onde a Mãe Terra falou comigo. Ela acariciou a ruga de preocupação das minhas sobrancelhas e repetiu a mesma mensagem que eu havia sussurrado para a árvore: “Olha só a forma que você se deu! Menina, você é absolutamente linda! Veja só como você já se tornou paciente, gentil e adorável aos 29 anos de idade!” Lembrou-me ainda o quanto eu havia amado, o quanto fora leal e, o mais importante, o quanto eu havia mantido minha identidade, apesar das vicissitudes de minha vida. Esta mensagem penetrou-

me tão profundamente que não tive outra coisa a fazer senão aceitar seu amor incondicional na posição de um quase absoluto relaxamento, e de tal maneira que pude me sentir segura e completamente feliz pela primeira vez na vida. Aproximei os lábios na direção do meu amigo adormecido, o bastante para roçar sua doce face, para sussurrar: "Muito obrigada por trazer de volta a minha magia!"

Hoje, passado o verão da minha experiência com a ayahuasca, sigo interpretando e entendendo mais ainda a lição que me foi dada naquelas oito horas intensamente envolventes. Acredito que tal ensinamento tenha chegado à minha vida para que eu refletisse sobre todo o trabalho anterior que já havia realizado no fundo da minha alma, sobretudo as assíduas tentativas, que fiz e ainda faço a cada instante, para ver a beleza onde ninguém consegue enxergá-la. Estou certa de que a planta conseguiu me falar com clareza e amor porque passei os últimos dez anos cultivando estas qualidades na minha prática de meditação. E mesmo que minhas primeiras experiências com as drogas tenham se apoiado exclusivamente no "barato da viagem", depois que adquiri disciplina e paciência através de um trabalho constante e diário com a meditação, o espírito da ayahuasca passou a responder ao meu chamado com a voz da maturidade. Mas, acima de tudo, creio que esta voz veio a mim para que eu não esquecesse do veículo que serviu à minha magia, ou seja, os enteógenos, e mais ainda para me estimular a investigar a relação de sinergia entre minha magia, meu processo meditativo baseado no caminho do *dharma* e meu trabalho de cura.

Depois de ter Vivido Recentemente a Experiência da Minha Morte, Pude Vislumbrar o Milagre de Estar Vivo

Stefan C.

Um médico na faixa dos 30 anos, já tendo passado por uma moderada experiência com os psicodélicos, narra aqui sua iniciação com a ayahuasca, afirmando que ela lhe deu, pela primeira vez, a vivência do verdadeiro significado da medicina. Depois de ter encontrado o terror pessoal e as visões do horror político, este médico pôde reaprender a orar. Após ter ingerido a ayahuasca na floresta amazônica, ele se viu maravilhado diante da complexidade e preciosidade da vida.

A EXPERIÊNCIA MAIS EXTRAORDINÁRIA de toda minha vida surgiu quando ingeri a ayahuasca pela primeira vez. Ela me pôs em contato com algo bastante especial e profundo no meu interior, permitindo-me o acesso à identidade interna, normalmente obscurecida pelo ego e pelo comportamento. Depois desta experiência, nunca mais perdi a capacidade de entrar naquele estado mental sereno e centralizado, até mesmo em meio à correria cotidiana.

Antes de tomar a bebida, minhas expectativas gravitavam em torno de uma possível cura profunda e de um rejuvenescimento espiritual, junto ao medo de ficar, de algum modo, louco. E, de certa forma, parece mesmo que ambas as expectativas se realizaram.

Lembro-me que, uma hora antes de iniciarmos, passei por momentos de grande ansiedade e excitação, de tal maneira que o círculo, onde eu deveria ficar sentado, assumiu enorme importância. Perguntando-me com insistência o que é que estava fazendo ali, não havia como voltar atrás. Por fim, senti um grande alívio quando estávamos prontos para começar.

Enquanto aguardava que a bebida me chegasse às mãos, ainda podia sentir o conflito interior, porque eu estaria embarcando numa viagem que me levaria a regiões desconhecidas e profundas de mim mesmo. No entanto, tão logo chegou minha vez de ingerir a bebida, constatei com surpresa que não havia qualquer hesitação de minha parte, além de sentir uma sensação de alívio e forte onda de confiança ao perceber que o medo já não estava presente.

Nos primeiros estágios da experiência, meu relaxamento fez com que eu me entregasse a deliciosas imagens e pensamentos oníricos. Meu conteúdo mental, em relação a quase tudo, permanecia no aqui e agora, seguramente ancorado na identidade familiar do meu ego. Às vezes, as imagens se erotizavam, sem que houvesse em mim qualquer traço da culpa que me era tão habitual. Em outros momentos, estas mesmas imagens ganhavam uma tonalidade humorística, tingida pela compaixão. Cheguei a pensar que tudo não passaria de uma daquelas viagens amenas e fáceis de MDMA. Bastou que o guia anunciasse que já tinham transcorrido mais ou menos 45 minutos, e que todo aquele que estivesse sentindo que “não havia ainda chegado lá” podia tomar um pouco mais, para que meu braço se erguesse rápido, o que era surpreendente em alguém que, pouco antes, estava preocupado com uma “overdose”.

Após ter tomado a dose extra, senti que alguma coisa se modificaria. De início, experimentei uma espécie de desconforto físico, gastrointestinal, seguido de inquietação generalizada. Depois, fui tomado pela sensação de confusão e de uma estranha separação. À medida que eu ficava cada vez mais preocupado com esta dissociação crescente e rápida, crescia, também, a ansiedade e o medo. E isto piorou quando me lembrei de uma experiência aterrorizante com o cogumelo, há poucos meses, a tal ponto que, neste instante, lutei desesperadamente para manter alguma forma de controle.

Tentando me concentrar na respiração, procurei me assegurar que o medo logo iria embora, tal como passam todas as coisas. Mas, de repente, tive a sensação de que meu ego, ou seja, a minha identidade usual, estava mesmo se fragmentando. Passei a elaborar uma espécie de acumulação pulsante de tudo aquilo que sempre esteve agregado ao meu ego, de tal maneira que fui ficando cada vez mais pesado. Sentindo que o peso de todos os meus apegos tornava-se insuportável, decidi que aquela era uma boa hora para jogá-los fora. Sentei-me, segurei a vasilha, e, após algumas tentativas, comecei a vomitar. À medida que vomitava, eu não parava de mentalizar que estava me livrando de todas as cargas que tinham sido anexadas ao meu ego, aquelas mesmas que me tornavam pesado e me mantinham preso. Eu não sabia se poderia chamar este fenômeno de alucinação, mas continuei imaginando que o fluxo purgativo do meu vômito se transformara numa cascata de pingos cintilantes. Tão logo parei de vomitar, abaixei-me de modo

confortável, e só aí me senti inteiramente aliviado. Entretanto, vomitei com muito medo e grande angústia, e isso me fez passar pelo aspecto mais terrífico de toda a experiência.

Tudo continuou bastante intenso e por vezes assustador. Lembro-me de que comecei a pensar em algo que Herman Hesse havia dito no seu livro *O Lobo da Estepe*, segundo o qual o Teatro Mágico “não era para qualquer um”. Mas a mensagem mais insinuante era a de que eu precisava me livrar de todos os meus apegos; só assim seria capaz de renunciar a todo o amontoado que eu identificava como o meu ego. Para minha surpresa, liberei-me com muita facilidade de algumas dessas coisas, inclusive do meu invólucro de médico. Quanto aos outros apegos, tive muita dificuldade em deixá-los partir. Devo reconhecer que travei uma luta muito particular e dolorosa para abandonar o estatuto de “bom rapaz judeu”. Não sei porquê, mas por alguma razão isto me foi incrivelmente difícil.

Recordo-me, também, de ter permitido que minha própria vida se esvaísse completamente; porque, com muito pesar, passei a conceitualizar que todos os apegos com os quais me identificava eram fenômenos transitórios, que deveriam ter um fim. Imaginei minha morte com seus aspectos horrorosos, inclusive o apodrecimento e a decadência do corpo. Vi minha caveira a se esfacelar em pó. No entanto, por mais estranho que pareça, ao invés do terror esperado, esta imagem inundou-me de uma sensação de profunda admiração.

Hoje, tenho dificuldades para relembrar a sequência precisa dos eventos, embora certas memórias se sobressaíam. Lembro-me de ter sido assolado pela imagética da BPM II [associada com a segunda fase opressiva do processo de parto no modelo de Grof – Ed.], e de ter estado entre os prisioneiros aterrorizados dos campos de concentração, esperando a hora da execução. Imaginei também pilhas e pilhas de corpos de cidadãos sul-americanos que agonizavam em valas, após terem sido presumivelmente executados por soldados de governos tirânicos. Este conjunto de imagens colocou-me diante de todo o sofrimento pelo qual tem passado a humanidade. Não é de espantar então que eu tivesse sentido uma tremenda tristeza e uma raiva imensa por tantas dores causadas por outros homens. Para minha surpresa, também senti uma certa compaixão pelos executores, em parte porque, de alguma forma desconcertante, eu os entendi muito bem.

Sempre tive como regra não rezar; porém, perplexo frente à natureza desta sessão, minhas regras habituais não surtiram efeito, e orei e orei desesperadamente. Rezei por mim mesmo, por todos aqueles que estavam no círculo, pela minha família, e pela humanidade; e continuei rezando e rezando, tanto pela extinção do sofrimento como pela cura de todos. Mas procurei também seguir a música que todos cantavam no círculo, tentando expressar minha oração de maneira sincera e profunda, e com este canto não só me veio um grande alívio como também uma prodigiosa sensação de calma. E, depois de ter vivido tão recentemente minha morte, pude vislumbrar o milagre de estar vivo, quer dizer, realmente vivo e em contato com tudo.

Quando o guia pediu a reformulação do círculo e a passagem do bastão que fala, eu não fazia a menor idéia do que viria a ocorrer comigo. Tão logo dei um simples toque no bastão, fui invadido por uma indescritível sensação de paz. Embora sempre tenha tido como regra jamais cantar, pois desde criança não conseguia sustentar um só tom, me pus a cantar e a cantar. Cantei minha oração em homenagem ao espírito da ayahuasca que curaria a todos nós. E, à medida que cantava, sentia que havia encontrado minha voz verdadeira; cheguei a achar que a tinha perdido há muito tempo, ou sido forçado a pôr de lado, esta voz que agora emergia de mim. Inundava-me uma grande alegria e muita paz por ter sido capaz de acioná-la novamente.

Ainda me sinto admirado por ter vivido uma experiência tão positiva e profunda, apesar do terror e do sentimento de dissolução do meu eu pelos quais passei nos seus estágios iniciais. Sinto-me, também, agradecido pela oportunidade de beber a ayahuasca; Aos meus olhos, existe uma inesgotável capacidade de cura na essência desta beberagem. E a revelação de que uma tal medicina é possível serviu-me de inspiração. Ainda me lembro das muitas indagações: uma tal medicina poderá mesmo ser aplicada? Deverá ser discutida abertamente ou mantida em segredo? No contexto atual do nosso mundo, que se encaminha vertiginosamente para a autodestruição, como poderemos usar esta medicina, não só para a saúde mas também para a mudança? Não me parece ser obra do acaso que a floresta amazônica esteja quase entrando na sua fase definitiva de extinção. Afinal, o que poderá ser feito contra isso?

Porque sou médico, uso e prescrevo medicamentos. No entanto, até experimentar a ayahuasca, jamais me dei conta do que poderia ser

uma medicina verdadeira. Sinto-me constrangido por não poder compartilhar os segredos e a força desta medicina com aqueles que me procuram em busca de ajuda para o sofrimento; ainda tenho esperanças de que no futuro seja implementada uma estratégia para facilitar tal intervenção. E, se nossa sociedade se mostrar incapaz de incorporar esta mudança, creio que o mundo se tornará um lugar muito triste para se viver.

Repito: ainda estou admirado pela beleza e pelo poder da experiência com a ayahuasca. Embora eu ainda seja a mesma pessoa de antes daquela sessão, não tenho a menor dúvida de que muitas mudanças se efeturaram em mim. Além de extrair daquela experiência uma calma permanente e também a capacidade de me conectar com o que possa existir de mais precioso, ganhei a convicção de que ainda resta uma enorme esperança, tanto para mim como para o mundo.

Cinco anos depois da primeira experiência, tomei a ayahuasca no cenário da floresta amazônica. Longe de tudo e de todos, acampamos numa deliciosa clareira perto de um rio. A noite chegou e fomos envolvidos pelos sons da floresta. No curso desta sessão, tive o privilégio de receber uma revelação, segundo a qual não era por acidente ou capricho do destino que justamente nós – os representantes contemporâneos e sofisticados de um mundo cultural bastante distanciado das tradições dos povos nativos e do uso das plantas alucinógenas – tivéssemos um encontro marcado com a ayahuasca naquele momento particular da História. Por isso, pude ouvir, ou ver, ou intuir, que os espíritos da Terra estavam se comunicando conosco através destas plantas extraordinárias.

De acordo com a idéia dominante desta mensagem, Gaia, ou seja, toda a natureza circundante onde se insere esse tipo de planta, não conseguirá manter por muito tempo a saúde e a abundância de sua vitalidade por causa da crescente destruição ambiental perpetrada por uma cultura que, além de mundana, é dominada pela ganância e pela agressão. A essência desta comunicação inspirada da ayahuasca apontava para a necessidade urgente de uma tomada de consciência, antes que seja tarde demais, e também de uma mobilização de forças que empreenda uma luta para prevenir a aniquilação da natureza e a consequente obliteração das fontes naturais que nutrem a vida.

Era noite alta quando saímos pela floresta iluminada sob os raios da lua; de repente, nos deparamos com uma árvore onde havia uma

determinada folha que nos pareceu estar em perpétuo movimento. Nenhuma brisa soprava e nenhuma outra folha e nenhum outro galho daquela árvore se moviam, a não ser esta folha que, sem qualquer causa evidente, seguiu girando e girando continuamente pelo resto da noite. Embora o que vou dizer não faça qualquer sentido para a mente reducionista e racional, nos vimos obrigados a admitir que a natureza estava conversando conosco, sobretudo através daquela folha. Sim, é isto mesmo, a natureza estava e nunca deixou de estar viva!

Mais tarde, viajamos de canoa ao longo do rio, atravessando regiões inóspitas e remotas, até chegarmos a uma pequena ilha. No grupo, estavam seis pessoas, incluindo o guia. Tendo o sol se pondo atrás de nós, ficamos olhando o rio e ouvindo uma fita com cantigas da ayahuasca, cantadas pelos índios Kulina. Depois de mais ou menos uma hora de experiência, quando as visões eram mais sutis e uma beleza inenarrável já tomava conta de todos nós, a canção interrompeu-se abruptamente e o gravador desligou. Fez-se silêncio profundo, enquanto seguíamos olhando o rio até que, aos poucos, aquele céu resplandecente do pôr-de-sol tornou-se escuro. Sentado na estreita margem de areia do rio, virei vagarosamente a cabeça para o lado esquerdo e vi, a uma certa distância de nós, que estávamos mais ou menos próximos uns dos outros, o meu amigo J. E. Neste instante introduziu-se uma sétima e nova presença: um urubu que pousou na areia para olhar tranqüilamente o rio. Meus olhos fixos nesta aparição deviam transparecer uma dúvida bem visível quanto à veracidade de sua natureza corporal, quando este meu amigo virou-se na minha direção, percebendo minha atenção diretamente voltada para seu lado esquerdo. E com isso ele virou rapidamente a cabeça, de maneira a se alinhar com meu olhar, para depois de novo girá-la lentamente até cravar em mim os olhos abertos com uma expressão de espanto.

Ao terminar a sessão, com a noite também no seu fim, meu amigo tomou a iniciativa e me falou sobre aquilo que havíamos visto. Sem sua confirmação, eu ainda estaria pensando que tudo não passara de uma alucinação, porque, na hora, achei que seria alguma coisa que surgira das profundezas do inconsciente primordial. J. também vira o mesmo urubu naquele instante em que estava sentado a uma certa distância, à esquerda do grupo. Tratava-se, então, de um pássaro que se juntara a nós em comunhão com os espíritos da ayahuasca, o cipó da morte.

Depois da primeira experiência com esta beberagem, participei de um grande número de sessões, tanto na América do Sul como na do Norte e na Europa. E em cenários que variaram das bem estruturadas igrejas sul-americanas aos grupos norte-americanos contemporâneos que se valem dos modelos xamanísticos, até às pequenas reuniões mais livres com amigos íntimos. Todos os meus encontros pessoais com as visões estonteantes da ayahuasca servem de ajuda para que eu possa solucionar meu profundo desespero niilista. Viajo a outras dimensões através de visões extraordinariamente belas e complexas, acumulando assim, uma grande quantidade de conhecimentos e informações, que saem do âmago da experiência e são observadas em mim por mim mesmo. Eu não estaria exagerando se afirmasse que sou periodicamente arremessado a uma dimensão do ser que se encontra além de mim mesmo e mais próxima do verdadeiro *Self*. O que significa estar face a face com este imenso poder transcendental, entregando-me a um abraço extasiante e afirmativo de vida, que me tem provido um aprendizado extraordinariamente profundo e intenso.

A ayahuasca cumpre o papel daquele mestre que é capaz de guiar, revelar e tornar manifesta a antiga sabedoria que sempre esteve guardada no recôndito de nossa alma. Em essência, esta planta contém um fundamento moral que orienta e direciona a todos para o caminho da simplicidade e da verdade. Através da aprendizagem com a maestria desta beberagem, me dei conta de que nem sempre posso ter o que espero ou o que quero, — o fundamental é que eu possa vivenciar aquilo de que necessito realmente. Enfim, quer este trabalho com a ayahuasca tenha sido doloroso ou não para mim, ele jamais deixou de ser uma bênção com um enorme poder de cura e de iluminação, facilitando todas as mudanças necessárias, até mesmo depois que os efeitos dos seus componentes químicos passavam.

Kate S.

Uma artista de 40 e poucos anos narra aqui sua experiência com a ayahuasca na qual se viu diante do círculo irremediável do sexo e da morte ("foder e morrer"), onde não só os humanos como todas as outras formas de vida conhecidas por nós encontram-se envolvidos. No entanto, depois de trabalhar sua resistência inicial a esta força primitiva de aparência irremediável, ela conseguiu a visão libertadora de uma luz que emergiu da morte da forma.

INICIEI A EXPERIÊNCIA NA MANHÃ de sábado. Depois de ingerir cerca de ¼ de xícara, fiquei confortavelmente num determinado lugar e comecei a ouvir música. Bebi o chá com dificuldade, pois senti imediatamente muitas náuseas, e fiz grande esforço para mantê-lo no estômago o máximo possível. E consegui por uns 20 minutos, até que me senti alucinadamente pesada. Diante do meu embaraço, o assistente ajudou-me a levantar para que eu fosse ao banheiro; lá chegando, um incrível mal-estar tomou todo meu corpo e passei a vomitar. Depois disso fiquei mais aliviada e retornei para o mesmo lugar de antes, pondo-me de novo na posição original.

A música que eu ouvia era indiana, e teve grande influência nas minhas alucinações, pois logo as imagens começaram a jorrar de minha mente. Vi muitas estátuas que pareciam feitas de uma espécie de arenito alaranjado. De tamanho relativamente grande, mediam cerca de um 1.80m a 2.00m. Muitas destas estátuas possuíam rostos e corpos, e se alinhavam de tal maneira que estavam interligadas. Mirei-as fixamente, e percebi que várias serpentes negras saíam dos seus orifícios, num contínuo movimento circular. Toda vez que eu fechava os olhos, para logo abri-los com rapidez, o movimento das serpentes me acompanhava, interrompendo e recomeçando numa fração de segundos. Em pouco tempo as formas originais das estátuas se mostraram mais ornamentadas e com uma estética que lembrava o estilo indiano. Tive a impressão de que este estilo artístico resultava da música, porque percebi a transformação de sua energia sonora nesta modalidade de arte.

Pensei, então, que o aparecimento das formas étnicas e culturais de arte se deve à energia planetária dos seus lugares de origem. E me convenci ainda mais que a música e as artes plásticas estão

intrincadamente interligadas, como reflexo daquela energia. As estátuas se separaram e ficaram inteiramente cobertas de jóias que brilhavam com grande intensidade, sobretudo os pequenos cristais azuis e vermelhos. Quanto às serpentes, continuavam presentes, agora muito mais ornamentadas, ostentando sobre a pele maravilhosos formatos de diamantes. Depois elas puseram graciosamente suas línguas para fora, e talvez por isso fixei minha atenção no contorno sofisticado dos seus corpos e no ar sedutor com que me convidavam para me aproximar de sua esfera magicamente energizada. Pedi ao meu acompanhante que interrompesse a música, e houve uma mudança súbita na aparência dos objetos.

As estátuas se transformaram em figuras vivas de seres humanos e de animais, mas ainda mantinham, de certa forma, a aparência de estátuas. De repente, despertou-me a atenção uma densa folhagem em torno destas figuras, ostentando um verde intenso e um movimento vertiginoso de vida. E estas mesmas figuras se envolveram numa gigantesca orgia sexual. Minha voz interior dizia: "Isso tudo tem a ver com o ato de foder e morrer!" Depois assisti duas criaturas iguais aos humanos fazendo sexo, e atentei para o ritmo daquele ato sexual, até que subitamente havia centenas de entidades fodendo.

Aquela forma de sexualidade não estava agregada a nenhum tipo de paixão, não possuía vontade própria e era inteiramente baseada no instinto animal; isto é, aquela era a sexualidade de uma espécie pura de existência. Entendi, então, que o ato sexual é uma garantia da continuação das formas de vida deste planeta, e que, além disso, gera uma espécie muito particular de energia que se desprende das entidades nele envolvidas. Portanto, esta era a única proposta daquele tipo de ato sexual onde o prazer e o relacionamento pessoal não passavam de detalhes insignificantes; muito mais do que uma idéia, havia neste ato a mais sólida lei deste planeta, embora nele também houvesse uma atmosfera de violência ligada à necessidade inexorável de sua realização. Talvez por isso eu continuasse prisioneira das formas fodedoras de vida.

Ouvi, então, a frase: "Nós somos muito menos do que pensamos ser." E a partir daí fui assaltada pelo medo de que a luz espiritual, à qual todos aspiram chegar, não passasse de um ardil cujo objetivo é tornar importante nossa posição, que não teria qualquer importância no universo; por conseqüência, imaginei que todas as nossas reservas energéticas seriam colhidas por uma espécie imensa de poder, cuja necessidade maior estaria justamente voltada para as energias que geramos atra-

vés do nosso ato sexual e de nossas práticas de violência. Mas, o pior, foi me dar conta de que sempre estivemos desatentos a tudo isso.

Percebi também um enorme dorso de esqueleto a uma certa distância. Embora fosse semelhante ao busto de uma pessoa, era totalmente constituído de osso, não tinha nenhum pedaço de pele, e emanava uma luminescência azul pálido. Depois de me aproximar, passei a observá-lo até que o topo do seu crânio explodiu em milhares de pequenos fragmentos que emitiam luminosidade. Fiquei paralisada diante daquela beleza, sentindo uma intensa conexão espiritual com alguma coisa misteriosa, e me veio este pensamento: "Isso tudo tem realmente a ver com meu ponto de vista sobre que eu sou e do que todos nós somos!" Minhas alucinações diminuíram de intensidade, e logo despertei para a existência presente.

Dois anos depois, minhas reflexões foram as seguintes:

A impressão imediata da experiência não foi particularmente positiva. Sentia-me confusa sobre o significado e a relevância de muitas coisas que tinha visto. Por isso, distorci o reino do espírito, duvidando de sua autenticidade. Mais tarde, depois de um tempo de adaptação a esta mesma experiência, percebi que já carregava há muitos anos uma enorme desconfiança em relação ao Espírito. Minha suspeita de sua falsidade mascarava um velho tema, bastante familiar, e que teve origem na insegurança em relação à minha família e a Deus que não me protegeu da dor na infância.

Talvez por isso tive uma reação claustrofóbica com a idéia da possível existência de uma dimensão onde imperava o "foder e morrer", embora hoje eu já consiga entender que, num certo sentido, esta dimensão existe. É claro que, no fundo, eu não queria saber o significado do que vi no curso da minha experiência; tudo me foi muito difícil porque eu não queria estar no mundo somente para foder e morrer. Assim como não queria ser demasiadamente ignorante da realidade de minha própria existência, de maneira a estar aqui apenas para, como diria Gurdjieff, alimentar a lua. E se fiquei com a sensação de que me encontrava num lugar pouco atrativo, foi mero reflexo do meu estado interno naquela época. Mesmo assim, aquela experiência ocasionou transformações significativas na minha forma de captar o sentido da condição humana na Terra. Hoje, acredito piamente que não há ninguém que viva de modo tão inconsciente a ponto de se resumir

apenas a "foder e morrer", conforme vislumbrei nesta minha experiência. Enfim, embora "foder e morrer" também seja algo interessante, o fato é que eu desejo muito mais para minha vida.

Ultimamente, tenho pensado bastante sobre a existência humana, especialmente sobre o que é de fato o espírito e as razões que o levariam a escolher a forma humana para viver neste planeta. Concluí que a grande piada é que somos seres muito complicados, não sabemos quase nada a nosso respeito, embora nossa convicção nos diga que sabemos muito.

Em relação àquele crânio que explodiu, talvez tenha sido a parte mais interessante da experiência. Cheguei até a pintar um quadro desta cena! Ao olhá-lo naquele primeiro momento, fui capturada pela beleza dos seus fragmentos e por aquilo que me pareceu ser a emissão de uma autêntica energia azulada de cura. E se a explosão deste crânio me pegou de surpresa, trouxe-me alegria e uma intensa sensação de liberdade, porque vi nisso a ruptura dos limites da mente e da forma humana. A luz branca que emanou dele depois da explosão talvez seja semelhante àquela que as pessoas contemplam nas suas vivências espirituais. Tenho visto esta mesma luz à minha frente, e seu brilho está sempre passando através das pessoas. Por isso, acredito que esta luminosidade branca tenha o poder de tocar na verdadeira essência do *Self*, porque muitos a reconhecem desta maneira e para mim ela é a própria luz do Espírito.

Por fim, tenho pensado bastante nesta experiência, porque desde o primeiro instante ela me deu a impressão de que eu estava percorrendo a seara de uma das perguntas mais significativas que sempre insisti em fazer: qual é a natureza da nossa existência e para que finalidade ela se deu neste planeta? Em todo caso, termino lembrando o final deste episódio, quando o corpo tornou-se um amontoado de ossos, restando apenas a vida da luz.

Um ator e terapeuta corporal relata aqui, aos 40 e poucos anos de idade, sua primeira experiência com a ayahuasca. Nela, ele teve de maneira inesperada a visão de Sekhmet, antiga deusa egípcia de quem até então não tivera o menor conhecimento. E, junto com esta visão, vieram também algumas memórias detalhadas de uma vida anterior na qual havia sido um sacerdote desta deusa, de quem recebera muitos ensinamentos. Depois disso, ele ainda teve outras visões de divindades budistas tibetanas. A consequência desta conexão com o poder espiritual de cura de Sekhmet foi o aprofundamento e fortalecimento do seu trabalho terapêutico.

EU ESTAVA EM PLENO DESERTO do sul da Califórnia e sentia-me perfeitamente apto para a primeira sessão no Círculo, e para aquilo que seria minha iniciação na jornada da ayahuasca. O Círculo foi composto por um grupo de viajantes espirituais que tinha o hábito de utilizar as plantas alucinógenas de maneira sagrada, tendo como objetivo as visões e as experiências de cura. Minha intenção era a de buscar uma visão que pudesse energizar e equilibrar meu caminho espiritual, habilitando-me a andar em harmonia sobre a Terra, de modo que viesse a beneficiar todos meus relacionamentos. Além disso, eu também queria que o conhecimento já adquirido por mim se transmutasse em entendimento mais profundo.

Havia 12 pessoas no grupo, incluindo o guia e o acompanhante. Chegamos na pequena casa numa noite de sexta-feira e passamos todo o dia seguinte em pleno deserto, dedicados pura e simplesmente à busca da visão e de uma análise da vida agitada que levamos na cidade, e também desenvolvendo uma comunicação com a natureza, de forma a interligá-la a um arranjo equilibrado de nossas intenções. No final do dia, retornamos à casa e começamos a nos preparar para a jornada. O círculo ritualístico foi aberto com uma invocação das quatro direções e uma homenagem aos espíritos do lugar. O relógio marcava quase 19 horas quando recebi 90ml do preparado líquido da ayahuasca. O gosto não era desagradável e me lembrou o sabor do melado. A princípio, vivenciei a bebida apenas no plano somático, mas senti náuseas e uma leve sensação de desmaio; respirei fundo, seguindo as orientações do guia, e logo me vi livre deste inconveniente.

À medida que o tempo passava, eu tentava usar as mãos de maneira a canalizar a luz para meu corpo, especialmente para meus chakras. E deste modo, senti uma forte conexão com a terra, além de uma sensualidade similar à experiência com MDMA que eu tinha tido no mês anterior na companhia de um terapeuta. Até aí eu não fazia a menor idéia de como procurar a visão, embora o guia dissesse que seu aparecimento poderia se dar de uma forma não visual, pois ela surge muitas vezes através de uma combinação de pensamentos e determinados padrões da consciência. A primeira hora foi caracterizada pelo meu esforço em segurar a náusea, de forma a manter a ingestão dentro do meu organismo para que pudesse surtir efeito.

Por volta das 20h30 ingeri uma dose extra de 10ml, mas vomitei quase que imediatamente. Retornei ao meu lugar no Círculo, e passei a focar intensamente a atenção sobre meu cérebro. Mergulhei o mais fundo que pude no meu espaço interior, onde vivenciei a substância serpenteada da consciência na sua forma física, e experimentei as correntes elétricas que percorriam todo o cérebro na forma de pequeninas serpentes. Ao verificar a estreita proximidade física destas serpentes com o *ajna* (terceiro olho) e com o chakra da cabeça, pensei em como é curiosa esta justaposição entre a pura consciência e a substância serpenteada. Observei, também, que, apesar da proximidade destes dois opostos, eles não estão correlacionados.

Depois passei a ter alguns *flashes* visuais esporádicos, mas eles não se mantinham. Eu continuava não sabendo como chegar à minha visão, ou se teria realmente alguma. Tive, então, um vislumbre de algo que me pareceu ser um enorme pássaro, semelhante a uma águia, que voava alto no céu da minha consciência. De alguma forma misteriosa, eu sabia que seu nome era Garuda.

Passado algum tempo, o guia solicitou a primeira rodada daquilo que se entende como a sessão da fala. O fumo foi posto no cachimbo – uma mistura de maconha, datura, damiana, e uma certa quantidade de cogumelos secos da espécie *amanita* – e logo na primeira tragada senti que a ayahuasca tinha realmente batido. A maconha sempre foi uma excelente erva medicinal para mim, porque, quando aliada com outras ervas, coloca-me em contato com um certo grau de percepção xamanística. Só depois de fumar o cachimbo comecei a conhecer a verdadeira natureza da ayahuasca, assim como comecei a tomar consciência de um determinado Ser, pois o nome *Sekhmet* surgiu na minha mente como se alguém o tivesse sussurrado dentro de mim.

Eu tinha, apenas, uma pálida impressão de que ela pertencia ao gênero feminino e era egípcia. Embora a experiência tomasse vários rumos, a pergunta “quem é Sekhmet?” queimava meu cérebro. Vez por outra, esta questão ficava tão gritante dentro de mim que eu quase chegava a perguntar ao guia se ele sabia quem era ela, na esperança de obter uma resposta. Tive um pressentimento de que, tal como ela viera à minha mente, a solução também viria. Percebi que talvez ela fosse mesmo uma deusa sobre a qual eu havia lido algo dias antes. Havia um quadro com o nome de diversas divindades egípcias. Pude vê-la claramente na página, representada por um pequeno hieróglifo de uma mulher com a cabeça de um gato de postura ereta e que olhava lateralmente. Veio-me imediatamente seu nome, impresso na legenda debaixo desta representação: Sekhmet.

O nome me soava familiar. Ele recordava alguém que eu conhecera no passado e esquecera. Vi então a deusa sentada no seu trono, através de imagens esculpidas em pedras negras; minha mente ficou povoada de centenas delas. Senti, também, a presença de outra deusa: a certa distância a figura sombria de Kali, inclinada, como se estivesse num plano diferente. Não me aproximei dela.

Houve o retorno da plena presença de Sekhmet, iluminando totalmente meu campo de percepção. A deusa estava se revelando a mim em toda sua glória; vomitei mais uma vez. A purgação foi demorada, plena e purificadora. Quando retornei ao Círculo sintonizei novamente a visão da deusa. Não restara nada da minha tensão anterior, — eu já podia deixar que os detalhes permeassem minha consciência. Refleti um pouco mais sobre o processo que me levou a recuperar a capacidade visionária, e assim fiquei até que Sekhmet veio de novo a mim, deixando-me captar sua mensagem com toda clareza.

Ela estava num trono, em um templo parecido com uma caverna dentro de uma montanha do deserto. Uma luz dourada iluminava a caverna, como se o próprio sol estivesse atrás do seu trono: sua face era a de uma leoa transmitindo uma beleza irradiante, além de aconchego e bondade. Ao me aproximar dela, entrei em contato com seus guardiões e serviçais que me estimulavam a chegar junto a ela; quando alcancei o trono, a deusa já estava rodeada por todos eles. Cada coisa naquele templo impregnou-se da luz dourada, e assim me foi dito por via telepática que eu era um sacerdote de Sekhmet.

Depois disso, teve início um rito funerário de passagem, e comprovei que Sekhmet tinha um lugar de autoridade nos domínios da

morte e um destaque honroso no mundo subterrâneo. Concluí que esta deusa está sempre presente no momento da morte. Invadiu-me o pressentimento de que eu estaria prestes a morrer, embora estivesse em dúvida se esta morte se daria apenas no plano ritualístico ou de maneira real e definitiva. Mas tudo clareou quando recebi o sinal verde para passar por esta experiência de forma ritualística.

Tornei-me Osiris na tumba com Sekhmet ao redor; ela trouxera a presença da Morte. Apesar desta deusa ser vista apenas como uma ajudante da Morte, sua função ia muito mais além. A Morte comportava-se na presença de Sekhmet como se esta fosse sua regente, ou talvez até sua amante. Enfim, estando eu deitado no caixão, deu-se o início de minha experiência com a morte. Enquanto meu ego morria, minha mente se tornava vazia a ponto de já não mais haver nela nenhum pensamento, restando apenas minha consciência. Logo em seguida, meu corpo encontrava-se sobre uma barcaça que flutuava rio abaixo. Pareceu-me o Nilo, mas ele era conhecido como “O Rio do Abandono”.

Embora meu corpo estivesse morto, eu permanecia nele, as mãos pousadas sobre o coração e a mente ouvindo tudo em completo estado de alerta. Acima de mim estava Horus sob a forma de um gavião. Eu sabia que tinha um potencial para ascender até ele, mas preferi ouvir uma música que soava repetida e suavemente o nome Ishtar. Este nome pareceu-me sinônimo de Isis; concluí que Ishtar viera para me trazer o renascimento. Senti a força vital se espalhando pelo meu corpo; vinha não só de Isis-Ishtar como também de Sekhmet, que esteve presente durante toda a experiência. Na verdade, esta última deusa foi quem comandou todo o espetáculo, pois ela detinha o poder da morte e também o de doar a vida. Seu mistério, — ali ela estava representando o Grande Mistério, — passou a significar para mim uma ponte mística entre a vida e a morte, ou melhor, a coexistência simultânea da presença da morte e da força da vida. E agora ela estava transformando meu corpo em um leão. À medida que emergia a vida em mim, também iam aflorando as qualidades do leão. Eu estava sentindo a força da vida como se ela fosse este animal, pois, no fundo, vida e leão eram a mesma coisa.

Mais uma vez recebi uma mensagem telepática onde aparecia a expressão “Sacerdote de Sekhmet”. Não fui capaz de saber se eu havia sido um dos seus sacerdotes ou se estava me tornando um deles, mas

minha impressão maior era a de que eu sempre fora um sacerdote de Sekhmet e continuaria sendo por toda a vida. Recebi um ensinamento com a recomendação de reparti-lo com o Círculo, o que fiz no turno seguinte. Em essência, a lição era esta: deve-se dar vida à morte. Sim, a morte deve ser abraçada porque ela é sempre seguida pela vida; portanto, quem for capaz de se abandonar por inteiro nos braços da morte, estará garantindo a plenitude da vida. E uma tal realidade ocorre no final do tempo de toda e qualquer vida, ao final de qualquer ciclo, e no fim de cada instante.

Aprendi que, se cada um de nós mirasse a morte dentro de si mesmo, não haveria assassinatos nem guerras. Pois, quando se atribui ou se projeta a morte somente para os outros, ela é negada e praticada sem qualquer restrição, ao invés de ser abraçada no interior de cada um e assim celebrada como vida. À medida que Sekhmet me transmitia o ensinamento, ela ia entrando no meu corpo, enquanto eu me abria para recebê-la, ou seja, para tornar-me a Deusa Leão; senti que recebia uma transfusão do seu espírito. Meu rosto transfigurou-se no seu rosto, o rosto da Leoa.

A esta altura da noite, o guia colocou uma canção dos monges Gyoto do Tibete, o que me compeliu a me voltar para o Leste. Quase sem esforço, sentei-me na posição de lótus e senti as ondas tangíveis de energia como se fossem lições do Oriente. Era o poder da nutrição e da completude; descobri também que minha vida se resumia a viver os ensinamentos do Sul, do Oeste, e do Norte. Os tambores e os sons vibrantes da música me levaram ao interior da Terra e às profundezas do meu chakra raiz. Sentindo irromper a força de *Kundalini*, notei que aquele som tibetano fora elaborado para despertá-lo, equilibrar nossos centros de energia, de tal maneira que estes viessem a se abrir para seu poder. A serpente já estava habitando todo o meu corpo. Eu era a Deusa Serpente, a própria força de Kundalini; girava minha cabeça de serpente para olhar ao redor, enquanto minha língua se movimentava tal como uma língua de cobra.

Nesta sessão houve um equilíbrio entre as energias masculinas e femininas, e uma dança da consciência junto à substância. Seria muito fácil deixar a Mãe e alçar o céu, mas não o fiz, porque o rufar dos tambores era como a batida do coração da Mãe, que servia para me lembrar que a conexão devia ser mantida. Senti, então, a dor da Mãe, apenas por ter desejado me afastar dela, assim como senti a dor que

minha mãe verdadeira sentiu quando nos separamos. Vivenciei a mim mesmo a partir da perspectiva do puro espírito masculino e de sua forma específica de amor. Escrevi alguma coisa no meu diário, e mais tarde encontrei as seguintes palavras: "Sim, eu vim das estrelas para te amar, ó Mãe de Todas as Formas, que aqui se encontra no corpo desta Terra, Gaia."

O guia conduziu o Círculo para uma invocação dos espíritos. Abriram-se as portas principais, e vislumbrei a entrada destes espíritos juntamente com o vento, nas ondas de uma luz da cor do arco-íris, até que por fim eles se reuniram em torno do nosso Círculo.

Ao se aproximar o fim da sessão, despertei minha atenção para uma energia parasita que estava no meu plexo esplênico. Procurei unificar-me com esta parte do meu corpo, de forma a tornar-me sua consciência; minha face foi se distorcendo até se parecer com ela, ou seja, o baço; fazendo uso da minha respiração, de uma extrema vontade e também da concentração, estiquei até o meu corpo físico aquilo que eu chamaria de minha mão etérea, com o intuito de segurar e puxar o tal parasita: sua forma era a de um escorpião. Apesar de o ter dissipado no ar, eu ainda sentia seu resíduo no meu corpo; repeti a operação para que nada restasse. O guia e o acompanhante reiniciaram a batucada; o primeiro encontrava-se atrás de mim, ao passo que o segundo estava perto dos meus pés. E isto me levou a batucar com eles, mas em vez de usar o tambor, utilizei a parte do meu corpo onde estava a ferida etérica. No fim, o ato de batucar serviu de auxílio à cura, mesmo porque esta minha área física demonstrou uma capacidade enorme de ressonância.

O efeito da ayahuasca durou de cinco a seis horas, contando com o fechamento do Círculo, mas seus resíduos perduraram por mais duas horas, período no qual o grupo rompeu o jejum com uma sopa de legumes quentinha e a troca de suas experiências.

Tão logo deixei o círculo, voltei para casa e fui imediatamente até o livro que lera dias antes; eu queria encontrar a gravura de Sekhmet. Achei a página, mas não havia nenhuma descrição dela. Por ter encontrado o deus Set e a deusa Nephtys, achei que havia feito uma síntese destes nomes naquele meu estado alterado pelo alucinógeno, criando o termo "Sekhmet". Investiguei em todos os meus livros que poderiam conter alguma referência a ela, mas de nada adiantou. No dia seguinte, ao me sentar para fazer algumas anotações sobre a minha via-

gem, passei a suspeitar que esta Sekhmet não passara de um produto da minha imaginação sob o estímulo da ayahuasca. No entanto, considerando que minha visão fora de fato verdadeira, escrevi sobre a experiência.

No final do dia, fui até a livraria *Bodhi Tree* para dar uma olhada na seção dedicada ao Egito, ainda na esperança de encontrar alguma referência a esta deusa com rosto de leoa. Depois de uma procura sem êxito de mais ou menos uma hora, defrontei-me com um livro intitulado *Her Bak*, mas não achei no índice e no texto qualquer referência a ela; porém, ao colocá-lo de volta na estante, ele caiu aberto em uma página que continha um quadro com umas 25 divindades, embora ali não houvesse nenhuma Sekhmet. Não me dando por satisfeito, virei a página e me deparei com outro quadro que exibía mais de 25 divindades, onde finalmente me vi diante de Sekhmet, uma mulher com a face de um leão. Fiquei exultante. Enfim, encontrei-a!

Em uma pesquisa feita nos dias seguintes, descobri que Sekhmet era uma das mais antigas divindades, conhecida como a Senhora do Lugar em que o Tempo Inicia, assim como era denominada pela expressão “Aquele que Existia Antes dos Deuses”. Apesar do seu aspecto feroz e aterrador, ela também é a curandeira que propicia a cura através da feitiçaria e dos seus conhecimentos mágicos; muitos afirmam que ela introduziu a arte da medicina no Egito. Os egípcios acreditavam que haviam sido criados por Sekhmet e Horus, e que esta deusa os protegia e os representava no mundo subterrâneo. Para Ramsés II, esta deusa era a mãe de sua alma; ele mandou esculpir centenas de estátuas em enormes blocos de pedras negras em homenagem a ela, o que para mim teve uma conotação bastante intrigante e curiosa. Sekhmet é sempre representada com um sol coroadando sua cabeça, tendo geralmente em torno dela o *uraeus*, ou a cobra; nas suas mãos, ela segura a cruz egípcia, o símbolo da vida. Encontrei num livro uma referência aos sacerdotes de Sekhmet, e descobri que eles foram considerados, por séculos, como os curandeiros e magos mais poderosos do mundo antigo, e que geralmente praticavam a cura em estado de transe.

Quanto mais eu lia sobre Sekhmet, tentando assimilar a experiência que tivera com ela, mais alinhavava no meu cérebro a idéia de que ela havia sido realmente a Grande Deusa Mãe, aquela que abarca o tempo. Tendo o disco solar na sua cabeça juntamente com a cobra ao redor, ela simboliza o poder serpenteado do chakra raiz que emerge até o topo da cabeça. Além de circunscrever o céu e a Terra, ela

demonstra como devemos uni-los à nossa natureza através do despertar do poder de *Kundalini* no chakra *muladhara*, que depois faz um percurso serpenteado até o chakra *sahasrara*, para que possamos realizar a fusão do Espírito com a Forma.

Por ter topado com referências a leões e serpentes em outras mitologias além da egípcia, encontrei Senge Dolma entre os mitos mais fortes e intensos, a *dakini* com face de leão que transmitiu os ensinamentos tântricos para Padmasambhava, o fundador do budismo tibetano.

Nos dias que sucederam minha experiência, senti fortemente a presença de Sekhmet. Exatamente uma semana depois, percebi com toda clareza que ela infundia seu espírito em mim, de tal modo que eu acabava me transformando em um leão, ao mesmo tempo que meu coração se expandia, impregnado do poder do sol; portanto, tudo ocorreu em conformidade com a expressão “Coração de Leão”, sempre ouvida por todos. Dois dias depois, um sonho me trouxe um ensinamento segundo o qual a Deusa Leoa possui três atributos: doadora de vida, nutridora e destruidora, similares aos da trindade indiana estabelecida por Brahma, Shiva e Vishnu.

A viagem com a ayahuasca fora um pivô na minha vida, tal como eu queria. De acordo com meu pedido recebi uma visão que norteou meu caminho. E assim, através da minha vivência de cura com aquele parasita etérico durante a cerimônia do Círculo, junto à minha descoberta de que os sacerdotes de Sekhmet eram curandeiros e magos, embarquei na via da cura xamanística. Isto começou no dia seguinte à experiência, no instante em que conheci no deserto uma mulher curandeira que viria a ser minha amada e mestre de cura, quando invocamos juntos a presença de Sekhmet para liderar nosso trabalho. Esta deusa passou a se apresentar com muita frequência dentro de mim, fazendo-me perceber que, ao mesmo tempo em que recebia sua transmissão eu me “convertia” nela, para melhor aprender seu modo de cura.

Antes de encontrar Sekhmet, eu já exercia um trabalho curativo, mas ela me fez aprofundá-lo. Depois do nosso encontro, tornei-me capaz de entrar em uma espécie de transe durante as sessões de cura, e isto sempre desabrocha minha intuição para fazer uma “leitura” mais apropriada do paciente, e ainda dá um toque de magia no tratamento. Via de regra, as visões pintam um quadro da área do corpo que precisa de atenção e me guiam pelos caminhos interiores do paciente, de

modo a que eu possa remover as obstruções e canalizar a luz, restaurando assim o equilíbrio e a saúde.

Além dos seus aspectos de nutridora e daquela que cura, o atributo guerreiro de Sekhmet me tem sido igualmente significativo. Desde minha visão, sinto sua proteção. Sei que seu aspecto aterrador, sempre assinalado pela mitologia, expressa a ferocidade da leoa quando protege seus filhotes. Mais tarde, recebi a transmissão de um *rinpoche* (professor) tibetano a respeito de Senge Dolma. E disso resultou um mantra baseado na proteção, e sempre faço uso dele.

Minha pesquisa sobre Senge Dolma e Padmasambhava levou-me a investigar o budismo tibetano para saber dos segredos que a *dakini* com face de leão revelou ao homem que introduziu o budismo no Tibete. Mais tarde, eu soube que o vôo do Garuda, observado acima de minha cabeça por ocasião da experiência, constituía uma metáfora para um dos ensinamentos mais elevados do budismo tibetano, ou seja, o *dzog chen*, a Grande Perfeição, ou a visão daquilo que não é dual. Quando visitei o Nepal, senti a presença poderosa de Senge Dolma; às vésperas de minha saída, ganhei, de um monge tibetano que ficara meu amigo, um delicado pergaminho com uma pintura da *dakini* com face de leão. E quando retornei a este mesmo lugar, desta vez sob as asas de uma outra planta mestre, recebi a visita de Kali, a deusa sombria, vislumbrada por mim durante a experiência.

Cinco anos depois da primeira visão de Sekhmet, aproveitei um solstício de verão para viajar ao Monte Shasta, no norte da Califórnia. Ali, após uma cerimônia na montanha com dois amigos, olhei para o céu e uma gigantesca nuvem se movia na direção do sol. Ela assumiu a forma de um rosto que exibia o sol no chakra do topo da cabeça. Sua face era tão parecida com a de Sekhmet que chegou a nos dar a impressão de que se tratava de uma pintura. Pouco depois, um corpo de mulher formou-se abaixo da cabeça; sua face sorridente era de amor e benevolência, e os olhos, dois orifícios que compunham órbitas de raios solares. Embora o vento estivesse soprando, sua face não se alterou por uns cinco minutos, o que também foi observado pelos dois amigos que comigo realizaram a cerimônia.

Apesar de benéficas, no sentido de estabelecer a cura e a visão, minhas viagens subsequentes com a ayahuasca não foram tão poderosas quanto a primeira, na qual tive a maior visão de minha vida. Ela ocorreu num momento crucial, fazendo com que eu trilhasse um novo

caminho de espiritualidade xamanística. Aquela fase de minha vida, e o intenso desejo de uma nova direção trouxeram o maravilhoso fenômeno de um encontro com uma deusa que passou a me inspirar e ensinar a alcançar novas esferas da experiência xamanística.

É interessante observar que, ao ingerir o alucinógeno da floresta amazônica no meio do deserto californiano, tive uma visão do Egito antigo com pinceladas indianas e de budismo tibetano. O espírito desta planta medicinal transcende as fronteiras culturais, religiosas e geográficas, e conduz o indivíduo à dimensão da consciência coletiva de todas as metáforas espirituais e ao oceano ilimitado das possibilidades cósmicas.

Juntando as Peças da Minha Vida de um Modo mais Significativo

Ava S.

Neste relato, uma psicóloga e terapeuta de dança descreve, nos seus 50 anos, como a ayahuasca lhe ajudou a preparar-se para uma cirurgia uterina, dando-lhe ainda alguns insights a respeito dos padrões autolimitadores que dominavam seus relacionamentos. A formação deste ritual grupal envolveu quatro horas de uma caminhada solitária em busca da visão, antes que o círculo com a ayahuasca se realizasse.

QUE SE SEGUE É UM RELATO da minha terceira viagem com a ayahuasca. A primeira foi extremamente visceral, enquanto a segunda foi um pouco mais suave, quando mantive um fascinante diálogo com os espíritos desta planta.

Nosso grupo reuniu-se em uma sexta-feira para que cada um declarasse suas intenções. A minha era de cura; eu estava aguardando uma cirurgia uterina e queria trabalhar com os significados dos meus sintomas. A ayahuasca estabelecera para mim uma experiência física significativa, e eu havia tido uma relação intensa com ela. Minha questão era a seguinte: “Qual é a raiz dos meus sintomas físicos e o que será necessário para curá-los?” Clareza e compromisso com a intenção eram os requisitos fundamentais para que o ritual tivesse poder. Nosso guia procurou reforçar a idéia de que a cura devia ser mesmo minha prioridade.

Na manhã de sábado, demos início ao jejum e fizemos uma caminhada em busca da visão, dirigindo-nos para uma área agreste do deserto. Nesta caminhada, deveríamos enfocar nosso objetivo e as qualidades das quatro direções, permitindo também que os espíritos do deserto nos guiassem. Desloquei-me para o sudoeste na direção de um horizonte aberto e vasto. Levei mais ou menos uma hora para subir alegremente por um barranco, mas eu desejava escalar as pedras ou as plataformas. Encontrei uma enorme pedra saliente que oferecia uma vista panorâmica do vale, além de servir parcialmente de abrigo. Tirei minhas roupas para deixar a pele exposta ao sol e ao calor morno da pedra. Senti-me como um lagarto, e me lembrei que brincava com estes bichinhos quando criança.

As texturas me fascinaram, sobretudo os pedaços de madeira das árvores, cujas cascas já se transformavam em carvão, e as pedras negras e marrons nos seus tons sutis de prata. As imagens se repetiram à minha frente, especialmente o torvelinho de túneis marrons que exibiam caras amareladas de lobos com olhos faiscantes que cresciam e viravam faces de corujas, javalis e morcegos. Todo este conjunto mesclava-se com pêlos e penas dos animais da região. O deserto parecia estar me preparando para a ayahuasca, o calor junto aos seus espaços abertos situava-me na geografia do meu corpo, enquanto que as cores vibrantes e as texturas constituíam um presságio das visões que viriam. Se dependesse de mim, eu continuaria ali para sempre, identificando-me com a mornidão e a textura daquela pedra que se mostrava através de estonteantes tons de marrom e de prata, duas cores que criavam uma nova combinação para mim. E lá fiquei eu, sem nenhum pensamento, diante da amplidão de espaço e da paz infinita, misturando minha nudez com a mornidão da rocha e expondo-me ao sol como um preguiçoso lagarto, e ainda tendo o calor e a textura impregnando todo o meu ser do sentimento sem idade da natureza.

Ao final da tarde, retornamos à casa para dar início ao ritual do círculo da ayahuasca. Pediu-se a orientação dos espíritos das quatro estações e a presença pessoal e tribal dos ancestrais, além de se ter invocado os espíritos de todos os animais, das plantas, e dos insetos. Cada um de nós depositou um objeto especial no centro do altar, convocando os espíritos a nos ajudarem em nossas intenções.

De início, o efeito da ayahuasca me foi totalmente visual. Revi os torvelinhos de marrons e pretos com os tons profundos das cores da terra, inúmeras faces de animais, e uma coleção de imagens mundanas. Quando a música mudava, eu passava a ver diversas formas com conteúdos alegres e ainda outras cores, geralmente em tons de turquesa e rosa. Até que foi cantado um réquiem e me vi soluçando, sentindo todo o peso do sofrimento universal, pensando que sofria não só pelo planeta e pelas mortes recentes em minha família como também pelo pesar que se abateria sobre ela. Depois de algum tempo, as imagens se extinguíam, e eu me via cada vez mais entregue ao sentimento.

A náusea chegou em longas ondas, bem diferentes das que eu havia sentido em experiências anteriores, nas quais tinham vindo rapidamente e sem durar tanto. Perguntei a mim mesma: “O que me deixa tão nauseada?” e vi cenas da minha vida. Minha própria vida me deixava

enjoada, pois havia algo inconsistente e incompleto; eu me dividia. Alguma coisa precisava ser esclarecida. Fui vomitar no vasilhame próprio para isso, e a minha reação foi segurar o vômito e não deixá-lo fluir. Diversas imagens dos relacionamentos e de outros aspectos de minha vida se apresentavam diante de mim; eles me consumiam da mesma forma que meus fibromas drenavam minha energia.

As imagens diziam respeito aos homens e relacionamentos que eu vinha mantendo, especialmente imagens do meu passado. Senti o quanto ainda era apaixonada pelo meu pai e como nossa relação era difícil de ser sustentada. Eu estava ciente de que precisava deixar tudo isso ir embora, mas lutava com unhas e dentes contra a náusea; ou seja, minha libertação estava sendo extremamente difícil. Toda vez que eu racionalizava para deixar que um determinado relacionamento ou algumas de minhas conexões fossem embora, uma nova onda de náuseas me assaltava. Eu estava vivenciando uma luta entre meus velhos modelos mentais e a possibilidade de ter um novo corpo.

No entanto, apesar de tudo isso ter sido (e ainda é) uma questão de vida e morte, uma parte de mim não dava a menor importância e procurava evitar que os problemas se fossem. Embora já os tivesse nomeado antes por muitas e muitas vezes, esta era a primeira vez que eu realmente *sentia* o quanto estava ligada afetivamente a meu pai. Sentia o quanto o código de silêncio dos meus relacionamentos era outro fator para náuseas, e tentei descobrir como resolvê-los.

Na manhã seguinte, eu me sentia muito cansada, mas tranqüila e sem a postura defensiva usual. O fato de ter vivenciado e nomeado aquilo que até então sempre fora meu "segredo familiar", libertou-me. Quando senti e nomeei o mais complexo dos meus nós intensa e sinceramente, isto ajudou-me a superar a timidez e me fez entender o sentido de alguns comportamentos inexplicáveis, ou irracionais. Quando fui capaz de nomear e expressar o problema com meu pai vi toda minha situação com muita clareza e enorme alívio. A despeito dos meus muitos anos de psicoterapia e análise, e por eu mesma ser psicoterapeuta, o cenário de minha vida nunca fora tão claro e tão visceralmente sentido por mim.

À medida que podia juntar as peças de minha vida de forma mais significativa, eu me sentia em paz. Ter sido apaixonada pelo meu pai não era pecado, e eu não precisava continuar me sentindo culpada. Eu apenas devia deixar minhas ações bem mais claras para mim mesma, evitando que se tornassem complexas e inconsistentes.

Estabelecemos que o fator integração seria uma das partes mais significativas deste ritual; teríamos, portanto, de trazer todos os nossos *insights* e imagens à vida real. Fomos solicitados a refletir sobre as seguintes questões: quais seriam nossas intenções? De que modo aquelas experiências que tivemos no deserto e à noite se relacionariam com a primeira e principal questão? E, por fim, o que devolveríamos ao mundo?

Minha única intenção era a de curar espiritualmente os fibromas, preparando-me para a cirurgia, embora também quisesse descobrir o segredo do seu sangramento e de sua coagulação. Quanto às experiências no deserto e também à noite, estas me deram imagens de vida e morte, libertaram-me do sofrimento pelas mortes recentes de vários amigos e parentes, e por fim induziram meu corpo a realizar uma purgação, libertando-me de um sentimento arraigado, fazendo com que o relacionamento que tive com meu pai e todos os outros iguais a este fossem embora. Meu interesse principal era o de não mais continuar mantendo um padrão de comportamento infeliz, inclusive, prestando mais atenção em minha saúde.

Embora já viesse tentando concretamente efetivar tais intenções, eu acreditava que os espíritos da ayahuasca me ajudariam. Sabendo que a primeira lição encontrava-se no meu corpo, — nele estão todas as formas de conhecimento que devo levar em conta, — concluí que qualquer mudança só se revelaria se eu seguisse em frente.

Passei a realizar rituais de cura como auxílio para a cirurgia. Resolvi parar com o hábito de tomar vinho, e comecei a preparar alguns chás de ervas para fortalecer o corpo; elegi o prazer como o principal fundamento para o tempo que eu gastaria nesses rituais. Não demorei para que eu obtivesse bons resultados, — aqueles com quem eu mantinha um relacionamento infeliz passaram a desaparecer de minha vida tão rapidamente como apareciam; e eu não precisava fazer nada para isto, muito menos me envolver em dramas, porque a própria vida cuidava de tudo. Meu pai me fez uma visita e, sem que houvesse premeditação, resolvi que lhe confessaria o quanto o tinha amado. Assim o fiz e ele foi capaz de dar um retorno a este meu sentimento. Embora ainda houvesse muita coisa a ser dita entre nós, aquilo foi o bastante, e ele poderia partir em paz.

Pronta para a cirurgia, me dei conta do medo de anestesia e da possível perda da consciência em alguma sala de hospital. Eu não sofreria intervenções cirúrgicas senão quando era mocinha. Relembrando

a forma natural como eu lidara com as mudanças advindas da ayahuasca, e o quão fortalecida saí desta experiência, concluí que não havia razão para ter medo de perder a consciência; dediquei-me aos preparativos finais, munindo-me de gravações próprias para relaxamento e da ajuda de alguns amigos queridos. Fui tranqüila para a cirurgia, perdi pouco sangue, e recuperei-me rapidamente. O cirurgião admirou-se com minha recuperação; tenho absoluta certeza de que um tal sucesso foi fruto de minha preparação física e espiritual com a ayahuasca. Enfim, o fato é que os pontos foram retirados em três dias e a partir daí as minhas forças voltaram com muita rapidez.

Atualmente, sinto-me muito mais calma e confiante, estou mais atenta à minha saúde e sou capaz de distinguir as pessoas e os projetos que me farão bem e me trarão mais energia. Tenho muito cuidado em manter apenas pensamentos e imagens saudáveis, e os resultados têm sido ótimos. No meu trabalho terapêutico, realizado com mulheres que contraíram câncer, adquiri maior energia curativa e posso ver isto refletido nelas. Embora eu nunca tenha compartilhado os detalhes desta experiência particular de cura com minhas pacientes, isto não me impede de transferir-lhes toda a energia e o poder de intenção que ali obtive, e com isso sempre acabamos nos curando juntas. A forte presença física da ayahuasca está sempre como pano de fundo ou como peça fundamental nas curas que realizamos.

Ao refletir, depois de alguns anos, sobre esta experiência, continuo percebendo as muitas mudanças que ocorrem no plano não-verbal. Jamais deixo de purgar meus quase inevitáveis relacionamentos doentios, para que o frescor não me abandone e para que me sinta mais rejuvenescida e iluminada. Sou capaz de extrair mais seiva e alimento da vida, sem deixar que as energias me sejam drenadas. Meu trabalho profissional vem crescendo consideravelmente e só tenho me envolvido em projetos novos e excitantes.

Em suma, esta experiência transformou, em todos os sentidos e de forma radical, a minha vida, e ainda me deu oportunidade de passar a fazer escolhas novas e mais sadias.

A Planta Mestre Doou-me Graciosamente o Conhecimento

Oregon T.

Nesta experiência incomum, um professor de filosofia de 40 e poucos anos obtém uma confirmação para as intuições que ele já havia tido de uma vida passada, quando era aprendiz de um mago alquimista da Inglaterra na época de Elizabeth. Observando os paralelos entre a sua vida passada e a presente, ele redescobre certos relacionamentos matemáticos, além de obter insights libertadores a respeito dos padrões da personalidade.

MINHA INTENÇÃO NESTA PRIMEIRA experiência com a ayahuasca era a de apenas lembrar: eu vinha recebendo alguns sinais e vagas lembranças de uma vida que teria vivido no século XVI da Inglaterra elizabetana. Devo dizer que boa parte dos meus estudos, escritos e pesquisa intelectual, inclusive os tópicos da dissertação para o meu Ph.D., tem sido recheada pelas lembranças desta vida. Seguindo uma série de experiências com a projeção astral – com as quais entrelacei detalhes específicos, fornecidos por um talentoso intérprete dos registros *akáshicos* [segundo a filosofia oculta, são os bancos das memórias do astral mental e coletivo – Ed.] – fui conduzido a um nome: Robert Dudley, o conde de Leicester. Ao fazer um estranho reconhecimento de várias semelhanças detalhadas entre as inclinações e interesses de minha personalidade atual e aquela outra anterior, eu quis estabelecer uma comunicação com esta vida passada.

Jamais tive a intenção de conceder pura e simplesmente uma satisfação ao meu ego nesta busca até o passado. Meu objetivo era dar um apoio à minha alma atualmente encarnada, tanto pelas lembranças alegres como pelas frustrações de uma vida passada. Na verdade, minha intenção mais específica era recapitular o saber matemático esotérico que exercera naquela encarnação, embora não pretendesse reinventar a roda, ou coisa parecida. Tudo aquilo que o espírito da ayahuasca me mostrou foi coerente com esta minha pretensão e me surpreendeu com suas lições.

Minha iniciação se deu com um jejum apropriado e com uma preparação através de uma caminhada pela montanha em busca da visão, que durou metade de um dia; o objetivo principal era a comuni-

cação com os espíritos da natureza. Cada um de nós consumiu uma pequena quantidade de cacto San Pedro para intensificar a atenção. Escalei um alto barranco da montanha, na direção oeste. Observei que os pássaros me apareciam em pares, e interpretei como um toque para que eu ficasse mais atento à importância do amor. Examinei os movimentos dançantes e saltitantes de uma mosca. Eu estava esperando a aparição de algum animal de poder mais significativo, igual àquelas das tradições xamanísticas, e já começava a ficar frustrado. Descobri um novo caminho entre os pinheiros e passei a observar um pouco mais os pássaros, achando que nada mais de extraordinário iria acontecer.

Quando eu já pensava em desistir, um lagarto surgiu de um arbusto e passou entre meus pés, instalando-se sobre uma grande pedra. Nossos olhos se fitaram, e logo me dei conta de que não sabia mais quem era quem. Ambos estávamos em estado de hipnose e a comunicação era telepática, de consciência para consciência. Vez por outra eu proferia palavras tranqüilizadoras para que ele não se assustasse. Fui me aproximando dele até acariciar delicadamente suas costas; usei a câmara fotográfica e registrei a cena do meu dedo acariciando sua cabeça e o dorso. O lagarto ainda me deixou tirar outras fotos mais detalhadas, e obtive excelentes poses dele. Já era hora de retornar ao grupo, e cada um tomou seu próprio caminho.

Ao final daquela tarde, ingerimos o chá da ayahuasca, e o fiz com muita facilidade porque o sabor era agradável. Nos juntamos em círculo ao redor de um altar que continha objetos sagrados depositados por cada um de nós. Havia 14 pessoas, incluindo o guia e seu assistente. Com o recipiente para a purgação, instalei-me numa posição confortável, com protetores de ouvido e uma máscara sobre os olhos, impedindo, assim, a entrada de sons e imagens externas. Meu olho interior começou a ver ondas, círculos e formações espiraladas que desenhavam as silhuetas coloridas de um caleidoscópio.

Minha primeira impressão foi a de que fazíamos parte do corpo de uma enorme serpente ou de um grande lagarto. Tão logo me alertaram para que eu me sentasse junto ao grupo para participar dos cantos, passei a ver imagens de enormes felinos, jaguares, panteras, serpentes, lagartos e crocodilos. Lembrei-me dos crocodilos mumificados que representam o deus Sobek e que vi nas ruínas de Kawm Umbú, numa viagem ao Egito em 1990.

Procurei me fechar de novo para o mundo exterior, tentando uma comunicação o mais focada possível com aquela minha vida passada. Surgiram algumas imagens onde eu me via cavalgando um belo garanhão negro no cortejo de coroação da Rainha Elizabeth. Houve uma mudança de cena, e aí me vi em Mortlake, na parte externa da casa do Dr. John Dee, que havia sido meu professor naquela época. Olhávamos fixamente para dentro de uma obsidiana, e ao nosso lado se encontravam a Rainha Elizabeth e alguns membros da corte. Havia sempre uma nova mudança de cena quando eu me dispunha a me comunicar diretamente com a "minha" personalidade passada (Robert Duddley), num encontro cara a cara.

Percebi que estava em um *psychomanteum*, lugar especialmente construído para o exercício das artes divinatórias e da comunicação com os mortos. Havia um espelho enorme na parede, onde aos poucos foi se formando a figura de um rosto que se tornou tridimensional. Através do seu olhar, o rosto me disse justamente aquilo que eu tanto queria saber; mas ele desapareceu rapidamente. Foi o suficiente, porém, para me confirmar que eu havia redescoberto a solução matemática na qual tinha trabalhado anteriormente, como Robert Duddley, sob a tutela do Dr. John Dee, o mago da Rainha Elizabeth.

A ayahuasca passou a me ensinar as lições sobre as quais eu ainda não tinha a menor idéia. Vi então uma sequência de cenas curtas de minha vida passada como Robert Duddley e também desta vida presente, e com elas percebi o confronto das maquinações grosseiras do ego com as sutis artimanhas do Eu Interior, aquele que é de fato constituído pela Mônada. Só então entendi que o sucesso intelectual não deveria ser a finalidade máxima da vida; o que importa é a fusão do amor com a compaixão, e uma sábia aplicação dela. Me dei conta da importância de minha família, dos meus pais, e particularmente do meu amor pela minha mulher. Eu havia alçado um vôo até o ápice, pois já estava aos pés da díade ilimitada de Platão, a mesma dualidade primordial do *yin/yang*, e prestes a alcançar o Uno.

Depois, tive a impressão de estar em algum lugar parecido com a Assembléia Geral das Nações Unidas, onde aconteceria a importante união do masculino com o feminino; o yang e o yin estavam em vias de se tornarem Unos. Eu me preocupei com a possibilidade de o mundo não estar mais aqui no amanhã, caso eu fosse mesmo um idiota a mais. Curiosamente, quando se fez o círculo da integração na manhã seguin-

te, ocasião em que são narradas as experiências de cada um, no instante exato em que eu dizia que “tinha sido invadido pelo medo de que o mundo não estivesse mais aqui amanhã”, explodiu subitamente um dos vidros que guardavam as velas volitivas do altar.

Do alto de tal vivência, fui tomado pelo remorso por causa dos jogos que todos nós sempre jogamos. Contemplei a dança da vida na sua perpétua repetição de erros, artimanhas e crueldades para com a Terra e todas suas criaturas. Eu sabia que estava numa câmara de iniciação para vivenciar a experiência da morte; senti um grande pesar por toda a dor que já havia infligido às outras pessoas, de maneira intencional ou não. Ouvi o silvo de uma serpente, ao mesmo tempo que percebia meu abdome rachando como se eu fosse uma cobra que estivesse trocando a antiga pele. E, enquanto me aliviava da dor de tantos erros cometidos, eu ia vomitando num vasilhame. Embora soubesse que estava tendo uma espécie de morte, eu sentia intimamente que não morreria de verdade. Eu estava vivenciando a morte e o renascimento.

Imagens, pensamentos e percepções dançavam na minha cabeça, quando fui gentilmente trazido de volta ao círculo pelo nosso guia. Participamos de alguns exercícios vocais que nos pareceram difíceis, pois tínhamos de transmitir uns aos outros a essência de nossas experiências através de alguns tons e cantos. Vi nosso guia se transformar literalmente em um velho índio xamã. Encerramos a sessão com um ritual de ação de graças, e fomos dormir.

Acordei de madrugada, sentindo-me compelido a retornar ao lugar da montanha onde estive antes. Na caminhada, cada passo era sagrado, assim como o solo era igualmente sagrado, até que escalei um precipício o mais alto possível para admirar melhor o amanhecer. Pedi à Terra que me perdoasse por todos os danos que lhe causara. Comecei a observar as formações rochosas, até que encontrei uma que parecia um lagarto com rosto humano. Afortunadamente, eu trouxera a câmara fotográfica, e pude capturar aquele momento maravilhoso no qual a Terra conversou comigo. Eu havia adquirido o significado que me levou àquele círculo. Por fim, recebi o ensinamento essencial do espírito da ayahuasca, segundo o qual tudo está vivo e é sagrado, e tudo se resume à sabedoria e ao amor.

Ao fazer este retrospecto depois de alguns anos, chego à conclusão de que esta experiência abriu diversas portas da minha percepção. Sobretudo porque me deu a confirmação dos vários *insights* dos mate-

máticos pitagóricos que têm sido objeto de estudo de muitas investigações de minha vida presente, e mais ainda porque me foi dado saber que a origem deste meu interesse encontrava-se em uma vida passada que vivi na Inglaterra na época de Elizabeth.

A recordação desta vida em particular me ajudou a entender as raízes dos meus outros interesses e inclinações. Por exemplo, meu amor instintivo por cavalos remonta a uma vida passada, quando eu era um treinador de cavalos da rainha. Todo o esforço e o conseqüente triunfo alcançado na minha vida presente com o tênis, o pingue-pongue e outros esportes são heranças dos tempos em que eu corria e jogava livremente nas florestas da Inglaterra do século XVI. Meu interesse pela alquimia, geometria sagrada e ciências herméticas tem origem no trabalho e estudo que desenvolvi em uma vida passada junto ao Dr. John Dee, matemático, alquimista e mago. Quanto aos hábitos e frustrações daquela vida, continuam emparelhados com os eventos de minha vida atual. Comprovei que a verdadeira beleza dos ensinamentos dos espíritos da ayahuasca está no fato de que eles fornecem ao indivíduo significados, propostas e direções mais interessantes para a sua vida.

Fiz, ainda, um trabalho subseqüente com esta planta mestre que me deu acesso a outras vidas passadas; consegui estender o significado de cada uma daquelas épocas para minha presente jornada. A ayahuasca também me permitiu investigar algumas das idéias profundamente filosóficas pertinentes ao eu interior. Relembrei e esclareci temas difíceis e dilemas complicados, envolvidos com a doutrina hindu do *atman* (Eu Interior) e com os ensinamentos budistas do *anatta* (Não-Eu Interior). Compreendi que a dificuldade de lidar com estes conceitos não se resume à necessidade de apreender a realidade subjacente; grande parte desta dificuldade encontra-se nas limitações dos nossos conceitos e de nossas expressões lingüísticas. Percebi que deveria expor as questões de forma apropriada para as plantas mestres, pois só assim obteria as respostas.

As experiências com a ayahuasca continuam a frutificar na minha vida atual, não só porque adquiri uma clareza maior em relação aos meus direcionamentos, mas sobretudo porque passei a reconhecer a sacralidade de todos os seres vivos e a presença marcante da consciência na organização cósmica. Além disso, tanto a ayahuasca como vários outros enteógenos, provavelmente utilizados nos mistérios eleusinos, bem como em outras religiões antigas, são de grande valia

na rememoração das vidas passadas, naquele mesmo processo que Platão chamou de *anamnesis*. Como bem disse o poeta Wordsworth, nosso verdadeiro nascimento constitui sempre um esquecimento. Mas, felizmente, existem técnicas capazes de iniciar o ser humano nos estados profundos onde ocorrem as reminiscências e a regressão. E, dentre estas, a ayahuasca me faz responder a mim mesmo, e do meu jeito, as indagações fundamentais de nossa vida, ou seja: de onde viemos? Por que estamos aqui? Para onde vamos?

Aqui Começa uma Série de Ensinaamentos Sobre a Natureza do Coração

Joseph S.

Um escritor e consultor de 40 e poucos anos descreve aqui algumas sessões iniciatórias com a ayahuasca. Depois de aderir a um programa intensivo de treinamento com os ayahuasqueros peruanos, ele obteve insights psicológicos que confirmaram seus conhecimentos previamente adquiridos por via de lições canalizadas.

DISPUS-ME A PASSAR PELA minha primeira experiência com a ayahuasca tendo a intenção de me preparar para os meus 40 anos, de permitir um fluxo maior de energia em mim, de aperfeiçoar minha dimensão emocional, e ainda de curar meu ombro direito, severamente afetado em um tombo de escada.

Ingeri a beberagem e 40 minutos depois começaram as visões através das impressões que passei a ter da presença de animais. Meu rosto transformou-se no rosto de um tigre, que mais parecia um gato enorme. As visões foram progredindo rapidamente, tendo um forte conteúdo psicológico, e por isso cada emoção que emergia era intensificada. Tornava-se quase impossível manter a seqüência dos pensamentos, predominando o fluir da consciência. A princípio, senti um leve desconforto no estômago, enquanto a percepção aguçada dos mestres me mostrava os diversos aspectos de minha *persona* e também seus lados sombrios.

Meu narcisismo e minha arrogância foram uma preocupação, porque desfrutei a sensação de grandeza e deslumbramento por me achar alguém especial que teria uma missão significativa na vida. Senti que estava exacerbando minha importância, embora com isso tenha caído na autodepreciação. E estes dois pontos de vista me fizeram travar uma luta interna, onde eu tentava saber o que havia de verdadeiro nas minhas opiniões sobre mim mesmo.

Surgiram algumas percepções de minha infância. Constatei o grande amor que sinto por C., meu filho de cinco anos. Percebi com muita dor o tipo de relacionamento que eu mantinha com minha filha A. Eu sempre quis me aproximar dela; no entanto, pelo fato de me ver nela como num espelho, quase não consigo relaxar quando estou a seu lado. Senti saudades da minha esposa, desejando que ela estivesse co-

migo naquela hora. Veio uma visão muito forte, e me vi aninhado no seu colo junto aos meus filhos, de tal maneira que parecíamos uma pilha de graciosos filhotes. Fiquei feliz com esta visão e comecei a sentir o cheiro familiar de todos eles.

Tomei consciência do meu quase total isolamento, em consequência da dificuldade de sentir amor junto aos outros. Concluí que devia ser um homem bastante complicado e difícil de ser amado. Lutei com isso por algum tempo.

Veio a seguir um certo mal-estar ao pensar na violência que aconteceu na Irlanda. Fiquei vulnerável à incômoda sensação de estar vivenciando a lei do carma e o horror em si mesmo; constatei que muitos seres humanos se sentem separados dos seus semelhantes a ponto de se matarem uns aos outros. Ao perceber a terrível consequência cármica desses atos, comecei a vomitar e me senti melhor, pois entendi que a lei do carma pode ser mitigada pelo perdão e pela renúncia. Até este momento eu havia lutado contra o impulso de vomitar, achando que ficaria envergonhado diante das outras pessoas. Lutei, portanto, contra minha própria arrogância e contra meu desejo pretensioso de parecer sempre bem aos olhos dos outros. Só aí entendi que deveria vomitar para superar tudo isso.

Eu já vinha desenvolvendo um árduo trabalho com os sete personagens ou tipos de caráter que, segundo os ensinamentos de Michael, povoam o planeta. Os *artesãos* e os *sábios* são os tipos expressivos; os *servos* e os *sacerdotes* são os tipos regidos pela inspiração; os *guerreiros* e os *reis* são os tipos guiados pela ação; e os *intelectuais* são os tipos determinados pela assimilação. Despertei para o dom da alegria ao perceber o quanto os sábios são capazes de trazê-la ao mundo. Senti o sábio dentro de mim, e fui tomado por grande alegria. Passei a ter visões dos sábios que conheço, e todos exibiam intensa alegria nos seus rostos. Pensei também nos sacerdotes e no quanto são generosos, perdendo a todos, e percebendo que somos nós que lhes damos poder e autoridade para nos perdoarem e nos curarem; contudo, a compaixão é realmente o seu dom. Lembrei do trabalho dos servos e da grandeza dos reis. Tive uma visão do meu filho C., na função de rei, sentado num trono de esmeralda, tendo ainda uma dessas deslumbrantes pedras suspensa sobre sua cabeça.

Visões brilhantes, muito parecidas com os desenhos animados, acompanhavam estas percepções. Surgiu-me ainda uma grande quan-

tidade de florestas verdejantes e de estranhas criaturas que pareciam fazer parte de alguma tapeçaria ou mesmo de um mural: estas imagens acomodavam-se de maneira mais ou menos fixa nos seus lugares, e mostravam-se ligeiramente grotescas.

Vi a mim mesmo como um farol, como se eu fosse uma fonte de luz que podia ser procurada por quem quisesse alcançar o conhecimento oferecido por mim. Percebi que havia uma fraternidade de seres muito mais conscientes que estimulavam a integridade e a sabedoria pelo exemplo. Esta fraternidade de almas velhas e sábias poderia transformar a sociedade, se fosse tomada como modelo pelo restante da humanidade, que teria de renunciar aos violentos estereótipos oferecidos pela televisão.

Tive percepções da minha infância, sobretudo do relacionamento com minha mãe. Tal como uma criança, comecei a vivenciar o medo; porque era indescritível o medo que eu sentia da minha mãe na infância. Ela podia ser totalmente maluca em certas ocasiões, isto é, violenta e imprevisível. Senti repulsa pela sua recusa de olhar para si mesma durante toda sua vida. Vi claramente todo o dano que ela havia causado. Depois tive a visão de minha mãe já velha, triste e amargurada, e senti compaixão por ela; pensei na necessidade de perdoar, porque era preciso parar com a mania de julgá-la e ficar procurando pelas suas razões e desrazões. Comecei a me sentir muito mal por ter negligenciado meus pais na sua velhice.

Resolvi olhar através da ampla janela. E vi uma luz brilhante no céu, que se movia lentamente entre as nuvens, dando-me a nítida impressão de que não se tratava de um avião. Pensei ser um disco voador, e isto me deixou excitado porque eu nunca tinha visto um deles. Mesmo assim, não consegui dizer nada para os outros, porque estava impossibilitado de me comunicar. Depois, as visões multiplicaram-se.

Passei então a conversar comigo mesmo, e me perguntava quais seriam os limites daquela droga capaz de fornecer tantas e tantas experiências estranhas. Eu me empenhava em saber se aquele tipo de realidade, que me parecia estar em uma dimensão muito alta, seria ou não restrita à natureza da própria droga. Será que terei esta mesma experiência quando ingeri-la outra vez? Comecei a tomar consciência das outras pessoas naquela sala. Alguém estava realizando *kriyas* [um descarrego energético feito pela yoga – Ed.] e parecia estar em êxtase. Desejei estar neste mesmo estado.

Ao me dar conta das propriedades de cura daquela experiência, tornou-se evidente que o amor é a grande cura de tudo. Fiquei comovido com o elo amoroso que unia aquelas pessoas, embora me preocupasse estar somente pensando e não vivenciando. Percebi minha tendência à postura racional, passando a sofrer por isso.

Despertei para a natureza das ilusões, vivenciando a dificuldade e a improbabilidade deste paradoxo, porque cada um dos lados da balança é contrabalançado pela posição oposta. Todo paradoxo demanda um apanhado simultâneo de ambos os lados da dualidade; a única maneira de conhecê-lo é estar no meio.

Vieram as vibrações corpóreas; as correntes vibratórias sacudiram várias vezes meu corpo naquela noite, sem produzirem qualquer tipo especial de êxtase ou reação dolorosa. Observei estas vibrações como se fossem o *kriyas* que eu havia visto e desejado no início da sessão.

Percebi os espíritos auxiliares da ayahuasca circulando em grupos de três. Cada um deles exibia um largo sorriso, ostentava três penas na cabeça e possuía olhos enormes. Mostravam-se bem humorados e felizes.

Sete meses mais tarde, tive outra sessão com a ayahuasca. A primeira imagem foi a de um esperto e gracioso macaquinho, que se balançava nos galhos altos das árvores junto à sua família. Tive certeza de que a alegria se encontra até mesmo nos recantos mais ínfimos.

Tão logo as visões se intensificaram, notei que me tornava cético e duvidava delas. Observei que geralmente tais visões são criações dos artesãos no plano astral. Percebi que estes artesãos artísticos e criativos compunham uma parte do meu eu maior no Tao, e comprovei toda a felicidade que eles sentem quando trabalham com imagens, formas e cores. Eu havia recebido as visões de supetão; tive de forçá-las para ver se conseguia alcançar outro nível da consciência. Pensei mais uma vez em Michael, meu guia e professor, enquanto segurava com força uma sugilita, pequena pedra vermelha originária da África, e mais uma outra pedra que eu havia trazido de lá; e assim o fiz para que elas me ajudassem a melhor entrar em contato com meu guia. Segurei uma pedra em cada mão, e senti a energia que subia pelos meus braços até atingir o torso; de lá abriam meus chakras e aumentavam meu poder de recepção. Percebi, porém, que o mestre principal era a substância base do ritual, e que era desnecessário invocar qualquer outro mestre, o que me fez guardar as pedras.

Eu me perguntava se iria me perder no prazer e no contentamento das visões ou se, ao contrário, seria empurrado mais fundo nos *insights* a respeito da natureza da consciência. Deixei de me preocupar com isso e as visões afluíram de novo; senti que estava indo mais fundo.

Meu coração flutuou com grande leveza, e senti uma enorme ternura. No instante em que me centrei no meu coração, tudo o mais ficou quieto, e o universo circundante parecia respeitar aquele momento, fazendo-se um imenso e profundo silêncio de paz. Iniciou-se uma seqüência de ensinamentos sobre a natureza do coração. Aprendi que ele é o centro essencial de qualquer contato entre os seres vivos e que o amor é seu veículo e produto. O coração é aquele que transmite e recebe o amor, que por sua vez é o sentimento mais poderoso, pois está sempre servindo de alimento e é a fonte da vida para todos os seres. Crianças, animais e plantas são os que mais gravitam ao seu redor, e extraem dele seu sustento; estas criaturas são as que mais se aquecem no seu calor.

Um pouquinho de amor já faz milagres! Porque só através dele se faz a grande diferença. Se formos capazes de vivê-lo, poderemos doá-lo. E, se o doarmos, estaremos devolvendo toda aquela energia amorosa que verte abundantemente das crianças, dos animais, das plantas e dos elementos.

Senti-me amado por todo o universo, e tive a certeza de que era capaz de me amar. Entendi que minha mãe e meu pai sempre quiseram expressar seu amor por mim, mas não conseguiram por suas próprias limitações. Assim, eu me senti como se estivesse lhes dando permissão para me amar e me dando o direito de retribuir este amor. Eles haviam me dado toda espécie de orientação, além de amor suficiente para que eu me mantivesse; observei que me tornara especialista na arte de transformar um limão em limonada. Por fim, ouvi a voz de Michael: "Passe agora para os centros mais elevados." E, na medida em que o fiz vivenciei mais e mais o sentimento do amor.

Olhei pela janela, para contemplar a Avó Oceano, e vi as árvores, as nuvens, a Terra, as propriedades e os princípios de tudo. A vida pulsava em cada pequeno detalhe e em todas as coisas. Amei tudo aquilo que via, e por tudo fui amado. Cheguei mesmo a mirar o imenso poder da vida que está sempre brotando da Terra. Misturei-me a tudo, e acabei me metamorfoseando em terra. Olhei as nuvens, e o formato dos seus desenhos me encheram de felicidade, pois nos seus contor-

nos estavam as imagens dos deuses sul-americanos junto aos espíritos da ayahuasca. Seria isto uma metáfora? Seria eu quem estava projetando aquelas imagens? Mas o fato é que nenhuma destas possibilidades importava, já que eu realmente as via. As nuvens permaneciam em constante movimento, sem jamais colidir.

Ao deixar a janela para juntar-me ao círculo, já era capaz de escutar e falar do fundo do meu coração. Eu conversava de modo livre e aberto sobre minha experiência, sem que houvesse qualquer resquício de medo. Senti compaixão por uma mulher próxima a mim, pois ela estava muito doente; compreendi o problema e a dor que lhe atormentavam; embora estivesse separado dela, eu era capaz de entendê-la.

Meus ombros já não estavam tensos, – à medida que aprendia a trabalhar minha energia, eu conseguia deixá-los completamente relaxados. O passo seguinte seria estabelecer uma ligação entre os ombros e o coração, enviando-lhes amor para deles receber, como resposta, a cura. Entendi, então, o funcionamento da hipnose, pois através dela fica mais fácil dissipar determinadas defesas do comportamento. Tudo se passa como se uma autoridade mais alta tivesse voz de comando para interromper qualquer resistência em nosso comportamento; e a eficiência deste método é que estamos sempre precisando de um direcionador que nos dê novas instruções. Qualquer coisa que eu dissesse em tom de comando poderia surtir efeitos durante aquela espécie de estado hipnótico.

Ao olhar para trás, passados alguns anos, chego à conclusão de que estas primeiras experiências com a ayahuasca exerceram enorme influência sobre minha vida. E isso sem mencionar outras investigações realizadas com esta planta mestre, com a assistência de um ayahuasqueiro, nas florestas peruanas. Eu não teria palavras suficientes para explicar os muitos *insights*, juntamente com outras pessoas, ou para descrever tudo o que estas visões me deram ao longo dos anos. Entretanto, não abandonarei meu projeto atual: escrever um livro com relatos pessoais de experiências tão poderosas.

Uma Visão do Tecido que Todos Nós Tecemos

Caroline S.

Uma artista e mestre de meditação de 30 e poucos anos descreve como a experiência com a ayahuasca exorcizou uma entidade psíquica nefasta através da purgação. E ainda nos mostra como entrou em sintonia com a teia da vida e dos espíritos, que é tecida por homens e mulheres dos povos indígenas e da sociedade moderna.

MINHA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA com a ayahuasca ocorreu em uma residência particular no norte da Califórnia. Olhei de frente a imagem da Grande Espiral, e tive a sensação de estar me movendo dentro dela. As imagens e as cores se intensificaram de tal forma que me vi no seu interior. Tive a nítida impressão de que Deus lá estava, ensinando meu lugar na Espiral. Fui envolvida pelo sentimento de que tudo ali estava no seu devido lugar e em perfeito equilíbrio.

Notei que um dos homens do círculo começava a ficar doente, porque estava lutando contra a força e o movimento da Espiral. Procurei lhe dizer telepaticamente: “relaxe e acompanhe o movimento”, enquanto me deslocava para perto dele, através do plano astral, tentando ajudá-lo e guiá-lo. Depois de resistir e lutar por algum tempo, ele finalmente percebeu minha presença. Outras pessoas do grupo também lhe enviaram suas boas energias ou o apoio de corpos astrais. Por fim, ele relaxou e passou a se mover em sintonia com a Espiral.

A Espiral se transformou em uma extraordinária área de energia quadridimensional. Suas cores eram muito intensas, e cada um dos seus detalhes possuía presença, vida e movimento. Eu podia sentir sua forma e seu poder de criação, e minha presença dentro dela. Uma generosa serpente sagrada emergiu de um gigantesco diamante para me falar da importância da Espiral e do poder do movimento de *Kundalini* no meu próprio corpo, a jornada de volta a Deus.

Levantei-me para ir ao banheiro, pois estava com muita vontade de urinar. Quando me pus de pé, observei os Guardiões do Reino das Plantas sentados num dos lados da sala. Estavam entregues a uma meditação profunda, e senti que tomavam conta de nossas visões. A sala estava permeada pela presença deles, e me coloquei na postura de respeito e reconhecimento diante daquelas Plantas das quais até então não sabia nada.

Depois me dirigi ao banheiro que ficava no segundo andar. Sentei no vaso, e fui imediatamente acometida por violento espasmo gastrointestinal, ao mesmo tempo que recebia a imagem de um buraco negro com o formato de um diamante. Do seu interior, irrompeu um assustador e poderoso demônio que eu *sabia* jamais ter pertencido ao meu ser. Comecei a vomitar até que aquele demônio emergiu na minha garganta, sendo expelido pela minha boca. Ao meu redor tudo me pareceu coberto de sangue: não só a pia, como minhas mãos estavam inteiramente ensanguentadas. Não senti nenhum medo, porque sabia que o demônio tinha ido de vez para seu lugar. E, na medida em que dei permissão para que a imagem se fosse de vez, o sangue transformou-se em água e tudo acabou.

Recebi a visita do jaguar e do leão da montanha, meus animais de poder, e eles me falaram da força física e de como eu deveria respirar pelo nariz com a boca aberta, de forma a poder cheirar e sentir tudo o que me rodeasse. Fui possuída pela irresistível força feminina, e fiquei sabendo que todo clã depende da sabedoria e das habilidades Dela. Toda mulher precisa reconhecer seu próprio poder, para clamar pelo seu lugar de direito no clã. Estou ciente de que homens e mulheres devem respeitar e apoiar seus respectivos valores; A Grande Mãe necessita com urgência da restauração do equilíbrio através do trabalho das mulheres.

Entendi que o movimento de liberação feminina tomou direção oposta, e não se encontra no seu devido lugar na Espiral. Vivenciei, juntamente com alguns Cherokee, uma situação tribal (de clã) onde as mulheres se reuniam para, juntas, erigirem o poder; elas eram extremamente fortes e tenazes. Mas, não precisavam que suas ações e propostas se afigurassem óbvias para a tribo. Elas geravam uma extraordinária presença através de um fio consistente, uma vez que teciam o tecido de todo o clã com a imagética e a energia dos seus corações. Uma visão me presenteou com a sensação física do tecido que todos nós tecemos. Talvez porque eu observei a tecelagem sendo tecida pelo nosso círculo, ao mesmo tempo que nos focávamos em um centro único e na cura da Terra.

Fiquei sensível à cor e à textura do fio de cada uma daquelas pessoas, e compreendi que este conjunto contribua para um tecido final. Só aí percebi que eu e meu grupo de meditação estávamos tecendo uma tecelagem sólida e resistente a cada encontro semanal, sempre adicio-

nando um pouco mais de energia e de novos materiais. Me dei conta da importância de que todas as famílias, grupos de cura, parcerias e outros agrupamentos se tornem conscientes deste tecido, para criá-lo e construí-lo de maneira intencional. Afinal, é com este tecido que nosso mundo é criado.

As visões se tornavam menos intensas, mas eu tomava cada vez mais consciência do profundo sentido de família/clã que havia entre os membros do grupo. Embora cada um de nós tivesse passado por diferentes experiências, jamais deixou de haver um senso vigoroso e estável de comunidade e de apoio. Depois que o círculo foi fechado, alguns de nós foram para a sauna, e lá continuamos dividindo experiências. Na manhã seguinte, todo o grupo compartilhou suas histórias. Foi surpreendente verificar o quanto nossas lições estavam interligadas. Algumas pessoas coincidentemente, passaram por experiências que abrangiam nazistas e judeus, enquanto outras viveram situações constrangedoras, que envolviam os índios norte-americanos. Houve uma comunhão maravilhosa, e todos comprovaram ter passado por um alto grau de cura e de ensinamento, tanto no plano individual como no planetário.

Sinto-me honrada e agradecida por ter vivido esta poderosa experiência. Estou certa do quanto ela estimulou uma forma de impacto significativo e positivo para o conhecimento do meu Eu Interior, do meu lugar no universo, e do meu projeto em sempre trilhar o Caminho do Arco-Íris.

As Serpentes Etéreas Mantiveram-me em Cativeiro

Shyloh Ravenswood

Um psiquiatra de 45 anos relata aqui uma história dramática, onde nos conta como as serpentes da ayahuasca o ajudaram a purgar os resíduos tóxicos oriundos de um modelo de comportamento que só lhe trouxera infelicidade. Elas também lhe serviram de auxílio para obter um profundo autoconhecimento.

A pós nove meses afastado do trabalho no círculo de cura, senti-me pronto para mais uma jornada no mundo xamanístico dos animais e de outros habitantes do inconsciente profundo. Minha expectativa era a de também me religar com meu corpo físico, do qual tenho uma tendência a me alienar por causa do meu trabalho profissional, dos meus escritos e de outros propósitos intelectuais. Depois de anos de experiência pessoal com os psicodélicos, achei que a forma ritualística estruturada nos círculos de cura oferecia ambiente mais seguro para tais viagens, e que a ayahuasca constituía o meio mais eficaz para se alcançar uma mudança real de consciência.

Ingeri a bebida das plantas dos espíritos salvadores da Amazônia em três ocasiões anteriores, no contexto dos círculos de cura, e considerava as visões como gloriosas. Porque, em grande parte delas, tive oportunidade de contemplar alguns círculos brilhantes de luzes multicoloridas, mescladas com padrões caleidoscópicos, que se espalharam pelos meus sentidos e produziram profundo estado de êxtase. Experimentei ainda alguns *flashes* passageiros da imagem de um enorme gato, e também a de um corvo, animais com os quais tenho uma conexão bastante especial; mas eles não se mostraram interessados em mim, e por isso não permaneceram na minha consciência.

Ao longo dos dias que precederam o círculo em questão, senti os ombros e a nuca doloridos. Atribuí estas energias bloqueadas à tensão provocada por um trabalho árduo com pacientes psiquiátricos. No impulso crônico de realizar mais do que o tempo permite, eu também vinha negligenciando os bons hábitos alimentares que geralmente mantenho. E, como chegava em casa tarde e bastante cansado, bebia mais álcool do que me era habitual, interrompendo assim meu balanço interior dos resíduos emocionais diários, deixando de ter um sono saudável.

Durante a tarde da procura da visão na montanha San Gabriel, que precedeu a noite do círculo, não medi esforços para me concentrar no que seria minha intenção naquele fim de semana, mas me distraí com pensamentos mundanos que desviaram meu foco de atenção. E, na hora anterior ao início do círculo, não consegui de novo me centrar, pois fiquei conversando despreocupadamente com os companheiros de viagem, enquanto aguardava minha vez de tomar uma ducha. Entretanto, mesmo ligeiramente constipado, e já naquela excitação que precede o trabalho de cura, não fui ao banheiro antes da abertura do ritual.

Não é por acaso que os nativos da Amazônia se referem à ayahuasca como *la purga*. Nas minhas vivências anteriores com esta misteriosa planta sempre passei por uma seqüência de náuseas, no instante em que engolia o preparado, seguida pelo inevitável episódio dos vômitos, antes que atingisse o ápice da experiência. No entanto, este aspecto da viagem me parecia um mero acidente, um detalhe menor na passagem para o mundo das visões extraordinárias e dos profundos *insights* psicológicos.

Mas nesta viagem, a coisa foi bem diferente. Primeiro, porque aquele preparado forte e pungente me pareceu particularmente fedorento, de tal maneira que se aderiu à minha língua e ao meu palato, para depois descer pela garganta de um modo extremamente desagradável. E depois porque, quando chegou ao estômago, minha impressão era a de ter engolido uma jibóia viva, que se expandiu pelo ácido labiríntico dos meus intestinos, pressionando-os de tal maneira que ocasionou espasmos seqüenciais. Tendo nas mãos o recipiente próprio para a purgação, tentei por todos os meios, e repetidamente, expelir o réptil daquele preparado, sem obter êxito. Quando as primeiras visões se apresentaram, eu estava preocupado com as incessantes reviravoltas no meu abdome, e altamente frustrado por não ter me livrado daquele réptil horroroso.

Percebi que estava em apuros. Quase em frangalhos pelo turbilhão de uma lavagem visionária, eu sentia o pulso acelerando, enquanto a pressão sangüínea caía, e o fluxo de sangue se precipitava para meus pobres intestinos, abandonando de vez meu cérebro. Nesta postura extática, tudo o que eu queria era não perder a consciência, e tentei mais uma vez me aprumar na cadeira para vomitar, mas foi pior porque me senti mais tonto e enfraquecido. O tempo passava, e aquele meu transe embaraçoso se agravava, até que fui acometido por uma dor de barriga fulminante. Saí cambaleando até o banheiro, iluminado por uma só vela. Sentei-me e abaixei a cabeça para posicioná-la entre os joelhos.

Cobras!!! Isso mesmo, de repente, aquele pequeno aposento estava cheio de serpentes que subiam pelas paredes, pelo teto, pelo meu corpo, pelo meu nariz, e pelos meus ouvidos. Algumas delas se transformavam em outros animais – aranhas, lobos, peixes, e pássaros fabulosos e multicoloridos –, e assumiam a verdadeira natureza da serpente, sibilando à minha frente em movimentos ondulados e com a língua à mostra. Eu estava certo de que elas riam de mim, debochando do meu desconforto.

Não costumo ter medo de cobras. Admiro-as e respeito porque são as habitantes fascinantes e misteriosas do chaparral da Califórnia, onde corro todos os dias. Não senti qualquer repulsa por elas naquele banheiro; encantei-me com o poder de tais presenças, e fiquei bastante curioso com o que pretendiam de mim. Mais tarde, o guia xamã que conduziu o círculo me disse que, se eu tivesse capturado uma das cobras, ela teria transmitido todo o seu conhecimento para mim. Mas isto vai ficar para uma próxima vez.

Depois do alívio explosivo dos intestinos, eu me ergui, sem qualquer mal-estar. O acompanhante da sessão veio a mim para ver o que estava acontecendo, e ajudou-me a retornar ao círculo que já iniciava a rodada do bastão cantador. Ao chegar minha vez de segurá-lo, eu ainda me sentia ligeiramente enfraquecido. Aprumei-me sobre os cotovelos para cantarolar algo que expressasse minha provação. O ápice das visões terminara, e passei o resto da noite refletindo sobre o significado daquela exótica visita, tentando obter algum ensinamento das alusões oníricas transmitidas por aquelas serpentes etéreas que por alguns momentos mantiveram-me em cativeiro.

Nas semanas seguintes, a palavra “obtundido” surgiu na minha mente em meio às lembranças dos episódios daquela noite. A partir do primeiro significado desta palavra, ou seja, contundido, extrapolei outras significações: reduzido, bloqueado, impedimento do fluxo natural, e ainda embotamento dos sentidos, das emoções e do intelecto, junto à constipação do espírito. Eu tinha me deixado obtundir de diversas maneiras, sutis ou grosseiras, até que as cobras apareceram para abrir e abrandar meu coração, começando o trabalho pelos meus intestinos que estavam sendo estupidamente negligenciados por mim.

Embora ainda não possa dizer que não estou mais obtundido e que já compreendo todos os sinais que meu corpo me envia, ou que nunca mais as teimosias do meu ego impediram o fluxo do Espírito através do meu coração, afirmo que estou um pouco mais atento às minhas falhas. Porém, quando eu for capaz de capturar aquela cobra, talvez...

Ser e Estar com a Natureza

Pamela C.

Uma psicoterapeuta de 40 e poucos anos supera o medo e a repulsa pela Terra e pela natureza. Depois, chora por todo o planeta, entra em estado de encantamento por permitir que os elfos da ayahuasca curassem seu corpo, e ainda se entrega à alegria de vivenciar um tipo especial e saudável de irmandade num círculo constituído apenas por homens.

MEU OBJETIVO NESTA SESSÃO com a ayahuasca era investigar e curar meu relacionamento com a Terra. Desde pequena me ensinaram a temer e a não gostar de lidar poeira e de fazer caminhadas, e nem mesmo estar em contato com a natureza.

A substância da ayahuasca me pareceu terrível e constrangedora. Depois de bebê-la, ajeitei-me e aguardei com um recipiente ao lado, pois haviam me alertado sobre os vômitos. Quando eles chegaram, quase não acreditei: não tive nenhum daqueles sintomas desagradáveis, como cólicas e azias, tão comuns quando se está doente e se quer vomitar. Abri a boca, e tudo o que estava dentro de mim jorrou naquele recipiente de prata. Tudo se passou de forma gentil e delicada, e me senti languidamente feminina, sem qualquer desconforto.

Eu estava numa exploração interior, quando me vi chorando e sofrendo muito. Um forte pesar pelo mundo se apossou de mim, e me ocorreu a idéia de que seria dado grande apoio para uma cura definitiva, se as mulheres chorassem pela Terra. Eu mesma deveria ser mais autêntica, sem reprimir as lágrimas na relação com meus pacientes, sobretudo quando tivesse de chorar junto com aqueles portadores de HIV-positivo.

A experiência prosseguiu e percebi que estava numa vegetação verdejante e deslumbrante. Apareceram pequenos seres em desenhos que exibiam tons pastéis de azul e rosa. Se eu os tivesse criado, eles jamais teriam aquelas cores: eu me inclinaria para os homenzinhos verdes que habitam minha imaginação. Pois bem, os tais seres pequeninos começaram a trabalhar sobre meu corpo com minúsculas ferramentas. Mostravam-se amigáveis, e demonstravam uma enorme alegria por me ver, fazendo-me sentir uma princesa ou rainha a quem estivessem visitando. E era visível nos seus rostos alegres a surpresa e o orgulho por realizar aquele trabalho.

Depois me tranqüilizaram e me aconselharam a não ficar tão preocupada, por eu mesma realizar o conserto do meu corpo. Eles me ajudariam em todos os reparos. E ainda me disseram que, fosse qual fosse o trabalho a ser feito em mim, eu deveria me concentrar, antes de dormir, sobre a parte do meu corpo que precisava ser curada; assim tudo acabaria bem, mas que eu não pensasse que o trabalho teria sido só meu. Ao ouvi-los, senti um grande alívio, — porque acreditei de todo o coração nas palavras que me foram ditas, e porque confiava neles. Mais tarde, surgiu na minha mente a imagem de uma preguiça, aliás, um dos meus animais favoritos, dizendo-me: “Basta que você se dependure aqui!”

E lá estava eu mais uma vez na selva, deixando-me levar por todo aquele encantamento.

A certa altura, percebi-me de joelhos, ajoitando a coluna para sentar-me na posição de lótus. Eu não via como direcionar este processo mentalmente, pois meu próprio corpo se incumbia de restaurar o equilíbrio e a harmonia da minha coluna através dos seus movimentos. Lembro-me que ouvi o guia perguntando se tudo estava bem e se eu precisava de alguma coisa; respondi que estava ótima. Voltei a me movimentar de modo que pudesse curar a coluna. E lembro que me percebi extremamente confortável no meu corpo poucas horas depois, sentindo-me alongada e sensual, sem me sentir sexualizada.

E de novo eu me movimentava por uma floresta que exibia suas diversas facetas em meio a um acelerado movimento, que meu olhar captava de um só golpe. Agora eu estava me sentindo como um jaguar correndo pela floresta, que por sua vez andava apressadamente ao meu lado. Quando esta viagem se aproximou do fim, olhei de frente a face do jaguar, e também a de uma bela e maravilhosa jibóia.

Tão logo retornei à realidade física, estava rodeada pelos meus irmãos de círculo. Eu era a única mulher naquele grupo de aproximadamente oito homens. Sentia-me muito feliz por estar entre eles, pois de nenhum deles me vinha qualquer energia sexual; o que brotava entre nós era um sentimento de irmandade e de intensa fraternidade. Nasceu um sincero e profundo agradecimento pelos meus irmãos de sangue e por aqueles novos irmãos. Eu conseguia, enfim, vivenciar um relacionamento sadio com outros homens, estava totalmente segura; sentia-me protegida e salva ao lado deles; o mundo nunca esteve tão bem como naquele momento.

Nos meses que se seguiram a esta sessão, houve uma mudança radical no meu relacionamento com a terra. Comecei a fazer um jardim e até hoje trabalho nele. E sempre aprendo uma verdade profunda sobre a vida quando mexo com a terra e as plantas. Com a vida e com a terra é preciso semear, plantar, fertilizar, preparar o solo, tratar individualmente cada uma das plantas, e estar ciente de que cada espécie viva requer um tratamento específico. Aprendi a refletir sobre meus relacionamentos, sabendo que alguns são anuais e outros perenes. Passei a caminhar sozinha pelo campo, geralmente três ou quatro dias por semana. Um milagre para mim. Sinto meu corpo de uma forma mais profunda, tanto interna como externamente. Passei a reverenciar os insetos e a nutrir um imenso amor por todos os animais.

A maior surpresa foi sentir que meu medo de altura começou a declinar. Hoje, consigo ir à ponte San Rafael, e fico lá em cima sem tremer as pernas e sem suar frio.

Tenho observado resultados incríveis depois desta beberagem. Sou muito grata a ela e aos seus mestres.

Revedo esta experiência, depois de alguns anos, cheguei à conclusão de que a maioria das lições que aprendi naquela sessão permanece em mim. Devo admitir, porém, que o medo de altura ainda persiste. Por outro lado, o sentimento de segurança quando estou na natureza continua a crescer. Tenho acampado com outras pessoas, o que seria impossível, se não tivesse recebido a ajuda dos mestres da ayahuasca. Meu cachorro transformou-se em companheiro constante; no passado eu encarava qualquer animal de estimação como um aborrecimento. Atualmente, repito, nutro um grande respeito por todo o reino animal; até mesmo com os insetos minha relação é respeitosa. Evito todo e qualquer uso de pesticidas e só como alimentos sem agrotóxicos e sem fertilizantes químicos.

Encontrei num livro sobre nutrição algumas referências aos *eicosanóides*: super-hormônios que “controlam cada uma das funções fisiológicas” e que são “os mais poderosos agentes biológicos conhecidos pelo homem”. Existem em todos os seres vivos e permanecem inalterados por milhões de anos. Relendo a narrativa da minha experiência com a ayahuasca, fiz uma relação entre os pequeninos operários de cura, que eu vi nas cores azul e rosa, e os *eicosanóides* do meu corpo. Fiquei feliz por lembrar que sempre estarei precisando de uma pequena ajuda, e que estes seres jamais deixarão de cuidar de minha saúde física. Afinal, nunca é demais um pouco de atenção!

Depois da sessão com a ayahuasca, repensei o relacionamento com meus irmãos. Embora eu já tivesse passado grande parte do meu tempo na psicoterapia, exclusivamente centrada na família, tomei consciência da falta de relação entre mim e meus irmãos. Fiz algumas mudanças para estabelecer uma conexão mais estreita com eles. Apesar de não ser fácil, esta tarefa é e continuará sendo uma experiência enriquecedora. Após minha experiência com a ayahuasca, tenho esperanças de que qualquer relacionamento pode ser curado.

Um Líquido para a Alma

I. M. Lovetree

Um educador de 50 e poucos anos relata suas experiências de cura através da intensa purgação com a ayahuasca, mencionando ainda suas confirmações sobre os ensinamentos budistas e a nova e profunda compreensão das artimanhas do ego.

MINHA INTENÇÃO ERA ME interligar com o modo de cura desta beberagem. Quinze anos se passaram desde minha última aventura psicodélica. Eu me decepcionei com o cenário da Nova Era, especialmente com a escola de meditação a que me dediquei durante anos. Um dia me dei conta de que ela já não honrava os ideais que inspiraram sua criação. Eu já constataria alguns sinais de corrupção, que preferi ignorar em função do meu interesse em manter o *status* de professor, e de também pertencer a uma comunidade espiritual pela qual fizera tantos sacrifícios pessoais. Chegou o momento em que não deu mais para continuar.

Pode-se dizer que abandonei esta escola e ao mesmo tempo fui expulso. Não aceitei a autoridade de sua administração, embora meu desencanto tenha sido o que mais pesou nesta minha atitude. Meu encantamento se desfazia, quando desencantei de vez durante um treinamento para meditação, e larguei a escola. Pouco depois, retornei ao antigo trabalho no caminho da cura.



PRIMEIRA SESSÃO

Já possuído, plantei-me estendido no solo. Embora já tivesse passado por algumas experiências com as plantas alucinógenas, nada se igualava a esta: o espírito da ayahuasca rugia e vibrava. Tal como os ventos de Santa Ana, que anunciam com antecedência sua chegada, senti a ayahuasca se anunciando. Finalmente, ela chegou. E se fez presente na forma de uma enorme espiral que se movia, como um desentupidor de canos, pelos meus órgãos, sem desperdiçar nada e trazendo tudo à superfície. Quase não senti os sintomas desagradáveis que antecedem o vômito; simplesmente, vomitei. Sim, apenas isso, vomitei, pondo tudo para fora! Tudo aquilo que meu corpo não absorvera

estava sendo dragado dos meus órgãos, das minhas células, e das profundezas do meu ser: o trabalho da *purga* estava acontecendo. Resistências, corrupções, ressentimentos nutridos por muitos anos, enfim, todo esse tipo de coisa jorrava de maneira resplandecente dentro do vasilhame próprio para a purgação.

Curiosamente, adorei todo o processo. Senti-me aliviado. A onda de náusea que precedera e anunciara o vômito, dissipou-se. O espetáculo prodigiosamente brilhante das visões induzidas pelo DMT já se insinuava à minha frente, enquanto eu tentava sentar e me ajeitar para aguardar a experiência reservada para mim.

Cenas de minha vida desfilavam diante de mim, revelando e arremando uma rede de interconexões, como a mostrar um destino particular que ocorrera fora do tempo. Os eventos, antes aparentemente desconexos, agora pareciam entrelaçados, tal como aquele relacionamento com um companheiro da marinha 41 anos antes. Eu jamais entendera seu alcoolismo, e muito menos o motivo porque me escolheu como amigo do peito. Vi, então, o quanto nossos destinos estavam interligados e o quão semelhantes éramos. Entendia, também, como tinha sido difícil para ele ser um jovem índio recém-saído da reserva indígena, para depois cair numa base naval do Sul em pleno vigor da segregação racial. Grande parte de tudo o que faço atualmente, – o plantio orgânico, o envolvimento com o ativismo ambiental, e o trabalho com a cura e com a prática de aconselhamento, – ganhou o toque e a influência dessa amizade. Uma amizade que, mesmo tendo sido rompida, constituiu o primeiro dos muitos envolvimento que eu teria com os ensinamentos e os costumes do Povo de Origem, aquele mesmo que estive e ainda está sobre estas e outras terras.

A SESSÃO MAIS RECENTE

Depois da primeira sessão, participei ainda de umas sete ou oito, cada uma delas distintivamente diferente da outra, e o mesmo ocorreu com todas as beberagens que experimentei. Cumpre observar que a intenção é o fundamento mais importante dos preparados com plantas alucinógenas, porque qualquer outro componente da busca da visão ou do estabelecimento do círculo sempre está tangencialmente alinhado com este primeiro objetivo do indivíduo. Minha experiência mais recente com a ayahuasca provou ser exceção a esta regra.

Eu sentia o corpo demasiadamente sobrecarregado: havia sinais e sintomas evidentes. Eu estava tenso, agitado, e muito estressado. Todos os problemas se aglutinavam: meu trabalho, minha vida doméstica, e até mesmo minha existência, encontravam-se em constante agitação. Era hora de fazer uma boa faxina, procurar um meio natural de renascer; mas eu ainda hesitava, porque temia encarar todo um conjunto de aquisições acumuladas. Os modelos e imagens que tomara como exemplos estavam prontos para serem processados. Um anseio clamava pela ayahuasca; pela *purga*, mas eu ainda hesitava.

Se você já provou ayahuasca, entenderá porque só de pensar nela, vinha-me um calafrio. Bebê-la é uma coisa, tê-la sob controle é outra história. O relaxamento é de grande valia, tal como a respiração é importante no momento da náusea. Mas não era a náusea que me fazia hesitar, era o medo. Eu não podia enganar a ninguém nem a mim mesmo. Obriguei-me a olhar de frente aquilo que estava evitando. Uma parte de mim precisava disso, a outra resistia de todas as maneiras. Sempre acontece algo durante a busca da visão que precede a sessão do círculo. Ocorreu um fato que me ajudou a decidir.

Nosso guia nos dissera que a aparição do espírito animal era significativa quando se dava por quatro ou mais vezes. Naquela época do ano a presença dos lagartos era comum; vi pelo menos uma dúzia deles enquanto caminhava, afora outra coisa que aconteceu e que me pareceu rara. Dois lagartos enormes, medindo talvez 45 centímetros, saíram de um arbusto, a poucos passos de mim, e se colocaram no meu caminho. O lagarto que agia como líder olhou-me com ironia desafiadora, e o outro se comportou da mesma maneira. Depois os dois se retiraram em disparada de volta ao arbusto, retornando em seguida por diversas vezes, e a cada repetição deste processo me lançavam a mesma mirada brincalhona. Ou seja, eles não só estavam brincando comigo como também se exibindo. Como sempre associei os lagartos com as cobras, e estas com o movimento espiralado do espírito da ayahuasca, minha opção pela beberagem tornava-se obviamente clara e correta, bem como os resultados excelentes que obteria, conforme eu acabaria comprovando.

Ingeri a ayahuasca e entrei pela noite com a expectativa do tipo de magia que ela me traria. Depois de algum tempo de prática, eu aprendera a lidar com o espírito da planta e também com o meu Eu Interior. Sabia que seria necessário implorar com humildade para que os espíritos da ayahuasca fossem gentis comigo. O cuidado com a

dosagem do preparado seria de importância fundamental, pois as doses maiores me mostraram ser formas inadequadas de aproximação com a experiência, porque inibiram as defesas do meu ego, deixando-me um pouco reflexivo, o que me levou ao desespero e ao pânico. Esperar-para-ver-no-que-vai-dar-e só depois adicionar um tiquinho mais, provou ser a melhor estratégia. Afinal, de que adianta lançar-se ao mar, se você ainda não consegue navegar? A combinação de uma dose apropriada com uma atitude de humildade seria o meio pelo qual eu conseguiria navegar.

O guia sugeriu que usássemos o acróstico *r-a-l-e* [respiração, atenção, luz, empatia – Ed.], pois este seria um estratagema de navegação e orientação que nos ajudaria a não perder o rumo durante a sessão. As duas primeiras sugestões – *respiração* e *atenção* – eram relativamente fáceis de sustentar, e o mesmo ocorria com o aspecto *luz*; passei alguns anos em uma escola onde se trabalhava com a energia luminosa do fogo. No entanto, com relação à empatia, embora eu já tivesse me aprofundado no ensinamento budista chamado *bodhicitta*, e que tanto diz respeito à mente consciente como ao desenvolvimento da compaixão, eu não a sentia por mim mesmo, e me era bastante complicado. Nos últimos anos eu me tornara menos crítico em relação aos outros, mas não deixara de ser duro comigo mesmo.

Através de um breve *insight* ocorreu-me que se o budismo pudesse ser reduzido a um conceito simples, este seria o da empatia ou compaixão por si e pelos outros. Tendo como base este patamar elevado da consciência, tornei-me consciente do constante e aparentemente interminável fluxo de julgamentos que nos é habitual. Vi, então, o quanto me desviava do meu rumo quando fazia meus julgamentos, o que me levava de volta ao sofrimento. A carta do julgamento no tarô me foi oportuna – nela os querubins com suas trombetas celebram alguém que triunfou sobre a barreira julgadora da consciência.

Meus próprios pensamentos me desviavam do rumo. Em certo momento eu estava totalmente integrado com a música, logo a seguir refletia sobre o ocorrido, e criava um abismo entre os dois instantes. Percebi, então, os hábitos sutis e difusos que constituíam minha identidade e que trabalhavam para travar minha mente. Assimilei boa parte destes hábitos dos meus pais e eles ainda estavam vivos dentro de mim. Entendi o significado de uma oração que os bascos rezam para os recém-nascidos: “Que esta criança possa ser aquela que irá quebrar

as manias cruéis de sua família!” Senti como se estivesse varando o tempo em busca de uma flecha evolutiva, que se encontrava em mim mesmo. Qualquer mudança naquela hora iniciaria uma transformação que repercutiria na grande teia da vida. Foi fácil observar que a maior parte dos erros dos pais são pecados do hábito, passíveis de transformação e transmutação. Estou aqui justamente para realizar esta tarefa.

Surgiu-me uma pergunta relativa ao envelhecer: o que fazer para me tornar um velho generoso e sábio. A resposta me veio direta e curta: “Continue a se trabalhar, pois o restante virá por si mesmo.” Sob a influência das chamadas condições normais do meu ego, o Espírito não tem como se manter em mim: este meu ego chama todos os territórios da consciência somente para si, simulando o papel do meu Eu Interior. Trata-se, pois, de uma espécie de reflexo condicionado do ego para se defender das intrusões do Espírito, no qual ele vê um grande perigo para sua integridade e sobrevivência. Jung compreende toda religião institucional como um mecanismo de defesa contra a verdadeira experiência religiosa; em grande parte do que é tido por religião o Espírito é cooptado pelo ego, e por este tornado seguro. Nenhuma transformação, ou sacrifício real, é exigida.

Diversos outros truques do ego me foram revelados no curso deste círculo da ayahuasca. Observei a rapidez com que minha mente racional, a serviço do ego, desvia minha atenção para as demandas do momento imediato. Percebi como os trabalhos de condicionamento desta mente racional evitam com destreza e sutileza as vivências genuínas. A transição de participante ativo no fluxo da vida para um outro à margem dela pode ocorrer em uma fração de segundos.

Também observei a profunda mudança em um dos participantes que algumas vezes se mostrara arrogante comigo, além de distante, fechado em si mesmo, e prisioneiro de uma fachada profissional. Eu já havia explorado este território, e sabia o que é ficar enredado na prisão do ego, sempre construída pelo próprio indivíduo; eu conhecia a sensação de isolamento e todo aquele sofrimento que se vive para manter tal posição. Comecei a chorar, enquanto observava a forma pela qual a beberagem o desamarrava das cadeias do ego, permitindo que seu espírito fluísse e se expressasse para transformá-lo em um ser receptivo, vulnerável, e verdadeiro. Foi lindo quando o ouvi pedindo clemência e perdão, e reconhecendo que não passava de um mero prisioneiro. Neste instante ele começava a dissolver suas barreiras.

Os efeitos da beberagem já se extinguíam, e eu continuava fascinado com o aspecto instrutivo da observação do processo pelo qual todas as constelações de imagens condicionadas retornavam e reivindicavam seu lugar de domínio no ego. Tal como as peças de um quebra-cabeças, os elementos da personalidade egóica passaram a se movimentar lenta e inexoravelmente na direção dos seus lugares; recriando assim o velho e formidável tolhimento da fachada inicial, e constituindo outra vez aquela máscara de ferro cujo papel é impedir que a luz do espírito seja percebida e entre em atividade.

Aprendi que as imagens da personalidade estão sempre ricocheteando, como se tivessem vida e vontade próprias. A boa notícia sobre as beberagens sagradas é que elas também deixam suas marcas indeléveis. As redes naturais dos neurônios são modificadas, de novo arranjadas, e recriadas, permitindo que o processo da visão e da cura tome seu lugar. De uma forma muito sutil, eu e meu amigo do círculo nunca mais seremos os mesmos. O processo de crescimento apreendido com as lições no círculo continua, porque surgem ocasiões em que estas lições se integram à realidade ordinária.

Os resultados das minhas repetidas ingestões de ayahuasca foram cumulativos com o tempo. Um exemplo: meu sentimento de conexão com o reino vegetal tem sido substancialmente fortalecido. O mesmo ocorreu com o arquétipo do Homem Verde que associo com o espírito da ayahuasca, pois este floresceu de forma concreta e visível em mim, e dele recebo cada vez mais influências. Posso uma fazenda 100% orgânica, e meu compromisso com o meio ambiente toma um pouco mais do meu tempo, do meu dinheiro e de minha energia. Há um antigo conselho sufi no qual se diz que não se deve convidar um treinador de elefantes para a sala da casa, a não ser que se esteja preparado para conviver com um elefante. Isto é uma grande verdade, especialmente quando o elefante é verde.

O CREPÚSCULO

A ingestão da ayahuasca sempre me faz atravessar seu pronunciado crepúsculo de forma consciente por duas ou três semanas, quando não se prolonga por mais tempo. Eu tenho uma forte impressão de que tudo vai bem no mundo, uma sensação de profundo bem-estar físico, e de vivenciar plenamente meu presente. Minhas perturbações emoci-

onais passam quase despercebidas. O retorno ao meu centro de equilíbrio se dá naturalmente. Depois da última sessão com a ayahuasca, fiquei mais sensível ao sentimento sutil da amplitude, que me acompanha de modo mais persistente, e de tal maneira que uma brisa refrescantemente mentolada estava sempre soprando por todo meu corpo. Não fiz qualquer tipo de evocação; esta brisa estava em mim, restando-me apenas o trabalho de percebê-la.

Sete semanas depois desta última sessão, tive um sonho extraordinário onde meu ego tornava-se uma espécie de violino tocado pelo Espírito (a parte mais fina e alta do Eu Interior). Ouvi a orquestração espetacular de sua sinfonia cristalinamente clara, etérea e elaboradíssima. Não sou capaz de ler nem de escrever música, fiquei a imaginar quem poderia ser o compositor. Eu me sentia um Beethoven ou um Mozart andando pelas ruas com espontâneas sinfonias orquestradas dentro da cabeça. Era eu mesmo. E enquanto sonhava, me dei conta do quanto este sonho era metafórico.

Depois de qualquer sessão com a ayahuasca, sinto-me completamente limpo, e usufruo o sentimento de ter sido realmente curado em todos níveis, sobretudo no físico. A beberagem da ayahuasca tem uma afinidade especial com o sistema gastrointestinal: ela se movimenta como uma cobra pelo corpo, procurando e eliminando as obstruções do fluxo vital da energia. Às vezes, penso na ayahuasca como uma espécie de *Kundalini* líquido para a alma. Ela é, sem dúvida alguma, minha preferida para realizar a purificação e a cura, além de sempre me permitir uma reconexão com o reino vegetal.

Através da Ajuda dos Espíritos da Planta, Curei a Mim Mesma e aos Outros

Eugenia G.

Aqui é relatada a história de uma farmacêutica de 40 anos que, vivenciando uma crise psicológica e física, juntamente com a necessidade de uma emergência espiritual, experimentou a ayahuasca. Ela aprendeu, então, a se comunicar com os demais espíritos das plantas que a rodeavam. E, como resultado destas lições, tornou-se herbalista mestra, passando por uma série de iniciações na Amazônia, onde aprendeu a trabalhar com os "espíritos doutores", tal como trabalham os ayahuasqueiros tradicionais.

NA PRIMEIRA SESSÃO COM A AYAHUASCA, minha proposta era aprofundar a compreensão das mudanças que comigo ocorriam naquela época. Alguns anos antes, a espiritualidade começou a se manifestar espontaneamente em mim nas horas mais imprevisíveis. O fenômeno desta emergência espiritual abrangia distúrbios físicos (dificuldade de dormir, excesso de energia, tremores, e emagrecimento), aberturas psíquicas (expressões espontâneas de pinturas e poesias, escrita automática), e elevação da consciência espiritual (sensações a respeito da simultaneidade das realidades visíveis e invisíveis).

A princípio, procurei a psicoterapia na tentativa de obter um maior esclarecimento sobre o que estava acontecendo. Eu queria aprender a lidar com a energia, me abrir de vez para tais vivências e fazer bom uso delas. Eu estava passando por tremendas revoluções, e me via submetida a inúmeras irrupções espontâneas de energia. Tão logo compreendi e controlei mais estas energias, minhas explorações tiveram um foco mais nítido, e aprendi mais ainda. O círculo da ayahuasca me oferecia uma oportunidade perfeita. Já tinha ouvido falar da excelência desta planta como catalisadora dos profundos poderes de conexão com a natureza e com quem a vivencia; fui informada de que esta bebida propicia o desenvolvimento dos chakras inferiores.

Como quase todos que experimentaram a ayahuasca, eu também passei pelas visões estonteantes e luminosas de animais, pássaros, plantas, e dos inúmeros recantos naturais como florestas e rios. Para minha surpresa, o que se passou durante a experiência não foi tão con-

tudente e radical quanto o que ocorreu depois. Então, nunca mais estranhei o fato desta bebida ser considerada um dos mais poderosos catalisadores visionários.

Na manhã seguinte a esta sessão, percebi o quanto eu ainda permanecia incomumente aberta. Eu tinha a sensação de que ainda estava ao ar livre, e não na cabana. Durante o ritual matinal dos tambores, senti que o reino vegetal falava comigo. Plantas, frutos, flores e árvores continuaram a me ensinar suas propriedades medicinais e o modo certo de utilizá-las. Segui em comunhão com o reino vegetal por toda a manhã, perdido em conversas com ele. O reino das plantas chegou a mim com todo seu esplendor. Fiquei maravilhada. Até aquele instante o único verde na minha vida fora uma violeta africana sobre minha mesa. Tudo o que eu sabia sobre plantas era que elas precisam ser regadas com regularidade.

Logo após aquela semana, ao expor esta experiência ao meu terapeuta, ele sugeriu que talvez eu pudesse me tornar uma herbalista dedicada à cura pelas plantas. Enfatizou meu histórico com a farmacologia e meu saber teórico sobre botânica, e me disse que não estranharia se eu me tornasse uma herbalista. Respondi: "Você está brincando!" Naquela época, minha carreira convencional estava voltada para a farmácia. Eu não tinha qualquer interesse pela opção apresentada por ele. O reino vegetal, porém, estava interessado em mim: tive sonhos onde me via envolvida com plantas e como utilizá-las nos entes amados adoentados. Eu dizia às plantas que os remédios de ervas eram coisas do passado, e que eu representava a ciência moderna.

Finalmente, por sugestão de um amigo, fui assistir uma palestra sobre ervas. Fascinada, me inscrevi num seminário; acompanhei um ano de um curso sobre o herbalismo clínico. O reino vegetal me direcionava e me fez vivenciar uma cura espontânea com uma erva do meu jardim. Além disso, tive a felicidade de trabalhar com um físico que fazia pesquisas com ervas. Minha vida mudou radicalmente: conheci uma nova prática farmacológica sob a égide da medicina natural, e abandonei a farmacologia convencional.

Já se passaram quatro anos, desde aquela primeira experiência que transformou minha vida, e o meu trabalho com o mundo vegetal sempre foi intenso. As plantas e as ervas são minha grande paixão, uma investigação privada e sagrada. Elas me conduziram às partes mais profundas do meu ser e de minha alma. Depois que experimentei a

ayahuasca, todos os tipos de plantas me falam sobre seus valores medicinais e o modo de usá-los. Aonde vou se me apresenta uma boa variedade de plantas, oriundas de jardins, das hortas, dos campos, ou até do mato.

Quando me submeti à ayahuasca, tive uma primeira reação, diante do reino vegetal, bastante "peculiar". Vivenciei uma intensa conexão com o divino. Apreendi a me conectar com os espíritos das plantas através das diferentes técnicas e jornadas xamanísticas, tornando-me apta a curar os outros e a mim mesma. Captei o sentido real do meu trabalho, e comecei a trilhar o caminho do curandeiro xamã que auxilia os outros através de viagens visionárias. Eu me pus de acordo com aquela primeira intenção, e hoje possuo um objetivo, através de uma técnica particular, e uma proposta que sempre responde as questões postas pela minha emergência espiritual. A vivência com a ayahuasca abençoou-me com o dom da cura, e me deu um entendimento que transcende qualquer coisa que eu pudesse ter imaginado. Continuo humilde serva dos seus serviços, e sinto-me grata a todos que me ajudaram ao longo deste caminho. Agradeço especialmente ao meu guia, ao grupo, ao meu terapeuta, à ayahuasca e ao reino vegetal.

No processo de transição de farmacêutica para herbalista, fui acometida por repetidos pesadelos onde me via atada a uma estaca com uma larga correia de couro, que se prendia aos meus pulsos. Era queimada repetidas vezes nesta estaca, por algo que eu sabia ser verdadeiro, ou seja, exatamente como ocorreu com muitas bruxas durante a Santa Inquisição medieval. No curso de tais pesadelos, fui tomada pela síndrome da incapacidade motora carpal que me impossibilitou de exercer as funções de farmacêutica, forçando-me a abandonar a profissão original.

Este sonho repetitivo completou-se com a sequência de uma cena: fui mais uma vez queimada na estaca até gritar para meus torturadores: "Vocês podem queimar meu corpo, mas jamais queimarão meu espírito. Estou de volta e hoje meu nome é Eugênia. Vocês terão de lidar comigo através deste nome, porque mais do que nunca estou bem viva!" Subitamente, fui libertada da estaca de fogo. O sonho parou de me atormentar. Abandonei a farmacologia convencional, mas fui agradada pelo reino vegetal com uma nova profissão: a de herbalista e orientadora de remédios botânicos.

A ayahuasca começou a inundar minha alma de uma forma muito mais intensa do que antes. Senti necessidade de visitar a floresta

amazônica, o mais importante e soberano representante do reino vegetal. Jamais vivenciei algo parecido diante da extensão gigantesca e da profunda densidade desta floresta. Além da riqueza indescritível de seus elementos, e da verdejante fecundidade que lhe dá a plenitude de sua vida selvagem, a floresta amazônica encerra segredos que poderiam mudar radicalmente o curso da medicina atual. Trabalhando durante anos com plantas medicinais, eu não estava preparada para a magnitude e riqueza desta floresta. O Jardim do Éden existe, e eu estava no meio dele. Eu estava no lugar de origem da criação natural, assistindo o espetáculo da maior obra-prima da natureza. Diante do esplendor vital da floresta amazônica, nossa sociedade dita requintada não é capaz de entendê-la, por causa do que considera como as reais necessidades da vida.

No meio desta floresta primal, comecei a ter visões espontâneas e inesperadas. Seguiu-se uma série de eventos mirabolantes. Conheci um herbalista xamã, que se tornou meu mestre. Ainda abalada pelas experiências visionárias sem qualquer indução, pedi a este homem explicações e ajuda. Sua resposta foi a mais simples possível: "Você tem energia o bastante para ser xamã." Passamos a ler o coração um do outro, como se fôssemos membros de uma mesma família. Ele concordou em me tomar como sua aprendiz, e eu aceitei seguir suas orientações, inclusive as restrições alimentares. Assim eu poderia aprender seu vasto acervo de conhecimentos das plantas medicinais.

Ao lado deste xamã, tive muitas experiências visionárias. Contemplei os mundos paralelos dos espíritos doutores, tanto na forma humana como vegetal. Conheci o grande espírito feminino das plantas, a maravilhosa *Mercura*; ela me mostrou um livro intitulado *As Regras da Vida* e me disse que sempre que houvesse necessidade de ajuda, para mim ou qualquer outra pessoa, eu deveria ir até sua presença com este livro, e ela me mostraria as páginas onde estariam as respostas. A ayahuasca permitiu que meu cotidiano fosse mais vívido; minha pele adquiriu mais eletricidade; a luz emana de todos os seus poros e meus sonhos ficaram mais lúcidos. Os pássaros mensageiros, os animais falantes e os espíritos das plantas continuam me ajudando.

Os poderes transformadores da ayahuasca mudaram profundamente minha vida. Ainda estou aprendendo a ser uma xamã com meu mestre da floresta do Peru, enquanto pratico a profissão de herbalista-educadora na América do Norte. Para ser xamã, é necessário adotar

um estilo especial de vida; não basta passar por um só evento, ou mesmo uma sequência deles. A ayahuasca é apenas um instrumento, embora também seja uma das chaves fundamentais para o processo total de aprendizado.

Às vezes, chego a sentir as plantas da ayahuasca crescendo dentro de mim, de tal forma pareço emergir junto ao seu espírito, para tomar alguma medida de cura. E para que se tenha uma idéia do que ocorre entre mim e a ayahuasca, basta vê-la brotando dentro do meu corpo com seus braços simbólicos de cipó, como se quisesse abraçar de maneira curativa todo aquele que dela se aproxima. Meus braços e minhas mãos se tornam seus braços e suas mãos humanas. O espírito desta beberagem é o da grande curandeira que auxilia a quem a ingere, tornando-o verdadeiro. A floresta amazônica encontra-se nas minhas veias. Ela faz parte de mim e eu faço parte dela. Nunca estamos separadas: minha vida já não pertence exclusivamente a mim. Ao me deixar levar pelos aspectos profundos da ayahuasca, meu ego sucumbiu ao passado, enquanto a curandeira do amanhã nascia dentro de mim.

A Grande Dança Espiral da Vida

Raimundo D.

Um psicoterapeuta de 50 anos narra uma sequência progressiva de purgações radicais e libertadoras, enquanto vai se transformando na grande serpente cósmica da ayahuasca.

MINHAS INTENÇÕES CONSCIENTES, para uma primeira experiência com a ayahuasca, eram descobrir o que eu precisava fazer para me tornar uma pessoa melhor, e conhecer de perto a Serpente. Durante o período de espera, logo após a ingestão, veio-me o pensamento sombrio de que passaria por maus bocados com alguma serpente desproporcional, uma sucuri ou uma jibóia gigantesca, que tanto poderia me devorar como me esmagar. Achei melhor não viver este tipo de experiência, optando por não tê-la. Decidi, porém, que eu, realmente, queria *ver* a serpente.

Primeira etapa da purgação: uma mensagem interior dizia-me que eu não poderia ver a serpente: ela era grande demais, eu teria que *sê-la*. Ondulações espontâneas me transformavam em serpente, projetando-me para frente e para trás, fazendo-me vivenciar seus movimentos serpenteados. Através de uma serpente que conduzia a procissão da humanidade tornei-me consciente do processo pelo qual tendemos para a eternidade. Era a experiência sem fim e sem tempo da grande dança espiral do conjunto da vida.

Captei algumas estruturas circulares iridescentes e luminosas, e percebi que elas eram as escalas e as curvas do corpo da serpente. Tudo aquilo que eu iria *ver*, seria apenas um arco relativamente pequeno da imensa espiral da procissão da vida. O conhecimento desta vida não passa de um "show de estrada" comparado ao conhecimento da Grande Serpente.

Segunda etapa da purgação: constatei que passava por um processo de limpeza, purificação e abertura, e que a cada vômito eu me aprofundava mais nesta experiência. Recebi uma demonstração cabal e visual das diferenças entre as serpentes emplumadas e os demais tipos deste animal, e entendi que todas elas formam versões limitadas da Grande Serpente. A serpente emplumada é masculina e enfatiza as impressões exteriores e as manifestações de poder; a serpente sem plumas é feminina, voltando-se para as impressões interiores e para o regulamento da força.

Já tendo então constituído minha *anima* e meu *animus*, seguiram-se diversas associações com o *yin* e o *yang*, que compuseram um conjunto arquetípico simultaneamente cósmico e atômico. De repente, deu-se uma virada no meu sistema nervoso, que atribuí à fita que foi gravada pelo ayahuasqueiro cantador de *icaros*. Vivenciei meu corpo como se ele estivesse sendo reprogramado, reorganizado e reconstituído desde o mais ínfimo e intenso nível celular. O que resultou num extraordinário sentimento de abertura, solidez e plenitude.

Terceira etapa da purgação: aqui se deu a entrada na toca da serpente, que se transformou em uma espécie de dragão. Obviamente, eu nunca vi um dragão na sua toca. A impressão era a de que um macho e uma fêmea coabitavam aquele lugar. Fui despertado por uma sinestesia — eu estava numa caverna semi-escura, úmida e quente, que emanava nuvens de vapores. Tratava-se de um recanto onde se dava a essência da criação e da geração. Eu já conhecia o casal que ali residia, e me sentia em um lar maravilhoso, pronto para ser compartilhado.

Quarta etapa da purgação: quando caí no sono, vivenciei uma limpeza completa do meu trato alimentar e da cavidade interna do meu corpo. Pelo resto da noite e da madrugada, senti a limpeza no estômago, na região intestinal e no cólon. Houve uma prodigiosa exploração do cólon. Pela manhã todo meu corpo parecia ser um tubo limpo, claro e aberto. Minha garganta, que possui uma tendência a bloqueios, encontrava-se completamente desimpedida, e meu corpo transmitia uma sensação de limpeza e leveza.

Refletindo sobre minha intenção de melhor servir às pessoas, concluí: primeiro, relembrar a imensidão do fenômeno total da vida, e apreciar o arco limitado ou o setor no qual vivencio esta minha vida atual. Segundo, manter meu corpo o mais limpo e desimpedido possível, de maneira que seja um canal/veículo/meio para a experiência visionária. Terceiro, a de *constituir* uma experiência de mim mesmo e dos outros, no sentido interno e no somático, ao invés de só observar externa e visualmente.

Fiquei profundamente agradecido por ter tido a rara oportunidade de viver esta experiência. Agradei à Mãe Natureza, às plantas, ao facilitador da vivência, ao grupo, ao acompanhante e a mim mesmo com sincera humildade, respeito, gratidão, e encantamento.

A vívida realidade e inequívoca verdade desta experiência foi internalizada em mim, e continua comigo por mais de uma década.

Foi um momento inesquecível, de profundo impacto na minha vida, levando-me a vivê-lo de maneira consciente, e me deu oportunidade de servir aos outros, tanto no nível pessoal como no profissional. Depois desta experiência, e com a ajuda da sua fonte de criatividade e do meu inconsciente, realizei uma tomada radical de consciência e uma autotransformação. Tornei-me mais aberto e receptivo, criando as condições para a reflexão e a resposta da realidade mais bela e verdadeira de todos os seres.

Uma Experiência Concretamente Semelhante ao que Ocorre no Budismo

Renata S.

Uma pintora e praticante experiente da meditação budista descreve, nos seus 40 anos de idade, sua experiência com a ayahuasca, onde atinge um estado de profunda serenidade perante as belezas e os horrores da existência.

MINHA PRIMEIRA, E POR ENQUANTO ÚNICA, experiência com a ayahuasca se deu em uma confortável construção de moldes geodésicos em meio a um cenário relativamente rural. Tal como os demais integrantes do círculo, passei o dia em jejum, meditando e me pondo em sintonia com minha intenção, ou seja, aquilo que eu esperava investigar enquanto estivesse sob o efeito desta bebida. Embora meu projeto inicial tenha sido iluminador e vivenciado por mim ao longo de todo o percurso, tornou-se a parte menos importante da experiência.

O que eu gostaria de expor talvez não seja tangível, mas foi o aspecto mais significativo da minha vivência. Ao mesmo tempo que sentia a sofisticação desta viagem, eu estava consciente de que ela seria mais uma metáfora na minha vida. Assim, quando me vi envolvida em alucinações horríveis, nunca tentei evitá-las; procurava enfrentá-las com sincera convicção, apreciando a beleza que lhes é própria.

Como muitos da geração dos anos 1970, sempre tive grande interesse pelas filosofias orientais. Fui vegetariana por longo tempo, e pratiquei meditação e yoga diariamente. Porém, minha compreensão dos conceitos e preceitos filosóficos do pensamento oriental ocorria no nível intelectual, ou seja, de maneira superficial. Isto persistiu até que me foi possível sondar o terreno com a ayahuasca (um experimento bastante semelhante ao que tive com o LSD). Passei a entender estes conceitos e preceitos de maneira prática. Foi como se meu corpo tivesse absorvido, na sua dimensão celular, as inúmeras idéias de dualidade, totalidade, paradoxo, e por aí afora. O sentimento de corporeidade obtido com esta experiência foi, sem dúvida alguma, muito mais substancial do que qualquer outro entendimento meramente intelectual, o que fez deste momento um dos mais palpáveis que tive na vida, muito semelhantes aos instantes que vivi com o budismo.

Compreendi que as visões tristes e aterradoras são tão maravilhosas quanto as mais lindas e deslumbrantes. E me senti viva, aberta, responsável, e sem qualquer resquício de medo! Quando aceitei a natureza efêmera de todas as coisas e de todos os seres, procedi com simplicidade e estive plenamente presente em cada momento. Senti pela primeira vez uma espécie de segurança implícita quanto à minha capacidade de me guiar através do fantástico labirinto de luzes e sombras da vida.

O aspecto mais valioso desta viagem foi o da vivência com minha segurança interna. Transformou-se minha maneira de encarar o essencial da vida, que nunca mais deixou de me servir como lembrete de sua beleza paradoxal: o doloroso é tão importante quanto o maravilhoso, e frutifica tanto quanto este. Esta noção tem sido de grande valia para me lembrar que também sou capaz de navegar em águas mais turbulentas.

Sob o ponto de vista físico, a experiência foi extremamente enriquecedora. A ayahuasca penetrou nas regiões recônditas da minha consciência e vasculhou meu corpo. À medida que me aprofundava na viagem, minha experimentação tornava-se mais visceral e menos definida. Senti a bebida como se fosse uma cobra movimentando-se dentro de mim, fazendo um percurso do cérebro à virilha. E, com a aproximação do seu fim, eu já me sentia enraizada na floresta e enriquecida dos seus aromas de morte e renascimento. Tornara-me uma com os cipós e com a própria terra.

Passaram-se cinco ou seis anos da experiência com a ayahuasca e da minha narrativa. Nunca mais tomei a bebida, mas tenho consciência de sua importância. Aquela viagem teve alguns ápices que ainda norteiam minhas escolhas e atitudes. Passei a expressar coragem e sabedoria, é grande a alegria que extraio daqueles instantes, quer fossem aterradores ou celestiais. A ayahuasca trabalhou como um catalisador em minha vida nos seus níveis mais profundos. As lições aprendidas foram poderosíssimas. Sou muito mais consciente em relação às minhas escolhas, e procuro integrar-me a cada dia e cada vez mais no grande abraço da vida, sempre grata por estar viva.

Uma Jornada à Floresta da Esmeralda

Richard N.

Um terapeuta e professor de 50 e poucos anos, descreve o processo profundo de uma cura física e emocional – com a liberação dos resíduos traumáticos oriundos do seu nascimento e de um acidente na infância – através do encontro com os espíritos da serpente e do jaguar, mediados pela ayahuasca.

ENTREI NO CÍRCULO E ME DEIXEI levar por aquela que seria a primeira viagem com a ayahuasca. Minha expectativa era a de que pudesse ocorrer algo como um choque elétrico ou coisa parecida. Aguardei com ansiedade, enquanto meu corpo se aquecia, até que senti uma energia sutil e suave na base da coluna, que deslocou-se para minha cabeça. Meu abdome começou a se aquecer e a se movimentar. Eu ainda esperava o tal choque elétrico. Comecei a me debater com a idéia de que provavelmente não estava tendo a experiência por que tanto aguardara. Percebi, então, uma energia diferente, meu corpo aceitou de bom grado a beberagem, e ela estava atuando em mim.

A energia tornou-se mais penetrante e passou a mover-se em um vaivém no meu corpo, o que deixou sensível as duas áreas onde ela agia com mais intensidade: o baixo abdome e a cabeça. Minha atenção ora oscilava para cima, ora para baixo. Quando este fluxo energético vibrava mais intensamente na minha cabeça, eu ficava mais atento a este ponto e aparecia imediatamente uma sequência de visões maravilhosas; no entanto, a energia logo se deslocava para meu abdome, levando consigo minha atenção e intensificando a sensibilidade nesta região, que me dava a nítida impressão de estar se abrindo. Quando eu me punha a imaginar a movimentação da beberagem no meu abdome, os roncões soavam mais fortes. Senti dores nas áreas próximas ao fígado, porque já tive hepatite. A energia passou a agir mais concentradamente nesta região, e todos os pontos dolorosos se dissolveram definitivamente.

De repente, o fluxo de energia deslocou-se para minhas costas, e eu sabia que estava indo junto com ele. Meu corpo envolveu-se num movimento vertiginoso, deixando-me sem controle, e ao mesmo tempo trazendo-me uma sensação de prazer e liberdade, que perdurou algum tempo, até que me percebi transformado numa serpente que se arrastava agilmente pelo solo. Pedi que me mostrasse tudo o que pre-

cisava aprender, enquanto seguia me arrastando, e repetindo inúmeras vezes este mesmo pedido. Eu me arrastava pelo chão, fazendo o mesmo pedido diversas vezes, até que comecei a engatinhar. Não era apenas uma parte do meu corpo que se movia, e sim todo ele. Não havia como uma única parte se mover, sem que o corpo inteiro acompanhasse. Não existia qualquer separação entre suas diferentes áreas.

De tanto percorrer este trajeto itinerante, eu exercia cada vez mais a força dos meus nervos e dos meus poderosos músculos que se alongavam e se contraíam, minhas quatro patas solidamente conectadas com a terra, usufruindo de todo seu negror, maciez, e brilho. Senti também o grande poder do jaguar e da deslumbrante pantera negra da floresta. Solicitei ao jaguar que me mostrasse o que eu deveria aprender. Despertei, então, para seu macio e poderoso movimento, passando a correr com este animal e provei a capacidade de explodir em diferentes mobilidades, além de aprender a esgueirar-me e a andar solidamente conectado com a terra. Quando lhe pedi para me mostrar mais uma vez a lição, retornei à forma de serpente e passei a mover-me com presteza pela superfície da terra, acompanhando cada uma de suas curvas e de seus movimentos pelas grotas.

Repeti o pedido, a serpente se ergueu e senti um capuz sobre a cabeça. Neste último movimento para me pôr aprumado, encolhi os braços, posicionando-os contra o peito, e tive a impressão de que estava sem braços e sem ombros. Alguns anos antes, desloquei os ombros em um sério acidente. Eu me dei conta de que estava me dissociando, mais uma vez, desta parte do meu corpo, impedindo que a energia fluísse por ela, o que sempre fiz na juventude e na fase adulta, e mais ainda depois do acidente porque uma dor renitente levava-me a contrair a região, criando com isso obstáculos para um bom fluxo de energia.

Roguei à serpente que me indicasse um caminho para a cura dos meus ombros, mas me transformei outra vez em jaguar. Senti, então, uma poderosa energia no meu/meu corpo, que se espalhou pelos meus ombros. Todo meu corpo trabalhava unido, deixando-me aos poucos a sensação de que possuía ombros fortes, enquanto movia-me pelo espaço com harmonia e multiplicado em força. Solicitei ao jaguar que me mostrasse de novo como me curar, e logo o vi solidamente conectado com a Terra enquanto caminhava. Mas o vi e senti por inteiro, e não separado do meio ambiente, do qual ele era uma parte; o

jaguar não estava nem um pouco dissociado do ambiente que o cercava. Enfim, a Terra constituía um suporte essencial para o animal, e este se sentia como se fosse o próprio planeta, sem que houvesse qualquer desunião separatista.

Ao ingerir a bebida pela segunda vez, mais ou menos uma hora e meia depois da primeira dose, eu estava de novo prestando atenção absoluta no fluxo energético que se deslocava através do meu abdome e do meu cérebro. E mais uma vez surgia a dança do jaguar/serpente, enquanto eu continuava pedindo que as lições me fossem apresentadas. Recebi a visão de um pavão que exibia a maravilhosa cauda, e fui assolado pelo sentimento desagradável de que nela havia alguma coisa provocativa. Eu estava convencido de que ele era muito mais exibicionista do que maravilhoso, e deveria procurar fazer outra coisa. Compreendi, então, que sua própria beleza era seu único contentamento; bastava-lhe ser apenas o que era, ou seja, tudo aquilo que o pavão precisava era ser ele mesmo.

Pensei muito sobre isto; primeiro, porque me julguei incompleto por ter passado por esta metamorfose, e depois porque não me perdoei por pedir ou sentir, talvez de modo inconsciente, para ser algo semelhante a um pavão; no entanto, minha antipatia crônica por todo aquele que se basta em apenas ser, sem fazer coisa alguma, criou em mim uma resistência que me protegeu desta experiência. Eu não consegui captar a consciência do pavão. Ainda terei de investigar este aspecto em mim mesmo, que certamente servirá de apoio para meu crescimento. Mesmo assim, pedi ao pavão para me mostrar alguma lição. E aí me transformei numa espécie de criaturinha esguia e coberta por pêlos brancos, que me inundou de um tremendo sentimento de luxúria, pois a textura macia do seu pêlo invadiu cada um dos poros do meu corpo, tornando-me lânguido e luxurioso.

Virei-me para o lado esquerdo, e percebi que minha mão esquerda massageava o ombro direito, obviamente tentando curá-lo. Ao mesmo tempo que procurava prestar mais atenção ao ombro direito, massageado de tal maneira que, pela primeira vez, sentia a tensão nesta parte do meu corpo, pude constatar que o lado direito não confiava no esquerdo, gerando outra tensão, o que impedia de curar meu lado direito. Lembrei-me de um sonho que me persegue há muito tempo: vejo-me aprisionado numa toca de serpente de onde não consigo fugir; embora me seja possível pôr a cabeça para fora do buraco, no mais

das vezes só consigo ver a luz através da abertura da toca. Neste sonho, estou sempre preso, debatendo-me, e querendo escapar. Talvez ele se refira ao meu nascimento, provavelmente ao instante em que fui atingido pelos efeitos da anestesia que minha mãe recebeu. Eis porque estabeleço uma relação entre este sonho e o sentimento de incompletude que advém do processo do meu nascimento, e em consequência, a sensação de estar continuamente lutando.

Conscientizei pela primeira vez, que não confiava no aspecto feminino por causa dos problemas que enfrentei na hora do nascimento. Aos meus olhos, a função feminina me aprisionou, me forçou a lutar e tentou me devorar; isto me deixou uma enorme desconfiança em tudo que me soasse como feminino, quer fosse a mãe, as mulheres, o corpo, ou a própria terra. Mas, ali, superei esta desconfiança. Senti que toda a tensão do meu lado esquerdo (o do aspecto feminino) tinha ido embora, e que eu estava sendo presenteado por um tipo especial de aceitação. Voltei-me para o estômago, e realizei pela primeira vez, uma conexão verdadeira com a Terra e também com meu corpo. Tudo acontecia como se eu estivesse permitindo que a Terra e meu corpo dessem seus suportes para o meu viver. Confiei em ambos como nunca fizera antes.

Fui ao banheiro e defequei, e jamais senti as convulsões dos músculos do abdome e da pélvis com aquele mesmo espasmo libertador. Eu estava libertando alguma coisa e ao mesmo tempo sendo libertado por não sei o quê. Era como se o universo inteiro estivesse liberando e sendo liberado, enquanto eu defecava, de tal modo que eu quis repetir o episódio mas não consegui. Retornei ao círculo, retomei meu lugar, e logo a ayahuasca me penetrou mais fundo. Senti a calorosa penetração juntamente com a deliciosa sensação de que estava sendo acolhido pelo calor da bebida sagrada.

Por fim, todos foram dormir, eu também me deitei na cama, sempre embalado por aquela energia simultaneamente penetrante e acolhedora, cômico de que estaria protegido por toda a noite. De vez em quando eu acordava suando, mas me sentindo totalmente à vontade.

Na manhã seguinte, dispensei os exercícios que realizava diariamente para meu ombro não doer, e até mesmo a costureira ciática não deu sinal de vida. Com o passar dos dias, meu peito abriu-se mais ainda, e o ombro adquiriu mais força e movimentos. Meu ombro ainda não está inteiramente curado, mas caminha rapidamente para isso: a cada semana fica melhor, sem que eu precise, como fazia antes, recorrer à acupuntura.

Atualmente, não me debato tanto com o cotidiano, e estou muito mais tranqüilo. A clínica, onde trabalho, vinha sofrendo transformações no sentido de especializar cada vez mais as funções dos terapeutas, deixando-me consternado porque eu também estaria caminhando para isso. Não sou obrigado a lutar com esse tipo de coisa. Minhas preocupações com a sobrevivência financeira diminuíram consideravelmente. Além disso, se passo por uma crise, ou vivencio algo que era tido por mim como o fim do mundo, não me abalo – nada mais me parece tão crítico. Enfim, sou capaz de encarar o que quer que seja de maneira diferente, embora não tenha explicação para isso.

Tudo me parecia um mistério, como o fato de eu vir me sentindo de maneira crescente um jaguar/pantera. Sinto que seu poder, maciez, força e vigor, a energia liberada pelos seus movimentos explosivos, e toda sua integração com o meio ambiente estão cada vez mais presentes em mim. Assim como sinto seu conhecimento instintivo de que a Terra e o meio ambiente o sustentarão.

O que eu trouxe da viagem à Floresta da Esmeralda foi a própria floresta, onde tudo está em equilíbrio e não existe o sentimento separatista – tudo está interligado. Ganhei deste lugar, do qual extraí um velho e misterioso mecanismo que redescobri como novo, um sentimento que me permite estar sempre em paz, confiante, forte e completo.

Antes de realizar outra viagem com a ayahuasca, conjecturava umas tantas intenções: encontrar-me com o espírito do Sapo, curar de vez o ombro e a coluna, e me libertar de alguma coisa que ainda estivesse me aprisionando. No entanto, quando fui para uma praia meditar sobre essas intenções, não consegui pensar em nenhuma delas, só me vinha à cabeça uma única frase: “Traga-me uma vida nova!” Passei todo o tempo com esta frase martelando meu cérebro, e terminei por aceitá-la. Mais tarde, quando colocamos nossas intenções no interior do círculo, lembrei das intenções originais e as emiti em voz alta, guardando na mente a nova proposta que viera à tona na praia.

Eu havia pensado no sapo porque no finzinho da viagem anterior vi um deles, sob uma forma gigantesca. Mas a visão foi tão rápida que ele nem me notou. Nesta sessão, porém, aquele sapo gigantesco se pôs de novo à minha frente. Ele não só me viu como me ensinou a usar as juntas do corpo, através do seu nado. Logo depois desta demonstração, transformei-me em sapo, movimentando as juntas tal qual ele me ensinara. Até hoje me admiro e me surpreendo diante da imensa amplitude e agilidade nos movimentos dos sapos.

Mais tarde, fui ao México e usei as habilidades deste animal para nadar, através da máxima extensão dos meus braços e da plenitude e grandeza dos meus movimentos na água. Desde então, vi a avaria do tecido do meu ombro, que ainda cicatrizava, como o último e único elemento a impedir sua cura total. Aprendi que o processo de cicatrização do tecido é demorado, tedioso e doloroso.

Voltando à última sessão, passei a maior parte do tempo em êxtase. Sentindo-me radiante de energia, transformei-me em um ser quase divino, e estive em permanente êxtase no papel deste ser radiante. Era como se eu estivesse aprendendo a *ser* de um modo inteiramente distinto, e à margem do campo conceitual. Eu estava sendo reformado, retraçado e recriado, e neste processo não havia conteúdos que minha mente pudesse trabalhar. A única existência ali presente era a da própria experiência.

No final da sessão, apresentou-se à minha frente um maravilhoso ser emplumado e brilhante, traços bastante parecidos com os da arte decô. Ao olhá-lo, me dei conta de que era Quetzalcoatl. E a sessão terminou.

Nos meses que se seguiram a esta experiência, tenho vivido alguns episódios de doenças: febres intensas, suores, fraqueza, depressão, desesperança, insônia, perda de apetite, e outros sintomas menores. Além disso, tenho tido alguma dificuldade respiratória; desde a infância, meus órgãos mais fracos são os pulmões.

Trabalho internamente para me livrar de algumas crenças arraigadas. É fundamental que eu me liberte dessas coisas. E isto me permite agir como nunca agira antes. Consigo enxergar oportunidades em situações que, antes, eu não era capaz de capitalizar coisa alguma. Minha vida se transformou num fluxo constante de altos e baixos, mas este processo me apraz e não me faz sofrer.

A clínica onde eu trabalhava faliu, e me vi liberado dos clientes. Fiquei desempregado e não tenho em vista nenhum trabalho concreto, mas sigo em frente. Mas se tudo isso estivesse acontecendo há um ano, eu estaria tomado por avassaladora ansiedade. Hoje, sigo em frente, sentindo-me liberto e seguro de que novas oportunidades surgirão.

Agora, passado 12 anos, tenho dificuldade em reconhecer a pessoa descrita nas passagens anteriores.

Fisicamente, não há mais dor no meu ombro: consigo nadar muito bem, com exceção do nado borboleta. Meu nervo ciático esta-

ria completamente curado, se eu não tivesse sofrido outro acidente há um ano. No plano psicológico, sigo meus instintos e sou mais espontâneo. No plano profissional, criei uma prática nova e ensino *yoga* para o público em geral, e para alguns centros de meditação. Sou também consultor de um grande centro médico que aplica a *yoga* nas doenças mentais mais sérias, e escrevo bastante sobre meu trabalho.

Se, no passado, eu analisava as situações nos mínimos detalhes, antes de me aventurar nelas, agora sou capaz de enfrentá-las, isento de juízos prévios. O que é excitante, gratificante e delicioso. Enfim, descubro a cada dia quem eu sou de verdade.

A Longa Jornada Multifacetada da Experiência Judaica

Abraham L.

Um terapeuta de 50 anos apresenta um relato, onde combina observações sutis e fenomenológicas com insights psicológicos de alguns padrões de relacionamentos, conectando-os de maneira consciente com a ancestralidade dos judeus, que lhe revelaram perspectivas profundas sobre a história e a visão de mundo judaica.

MINHA INTENÇÃO NA PRIMEIRA viagem era acesso direto à comunidade dos mestres interiores, para que estes me guiassem pelo nosso mundo. Eu desejava me posicionar mais claramente em relação à minha proposta de vida, e queria obter instruções específicas que me permitissem lidar com as diversas realidades e interações daquilo com que estou engajado. Particularmente, eu queria *ver* uma manifestação objetiva dos meus mestres e com eles estabelecer uma comunicação direta e clara.

A experiência começou manifestando alguns detalhes visuais, cujos padrões oscilavam entre os desenhos geometricamente uniformes e algumas formas mais específicas e reconhecíveis. Eu não via, porém, estas formas de maneira exata. *Sentia* que alguma coisa estava ocorrendo, e tentava mirá-la para compreendê-la. Reconheci, com certa relutância, que algo em mim resistia: eu estava tenso, hipercontraído, apavorado, e quase duvidando de todo o processo. Cheguei a lutar contra a própria experiência, na tentativa de trazer à tona as visões desejadas.

A tensão transformou-se em preocupação (ou em algum tipo de pensamento que eu associava com a tensão, limitando minha atenção), e com isso me dispus (ora de forma consciente, ora inconsciente) tentar uma espécie de cura direta da minha dor e de minhas feridas: eu teria de "limpar as obstruções". Ao longo da sessão, que virou uma longa sessão de trabalho, eu me vi às voltas nesse tipo de círculo.

Toda vez que eu me esforçava para enfocar as visões, surgia uma enorme cabeça de serpente com uma aparência fora dos padrões. E eu conseguia trazê-la para um foco mais amplo e nítido, mas sentia dificuldades para aproximá-la; desejei ser engolido por ela, ou mesmo

engoli-la, mas sentia que ainda havia algumas resistências; comecei a receber mensagens que me convenceram da necessidade de purificar minhas intenções. Eu já podia olhar a serpente do lado de fora da janela e ela estava abrindo a boca. Notei minha boca se abrindo exageradamente; minha língua esticava-se para fora e a garganta também se abria, enquanto eu me dava conta de que estava sendo orientado para abri-la mais ainda.

Fiquei exausto, desejando que a serpente me engolisse. Ela se aproximou de mim, e me vi prestes a despencar por sua garganta, mas desviei a atenção, e perdi o foco.

Os mestres já estavam trabalhando comigo e com o grupo; no entanto, eu nada via, só sentia. Isto me ajudou a relaxar e a me abrir, muito mais do que quando estava apenas interessado e focado no visual. E pude, digamos, olhar, ou melhor, sentir, meu aparelho visual. Estava bastante obstruído, minhas crenças trabalhavam contra a clareza de minha percepção visual. Havia uma energia muito pesada em torno dos olhos e dos nervos ópticos; isto se devia, em parte, ao meu treinamento espiritual anterior, contrário a qualquer tipo de "visualização". Eu já podia entender o porquê do conflito que me causava tensão quando queria ver sem visualizar.

Um dos espíritos ancestrais que apareceram foi o de minha mulher e mãe dos meus filhos, que morrera em acidente automobilístico 17 anos antes. Tentei me libertar das últimas imagens que guardei dela. Eu queria me relacionar apenas com sua forma presente para usufruir do apoio que ela certamente continuava a me dar, sobretudo na criação dos nossos filhos. Ocorreu, então, uma experiência maravilhosa de amor e gratidão tranqüila; prometi a ela que seria mais sensível e consciente de sua ajuda e orientação.

A maior lição que extraí foi a da compaixão pelo meu corpo e pelos diversos estados de consciência, ou identidades distintas, que me são próprios. Mas, a intensidade com que eu me colocava em estados "incorretos" e "confusos" me causou muita resistência, ansiedade e pânico. Quando decidi aceitar a situação conforme ela era, tudo ficou mais fácil, porque percebi que o curso de todo o processo seria interminável.

Esta sessão me enriqueceu de experiências. A principal foi a de me tornar mais consciente da presença incessante do trabalho interno, e do conseqüente apoio dos mestres espirituais com quem estabeleci contato. Tornei-me consciente da significação profunda das con-

xões nos meus relacionamentos pessoais. Os dois aspectos que fazem parte da mesma lição, e que tento integrar em mim com mais sensibilidade, são os seguintes: purificar minhas intenções, indo fundo nelas, e trazê-las à tona.

Depois que tive essa forma peculiar de apoio por parte de minha mulher, meu relacionamento com minha família mudou radicalmente, tornando-se mais positivo. Nunca em minha vida me senti tão ligado aos meus objetivos e às minhas direções interiores.

Minhas intenções na sessão seguinte foram explorar o mundo visionário para desenvolver um relacionamento íntimo com os Seres Espirituais. Eu também desejava investigar minha ancestralidade judaica, e alguns temas relacionados com o vício e seu tratamento, pois este é meu trabalho.

No início, me concentrei numa dor localizada no coração, e me dei conta de que estava pensando nos relacionamentos passados. Pensei na relação com P. – minha parceira atual – e percebi que alguma coisa estava errada, – havia muitas brigas e desentendimentos entre nós. Fiquei bastante embaraçado e envergonhado, porque sempre a culpava injustamente por nossas faltas e erros. Senti tudo isso como se estivesse carregando um fardo no coração, ou melhor, como se estivesse com a mulher errada, chegando à conclusão de que tinha de acabar com tudo. Eu jamais seria um ser completo, verdadeiro e esclarecido, vivendo com a mulher "errada". Tive, então, uma visão: eu assistia nesse relacionamento passar por uma transformação até chegar ao seu final; primeiro, nos vi separados, depois de costas um para o outro, e por fim tudo terminado.

Fiquei chocado com o final desta cena, e voltei à realidade circundante. P. estava ao meu lado no círculo, e eu não tinha idéia se ela sabia ou não o que ocorria comigo. Ela sorriu amigavelmente para mim, demonstrando que não sabia de nada. Pensei em conversarmos sobre o assunto: como lidaríamos com isso e com uma possível separação. Mas, essa questão me era familiar. Eu já havia tentado este mesmo diálogo com ela, e me lembrei das inúmeras vezes que conversamos sem nenhum sucesso. Enquanto isso, a dor permanecia no coração.

Veio-me outra visão. Eu era um cavaleiro armado de espada e cavalgava em meio a uma tempestade de "demônios", constituídos por formas estáticas de energia sombria. Ao mesmo tempo em que cavalgava sobre uma criatura indefinida para travar uma batalha com os

“inimigos” do meu coração, eu lutava de uma forma mística por uma donzela encarnada em P., que era outra parte de mim. Em torno do “problema de todo relacionamento” – no grande e difícil processo de aprendizado onde todos lutam para obter êxito – existe uma carga enorme de medo e raiva. Então, me senti muito bem, tanto em função de minha condição de ser humano como de minha individualidade; sim, me senti extraordinariamente bem: havia lutado pela minha mulher! E este é um dos mais antigos sentimentos.

Depois desta experiência, meu coração abriu-se para P. como jamais se abrira antes. Atualmente, temos a mesma relação que mantínhamos quando nos conhecemos; agora, porém, compreendo-a muito mais e evito os julgamentos, pois no convívio íntimo estes são normalmente apressados e injustos. Nosso relacionamento está crescendo e se aprofundando, sem que eu ache estranho. Agora compreendemos os motivos pelos quais permanecemos juntos, a despeito de todos os problemas que ocorreram.

Ao longo desta viagem, apareceram visões do deus serpente da ayahuasca na forma de um impressionante e majestoso ser, tanto dentro como em torno de mim. Também me vi no interior da serpente. Ao me deparar com dificuldades e confusões, deixei-me levar, mas sempre perguntando pelo significado do que ocorria. Tudo se descortinava mais aberto e claro, porque a serpente se apresentava a mim. Consegui uma relação mais estreita com ela, montei nas suas costas; cavalgamos numa velocidade incrível através do universo, mas depois comecei a me apavorar e a visão desvaneceu.

No curso daquela dor que atormentou meu coração, aproveitei um momento e dirigi uma atenção mais aguçada a ela. Lembrei-me do meu pai, pois ele morrera de um enfarte; fiz uma série de indagações sobre o porquê de tal lembrança não me deixar triste. Achei que minha energia estava “seca”, — eu sentia as coisas, mas nunca de modo emocionalmente pessoal. Comecei a observar os aspectos dolorosos de alguns dos meus sentimentos inconscientes, tornando-me, então, capaz de encará-los de uma forma sadia. Estes mesmos sentimentos fizeram-me lembrar da minha ancestralidade, da minha linhagem, constituída por uma longa estirpe que remonta aos judeus antigos.

No instante em que associei o fato de ser judeu com minha angústia e sofrimento, deu-se uma contração no meu coração, seguida de uma dor profunda e indeterminada. Vi uma grande quantidade de

judeus que se agarravam a alguma coisa nos seus corações, e se emaranhavam nisso de tal forma que mais parecia um vício; assim o faziam como se esta coisa fosse preciosíssima, algo que os tornava especiais e mais próximos de Deus. Talvez até eles estivessem pensando que tinham sido eleitos para carregar e transmitir esse fardo. À medida que fui me tornando mais objetivo, meu coração foi ficando cada vez mais leve. Vi, então, uma aglomeração de judeus que sofriam e gritavam de dor junto ao Muro das Lamentações. Entendi que esta dor era o bilhete que os aproximava de Deus, enquanto a lamentação era a música que levava sua comunicação para as alturas. A transmissão deste miserável fardo constitui um trabalho que todos nós executamos com perfeição.

Tão logo ultrapassei o muro em questão, tive outra visão mais profunda ainda: surgiram alguns dos grandes rabinos místicos. Eles riam, dançavam e cantavam em êxtase, dedicando-se a uma celebração prazerosa de Deus por via da natureza e da vida humana. Nenhum deles estava interessado em julgar o que quer que fosse, nem mesmo os judeus que se lamentavam junto ao muro, que também celebravam o importante aspecto de luta e jornada que há nesta atitude de lamentação. Vi a longa jornada multifacetada da experiência judaica com todas as suas eras de privação e de luta pela sobrevivência, o que se resumiu na imagem de suas marchas através do deserto. De repente, percebi uma boca que se abria inteiramente seca diante de mim; era minha própria boca, abrindo-se para receber uma água de natureza imaterial que lhe deixaria satisfeita. Eu sabia que uma só gota deste líquido incorpóreo poderia lavar meu corpo e aplacar minha sede, abençoando-me no instante em que o pingasse na minha boca. A água se metamorfoseou em mel que escorria de uma rocha; senti que ele vertia sobre meus lábios, e o engoli com infinito prazer.

Em outra visão, deparei-me com um grande grupo de judeus; a maioria era de velhos, embora também houvesse alguns jovens vestidos com os tradicionais *yarmulka* e *tallith*. Todos mantinham-se na posição de prece. O grupo estava diante da arca que guarda a Thora; as cortinas estavam abertas, permitindo que a Thora canalizasse a luz na direção dos seus integrantes. Era uma luz que vinha diretamente de Deus, e cada um deles a recebia através da abertura dos diversos níveis da consciência. Além de nutrir e sustentar os homens ali presentes, este facho de luz também lhes dava a sobrevivência e o fortalecimento. Esta luz se espalhou pelo meu corpo, provei sua ação intensa

e benéfica e também constatee que ela possuía o poder de curar e ensinar. Concluí que devia adquirir uma Thora para colocá-la sobre o altar de minha casa.

Sinto-me impelido a introduzir um adendo à visão anterior: estou bastante zangado e triste em relação à crise que, de certa forma, é estimulada por Israel. Não me conformo em ver os judeus se relacionando com os palestinos de maneira tão rígida e cruel. Uma das revelações desta minha experiência indica a melhor maneira de entender esse tipo de comportamento: as dores e os sofrimentos que nos auto-impomos durante muito tempo estão agora extravasando e nos atacando a partir de nossa própria interioridade. E sabemos que todo e qualquer sentimento através do qual se é corroído e atacado, de dentro para fora, reforça as paredes defensivas que circundam e obscurecem o coração. Os judeus precisam travar uma batalha interna para que possam se libertar do presente conflito. Conforme aconteceu comigo, talvez a luta principal a ser travada é libertar de vez o aspecto feminino, não só aquele dentro de cada um de nós, mas sobretudo aquele representado por todas as mulheres.

Tenho vivenciado e trabalhado meus padrões cármicos, raciais e étnicos. Também questiono o que posso fazer concretamente no mundo, de forma a ajudar na solução deste conflito.

Estas experiências brotaram um sentimento de conexão muito profundo com minha ancestralidade judaica. Através da renovação constante deste sentimento, cultivo de modo mais saudável minha auto-aceitação, e também uma relação mais íntima com minha família. Acabo de iniciar um estudo sobre a espiritualidade judaica, e procuro vivenciá-lo nas práticas de meditação e nas vivências com a natureza. O que mais sinto, porém, é uma vontade imensa de curar o coração do "meu povo".

Ensinando ao Corpo as Relações que Precisam ser Mantidas com o Espírito

Wahtola H.

Este relato foi feito por um quiroprático de 40 e poucos anos que tanto experimentou o DMT sintético como o parente botânico desta molécula, o preparado da ayahuasca. Deste modo, ele vivenciou um mergulho profundo "na agonia e no êxtase da criação, do parto, e da libertação". Depois de estabelecer uma conexão profunda com o lado feminino de sua linhagem, ele incluiu na sua rotina algumas visitas sistemáticas e inesperadas aos túmulos de sua mãe e de sua avó.

MINHA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA OCORREU no México e foi precedida de uma profunda vivência com a consciência cósmico-orgânica, estimulada pela inalação de uma dose de DMT, [o ingrediente ativo sintetizado da ayahuasca – Ed.]. Minha intenção era me abrir para o aspecto feminino para curar as arestas do meu eu interior e também suas extensões no plano especificamente relacionado com a Terra. Não tive dificuldade para beber o preparado da ayahuasca porque seu gosto é ligeiramente adocicado. De início, fui surpreendido por visões sutis de criaturas sedutoras, de algumas mulheres, e cenários especiais. Como não senti nenhuma náusea, achei que minha dose fora insuficiente para que a viagem ocorresse plenamente. Pedi ao meu guia um reforço. E ele me ofereceu um pouco mais de DMT para inalação.

Percebi, então, a intensa penetração do espírito da ayahuasca nos recintos mais recônditos do meu ser. Quando a planta mestre se insinuou pelo meu corpo até a medula, buscando minha completa rendição, me vi tomado por convulsões, através das quais vivenciei a agonia da poderosa energia feminina. Depois que assumi a posição fetal, – enfiei meu rosto numa vasilha, – as convulsões aconteceram. Purguei meus recantos mais obscuros – dos pés à parte genital e ao intestino – através de uma liberação extasiante das minhas resistências, dos meus traumas, do meu orgulho, do meu medo, enfim, de toda uma armadura que criei para ocultar minha verdadeira identidade.

Tornei-me Kali, e dei nascimento à Terra através de uma ação simultânea de minha pélvis e minha boca. Um parto que me libertou de toda *maya* com a qual eu me identificava, além de purgar minha resis-

tência à Mãe Divina. A Mãe do Universo fez amor comigo de forma arrebatadoramente violenta. Depois de me fazer passar por humilhações inenarráveis, ela me encaminhou na direção da essência plena do eu superior. Ao mesmo tempo, eu voava livremente pela selva, sobre a vegetação, os animais, os jaguares, os pássaros, as cobras, e ainda sobre diversos outros seres luminosos que me deram a impressão de um deslumbrante caleidoscópio.

Enfim, mergulhei profundamente na agonia e no êxtase da criação, do parto, e da libertação.

Na posição de parto, ou seja, de cócoras e inteiramente aberto e vulnerável, cumpri o destino que o *I Ching* profetizara para mim. Ampliando minha consciência até seu limite, eu “rompi com os dentes” os padrões congelados que me aprisionavam, além de abrir meu eu interior, para que ele recebesse a “nutrição” da divina substância do *nirvana*.

A fragrância que exalou desta purgação entrou como um néctar pelas minhas narinas, preenchendo o meu ser com a substância dos deuses. A essência desta minha iniciação foi indescritivelmente perfumada e curativa. Kali, a senhora sem cabeça, ensinou-me intensas e profundas lições, e com o seu toque singular fez com que me rendesse aos aspectos mais recônditos da minha interioridade. Enfim, a mistura agridoce e escura deste alimento aquoso e saturado no meu ser, constituiu um sacramento abençoado pela senhora sem cabeça.

O CÍRCULO DA CURA NAS MONTANHAS DA CALIFÓRNIA

A segunda experiência ocorreu nas montanhas do sul da Califórnia. Minha intenção primeira era estabelecer uma profunda conexão mental e corporal com a inteligência da Terra. A viagem teve início com sintomas físicos sutis e rápidos relances de cores: tonalidades brilhantes de roxo e de verde, umas tantas imagens elegantemente delgadas e coloridas. Surgiram-me, ainda, alguns padrões de pensamentos imagéticos onde eu me via escalando escarpas e caminhando à beira de precipícios. Assim, ciente de que tudo não passava de visões, fiquei à vontade e abracei a experiência com destemor.

Um hora e meia depois da primeira ingestão, tomei um reforço da bebida que aumentou a intensidade e a constância do fluxo das visões. Passei a mirar padrões assimétricos e brilhantemente coloridos,

formas femininas ocasionais de serpentes e de algumas imagens semelhantes a plantas. Minhas regiões baixas – coxas, pélvis e abdome – tornaram-se área de convergência para todas as ondas do poder fluídico que pulsava em mim. Este poder fluídico era o agente que metabolizava e reestruturava a relação entre a consciência já estabelecida do meu corpo e as forças e capacidades de atenção nele disponíveis. E, na medida em que se intensificou a experiência, houve uma estimulação de minha purgação, sem que emergissem os significados profundos que surgiram da primeira vez que ingeri a ayahuasca.

O guia indicou algumas pistas que me capacitaram estabelecer um centro de atenção toda vez que os efeitos da bebida se dispersavam e tomavam rumos que eu não queria seguir. Tais pistas se resumiam a quatro coisas úteis em qualquer tipo de viagem, interna ou externa. A primeira é a intenção, ou proposta; a segunda é o conjunto dos ancestrais; a terceira é a atenção, ou a consciência e a quarta, a Terra. Tendo isso em mente, retornei ao meu próprio centro, largando mão de controlar, interpretar ou obter um objetivo particular no curso da experiência. Passei a instituir encontros mais puros e livres com o fluxo das forças que serpenteavam em mim: ao transformar minha consciência em sua identidade inerente e preexistente, me tornei mais consciente de minha interconexão com todas as coisas.

Um dos efeitos mais produtivos desta sessão foi o incremento de um tipo especial de habilidade, com a qual sintonizei minha percepção com a força vital que sustenta e fornece experiências e oportunidades quando necessárias.

Ao voltar para casa no dia seguinte, sentindo-me ainda incrivelmente aberto, decidi tomar a via 605, desconhecida por mim, mas que me levaria à 405, justamente por onde eu me dirigia habitualmente à minha casa. Embora não tivesse familiaridade com este caminho, pareceu-me que já havia uma enorme intimidade entre mim e as montanhas; tratava-se do trecho que ia dar no cemitério onde minha mãe e minha avó estavam sepultadas. Decidi visitá-las.

Ao parar para colher algumas flores, não me contive e as lágrimas escorreram-me pelo rosto. Eu estava tão emocionado que até hoje sinto dificuldades para relatar este sentimento. Mas, me mantive aberto para o que me pareceu ser um rio de oportunidades deslizando através de mim. Finalmente, cheguei ao local, e encontrei os dois túmulos que ficavam próximos um do outro. Eu não

voltara àquele lugar desde o enterro de minha avó em 1987; minha mãe fora enterrada ali em 1972; portanto, até então eu nunca estivera sozinho naquele cemitério.

A primeira visita foi ao túmulo da minha avó. Fiz uma apreciação das contribuições que seu precioso espírito deu à toda família e louvei as dádivas que ela trouxe à minha vida, inclusive a enérgica capacidade de cura que eu sempre achei ter herdado dela.

Ao me aproximar do túmulo de minha mãe, fui cercado por uma atmosfera emocional inteiramente diferente. Comecei a chorar de alegria por estar na sua presença e por me sentir consciente de que a experiência do dia anterior me empurrara para aquele momento de profunda harmonia. Diante do túmulo, captei, sob uma perspectiva energética, algo que entendi como o tom exato do significado genético dos seus restos. Compreendi o porquê daquele corpo ter hospedado seu espírito, e por consequência seu veículo de expressão pessoal; enfim, entendi uma parte da proposta desta sua encarnação em particular: a de me prover com as qualidades necessárias para que eu pudesse atingir meus objetivos. Senti e compreendi como suas qualidades, junto às do meu pai e às de minha essência, contribuíram para que eu chegasse até onde estava.

O mais importante é que estabeleci uma sintonia com a essência espiritual de minha mãe, de maneira que nossas naturezas iluminadas pudessem se unir em um abraço profundo e repleto de amor incondicional e de aceitação. Senti reverência por ela, ao perceber a verdadeira estatura de sua essência espiritual, que ultrapassava tudo que eu lembrava de nossa relação terrena. E com esta vivência, minha sensibilidade divisou a sutileza da reunião em que tanto participaram minha mãe e eu como todos nossos ancestrais.

Minhas duas sessões com a ayahuasca produziram efeitos progressivos e a longo prazo, no meu espírito, no meu corpo e na minha mente. Fui adquirindo flexibilidade física, maior consciência das minhas pernas, de minha pélvis e do meu relacionamento com a Terra. Cultivo uma atenção especial à relação entre meu espírito e meu corpo, e estou mais atento ao meu trabalho de cura, que está interligado ao meu ser. Usei os caminhos abertos pela ayahuasca, e todo o processo que, a princípio, só consegui assimilar fisicamente, foi ampla e profundamente assimilado por mim. Sou grato pelas oportunidades com as quais fui abençoado.

Nos dois ou três anos que se seguiram às sessões com a ayahuasca, continuei digerindo seus frutos na minha prática espiritual. Hoje as considero encontros autênticos com a Grande Mãe. Despertei e incorporei meu lado magnético-receptivo, permitindo que a totalidade do Espírito se manifestasse na minha vida. Vieram outras habilidades de cura mais profundas para meu trabalho de quiroprático, porque ao despertar para os aspectos físicos dos estados de consciência, minha percepção evoluiu e agora identifico as diferentes facetas que existem no meu relacionamento com o Espírito.

Enfim, minha busca espiritual encontra-se enraizada nos elementos da minha realidade concreta, e sempre em louvor do Espírito da Mãe e do Pai.

Barry F.

Um terapeuta de 40 e poucos anos relata sua primeira experiência com a ayahuasca, onde vivenciou uma convulsiva purgação que terminou por libertar não só sua negatividade psíquica como também os bloqueios energéticos que acumulara ao longo dos anos. Além disso, ele também foi acompanhado por visões brilhantemente coloridas, e ainda ficou imbuído de profunda afirmação sobre o valor da vida terrena.

FIQUEI BASTANTE EXCITADO com a perspectiva de ter uma experiência com a ayahuasca, sobretudo por causa das descrições do meu amigo B. que passou por ela um ano antes. Quando ele me relatou a experiência, me vi inundado por diferentes ondas de energia e senti, intuitivamente, o potencial da ayahuasca. E, com a aproximação da hora da sessão, fui ficando cada vez mais convicto de que minha viagem seria poderosíssima.

Entrei nesta busca com a intenção de aterrizar de vez no âmago do meu ser. Nas experiências anteriores com substâncias psicoativas, meu objetivo tinha sido o de sair do meu corpo e deste mundo à procura da transcendência. Minha tentativa era mesmo me distanciar da dor pessoal. Durante o ano e meio em que morei na Califórnia, quando se deu esta primeira sessão, me dei conta, por meio da terapia, dos estudos e do meu trabalho com doenças e mortes que eu só conseguiria crescer, enquanto ser, *através* de vivências reais, e entre estas estava minha dor. Concluí, então, que todo o trabalho seria encarar de frente meus medos, vivenciando minha dor e abraçando minha vida incorporada.

Percebi o primeiro efeito da beberagem pelo movimento nas minhas entranhas. Fechei os olhos e vi o espírito da ayahuasca na forma de um flamejante dragão vermelho que voava dentro do meu corpo; escutei seu rugido enquanto ele sobrevoava e purificava meus intestinos. Eu sabia que mais cedo ou mais tarde iria vomitar. Aguardei este momento com uma mistura de expectativa e medo; eu também sabia que depois da purgação viria um sentimento de liberdade e leveza; também me sentia apavorado com a perspectiva de luta e sofrimento que costuma preceder esta fase da experiência. Minha última purgação ocorrera há 20 anos. As lembranças dos meus vômitos na infância

estavam relacionadas a uma dor bastante desagradável; eu vivia doente e vomitando, e por isso travava uma árdua batalha com um tipo de purgação que me fazia sentir todo o meu ser sendo expelido dolorosamente.

Enquanto aguardava a nova purgação, percebi que as tais batalhas do passado simbolizavam uma espécie de morte que me faziam desejá-la e temê-la. O desejo de morrer provinha tanto da minha dor como do meu desgaste emocional, realmente intensos. Tudo o que eu queria era me vomitar por inteiro para me perder naquele vômito; por outro lado, a luta para me manter vivo era a expressão mais pura do meu desejo de viver. Naquela época, eu me sentia prisioneiro entre estes dois pólos; desde criança o ato de vomitar sempre significou para mim uma grande agonia.

Tão logo se aproximava o instante da purgação, achei que seria melhor deixar livre todo meu temor por ela; quando senti o primeiro impulso para vomitar, o desejo e o medo se mesclaram na minha mente, a ponto de não serem mais reconhecidos separadamente. O vômito fluiu sem qualquer bloqueio, — mantive a postura correta de relaxar o corpo e a mente, — me senti como se estivesse parindo todo o excremento de minha vida, um excremento claro que me pareceu vindo de priscas eras.

Adorei aquele vômito: ele foi minha purificação e salvação, um antigo augúrio da minha ressurreição. Depois dele tudo ficou muito bem. Olhar para aquele vômito dentro da magnífica tigela de minha vida era o mesmo que olhar os momentos posteriores de minha morte: eu olhava o trabalho e a luta de toda uma vida, através de um amor que redimia as experiências com lágrimas de gratidão pela vida que tinha sido vivida, e que ainda redimia o sofrimento que sempre anuncia nossas transformações. Chorei muito durante aquela maravilhosa purgação, segurei a tigela e a vi com crescente sensação de completude, perante o simples e grandioso mistério da vida em geral e de minha própria vida.

Ao final da purgação, os *icaros* da ayahuasca continuaram tocando, e senti uma incrível radiância que emanava do centro de minha cabeça e de minha testa, entre as sobrancelhas. Esta luminosidade perdurou por toda a viagem, assim como a luz espiral da criação que girou sem parar no interior do círculo composto pelo meu grupo. Nos transformamos em crianças agradecidas pela dádiva da criação, e demonstramos em nossa enorme alegria e felicidade por estarmos com Deus.

Tudo transformou-se em grandioso e verdadeiro êxtase. Foi ficando cada vez mais claro que Deus era de fato a única fonte do amor e da alegria que eu experimentava. Este mesmo Deus estava em mim, constituindo o sentido genuíno do meu ser. Esta minha vivência foi tão intensa que tornou-se fácil compartilhar, física e efetivamente, a energia coletiva do círculo; fui capaz de purificar, como uma autêntica parteira da purificação, os sofrimentos dos outros, para depois retornar à imensa fonte de amor que estava dentro de mim. Eu me senti abraçando a mim mesmo de um modo jamais experimentado antes. Minha sensação de estar pleno de amor tornava visível o crescimento do meu próprio ser.

Eu nunca experimentei uma relação tão estreita com outros seres humanos como naquela noite. Talvez porque, ciente de que o sofrimento e a purgação são comuns a todos os seres, fiquei mais tranqüilo comigo e com o mundo. E fiquei mais em paz quando me vi diante da necessidade de todos nós aceitarmos este fato e de nos ajudarmos mutuamente. Eu me senti rendido, não só pela minha humanidade, como também pelo poder divino que residia nesta minha rendição.

Nos anos seguintes, participei de outros círculos, usando diferentes beberagens para investigar aspectos distintos do meu ser psíquico e físico. Quanto à ayahuasca, eu a ingeri mais uma vez, integrando outro círculo. Recebi através do meu corpo a mensagem clara de que não deveria mais ingerir estas beberagens; minha exploração precisava seguir em outras direções. A experiência com a ayahuasca e outras substâncias de plantas enteogênicas ensinou-me algumas lições que permaneceram e se aprofundaram no decorrer dos anos: consciência da fragilidade e sacralidade do corpo; percepção da falsa qualidade da sombra; descoberta de que é o universo que nos impele ao crescimento, a despeito do nosso talento para a cegueira; conhecimento da existência de conexão com os ancestrais, que sustentam nossas raízes com a Terra; entendimento da reciprocidade de relacionamento com nossos semelhantes e, por fim, o compromisso com o todo e com a iluminação da consciência.

Um Mundo Inteiramente Novo de Seres Espirituais

Frank Owings

Um executivo de uma fundação, na faixa dos 50 anos de idade, relata seu amor pelo Oceano Pacífico, refletido durante uma viagem de ayahuasca, pois através desta ele manteve uma relação de amor espiritual com a deusa do oceano. O resultado da experiência foi uma visão cósmica da totalidade e magnitude da vida.

N A BUSCA PRELIMINAR DA VISÃO, descobri que havia em mim o desejo de purgar alguma coisa ainda indeterminada, provavelmente originária da minha infância que, impedindo meu desenvolvimento pleno, teria de ser liberada. Talvez houvesse algum medo ou sofrimento interligado com minhas dores lombares e talvez até com o relacionamento com minha mãe. Eu sentia que esta coisa devia constituir um bloco ou um obstáculo que precisava ser removido. Meu maior desejo era desenvolver a vida espiritual, e para isso seria necessário dissolver algumas impurezas que atrapalhavam meu viver. O objetivo da minha meditação era me tornar um instrumento da paz de Deus. Eu teria de me investir daquela pureza que minha mãe afirmava existir em mim, de modo a ser tão puro como, no fundo, eu e todos nós somos.

Voltei-me para o Oeste, para o Oceano Pacífico; sempre tive a sensação de que o oceano é minha mãe espiritual e fortaleceria esta conexão. Orei com ardor: "Ó magnífico Oceano Pacífico, ajude-me nesta noite a me purificar por inteiro! Ajude-me, para que eu possa liberar o que quer que seja que existe em mim e que esteja me afastando do verdadeiro caminho! Ajude-me, para que eu possa me livrar de todo elemento que interfere no conhecimento do meu eu interior! E dê-me coragem para estar à altura de minha sabedoria interna, e segui-la!"

A decisão de tomar a ayahuasca parecia clara e surpreendente, pois eu jamais tivera a menor atração por ela. Mas sua reputação de ser purgativa, e a associação que eu fizera com o Oeste, definiram-na a beberagem certa, para mim, nesta ocasião.

Naquela noite, ao ingerir o preparado, pedi à minha mãe espiritual, ao Oceano Pacífico, que cuidasse de mim, e que me ajudasse a manter esta poção no organismo o maior tempo possível, para absorvê-la plenamente. Depois de cerca de 45 minutos, no qual fiquei deitado

de olhos fechados, me espantei ao ver meu cachorro voando ao meu redor, tal qual aquele cão super-herói da televisão. Quando esta visão se extinguiu, foi substituída por um incrível espetáculo de luzes estonteantes, brilhantes e iridescentes, que mais parecia um technicolor explosivo. Então o espírito da ayahuasca apareceu sob a forma de uma dançarina definitivamente feminina, sedutora e distante. Toda vez que eu tentava uma aproximação, ela se afastava; no entanto, quando eu lhe dava as costas, ela me perseguia, provocando-me.

O espírito da ayahuasca transformou-se numa gigantesca aranha/dragão. Este monstro espantoso também se aproximava de mim, quando eu me punha de costas para ele, e virava-se de costas nas minhas tentativas de aproximação. Cansei-me do jogo, e decidi me aproximar para ver o quão feroz ele era: a aranha passou a me comer, começando pela minha mão. Não fiz qualquer resistência e ela me devorou por inteiro. Em vez do meu desaparecimento, quem sumiu foi ela. Não a vi mais como uma aranha/dragão.

Depois passei pela extraordinária experiência de ter os olhos inundados por um líquido iridescente; eu me vi deitado sob uma imensa cachoeira que jorrava água iridescente para dentro dos meus olhos. Foi uma vivência tão intensa e esmagadora que tive medo de me afogar ou sufocar; mas o líquido apenas se derramava sobre meus olhos; mais tarde, esta mesma iridescência líquida verteu para dentro do meu coração, abarrotando-me de uma alegria magnificente que eu jamais experimentara antes. Notei que uma fonte jorrava da base de minha espinha para o topo de minha cabeça; havia nela uma torneira para que eu pudesse controlar o jorro do líquido iridescente. Concluí que toda essa maravilha é nossa pureza natural.

Minha mãe genética veio até a mim, e me vi como um recém-nascido tentando mamar no seu peito. Ao mesmo tempo que eu me esforçava, uma força poderosa me empurrava para o chão. Minha mãe me fitou com raiva. Tentei novamente mamar no seu peito, e ela me olhou com seus olhos terríveis. Eu lhe perguntei por que não me deixava mamar, ela replicou que não estava fazendo nada de errado, pois seguia uma fórmula perfeitamente correta. Pedi ao meu avô materno que intercedesse a meu favor, na esperança de que ele tivesse alguma ascendência sobre minha mãe, mas ela se recusou a lhe dar qualquer explicação.

Aqueles olhos não paravam de me lançar faíscas de raiva, e eu não entendia o porquê de tanta zanga, até que me dei conta que ela estava

com ciúmes da atenção que eu dava para minha mãe espiritual, o Oceano Pacífico. Lembrei-me, então, do falecimento de minha mãe genética; ela estava com 56 anos, exatamente dois anos depois do meu casamento. Compreendi que seu coração tinha partido ao meio quando me casei, porque, no fundo, seu maior desejo era que eu ficasse cuidando dela para sempre. Nos reconciliamos, lhe dei um abraço, dizendo-lhe o quanto a amava e o quanto apreciava tudo que ela fizera por mim.

Durante o entardecer, chamei minha mãe espiritual, o Oceano Pacífico, para me confortar. Ela me rolou suavemente pela praia com suas ondas, tal como uma mãe rola seu bebê no berço, cantando cantigas de ninar.

A certa altura da noite, senti que estava tendo a oportunidade de participar de um rito de iniciação ou de passagem para uma vida espiritual profunda. Alimentei durante anos a esperança de ser chamado para uma vida espiritual mais rica. Nesta noite, eu estava sendo introduzido numa seita ou fraternidade que me prometia uma vida espiritual mais abundante, caso eu renunciasse a determinados relacionamentos que me eram caros.

Concluí que estava prestes a realmente entender a profunda conexão espiritual entre todos os seres, mas primeiro teria de renunciar aos laços especiais que me uniam aos meus filhos e à minha esposa. Eu me vi dizendo para meus três entes queridos que eles jamais deixariam de ser amados por mim, a despeito do que eu viesse a falar publicamente no futuro, ou mesmo que deixasse de vê-los com regularidade. Enquanto falava com eles, me dei conta de que não poderia afirmar algo que depois comprometesse meus votos, ou viesse a contradizer tudo que eu havia dito para eles. Cheguei à conclusão que não estava preparado para assumir aqueles votos e se este era o preço para obter uma vida espiritual mais profunda, eu não estava disposto a pagá-lo.

Ao longo da noite, senti-me alternadamente eufórico e nauseado. Tive de ficar deitado para evitar a náusea. Vivenciei algumas lágrimas de alegria, sentimentalismo, amor e gratidão. Em outras ocasiões preencheu-me um imenso sentimento amoroso pelo meu eu interior.

Dei um grande passo para a resolução de um divórcio que me acontecera 16 anos antes. Compreendi o papel fundamental da minha primeira mulher na educação dos nossos filhos, papel que até então eu não reconhecia.

Senti-me culpado porque não vomitava, e mesmo estando nauseado não pude fazê-lo. Pensei em ir ao banheiro no andar de bai-

xo, enfiar o dedo na garganta e induzir o vômito, mas a idéia me era desagradável, e desisti. Finalmente, quando se iniciava a última rodada do bastão que fala, estando o grupo concentrado no que fazia, vomitei abundantemente na frente de todos. Não me constrangi com isso. Vomitar na frente do grupo me fez entender melhor minhas vulnerabilidades e imperfeições. Percebi que, para mim, toda a noite tinha sido um confronto entre a imperfeição e a perfeição, dicotomia inerente à condição humana.

Depois de fechado o círculo, fiquei no meu canto para refletir sobre a sessão, na tentativa de compreender as lições daquela noite. Eu também observava as pessoas conversando, admirado por ver fios de luz que passavam de um para outro. Descobri que, semicerrando os olhos de uma certa maneira, eu via estes fios regularmente. Observei alguns membros do grupo participando de um tipo especial de jogo – cada um deles punha uma mão sobre o próprio coração e a outra sobre a testa de alguém à sua frente – provavelmente uma espécie de transferência de energia. Em certo momento, uma mulher retirou a mão da testa de outra, e a vi pondo um capuz retangular e luminoso sobre a cabeça da companheira. E quando este capuz passou e se dissolveu diante dos meus olhos, concluí que este fenômeno era igual a um outro que eu vinha experimentando: a capacidade de olhar a energia de outra pessoa com olhos inteiramente diferentes dos usuais.

Sete anos depois, esta experiência permanece vívida, a mais real e radical que eu tive com os espíritos. Minha mãe genética, meu avô paterno, o Oceano Pacífico e a ayahuasca foram seus personagens principais, representando o papel de verdadeiros mestres. Um mundo novo de seres espirituais abriu-se para mim.

Com o passar do tempo, me dei conta de que ainda não estava pronto para receber a iniciação profunda que me foi oferecida. No entanto, compreendi que não foi o conflito que emergiu daquela minha escolha entre um caminho essencialmente espiritual e meu relacionamento com esposa e filhos. Meu ego exacerbado sempre interfere nas minhas relações. Eu ainda não estava pronto para percorrer uma jornada intensamente espiritual, porque meu ego está sempre predominando em minhas vivências.

Passados tantos anos, eu ainda tiro ensinamentos desta experiência.

Morte e Renascimento no Santo Daime

Madalena Fonseca

Uma redatora brasileira, de 30 e poucos anos, descreve sua poderosa experiência no contexto de um ritual do Santo Daime. Na condição de mulher com uma bagagem religiosa multifacetada, ela vivencia o casamento sagrado de Jesus e Maria, as ilusões e as máscaras nos emaranhamentos da personalidade, seu sacrifício pelo fogo, e ainda a liberação na consciência cósmica.

ESTA EXPERIÊNCIA OCORREU numa igreja do Santo Daime, no Rio de Janeiro. Formávamos um grupo de quatro pessoas que iriam tomar o *daime*, de cuja preparação participei pessoalmente, lavando e secando as folhas. Para a ingestão da substância, minha proposta era encontrar a força necessária para suportar o processo de transformação que eu sabia estar prestes a acontecer. Era um domingo de Páscoa.

Depois de ingerir o chá, coloquei-me numa posição confortável e relaxei. Meu corpo foi logo tomado por poderosas sensações físicas, que começaram com um intenso apetite sexual. Tive visões de labaredas na região pélvica, que subiam em movimentos ondulados pela minha espinha. A percepção do meu corpo mudou, e tomei a forma de um leopardo. Era como se eu realmente fosse este animal que habitara meus sonhos por muitos anos. Eu sentia a atenção, a agilidade, a força e uma total submissão ao poder do instinto.

Depois o fogo alcançou meu peito, e vi uma mulher maravilhosa que me pareceu ser Maria. Ela olhava para mim com o olhar mais amoroso que eu já havia recebido: me senti completa e incondicionalmente amada. Meu coração abriu-se e expandiu-se, enquanto ela se transformava num homem que percebi ser Jesus, embora tivesse os mesmos olhos. Eles se tornaram duas pessoas que se abraçavam e se beijavam com doçura. Não demorou para que fizessem amor, e eu fazia parte disso de alguma forma: sentia que estava dentro deles, ao mesmo tempo que eles estavam dentro de mim. A certa altura, este ato sexual tornou-se a imagem entrelaçada do *yin e yang*, fluindo e dançando eternamente dentro de mim. A imagem deslocou-se para minha região pélvica, e tive um *insight* da sacralidade do sexo.

Quando o fogo atingiu minha garganta, me dei conta de alguns cordões opressores que se estendiam a partir de minha nuca. Centrei

então a atenção sobre estes cordões, para segui-los até sua verdadeira fonte. E aí vi um homem que me olhava com uma expressão desmesurada. Este momento foi muito intenso e assustador, porque olhei o inimigo diretamente na face. Suas características foram mudando consecutivamente para as de outros homens, e reconheci algumas delas como sendo as dos meus irmãos, tios, primos, avós, namorados antigos, e as do meu pai. Talvez pelas muitas discussões e experiências demasiadamente intensas e dolorosas que tive com cada um deles, que, aliás, terminaram com a retirada das máscaras dos seus rostos, revelando assim a face do diabo. Nestes momentos, eu sentia a presença de Deus, ouvindo Sua voz a me dizer: "Tudo isso é ilusão!"

Este foi o padrão que persistiu durante todo o episódio. E através dele emergiram histórias de crimes, ambição, traição, violência, e dor. Vivenciei os dois lados dos relacionamentos sadomasoquistas, sendo vítima e verdugo ao mesmo tempo. Mas logo a experiência assumiu aspecto mais amplo, e passei a sentir e apreender uma seqüência de crimes e de vítimas ao longo do tempo e do espaço. Isto me deu um entendimento mais profundo da dor humana. Caí em prantos. Todos meus ressentimentos, vergonhas e culpas se dissolveram. Perdoei a humanidade e a mim mesma.

Ainda em minha garganta, segui outro cordão que me levou até o oceano, onde conheci os golfinhos e as sereias. Passamos a nadar juntos, e mergulhamos até o fundo do mar, onde me deparei com uma gigantesca forma de vida, um organismo roxo, parecido com uma ameba cheia de franjas ondulantes. Seu poder era hipnotizante e, no instante em que me senti em perigo, ela abriu suas franjas e delas emergiu uma boca imensa e pronta para engolir qualquer ser vivo. Nadei rapidamente em busca de segurança. A criatura parecia bastante primitiva, ou uma mãe primordial prestes a devorar seus filhos. Mas sua imagem também sugeria a idéia de uma vagina, ou de um útero, que simbolizava o perigo de alguém ser devorado pelo inconsciente.

O fogo, agora na minha cabeça, abria canais dentro do meu cérebro. O calor tornava-se cada vez mais intenso, e eu me via sendo arastada por um grupo de seres de outro planeta, até ser colocada sobre um altar para o sacrifício. Meu corpo começou a arder em chamas, e eu sentia a dor da carne queimando. Então, já que não restara nenhum pedaço de mim, despertei para um tipo de realidade fundamental que chamarei de Vazio. Neste, não havia Deus nem Diabo, e muito

menos dor e prazer: tudo o que havia era o sentido da Onipresença, Onipotência e Onisciência, que por sua vez instituía o puro êxtase, o amor infinito e a existência eterna. Esta sensação me era familiar, porque minha consciência se divertia com a simplicidade da experiência. Eu estava além da forma, do tempo e do espaço, ou seja, de volta ao estado natural da mente. E me dei conta de que eu era ao mesmo tempo Tudo o que Existe e uma parte do Tudo.

Quando retornei ao meu corpo, senti alguma coisa se movendo no meu estômago. Tive a visão de milhões de larvas saindo dos seus ovos; eu sentia uma dor intensa e prazerosa, como se estivesse parindo a mim mesma. Fui despertando gradativamente, abri os olhos e me senti refrescada e cheia de vida, tal como um recém-nascido.

O fato de eu pertencer a um país predominantemente católico, embora o candomblé, a umbanda e o espiritismo também estejam presentes, talvez explique a aparição na minha psique de Jesus e Maria, além de Deus e do Diabo. Achei interessante que a essência de minha experiência tenha se fundado no processo de vida, morte e renascimento, e que tenha ocorrido justamente na Páscoa, a celebração católica da ressurreição de Cristo. Fiquei intrigada pelo fato de Jesus e Maria terem constituído um casal, e não uma dupla de mãe e filho. Pensei que talvez esta mulher fosse outra Maria, ou seja, Madalena, a amada de Jesus. Para mim foi o começo de uma jornada, de uma procura pela Deusa que personifica contemporaneamente o princípio feminino, tanto em carne como em espírito.

Isto afetou minha vida a tal ponto que me fez desenvolver o trabalho que hoje realizo: ensino dança como um meio de trazer o espírito de volta ao corpo, curando a ruptura entre a espiritualidade e a sexualidade. Depois desta experiência, minha vida ganhou um sentido de leveza mais iluminado, além de adquirir mais humor, perdão, aceitação, compaixão e responsabilidade, não somente em relação às minhas ações como também a qualquer coisa que possa me ocorrer. Não tenho dúvida que esta experiência atuou nas profundezas do meu inconsciente, e que seu trabalho se reflete na minha vida cotidiana. Enfim, o maior presente que recebi do *daimê* foi compreender que o Vazio é um espaço dentro de mim, que está sempre à vista, real, possível e disponível. Não é por acaso que ele significa "dai-me."

A Natureza Abraçou-me, Soprando seu Hálito de Vida Dentro de Mim

Stefan C.

Fazendo um relato de diversas experiências com a ayahuasca no contexto da União do Vegetal, este médico de 40 e poucos anos descreve as várias visões positivas e negativas acerca de seus relacionamentos passados, presentes e futuros. Isto lhe propicia a assimilação de uma sabedoria profunda, além da aceitação das transformações imprevisíveis da vida.

UM POUCO ANTES DE NOSSA partida para uma expedição à América do Sul, onde participei de algumas sessões com a UDV (União do Vegetal), fiquei sabendo que talvez tivéssemos a companhia de R., outra mulher com quem eu estava me relacionando na época. Esta notícia não me deixou nada feliz: eu estava muito envolvido com ela, que fazia pressão excessiva sobre mim naquele momento. Embora meu casamento estivesse passando por uma fase ambivalente, eu não pretendia abandonar minha família. Uma semana antes da viagem, R. deixou entrever seu desejo de me acompanhar; antes de me comunicar, ela comprou a passagem. Chegou o dia da partida e viajamos juntos para a América do Sul, para a Amazônia distante.

O choque cultural, a diferença de fuso horário, a excitação que a missão nos provocava, foram os ingredientes que alimentaram o curso desta nossa vivência. Havia ainda a expectativa de nos juntarmos às cerimônias da ayahuasca, sempre preparada num lugar fresco, na floresta. R., cheia de entusiasmo, logo aderiu aos nossos propósitos e não teve dificuldade para entrar em sintonia com nossos corações.

Já era noite de 24 de junho, dia de São João Batista, quando chegamos à comunidade daquele complexo distante da floresta. Embora lá se pratique uma religião onde a ayahuasca é consumida cerimonialmente, as tradições do poderoso catolicismo sul-americano não ardorosamente preservadas. Planejou-se, então, uma sessão especial ao ar livre nesta noite de São João Batista. Sentei-me numa cadeira reclinada, ao lado de R., ajeitei-me confortavelmente, e fechei os olhos.

As visões me chegaram de uma forma encantadora, e surgiram suavemente em tons sutis de vermelho, azul e verde. Meu corpo vibrava delicadamente. Em estado onírico, eu me “vi” junto a R. a nos elevar-

mos lentamente das cadeiras. Subimos até ficarmos suspensos acima do grupo, banhados pelas cores brilhantes da luz divina. Neste palácio celestial, R. e eu nos unimos em matrimônio, tendo os fiéis como testemunhas. Embora eu estivesse em êxtase, da região longínqua e periférica da minha consciência surgiu um som, uma pergunta tranqüila, que depois se intensificou. A princípio, não compreendi as palavras, mas depois as decifrei com rapidez: “E quanto a N.? Afinal, ela é minha esposa, com ela compartilhei os últimos 16 anos e juntos tivemos um filho!” De repente, rompeu-se meu transe, a visão de R. explodiu, e me vi precipitando-me dolorosamente de volta ao solo.

Eu estava de novo na minha cadeira, mas assustado, desesperado e aterrorizado. Meu mundo estava implodindo, enquanto eu era jogado na escuridão, sentindo-me completamente perdido e desorientado. Tudo passou a ficar sem sentido, porque todo o conhecimento que adquiri na vida desapareceu, deixando-me a vaga impressão de que um dia houve em mim uma identidade e uma vida. A linguagem perdeu a coerência: mesmo sabendo de um fenômeno de articulação, chamado por este nome, perdi a capacidade de usar simbolicamente as produções do som. Eu sabia que existia, por exemplo, a palavra “cadeira,” mas não fazia a menor idéia do seu significado.

Algumas imagens desconectadas e fragmentadas povoavam esta nova e terrível visão. Eu me sentia amarrado a ela por toda a eternidade, como se fosse prisioneiro de uma armadilha de angústias e pesares. Finalmente, comecei a emergir lentamente desta letargia, olhei para R., e notei que ela também experimentara e se expusera a estas estranhas impressões. Depois ela me contou que tinha se “deparado” com tudo quanto era coisa ruim que inflingira aos outros, e sofreu na pele os tormentos que causou. Ela também passara pela prova da submissão.

Relembrando este episódio, anos mais tarde, seu significado ficou claro. A ayahuasca conversou comigo, embora eu não estivesse capacitado para entender. Recusei-me a seguir seus ensinamentos de prudência e bom senso durante muito tempo, mas paguei um bom preço. Apesar da minha insistência de que R. e eu estávamos fadados um para o outro, o espírito do cipó me avisara que apenas sofrimento adviria desta união. A Ayahuasca me revelou naquela noite que minhas ações deveriam se basear na verdade e na integridade. Minha desilusão tinha sido prevista, sem que eu desse importância ao fato.

Os anos passaram e participei de outra cerimônia com a *hoasca* na UDV da América do Norte. Antes de me dirigir à sessão, conversei por telefone com um amigo que participava desse mesmo grupo de ayahuasqueiros. Sua experiência tinha sido branda, embora tivesse investido nela um longo e precioso tempo. Advertido do fraco teor psicoativo do preparado, levei um banquinho próprio para meditação, na expectativa de pelo menos devotar minhas energias à prática contemplativa. Cheguei ao local, e fui apresentado aos simpáticos sul-americanos. Surpreendi-me com sua tranquilidade e humildade. Eles nos disseram que vinham de uma distante cidade da floresta amazônica, e que já eram praticantes devotados da ayahuasca por mais de 20 anos.

Sentamos em torno de uma mesa, onde estava o líquido âmbar que emanava um odor cáustico e nauseante. Nos foram servidas doses modestas do preparado em pequenos copos de papel. Enquanto seguávamos a respiração, para melhor ingerirmos o líquido, ouvimos algumas palavras e encantamentos repetidos rapidamente numa língua que eu desconhecia. Nos transferimos para um amplo aposento com confortáveis cadeiras e almofadas.

Sentei-me no meu banco de meditação e respirei ritmadamente para me concentrar, enquanto um dos sul-americanos começava a contar a história das origens míticas da sua igreja com a ajuda de um intérprete. Ouvindo esta maravilhosa narrativa, dirigi a atenção para um campo de energia que se espalhava por todo meu corpo e minha psique. Enquanto meu ser pulsava no ritmo intenso de uma estranha força interior, eu escorregava do banquinho de meditação, até cair de cara no chão. Este campo de luz me saturava e a parte traseira do meu esqueleto se erguia, permitindo que a corrente de energia vegetal da terra penetrasse por todo o meu ser. Eu me dissolvia e emergia junto às vibrações harmoniosas e acolhedoras do mundo vegetal. Mas continuava sendo eu mesmo.

Em outras ocasiões, retornei gradualmente a este mesmo estado, misturando-me com os encantamentos da natureza. As partículas do meu ser se fundiram com as flores, as árvores e os elementos. Eu me sentia purgado de todas as dores e sofrimentos. A natureza abraçou-me, fazendo-me reviver com o sopro do seu hálito de vida dentro de mim. Ao relembrar esta experiência de renovação e renascimento, ainda me sinto tocado pela maravilhosa iniciação ao mundo natural. Foram reveladas nossas verdadeiras identidades: seres de luz unificados com

as forças da natureza; uma identidade com que havia sonhado, no sentido de que se tornasse manifesta. Continuo admirado com o poder que me foi revelado pelos espíritos mensageiros da ayahuasca.

Em uma das muitas viagens que fiz à Europa, encontrei-me com vários representantes da UDV. Na Espanha, próximo a Barcelona, participei de uma sessão realizada numa enorme sala com teto rebaixado. Foi difícil viver esta experiência: o ambiente quente, abafado e claustrofóbico contribuiu para meu lamentável estado de constrição física e emocional. Logo de início, dei um jeito de ir ao banheiro e tentei vomitar, para aliviar a grande pressão interna que me sufocava; não obtive êxito. Retornei ao meu lugar, exausto, e sentei de olhos fechados, esperando que a viagem seguisse seu curso porque minha energia estava quase esgotada.

Uma espécie estranha de vigília tomou meus pensamentos, que ilustravam a história trágica e turbulenta do país que eu estava visitando; fui surpreendido por uma dor aguda nas costas. Meus olhos continuavam fechados e tive outra visão onde me vi como um judeu espanhol do século XVI; fora das muralhas de uma cidade, eu estava diante de um raivoso prelado, rodeado por homens armados. Disseram-me que eu deveria renunciar à minha fé para abraçar a verdadeira Igreja, porque senão haveria conseqüências muito graves. Desconfiado, recusei a oferta e segui meu rumo. Caminhei de uma forma bastante tensa, como se soubesse o que me ocorreria. Senti, de repente, uma dor lancinante no lado esquerdo da coluna; uma lança traspassara minhas costas.

Nervoso, por causa da dor, sucumbi no oceano da memória ancestral. Outras pessoas, lembranças, temas relacionados com a coragem, a perseverança e a fé. Voltei lentamente para o presente, em profundo silêncio reflexivo.

Um ano depois de participar de outra sessão com a ayahuasca, recebi um telefonema de um velho amigo que me falou, bastante excitado, a respeito de um colega nosso da América do Sul que estava planejando visitar nosso país, trazendo um chá de lendária potência preparada no coração da floresta amazônica.

Encontramo-nos no aeroporto, e fomos para as montanhas. Ao chegar, me surpreendi com a quantidade de carros estacionados, pois imaginei uma sessão apenas com os amigos íntimos. O lugar estava repleto de neófitos e iniciados. Conversamos por muito tempo até que a sessão foi anunciada. Eu não conhecia a maioria das pessoas que lá

estavam, e não sabia nada de suas histórias. Senti aquele estranhamento de quem está desconectado, e me percebi despreparado para o que viria.

Sentamo-nos no lado de fora da casa, e compomos um grande círculo em torno de um altar. Pelos meus cálculos, éramos 23 pessoas, e eu sentei defronte ao líder. Ele se ajeitara no extremo norte do círculo e eu no sul. Já estava escurecendo e o vento começava a soprar. Vi-eram copinhos de plástico com a ayahuasca, e inalei sua essência pungente e familiar. Eu também estaria nauseado. Eu conheço você, libação dos Deuses: concentrei-me. Os demais integrantes já pegavam seus copos para beber o preparado. Eu também estaria pronto? E me sentia nas proximidades daquela fronteira existencial propícia à ingestão da beberagem. Comecei a bebê-la, prendendo a respiração.

À medida que o líquido fétido descia pela minha garganta, eu estremecia involuntariamente. As palavras que descreviam o objetivo da minha viagem iam se cristalizando na minha mente. Solicitei que a experiência me trouxesse a coragem e a força necessárias para que eu encontrasse o perdão. Todos se sentaram.

Fiquei sentado por um longo tempo, respirando profundamente o ar frio da montanha. O chá se infiltrava dentro de mim percorrendo seu caminho. Senti ondas periódicas de náuseas, mas procurei não esboçar reação. Era o momento próprio para sentar e esperar. As outras pessoas já estavam saindo à procura do mato. Eu ouvia seus vômitos. Com o pulso acelerando pouco a pouco, eu procurava respirar cada vez mais profundamente, à espera.

O tempo foi passando, e eu não me via livre daquele torpor tenso e pesado. Olhei o relógio, e havia transcorrido uma hora. Estava na hora. Minha cabeça e meu corpo estavam dormentes. Movi-me cautelosamente, e atravessei passo a passo todo o terreno. Adentrei no pequeno bosque que circundava a casa. Parei, inclinei-me, pus as mãos sobre os joelhos, tentando vomitar. Depois da terceira tentativa, o conteúdo do meu estômago saiu do seu lugar de descanso, e irrompeu. Eu me senti aliviado! Ergui-me, dei um passo atrás, respirei profundamente. Tive a impressão de que aquela massa escura tinha saído das profundezas do meu ser. Olhei para o céu. A noite estava estrelada. Eu me sentia iluminado, leve, equilibrado e livre. Voltei silenciosamente, e tomei meu lugar no círculo com mais confiança.

A noite caiu. Estava mais frio do que o esperado. Pareceu-me a cerimônia mais longa que eu havia participado. Estávamos sozinhos

na escuridão, mas eu já sentia um frio intenso por não ter levado casaco nem coberta. O vento açoitava minha roupa, e eu tremia freneticamente. Eu não tinha maiores ligações com o grupo. Não conseguia pedir ajuda. Perguntando-me se conseguiria atravessar a noite, concentrei-me.

Uma canção começou dentro de mim, lenta e ligeiramente audível. Docemente entoada, sua vibração rítmica emergiu aos poucos. Era uma melodia sutil com uma batida simples. Esta música era minha música, só minha! Entendi que ela me daria poder e dignidade, e me traria proteção. Embora fosse uma simples melodia, ligeiramente perceptível, ela pertencia somente a mim, e tecia um cobertor de energia ao meu redor. O frio se foi, deixando a proteção de um casaco quentíssimo e acolhedor. Cantei minha canção pelo resto da noite. Ela me aquecia e me deixava tranqüilo; eu observava meu Eu Interior e minhas reservas de poder. A música me guiou, me ensinou e me fez relembrar muitas coisas.

Mantendo os olhos fechados, vi explosões de cores brilhantes, algumas cenas deslumbrantes, e uns tantos rasgos da eternidade. Esta beleza estava em todos os cantos. Ao meu lado, outra presença, que parecia não ser mesmo deste mundo. Pensei que já estivera naquele lugar. Eu me perguntava: o que é isso? Uma planta? Um inseto? Eu não podia olhar diretamente para ela, nem mesmo me aproximar. Tudo se passava como se eu estivesse perante a totalidade da mente de Gaia. Olhei-a de soslaio uma vez mais, e fui embora.

Cheguei a um espaço misterioso e profundo; inúmeras imagens multicoloridas e caleidoscópicas dançavam ao meu redor. Eu contemplava minha face interna que se mesclava e se transformava. Repetidamente, surgiam em mim novas faces e novas pessoas, que se consolidavam e se extinguíam para formar outras mais. Quem era eu entre todos aqueles rostos? Nenhum deles, e todos eles. Respirei profundamente, rodeado pelas ondas cósmicas, e saí dançando com todas as coisas da Criação.

Vieram-me algumas imagens de R., que me deixaram tenso e com o coração apertado. Relembrei a intenção e abriu-se à minha frente uma avenida de perdão e compaixão. Eu sabia que precisava mudar alguma coisa em mim, e sabia que para fazer isso era necessário pôr um ponto final em tudo o que havia ocorrido. Eu precisava aceitar minha vida tal como era, e o único meio para isso seria dar um fim neste meu episódio; tinha chegado a hora.

Meu coração se abriu, e comecei a aceitar R. como ela era. Então, N. – minha mulher – surgiu à minha frente. Estávamos juntos há 21 anos. As queixas que se acumularam nesse tempo eram insignificantes. Daí me abri para N., inundado por uma onda de admiração e júbilo por esta pessoa que tanto havia compartilhado comigo. Passei a aceitá-la até mesmo naqueles aspectos que eu queria que ela não tivesse. Imagens de N. e de nosso filho começaram a dançar diante de mim. Imagens de ternura e dos muitos momentos compartilhados no passado. Surgiram, ainda, algumas cenas que estavam por vir. Vi as dores, os medos e as fragilidades de N. Enquanto isso, minha canção percutia com delicadeza dentro do meu ser, abrindo-me um canal de cura. Vi este caminho todo incrustado com pedras brilhantemente coloridas, mostrando na parte final do seu percurso uma N. já envolvida por energias curativas que a inundavam de luz e renovação.

A noite findava. Havia poucas pessoas sentadas ao redor do círculo. Muitos se foram, mas alguns ainda jaziam no solo a descansar. Enquanto a maioria de nós estava em silêncio, pequenos grupos se formavam para uma conversa tranqüila. Eu já havia observado em outros rituais com a ayahuasca, que o círculo se sente fragmentado e desgastado no final da sessão. No meu lado esquerdo, minha amiga T. dizia-me baixinho que tivera a viagem que desejara; ela me abraçou. Ambos nos abraçamos, nossos corpos eram dois campos luminosos de energia, que se fundiam e se separavam. Ela se despediu e caminhou para a casa. Outras pessoas também se levantaram e seguiram o mesmo caminho. O círculo foi se dissolvendo lentamente, embora se mantivesse controlado por alguma espécie de mecanismo autônomo.

Não houve cerimônia de encerramento, nem agradecimento aos espíritos. As pessoas sumiram na noite, sozinhas ou em pares. Eu continuei sentado, cômico do motivo por que agia assim. Os outros podiam ir embora; minha responsabilidade não me deixava fazer o mesmo. Eu estava servindo de âncora para o Sul, sendo portanto um daqueles que sustentavam o círculo. As demais pessoas não sabiam de nada. Eu não tinha outra escolha senão ficar ali porque havia um dever a cumprir. Minhas costas doíam, as pernas estavam dormentes. Continuei sentado, e apenas o líder permanecia no extremo norte do círculo, tendo duas pessoas próximas a ele. Eu estava disposto a ficar ali pelo resto da noite, se fosse necessário; e, se preciso, ficaria até o amanhecer.

Comecei a cantar minha canção, por causa da sua imensa carga de poder e força. E me vi plantado no solo, como que criando raízes para me tornar uno com a natureza. O tempo foi passando, passando, até que o líder levantou-se e veio junto a mim. Ele me convidou para tomar uma xícara de chá, mas me deixou a decisão de também ir ou ficar. Respondi-lhe que estava pronto para sair, levantei-me, e andamos na direção da casa. O círculo estava fechado.

Sentei-me na varanda por um logo tempo, refletindo sobre o que havia me ocorrido naquela noite, inteiramente tomado por sentimentos de gratidão e de missão cumprida.

Meus encontros com a ayahuasca conduziram-me às mais variadas estações. Algumas prazerosas, outras dolorosas. Cada uma delas ensinou-me uma lição valiosa. Não sei quando serei presenteado com outra viagem. Esperarei e estarei atento, mantendo os sentidos sintonizados. Esperando a chamada. Não sei quando.

Ganesha

Um ator e terapeuta de 40 e poucos anos relata suas visões num ritual do Santo Daime, onde figuras esotéricas cristãs e conceitos budistas mesclaram-se à deusa da floresta.

ASSEI POR ESTA EXPERIÊNCIA com a ayahuasca na floresta amazônica, nos arredores de Manaus. Eu já ingerira esta bebida em diversas ocasiões, mas esta seria a primeira vez que a experimentaria numa igreja do Santo Daime, uma das principais entre aquelas que utilizam como primeiro sacramento a ayahuasca, ou *daime*, conforme é denominada.

Chegamos ao acampamento quando começava o pôr-do-sol, e fomos conduzidos à igreja, um simples galpão no meio da floresta. Ao redor do mastro central, encontrava-se um altar com ícones cristãos, especialmente da Virgem Maria, e alguns cristais e velas. Duas brasileiras me falaram da importância da Virgem Maria na prática do Santo Daime, explicando-me que as visões eram dadas pelas folhas que compunham a mistura da ayahuasca, chamada por eles de *Rainha*. Sentados em torno do altar estavam os integrantes do círculo interno, os *fardados*, – os sacerdotes da igreja do Santo Daime; ao redor deles situavam-se algumas filas circulares, compostas de participantes brasileiros e alguns convidados oriundos da América do Norte. Muitos outros homens e mulheres sentavam-se em alas semicirculares nos lados opostos do galpão.

Fomos acolhidos pelo *mestre*, o ancião espiritual que guiaria a sessão. Posicionamo-nos em duas fileiras: os homens nas proximidades de uma janela atrás do altar, as mulheres junto à outra janela. Recebemos uma dose do chá, uma substância picante e âmbar. Quando todos estavam devidamente sentados, começaram as cantorias: hinos com uma forte influência luso-cristã, cantados de maneira ritmada e com total despojamento pelos *fardados*, sempre acompanhados por muitos violões. Estas músicas foram entoadas continuamente, uma após outra, e perduraram algumas horas. Perguntei a mim mesmo se haveria um momento de silêncio, para que eu pudesse fechar os olhos e me concentrar na minha própria experiência. Não consegui purgar a primeira dose de ayahuasca. Ela entrou por todo meu sistema, obri-

gando-me a ir ao banheiro para eliminá-la. Mais tarde, nos ofereceram uma segunda dose e a ingeri. Purguei esta dose sobre o chão de terra daquele galpão na floresta.

Desde o início da sessão, minha atenção centrou-se sobre um menino de 12 anos. Era o filho de um amigo meu que estava tendo sua primeira experiência com a ayahuasca. Aquelas canções eram vigorosas e benéficas, gerando uma poderosa energia. Finalmente, a cantoria parou, as luzes foram apagadas, e somente as velas permaneceram acesas. O contraste entre o som anterior e este novo silêncio trouxe-me um outro tipo de silêncio que eu jamais experimentara antes. Era como se as cantigas carregassem o ar com uma poderosa energia, de tal maneira que, quando cessaram, o que ficou de sua tangível substância etérea espalhou-se por todo o ambiente.

Comecei a prestar atenção na minha respiração, nos ruídos sutis que emergiam da floresta, como se fossem o mais puro som. Ouvi a respiração de tudo e de todos que estavam ao meu redor. Respirávamos juntos com a floresta, e esta respiração nos tornava um único Ser. Tentei ser Buda, e toda a natureza se fez Buda. Veio-me à mente a expressão budista *paticca samupada*, que significa o círculo de interconexão de toda a vida. Todas as coisas mostravam-se autofecundantes, e brotavam espontaneamente como uma membrana pulsante da Vida. Eu estava vivenciando uma experiência de não-dualidade: o Espírito e a Natureza tinham se unido para formar o Uno.

A certa altura, o daime deslocou-se para meu terceiro olho e vi uma brilhante mandala verde, que exibia o mesmo tom da floresta. Mantive-me junto a ela por alguns minutos, tornando-me assim muito luminoso.

A visão mais importante desta sessão viria depois: tive o privilégio de contemplar um enorme cálice que abarcava todo o grupo, constituído por um receptáculo abarrotado de uma luz que vinha do alto. Senti meu corpo como se fosse um pequeno cálice impregnado de Espírito. Toda a Amazônia tornou-se um cálice gigantesco, um autêntico caldeirão de vida imbuído do poder do Céu.

Um pouco mais tarde, quando dançávamos um *bailado* ritualístico com passos circulares em torno do altar central, uma visão me fez experimentar aquele mastro florido como se ele fosse o *axis mundi*, a árvore da vida. Os devotos celebravam alegremente a vida. Eu percebia que todos estavam se abençoando mutuamente. A luz fluía dos

nossos olhos e de nossas mãos. Meu coração abria-se fazendo-me sentir um amor incondicional por esta presença, como se eu estivesse tomado pela consciência de Cristo, ou como se eu fosse um emissário de seres tais como Yeshua, Zaratustra e Melquisedeque.

Ao terminar a sessão, dirigi-me à mata para ficar sob as estrelas. Eu me sentia entre o Céu e a Terra, próximo às estrelas e à Gaia; A presença da Mãe Maria também era muito forte. Mas sua apresentação não foi aquela tradicional: surgiu como o princípio feminino que tinha criado a abundância da Amazônia, e como a folha doadora das visões do Daime. Fui cuidadoso e a Rainha da Floresta abençoou-me.

Agonia e Êxtase com o Santo Daime

Raoul Adamson

Relatando duas sessões com um grupo do Santo Daime, um psicólogo de 50 anos vivencia o sentimento extasiante de uma ligação empática com a comunidade, a floresta, o continente, a Terra e o transcendente. A cantoria ritmada e a dança remeteram-no à agonia de uma vida passada.

EU VIVI DIVERSAS EXPERIÊNCIAS com a ayahuasca nas cerimônias de cura de um pequeno grupo xamanístico e também participei duas vezes dos rituais da UDV (União do Vegetal), quando surgiu a oportunidade de integrar uma sessão do Santo Daime, em Manaus, por ocasião de uma conferência da ITA (Associação Internacional Transpessoal).

As cerimônias da UDV são remanescentes da tradição da igreja protestante. As pessoas ficam sentadas em aposentos iluminados, para ouvir os sermões e algumas canções ministradas pelos *mestres*, que também ficam sentados em uma mesa central. As cerimônias do Santo Daime são mais parecidas com as tradições do Pentecostes e do *Gospel*: estão sempre presentes a algazarra, as cantorias ritmadas e as danças, além dos períodos de silêncio para preces e contemplação.

Éramos um grupo de 30 ou 40 americanos e europeus. Fomos de ônibus até o centro do Santo Daime, situado na floresta, nos arredores de Manaus. Havia uns 50 daimistas que nos receberam e já estavam reunidos. Fomos instruídos para que vestíssemos camisas brancas (para os homens) e blusas e saias brancas (para as mulheres), e ainda advertidos para que não usássemos nenhuma peça vermelha ou preta. Minhas experiências anteriores ocorreram em grupos pequenos. No entanto, participei de uma sessão da UDV com muitos integrantes, e não tive qualquer reação desagradável; eu estava calmo e cheio de expectativas positivas. Além disso, conheci um dos líderes da igreja do Santo Daime – um homem com uma longa barba grisalha e olhos enormes, gentis e expressivos – e, ao conhecê-lo, senti uma forte confiança, justamente porque tratava-se de um líder de cerimônia.

O templo, ou igreja, situava-se numa clareira na floresta, um galpão coberto. As cadeiras estavam dispostas em fileiras semicirculares ao redor de uma mesa central, que constituía um altar com ícones

cristãos. O pilar central do galpão era decorado com cipós e flores, e mostrava muitas semelhanças com o mastro das festividades do 1º de maio. Havia umas cem ou mais pessoas aglomeradas naquele espaço, que geravam um calor intenso e somavam-se à umidade morna da noite tropical. Meu filho de 12 anos estava comigo e esta seria sua iniciação com a ayahuasca, ou com qualquer outra planta visionária. Estavam também presentes outras crianças brasileiras, algumas muito novinhas, entre sete ou oito anos. Um casal de americanos levava o bebê que recebeu cuidados especiais. Sua mãe o alimentou esporadicamente ao longo da noite. No Santo Daime as mulheres costumam tomar regularmente a ayahuasca no período de amamentação. Algumas chegam a ingeri-la na hora do parto.

Esta cerimônia estabelece uma separação entre as mulheres e os homens que não me causou incômodo algum; o mesmo não ocorreu com vários americanos e europeus, acostumados a fazer tudo junto às esposas ou parceiras. Este procedimento está numa forma de pensar dos integrantes desta igreja, segundo a qual tal experiência é muito íntima e reveladora. Assim, os casais podem ficar tentados a uma certa cumplicidade, prejudicando a unidade e a sinergia do grupo. Pela mesma razão, os monitores solicitavam que retornassem ao galpão depois de vomitar ou de tomar ar fresco lá fora. Embora a todo instante houvesse umas 10 ou 15 pessoas fora do galpão, elas não deveriam permanecer ali por muito tempo, porque ocorreria uma perda de força no campo energético da cerimônia.

A sessão focalizou-se na cura. Todos cantavam enquanto se mantinham sentados nas cadeiras. Ocasionalmente, se levantavam para continuar cantando. A dança final durou mais ou menos uma hora. O grupo costuma dançar o tempo todo em outras sessões, exceto por uma longa hora de meditação no meio da noite. Depois que cada um se alinhou e recebeu uma dose do chá das mãos de um membro da igreja, todos se sentaram e a cantoria começou.

O coro principal era formado por um grupo de jovens mulheres do Mapiá, a mais importante comunidade do Santo Daime. Elas sempre iniciavam as músicas, que seguiam uma seqüência definida por um livro chamado *hinário*; como eu não entendo uma só palavra da língua portuguesa, não prestei atenção ao conteúdo, limitando-me a cantarolar as melodias, extremamente simples, melodiosas e ritmadas. Existe muita semelhança entre estas melodias e a estrutura rítmica ace-

lerada dos *icaros* xamanísticos. Alguns homens acompanhavam o coro feminino com violões, e muitos deles também tinham chocalhos metálicos; o volume final era bem expressivo e bastante poderoso. Eu me deixei levar pela música.

Mesmo com os olhos fechados, o primeiro "efeito" percebido por mim foi o já familiar visual geométrico da triptamina; no entanto, toda vez que abria os olhos, eu só conseguia ver as cantoras, o galpão e a floresta lá fora. Um calor imenso esquentou minha cabeça, impelindo-me a tomar um ar fresco. Dei um jeito de sair, esgueirando-me entre as cadeiras, e me esparramei sobre a relva, agradecido pela brisa fria da noite. Um dos monitores veio ao meu encontro, perguntando-me se eu estava bem e se precisava de alguma coisa. Eu lhe assegurei que estava ótimo, precisando apenas descansar. Dez minutos depois retornei ao círculo e às cantorias.

Eu já sentia a força energética da ayahuasca penetrando por todo meu ser; acompanhei alegremente as canções, balançando-me na cadeira no embalo do ritmo. Meu coração abriu-se com mais consistência, eu me senti conectado com aquele grupo, composto em sua maioria por estrangeiros, e que cantava numa língua também estrangeira e ininteligível para mim. Lembrei-me da empatogênica substância do Ecstasy (MDMA), utilizada em outras sessões grupais onde as pessoas são tomadas por um estado emocional similar.

Na cadência ritmada da cantoria, o patos empático se manifestava pela emoção de todos que ali estavam com o coração aberto e o sentimento alegre de reciprocidade. A conexão abarcou o conjunto do círculo e toda a extensão da floresta. Esta empatia tomou conta de todos que participaram da conferência, ampliando-se pela cidade de Manaus. Com a continuidade do fraseado ritmado daquelas canções, a onda simpática de sua poderosíssima energia abraçou a todos, e seguiu seu movimento crescente até se expandir por toda a região amazônica. Rumou, então, por todo o Brasil e pelos vastos continentes e oceanos da Terra até chegar à Lua e ao Sol, passando pelos planetas e estrelas, atravessando a galáxia, indo mais além. Ao final da canção, retornei em paz para o meu corpo e para aquele lugar e aquele tempo, juntamente com aquelas pessoas.

Vivenciei nesta sessão o mais puro e maravilhoso êxtase: estive simultaneamente dentro e fora de mim, permanecendo, ainda, *comigo* mesmo e com todos os outros: humanos, animais, plantas, a Terra

inteira, e a enorme comunidade de seres angélicos, divinos, espirituais e cósmicos. E, para tornar tudo melhor ainda, ao final de cada canção éramos trazidos de volta de uma forma precisa e amorosa, para logo depois outra canção nos carregar, gerando assim um novo êxtase em cada um de nós.

Nos períodos de silêncio, eu me imbuía de todo o volume energético que estava sendo palpavelmente gerado naquele galpão, e aproveitava para direcioná-lo à cura de alguns desconfortos crônicos na minha cabeça e no meu rosto. Detectei como causa deste meu padrão de contração física a cirurgia a que me submeti com 11 anos de idade. Usaram o éter para anestesiá-me. Depois disso, toda vez que eu dirigia conscientemente a energia desta sessão do daime para alguma área contraída do meu corpo, ela abria-se e logo distendia-se.

Esta experiência durou aproximadamente quatro ou cinco horas, no decorrer das quais alguns tomaram várias doses do chá de daime. Vieram, então, as duas horas de bailado, onde nos ensinaram alguns passos simples: dois para a esquerda e dois para a direita. O trabalho dos monitores assegurou que cada um de nós ficasse devidamente alinhado, de maneira a nos movermos em harmonia com os outros. E o resultado final foi ótimo porque não exigiu maiores esforços. Cada uma das pessoas era conduzida por uma onda, tal como um grupo de bobinas funcionando harmoniosamente. Porém, quando alguém dava um passo contrário ao do conjunto, perdia-se a harmonia e o movimento tornava-se estressante. Mas o grupo dançou de tal maneira que eu poderia ficar dançando ali por horas e horas.

Ao voltar para o hotel em Manaus, indaguei ao meu filho se ele havia gostado da sessão, e a resposta na sua gíria própria foi afirmativa. Ele também me disse que não tinha purgado nem sentido qualquer desconforto, exatamente como ocorrera comigo. Perguntei se havia tido alguma visão, e ele respondeu que viu um peixe gigante que desceu do espaço e veio até a ele, frisando ainda que este peixe era muito parecido com outro que tínhamos visto num aquário naquela manhã. Falou-me que tinha ficado bastante impressionado com a visita. Fomos para a cama. Queríamos dormir as quatro horas restantes da noite. Acordamos no dia seguinte com a energia normal, cotidiana.

Meu segundo encontro com o Santo Daime deu-se em uma casa enorme no norte da Califórnia. Líderes da igreja brasileira, juntamente com seus cantores e músicos, e ainda com a assistência de alguns

membros da igreja norte-americana, estavam fazendo uma viagem por diversas regiões do país para realizar aquilo que eles chamam de "trabalhos". No local havia cerca de 60 ou 70 pessoas que vestiam roupas brancas. Algumas delas já tinham bastante experiência com os cerimoniais, ao passo que outras eram inteiramente neófitas.

De início, recebemos uma longa explicação em inglês sobre o processo da experiência, além de alguns escritos que orientavam sua preparação: "O Daime oferece uma oportunidade única de alinhamento com o Divino... O Daime tem o dom de abrir a consciência, e dá ensino a que se experimente o amor e a confiança de forma profunda e inimaginável... O Daime será capaz de lhe franquear tudo aquilo que você tem de mais alto e mais baixo. Mas a proposta real é estimular o que você tem de mais elevado, transformando seu material inferior." Entre as sugestões de trabalho estavam incluídas: respiração profunda, submissão à energia, importância da posição ereta do corpo, estando sentado ou de pé; necessidade de, quando sentado, estar sempre com as pernas descruzadas; e o grande valor de sentir a terra sob os pés. E ainda nos disseram: "Se alguém não conseguir dançar, que fique sentado ou que se deite." Dispuseram tapetes ao longo de um dos lados do aposento, para quem quisesse deitar quando a experiência se tornasse dolorosa.

Minha primeira opção sempre foi ficar deitado a maior parte do tempo, e sentado em alguns períodos curtos. Eu já estava acostumado a lidar com os aspectos intensos da ayahuasca. Mas, ficar sentado por um longo período era um desafio menor que dançar. Minha primeira intenção foi aprender a acomodar o forte fluxo de energia e consciência no dinamismo desta última postura. Dançando com um grande grupo como aquele, eu desenvolveria uma melhor apreciação sobre a formação de uma estrutura grupal: saber como alguém altamente sugestível, que se movimentasse de maneira caótica pelo espaço, poderia causar desconforto e distração nos demais.

Depois das preces e invocações iniciais, formaram-se duas filas para tomar o chá pelas mãos do líder cerimonial; assim, após a ingestão, a pessoa retomava seu lugar no círculo, para dar início ao canto e à dança. Aqueles que já conheciam os hinos e os que ainda estavam aprendendo receberam um pequeno livro para acompanhá-los. Dei-me por satisfeito em me concentrar nos sons, nos movimentos e nas sensações do meu corpo. Dizem que estes hinos foram canalizados pelo funda-

dor da igreja e pelos líderes que lhe sucederam nas sessões da ayahuasca. São canções simples, em torno de nomes como Jesus, Maria, São João, e outras figuras da Bíblia; assim como fazem menção ao Sol, à Lua, às estrelas, e a certas divindades específicas do movimento.

Uma hora e meia após a ingestão, senti uma intensa transformação energética no meu corpo; juntamente com alguns padrões visuais que se formaram ao meu redor, mesmo quando eu abria os olhos. O ambiente preenchia-se aos poucos da energia pulsante das canções e do bailado das pessoas. Comecei a ficar ansioso e preocupado, na expectativa de que poderia desmaiar. Fui para o lado de fora da casa, onde encontrei algumas pessoas purgando. Senti-me nauseado, embora não estivesse com vontade de vomitar. Um dos assistentes, ou guardiões, perguntou-me se eu queria alguma coisa. Respondi que queria deitar-me, e ele me deu um tapete que estava no chão.

Deitei-me no lado externo de uma janela da sala onde estavam os dançarinos e cantores e fechei os olhos, respirando profundamente na direção do meu plexo solar. Meu campo visual inundou-se de sangue, feridas e corpos contorcidos e mutilados que expunham suas carnes cortadas com metal. Eu tinha a impressão que estava no centro de uma batalha, onde ocorria uma cena de carnificina. Mas este cenário também me pareceu ser o de uma vida passada onde eu morrera na guerra. Havia uma estranha qualidade na sua carga emocional. A despeito de todo o horror da cena, não senti dor nem medo. Meu corpo tremia e vibrava e eu me sentia extremamente vivo e cheio de poder. Eu estava muito interessado nas pessoas que cantavam e dançavam atrás da parede que as separava de mim. Eu podia ouvi-las e sentir o ritmo dos seus pés.

Depois de algum tempo, sentei-me. Um dos assistentes veio ao meu encontro aconselhando-me a respirar mais profundamente. Usou as mãos para expulsar alguma obstrução etérica do meu plexo solar. Comecei a cantarolar e a me requebrar, e me senti como se estivesse atravessando um campo de carnificina sob o impulso de uma onda selvagem de energia, ou melhor, sob o domínio de uma poderosa força animal. Enquanto presenciava esta visão sangrenta, eu me sentia imensamente feliz por ter toda aquela gente cantarolando e dançando perto de mim. Este momento poderia ter sido bastante traumático, se não estivessem ali outras pessoas. Cheguei à conclusão que tanto as músicas como quaisquer batidas ritmadas mantêm a consciência em movimento, seja lá qual for o tipo de situação.

Continuei sentado do lado de fora da casa, interligado com aqueles que dançavam e cantavam. Eu ainda acompanhava seus cantos e seu ritmo. Emocionalmente, eu estava sereno e feliz, e meu corpo sentia-se leve e limpo. Algumas pessoas saíam para purgar ou respirar o ar fresco da noite, e ocasionalmente ouvia-se alguém gemendo, ou rindo e conversando tranquilamente. As canções e as danças continuaram até que houve uma breve pausa, depois da apresentação de um conjunto de hinos que durou mais ou menos uma hora e meia. Foram invocados e louvados os nomes dos espíritos, dos guias e dos ancestrais, terminando com vigorosos gritos de "Viva, Viva!"

Por volta das 23 horas, interrompeu-se a cantoria e o bailado para um período de 45 minutos de silêncio total. Todos saíram para a escuridão. Alguns queriam olhar as águas do córrego que ladeava a casa, enquanto outros preferiam observar a Lua e as estrelas. Ambos os grupos entregaram-se a um significativo estado de meditação. Houve, ainda, uma hora de canções, seguidas das preces de encerramento.

Refletindo sobre estas experiências, percebi que as canções e as danças são a essência do Santo Daime. Não existe outra doutrina ou pregação nesta igreja senão aquela encontrada nos seus hinos. Tal como os *icaros* dos rituais xamanísticos de cura, de qualidade rítmica semelhante, estes hinos também mantêm o movimento em meio às experiências visionárias, celestiais ou infernais, impedindo qualquer distração. A forma dos semicírculos concêntricos é estabelecida para os que ficam sentados e para os que preferem dançar. Ela oferece uma espécie de receptáculo onde os indivíduos se sentem protegidos e conectados, sobretudo nos momentos extremos de purgação e de transformação profunda.

Alguns, inclusive norte-americanos, preferem a rigidez das estruturas cerimoniais da UDV. Nelas, somente os sacerdotes cantam, oram e respondem às questões, enquanto os outros membros da igreja limitam-se a escutar sentados. Na minha opinião, o processo do Santo Daime parece ser mais participatório e inclusivo. Por fim, a palavra *daime* significa, literalmente, a expressão verbal "dai-me". Embora este termo possa soar para alguns como demanda ou apelo, entendi, através de minhas visões, que ele expressa o que é dito na frase "você está me dando". Assim, constitui uma afirmação de receptividade para com as dádivas do Divino.

AYAHUASCA: UMA HISTÓRIA ETNOFARMACOLÓGICA

Dennis J. McKenna, Ph.D.

INTRODUÇÃO

AS INÚMERAS PLANTAS ALUCINÓGENAS utilizadas pelas populações indígenas da Bacia Amazônica, talvez nenhuma delas seja tão interessante ou complexa – no sentido botânico, químico ou etnográfico – como a bebida denominada por muitos *ayahuasca*, *caapi* ou *yagé*. Ela é mais conhecida como ayahuasca, termo da língua quíchua que significa “cipó das almas” e que tanto é aplicado para a bebida como para uma das plantas básicas utilizadas na sua preparação, ou seja, um cipó malpighiáceo da floresta, cujo nome científico é *Banisteriopsis caapi* (Schultes, 1957). No Brasil, a transliteração desta palavra quíchua para o português resultou no termo *hoasca*. A ayahuasca, ou hoasca, ocupa uma posição central na etnomedicina mestiça, de tal maneira que a natureza química dos seus constituintes ativos e sua forma de uso tornam seu estudo relevante para os temas contemporâneos da neurofarmacologia, da neurofisiologia e da psiquiatria.

O QUE É A AYAHUASCA?

No contexto tradicional, a ayahuasca é uma bebida preparada através da fervura ou infusão das cascas e ramos da *Banisteriopsis caapi* junto à mistura de outras plantas. E, entre estas, o espécime mais comumente empregado é a rubiácea do gênero *Psychotria*, especialmente a *P. Viridis*, cujas folhas contêm os alcalóides necessários para o efeito psicoativo. A ayahuasca é o único preparado cuja atividade farmacológica depende de uma interação sinérgica entre os alcalóides ativos de suas plantas. Um dos seus componentes, a casca da *Banisteriopsis caapi*, contém alcalóides Beta-carbolinas, potentes

inibidores MAO. Quanto aos outros componentes, as folhas da *Psychotria viridis* ou de outros espécimes semelhantes, contêm o potente agente psicoativo N,N-dimetiltriptamina (DMT). Por si só, o DMT não é oralmente ativo quando ingerido; no entanto, poderá se tornar oralmente ativo em presença de um inibidor MAO periférico, e esta interação é justamente a base da ação psicotrópica da ayahuasca (McKenna, Towers, & Abbott, 1984).

Segundo ainda outros relatos (Schultes, 1972), existem alguns espécimes do gênero *Psychotria* utilizados de maneira similar em outras regiões da Amazônia. No nordeste da Amazônia, por exemplo, particularmente no Putumayo colombiano e no Equador, as folhas da *Diplopterys cabrerana*, um cipó da selva que pertence à mesma família da *Banisteriopsis*, são adicionadas à bebida em lugar das folhas da *Psychotria*. O alcalóide presente na *Diplopterys* é idêntico ao dos espécimes da *Psychotria*, tendo, portanto, efeito farmacológico similar aos destes últimos. No Peru, além da *Psychotria* e da *Diplopterys*, diversos outros espécimes são frequentemente adicionados, e sua escolha depende dos propósitos mágicos, medicinais ou religiosos pelos quais a droga será consumida.

Embora seja utilizada ocasionalmente uma farmacopéia virtual de outros espécimes, as misturas mais comumente empregadas (além da *Psychotria*, componente constante do preparado em questão) encontram-se entre os vários gêneros de solanáceas; incluindo o tabaco (*Nicotiana sp.*), a *Brugmansia sp.*, e a *Brunfelsia sp.* (Schultes, 1972; McKenna, 1995). Tais gêneros solanáceos são conhecidos por conter alcalóides como a nicotina, a escopolamina e a atropina, que afetam tanto a adrenérgica central e periférica como a neurotransmissão colinérgica. Mas as interações destes agentes com os combatentes serotoninérgicos e os inibidores MAO ainda são essencialmente desconhecidas na medicina moderna.

UM FOCO NA PERSPECTIVA HISTÓRICA ATUAL

Neste capítulo, apresentamos uma breve abordagem sobre a história das investigações etnofarmacológicas da ayahuasca, justamente porque esta bebida vem sendo um tópico fascinante para etnógrafos, botânicos, químicos e farmacêuticos desde que se tornou conhecida na metade do século XIX. Apenas para efeito expositivo, a

história da etnofarmacologia da ayahuasca poderá ser dividida em diversos segmentos, começando pelas suas origens pré-históricas até chegar no presente, pois esta bebida ainda constitui uma área ativa de pesquisa. A história moderna da ayahuasca pode ser datada a partir da metade do século XIX; embora nosso foco seja lançado sobre seu percurso etnofarmacológico, cumpre observar que sua singularidade vem causando historicamente uma série de impactos, não só na religião, na política e na sociedade em geral como também na ciência (um exemplo: a aceitação, por parte do governo brasileiro, da legitimidade do uso sacramental do chá de ayahuasca pela UDV e outras seitas sincréticas do Brasil). As implicações e conseqüências do uso continuado e crescente desta bebida podem ser visíveis em vários níveis do presente e também do futuro.

RAÍZES PRÉ-HISTÓRICAS DA AYAHUASCA

As origens do uso da ayahuasca na bacia amazônica estão perdidas por entre as névoas da pré-história. Ninguém pode afirmar com certeza onde se deu o início desta prática, embora se possa dizer com alguma certeza que sua utilização disseminou-se por inúmeras tribos indígenas da bacia amazônica, e que ela acabou chamando a atenção dos etnógrafos ocidentais na metade do século XIX. Este fato atesta a antigüidade, apesar do mínimo conhecimento que se tem a respeito. O etnógrafo equatoriano Plutarco Naranjo sumariou a pouca informação disponível sobre a pré-história da ayahuasca (Naranjo, 1979, 1986). Existem evidências arqueológicas abundantes – vasos de cerâmica, estatuetas antropomórficas, e outros artefatos – de que o uso desta planta alucinógena se estabeleceu na Amazônia Equatoriana por volta de 1.500-2.000 a.C.

Infelizmente, a maior parte das evidências científicas – pós vegetais, bandejas para inalação e cachimbos – está relacionada com o uso de outras plantas psicoativas como a coca, o tabaco, o pó alucinógeno derivado dos espécimes da *Anadenanthera*, conhecido como “vilka”, e várias outras, e não com a ayahuasca. Não existe nada sob a forma de material iconográfico, nem mesmo remanescentes botânicos que tenham sido preservados, que possa estabelecer o uso pré-histórico da ayahuasca; é provável que as culturas pré-colombianas, sofisticadas na utilização de grande variedade de plantas psicotrópicas, tenham tido

uma relação familiar com a ayahuasca e seu preparo. A falta de datas nesta matéria é frustrante, particularmente no que diz respeito à questão que tem fascinado os etnofarmacólogos desde os anos 1960, quando sua importância veio à baila, através da obra de Richard Schultes e seus discípulos.

Como mencionado acima, a ayahuasca tem uma posição especial entre as plantas alucinógenas, pois é preparada com a combinação de duas plantas: as cascas ou os ramos dos espécimes *Banisteriopsis* junto às folhas dos espécimes *Psychotria*, ou com outras misturas contendo DMT. A bebida depende desta combinação singular para desencadear sua atividade. Existe a probabilidade de ter sido um acidente a descoberta da síntese dessas duas plantas como um preparado ativo. Nenhuma das duas é particularmente ativa quando sozinha; contudo, sabemos que esta unificação fortuita ocorreu em algum ponto da pré-história, ou seja, a ayahuasca foi “inventada” naquela época.

Mesmo que jamais venhamos a saber como ocorreu esta descoberta e quem foi o responsável, existem diversos mitos fascinantes sobre o tema. Os ayahuasqueiros do Peru nos dirão que o conhecimento deles vem diretamente das “plantas mestres” (Luna, 1984), ao passo que os mestres do culto sincrético brasileiro da UDV nos dirão com a mesma convicção que este saber é oriundo do “primeiro cientista”, o rei Salomão, que teria recebido toda a tecnologia de um rei inca por ocasião de uma visita, pouco divulgada, que ele fizera ao Novo Mundo na antigüidade. Na falta de datas, estas são as únicas tentativas de explicação; tudo o que podemos afirmar com segurança é que o conhecimento das técnicas de preparação da ayahuasca, e também das plantas que lhe são apropriadas, já estava difundido na Amazônia quando seu uso chamou a atenção de algum pesquisador moderno.

A DESCOBERTA CIENTÍFICA DA AYAHUASCA NO SÉCULO XIX

Talvez a pré-história arqueológica da ayahuasca permaneça pelo resto do tempo intrinsecamente ligada aos mitos, a menos que seja descoberto algum artefato que nos capacite a estabelecer a época do seu uso.

Por outro lado, a precisão é bem maior quanto à história moderna ou científica da ayahuasca. Sua origem deu-se em 1851, quando o

célebre botânico inglês Richard Spruce deparou-se com a utilização de uma bebida intoxicante entre os índios da tribo Tucano do rio Uaupés, no Brasil (Schultes, 1982). Spruce coletou espécimes floridos do grande cipó usado como fonte da bebida, e esta coleta deu a base para sua classificação de plantas tais como a *Banisteria caapi*; mais tarde, em 1931, esta planta foi reclassificada como *Banisteriopsis caapi* pelo taxiólogo Morton, como parte de sua revisão dos conceitos genéricos no interior da família das Malpighiaceas.

Sete anos depois, Spruce encontrou o mesmo cipó sendo usado pelos índios Guahibo no alto Orinoco da Colômbia e da Venezuela; no final daquele mesmo ano, este botânico descobriu que os índios da tribo Záparo dos Andes do Peru tomavam uma bebida narcótica preparada com a mesma planta, e que eles a chamavam de ayahuasca. Embora o achado de Spruce anteceda qualquer outra narrativa publicada, suas descobertas só vieram a público em 1873, quando foram mencionadas numa narrativa popular que descrevia suas explorações na Amazônia (Spruce, 1873). A exposição completa só pôde aparecer em 1908, quando Spruce publicou seu relato na antologia de A. R. Wallace, *Notes of a Botanist on the Amazon and Andes* (Spruce, 1908). O crédito pelos primeiros estudos sobre o uso da ayahuasca pertence ao geógrafo equatoriano Manuel Villavicencio que, em 1858, escreveu a respeito de sua utilização na feitiçaria e na divinação do alto do rio Napo (Villavicencio, 1858). Apesar de Villavicencio não ter fornecido detalhes botânicos sobre a planta aí empregada, o relato de sua auto-intoxicação não deixou dúvida em Spruce de que ambos escreviam sobre a mesma coisa.

No decorrer das últimas décadas do século XIX, outros etnógrafos e exploradores continuaram relatando seus encontros com uma bebida intoxicante, usada por inúmeras tribos indígenas da Amazônia, e que era preparada a partir das "raízes" (Crévaux, 1883), de "diversos arbustos" (Koch-Grünberg, 1909), ou de "cipós" de proveniência botânica incerta (Rivet, 1905). Ao contrário de Spruce, que teve a brilhante idéia de coletar provas dos espécimes botânicos e dos materiais designados para eventuais análises químicas, os investigadores que o seguiram não colheram os espécimes das plantas observadas por eles, e seus relatos são considerados de pouca importância histórica. A publicação de Simson (1886) sobre a utilização da ayahuasca entre os índios equatorianos constitui uma notável exceção. Nela, o autor

nos conta que "os indígenas bebem uma mistura que reúne o yagé, as folhas de sameruja e o pau de guanto, e este amálgama resulta na ayahuasca, um leite geralmente obtido da fervura destes componentes". Nenhum destes ingredientes foi identificado, assim como não foram coletadas provas deles, embora este relato tenha estabelecido uma das primeiras indicações de que outros espécimes também eram empregados na preparação da ayahuasca.

Apesar de Richard Spruce e outros exploradores da Amazônia terem se dedicado aos primeiros estudos da ayahuasca desde 1851, a base de sua pesquisa só foi estabelecida com o importante trabalho sobre a sua química, realizado na segunda década do século XX. O século XIX testemunhou o nascimento de vários produtos químicos naturais, começando pelo isolamento da morfina, oriunda do ópio das papoulas, trabalho realizado em 1803 pelo farmacêutico alemão Sertüner.

O grande número de produtos naturais, isolados pela primeira vez naquele período, era de alcalóides, provavelmente porque estes constituem algumas bases relativamente fáceis de serem isoladas, e as plantas que os contêm possuem atributos medicinais importantes, cujas propriedades farmacológicas óbvias são freqüentemente dramatizadas. Foi durante este período efervescente de descobertas dos alcalóides que o químico H. Göbel isolou a harmalina, a partir das sementes da Arruda Síria, *Peganum harmala*. Seis anos mais tarde, em 1847, a harmina foi isolada destas sementes pelo seu colega J. Fritsch. Cinquenta e poucos anos mais tarde, em 1901, Fisher isolou um terceiro alcalóide – o harmalol – das sementes da Arruda Síria.

Tal como as outras Beta-carbolinas, que depois serviram de base para a nomeação do epíteto *Peganum harmala*, a harmina mostrou-se mais tarde idêntica à maioria das Beta-carbolinas encontradas na *Banisteriopsis caapi*. A definição mais precisa para a equivalência existente entre a Beta-carbolina da ayahuasca e a harmina da Arruda Síria foi estabelecida nos anos 1920, depois da harmina ter sido isolada de maneira independente por diversos investigadores e recebido uma variedade de nomes. No final do século XIX, em 1895, ocorreu um evento significativo para a história científica da ayahuasca: deram-se as primeiras investigações dos efeitos da harmina sobre o sistema nervoso central, realizadas em animais, por Tappeiner; os resultados iniciais foram seguidos mais sistematicamente por Gunn, em 1909, que demonstrou que seus efeitos mais intensos advinham da estimulação

motora do sistema nervoso central com tremores e convulsões, seguida ou acompanhada por paralisia geral e pulsação fraca (Gunn, 1935).

A AYAHUASCA NO INÍCIO DO SÉCULO XX (1900 – 1950)

As primeiras décadas do século XX testemunharam a publicação detalhada dos relatos de Spruce a respeito de suas explorações amazônicas e suas observações sobre o uso da bebida narcótica entre as diversas tribos com as quais estabeleceu contato. Apesar de já terem sido publicados antes alguns breves relatos de Spruce e outros investigadores sobre a ayahuasca, seu conhecimento mais palpável deu-se com a publicação da narrativa das viagens daquele pesquisador, no livro editado em 1908 por A. R. Wallace, naturalista célebre, além de co-descobridor da teoria da evolução. Naquela narrativa, a bebida foi retirada da obscuridade acadêmica, para vir à luz e despertar a atenção de outros pesquisadores mais sensíveis.

Neste período inicial do século XX, o progresso no entendimento da ayahuasca teve lugar em duas frentes principais: na taxionomia e na química. Apesar de algumas exceções notáveis, as investigações farmacológicas sobre as propriedades da ayahuasca mantiveram-se relativamente aquietadas nesta mesma época.

Durante este período, a história botânica da ayahuasca resume-se à combinação surpreendente do excelente trabalho taxionômico com a atividade detetivesca realizada por alguns, junto a uma sequência de erros notórios cometidos por outros. Em 1917, Safford afirmou sua certeza de que a ayahuasca e a bebida conhecida como caapi eram idênticas e derivavam da mesma planta. Em 1921, o antropólogo francês Reinberg aumentou a confusão quando afirmou que a ayahuasca era um termo que se referia à *Banisteriopsis caapi*, mas que o yagé era preparado com uma planta da família apocinácea *Haemadictyon amazonicum*, hoje corretamente classificada como *Prestonia amazonica*. A persistência deste erro, que aparentemente teve origem na leitura equivocada e mal interpretada dos relatos de Spruce, se propagou por toda a literatura dedicada à ayahuasca ao longo dos 40 anos seguintes. Finalmente, a publicação de um estudo de Schultes e Raffauf refutou todo o equívoco desse tipo de identificação (Schultes e Raffauf, 1960), apesar de vez por outra ele ainda aparecer na literatura técnica.

Entre as investigações que ajudaram a clarear o entendimento taxionômico da botânica da ayahuasca devem ser mencionados os trabalhos realizados em 1922 por Rusby e White na Bolívia (White, 1922), e ainda a publicação de Morton, em 1930, das várias anotações feitas pelo botânico Klug no Putumayo colombiano. A partir das coleções de notas realizadas por Klug, Morton descreveu um novo espécime de *Banisteriopsis* – a *B. inebriens* – usado como alucinógeno; entretanto, ele também afirmou que pelo menos três espécimes, a *B. caapi*, a *B. inebriens* e a *B. quitensis* eram utilizadas de um modo similar, e que dois outros espécimes – a *Banisteria longialata* e a *Banisteriopsis rusbyana* podem ter sido usadas como misturas para a preparação. Curiosamente, os que mais se esforçaram para o esclarecimento da confusão taxionômica na identificação das plantas usadas na ayahuasca foram os dois químicos Chen e Chen (1939). Trabalhando no isolamento dos princípios ativos do yagé e da ayahuasca, eles sustentaram suas investigações com provas autênticas de espécimes botânicos (uma prática rara naquele tempo), e depois de uma profunda revisão em toda a literatura existente, concluíram que a caapi, o yagé e a ayahuasca eram nomes diferentes atribuídos à mesma bebida, pois a planta que servia de base era a mesma: a *Banisteriopsis caapi*.

Embora o trabalho subsequente, realizado nos anos 1950 por Schultes e outros, tenha estabelecido de vez que, além da *B. caapi* os espécimes malpighiáceos também estavam implicados na preparação da bebida, não se deve desmerecer a contribuição de Chen e Chen, pois estes investigadores lançaram uma luz preciosa sobre a escuridão e confusão reinantes. O trabalho de campo posterior a eles tornou claro que as duas fontes botânicas da bebida – conhecida pelos nomes de caapi, ayahuasca, yagé, natema e pinde – são as cascas dos troncos da *B. caapi* e da *B. inebriens*.

A primeira metade do século XX foi também o período das investigações químicas mais sérias sobre os princípios ativos da ayahuasca; como muitos dos trabalhos taxionômicos deram-se neste mesmo período, o progresso científico neste campo foi marcado pela confusão nas investigações realizadas simultaneamente por grupos distintos e independentes de investigadores. Mas aos poucos, na medida em que estas investigações se ajustavam à literatura científica, a clareza começou a emergir daquele quadro sombrio.

Depois da harmina ter sido isolada das sementes da *Peganum harmala* pelo químico alemão Fritsch em 1847, um consenso científico posterior pôde finalmente estabelecê-la como o maior alcalóide Beta-carbolina dos espécimes *Banisteriopsis*. Esta identificação persistiu como inequívoca por muitas décadas até que, em 1905, um alcalóide denominado "telepatina" foi obtido de um material botânico não avalizado e chamado de "yagé" por Zerda e Bayón (citado em Perrot e Hamet, 1927). Em 1923, o químico colombiano Fischer Cardenas (1923) isolou novamente um alcalóide de materiais botânicos não confiáveis e também o chamou de telepatina; na mesma época, outra equipe colombiana, composta pelos químicos Barriga-Villalba e Albarracin (1925), isolou um alcalóide, a iageína. Talvez este tenha sido a harmina na sua forma impura; porém, a fórmula assinalada na época como o ponto de fusão mostrava-se inconsistente para uma estrutura de Beta-carbolina. E, para intensificar a confusão, o cipó com o qual Barriga-Villalba trabalhara tinha sido "identificado" como *Prestonia amazonica*, embora mais tarde ele mesmo tenha revisado esta identificação para *Banisteriopsis caapi*. Em todas estas instâncias, a falta de uma referência precisa dos espécimes botânicos deu origem a um trabalho de valor duvidoso.

A partir de 1926, este quadro foi melhorando até os anos 1950. Michaels e Clinquart (1926) isolaram um alcalóide de materiais improváveis, que chamaram de iageína. Logo depois, Perrot e Hamet (1927) isolaram uma substância que denominaram telepatina, sugerindo que esta era idêntica à iageína. Em 1928, Lewin isolou um alcalóide, nomeado por ele como banisterina; esta substância mostrou-se idêntica à harmina, que tinha sido previamente conhecida a partir da Arruda Síria pelos químicos da E. Merck & Cia (Elger, 1928; Wolfes e Rumpf, 1928). Elger trabalhou com materiais botânicos comprovados, identificados em Kew Gardens como *Banisteriopsis caapi*. Tendo como base seus próprios estudos com animais e ainda o estímulo de Lewin, em 1928 o farmacêutico Kurt Beringer usou as amostras de "banisterina", doadas por Lewin, em um estudo clínico com 15 pacientes que sofriam de Parkinson pós-encefálico, e relatou efeitos espetacularmente positivos (Beringer, 1928). Esta foi a primeira vez que um inibidor MAO reversível teve o aval para o tratamento do mal de Parkinson, embora a atividade da harmina como um inibidor MAO reversível só tenha sido descoberta 30 anos mais tarde. O ocorrido tam-

bém representa um dos poucos momentos nos quais uma droga alucinógena foi clinicamente avalizada para o tratamento de alguma doença (Sanches-Ramos, 1991).

Também trabalhando com materiais botânicos comprovados, supridos por Llewellyn Williams, do Chicago Field Museum, Chen e Chen (1939) confirmaram o trabalho de Elger, Wolfes e Rumpf; estes pesquisadores já tinham isolado a harmina dos galhos, raízes e folhas da *B. caapi*, e haviam também confirmado sua identidade com a banisterina isolada por Lewin. Em 1957, Hochstein e Paradies analisaram um material comprovado da ayahuasca, coletado no Peru, e dele isolaram a harmina, a harmalina, e a tetrahydroharmina. Nenhuma investigação dos elementos constitutivos de outros espécimes de *Banisteriopsis* foi realizada antes de 1953, data em que O'Connell e Lynn (1953) confirmaram a presença de harmina nos galhos e folhas de espécimes comprovados de *B. inebriens*, supridos por Schultes. Poisson (1965) confirmou posteriormente estes resultados, isolando a harmina e uma pequena quantidade de harmalina da "natema" peruana, identificada por Cuatrecasas como *B. inebriens*.

MEADOS DO SÉCULO XX (1950-1980)

A primeira metade do século XX foi o palco dos estudos científicos iniciais sobre a ayahuasca; neste período foram projetadas as primeiras luzes sobre as fontes botânicas deste curioso alucinógeno, com o objetivo de revelar seus constituintes ativos. Durante as três décadas que vão de 1950 a 1980, os estudos botânicos e químicos seguiram a passo acelerado, e as novas descobertas fundaram as bases para uma explanação mais clara das singulares ações farmacológicas da ayahuasca.

No campo da química, as investigações de Hochstein e Paradies (1957) confirmaram e expandiram o trabalho anterior de Chen e Chen (1939), e outros. Os alcalóides ativos da *Banisteriopsis caapi* e de algumas espécies semelhantes foram firmemente estabelecidos como sendo a harmina, a tetrahydroharmina e a harmalina. Contudo, só no final dos anos 1960 é que surgiram os primeiros estudos mais detalhados a respeito do uso de tais misturas na constituição do componente, se não invariável, pelo menos regular do preparado da ayahuasca.

(Pinkley, 1969). Logo tornou-se aparente que pelo menos duas destas misturas – a *Banisteriopsis rusbyana* (reclassificada por Bronwen Gates como *Diplopterys cabrerana*) e os espécimes da *Psychotria*, especialmente a *P. viridis* (Schultes, 1967) – eram adicionadas no preparado para “fortalecer e expandir” as visões. Ocorreu outra surpresa quando as frações dos alcalóides obtidos desses espécimes provaram ser o potente alucinógeno – embora oralmente inativo – N,N-dimetiltriptamina (DMT) (Der Marderosian e outros, 1968). Este componente foi conhecido por muitas décadas como sendo um resultado sintético, já que seguia-se à síntese inicial de Manske; mas, sua ocorrência no campo da natureza, bem como suas propriedades alucinógenas, já tinham vindo à baila alguns anos antes, quando Fish, Johnson e Horning (1955) isolaram seu reputado princípio ativo na *Piptadenia peregrina* (reclassificada mais tarde como *Anadenanthera peregrina*), a fonte do pó alucinógeno utilizado pelos indígenas do Caribe e também na bacia do Orinoco, na América do Sul.

A explicação farmacológica do final dos anos 1960 para a descoberta de Schultes, Pinkley e outros – segundo a qual a atividade da ayahuasca dependia de uma interação sinérgica entre as inibições-MAO das Beta-carbolinas da *Banisteriopsis* com a psicoativa, porém periféricamente inativa, triptamina DMT – já tinha sido fornecida em 1958 por Udenfriend e seus colaboradores (Udenfriend e outros, 1958).

Realizando seus trabalhos no Laboratório de Farmacologia Clínica do NIH, estes pesquisadores foram os primeiros a demonstrar que as Beta-carbolinas eram inibidores MAO potentes e reversíveis. Durante este mesmo período, o trabalho clínico com a DMT recentemente sintetizada e a auto-experimentação do psiquiatra e farmacólogo húngaro Stephen Szara (1957) conduziram à publicação dos primeiros estudos das ações profundas e passageiras dos alucinógenos nos seres humanos. Os experimentos de Szara também levaram ao primeiro reconhecimento de que este composto não era oralmente ativo, embora os mecanismos de sua inativação não fossem totalmente compreendidos. Ironicamente, algumas décadas mais tarde, Szara, o pioneiro da DMT, foi apontado como o cabeça do NIDA (Instituto Nacional do Abuso de Drogas).

Durante o célebre Verão do Amor em Haight-Ashbury, em 1967, realizou-se apenas um único simpósio em São Francisco sob a tutela daquilo que na época era o Departamento Americano de Saúde, Edu-

cação e Bem-Estar. Sob o título de *Busca Etnofarmacológica pelas Drogas Psicoativas* – seu conteúdo foi publicado mais tarde pela gráfica oficial do governo com o título de “Publicação do Serviço de Saúde Americano nº 1.645” (Efron e outros, 1967) –, esta conferência trouxe vários esclarecimentos ao campo emergente da etnofarmacologia psicodélica. Entre os seus participantes, encontravam-se o toxicólogo Bo Holmstedt do Karolinska Institute de Estocolmo; o etnobotânico Richard Evans Schultes; o químico Alexander Shulgin, que recebera recentemente seu título de doutorado; e Andrew Weil, pesquisador da maconha; além de muitos outros.

Era a primeira vez que se fazia uma conferência sobre a botânica, a química e a farmacologia dos psicodélicos, e, como era de se esperar, foi também a última, porque tal tipo de reunião não seria mais tutelada pelo governo. Mas, a conferência e a publicação deste foro, que se tornaram um marco da literatura psicodélica, revelaram ao mundo o estado em que se encontravam os estudos sobre a ayahuasca e seus aspectos multidisciplinares. O volume do simpósio incluiu capítulos sobre a química da ayahuasca (Deulofeu, 1967), a etnografia da sua preparação e dos seus usos (Taylor, 1967), e a psicofarmacologia humana das Beta-carbolinas da ayahuasca (Naranjo, 1967). Mas, houve um comentário irônico sobre a escassez de conhecimentos daquela época a respeito da ayahuasca, segundo o qual os usos dos conteúdos de triptamina nas misturas, e sua ativação por intermédio dos inibidores-MAO, não vieram à discussão neste simpósio; a assunção que prevaleceu foi que a psicoatividade da ayahuasca era dada, mesmo que não inteiramente, em primeiro lugar pelas Beta-carbolinas.

Nos cinco anos que se seguiram a esta conferência, houve um progresso substancial com relação ao entendimento farmacológico e químico da ayahuasca. Schultes e os seus alunos Pinkley e Der Marderosian publicaram suas descobertas iniciais a respeito da DMT contida nas plantas que compunham o preparado (Der Marderosian e outros, 1968; Pinkley, 1969), estimulando a especulação de que a DMT – ativada oralmente pelas Beta-carbolinas – era a responsável por grande parte da ação da beberagem. Embora plausível, esta noção só pôde ser cientificamente comprovada na década seguinte.

Em 1972, Rivier e Lindgren (1972) publicaram um dos primeiros documentos interdisciplinares sobre a ayahuasca, relatando o perfil dos seus alcalóides e o das plantas que lhe servem de base, coletadas

com o povo Shuar do alto rio Purus, no Peru. Na época, este documento era tido como um dos que melhor se dedicavam às investigações sobre a composição da ayahuasca e das plantas que lhe servem de base, porque todas tinham sido devidamente coletadas e comprovadas. Ali também se discutiam as numerosas plantas que poderiam compor este mesmo preparado, além dos espécimes *Psychotria* e *Diplopterys*, pois se fornecia pela primeira vez algumas evidências que indicavam a complexidade da tecnologia utilizada na sua mistura; na época, muitos outros espécimes eram usados como seus componentes.

Logo depois da metade dos anos 1970, uma equipe japonesa de fitoquímicos interessou-se pela química da *Banisteriopsis*, e relatou o isolamento de novas Beta-carbolinas e dos alcalóides pirrolidina, shihunina, e dihidroshihunina (Hashimoto e Kawanishi, 1975, 1976; Kawanishi e outros, 1982). A maioria das Beta-carbolinas relatadas não foi isolada de forma apurada, surgindo mais tarde a tese de que poderiam ser artefatos resultantes dos procedimentos do isolamento (McKenna e outros, 1984).

FINAL DO SÉCULO XX (1980 – PRESENTE)

Depois da publicação do documento de Rivier e Lindgren, no início dos anos 1970, não houve no resto desta década maiores progressos científicos. O trabalho de Rivier e Lindgren só obteve uma resposta satisfatória quando McKenna e outros (1984) publicaram os resultados das suas investigações químicas, etnobotânicas e farmacológicas sobre a ayahuasca e seus componentes, que se basearam em espécimes botânicos comprovados e nas amostras das beberagens usadas pelos ayahuasqueiros peruanos. Neste documento foi confirmada experimentalmente a teoria da atividade oral desta beberagem. A DMT mostrou-se como seu principal componente ativo, tornando-se oralmente ativa pela Beta-carbolina mediada no bloqueio do MAO periférico.

As provas de algumas frações de ayahuasca dos sistemas MAO existentes no fígado dos ratos demonstraram que tais beberagens constituíam inibidores MAO extremamente potentes, inclusive quando diluídas em diferentes ordens de magnitude. Outra descoberta importante foi que os níveis dos alcalóides típicos, localizados na ayahuasca

dos mestiços, excediam os níveis encontrados por Rivier e Lindgren na ayahuasca usada no alto do rio Purus, às vezes em uma ou mais ordens de magnitude. Baseados na conhecida farmacologia humana da DMT e das Beta-carbolinas, McKenna e seus colaboradores mostraram que uma dose típica (100 ml) da amostra da ayahuasca continha DMT o bastante para constituir uma dose ativa. Os investigadores sugeriram então que os baixos níveis de alcalóides encontrados nas amostras do povo Shuar, coletados por Rivier e Lindgren (1972), talvez tivessem resultado de diferentes métodos na preparação da bebida. A tribo Shuar tem o hábito de deixar a *Banisteriopsis* e as outras plantas de molho na água fria; eles não fervem a mistura nem reduzem o volume do extrato final, conforme geralmente se faz entre os mestiços. Tais fatores explicavam as discrepâncias na concentração dos alcalóides em dois estudos distintos, ou pelo menos forneciam uma explicação plausível para as diferenças.

A década de 1980 testemunhou também as primeiras contribuições do antropólogo Luis Eduardo Luna. Trabalhando entre os mestiços ayahuasqueiros nas proximidades das cidades de Iquitos e Pucallpa, no Peru, Luna foi o primeiro a chamar a atenção para a importância da dieta estrita, seguida pelos xamãs aprendizes, bem como para os usos específicos das plantas mais utilizadas na mistura (Luna, 1984a; 1984b; 1986). Ele também foi o primeiro a relatar o conceito de “plantas mestres” (plantas que ensinam), tal como muitas dessas plantas que compõem a mistura são vistas pelos ayahuasqueiros. Em 1986, McKenna, Luna e Towers publicaram a primeira tabulação compreensível dos espécimes utilizados nas misturas, juntamente com os elementos constitutivos de sua biodinâmica, assinalando que tais espécimes, relativamente pouco investigados, faziam parte de uma extensa farmacopéia popular, e que valeria a pena um exame minucioso de todos eles como possíveis fontes de novos agentes terapêuticos (McKenna e outros, 1995).

Em 1985, McKenna e Luna levaram a cabo seu trabalho de campo na Amazônia peruana, e foram os primeiros a discutir a possibilidade de se conduzir uma investigação biomédica da ayahuasca. A sólida saúde dos ayahuasqueiros, inclusive os de idade avançada, mostrou-se fora do comum, parecendo-lhe de extrema importância um estudo científico a respeito. Não eram poucos os desafios para um trabalho de tal ordem no Peru, pela dificuldade para coletar amostras de plas-

ma. Os conceitos locais sobre a feitiçaria tornavam praticamente impossível que os ayahuasqueiros se submetessem a procedimentos médicos da coleta de amostras de sangue e urina. Mesmo tendo elaborado uma proposta preliminar para levar avante tal projeto, estes pesquisadores não conseguiram captar fundos e o estudo não se realizou.

Em 1991 contudo, surgiu no Brasil uma nova oportunidade para iniciar este estudo. McKenna e Luna estavam entre os diversos estrangeiros convidados para participar de uma conferência em São Paulo, organizada pelo setor dos Estudos Médicos da União do Vegetal (UDV), uma religião sincrética brasileira que faz uso da ayahuasca nas suas cerimônias. Embora, até então, as autoridades regimentais brasileiras tivessem dado permissão para a utilização da ayahuasca no contexto ritual de alguns grupos (pouco importando os nomes que lhes eram atribuídos, *hoasca*, *vegetal*, ou simplesmente *chá*), esta liberação estava sujeita a uma revisão. Muitos membros da UDV eram médicos, psiquiatras ou estavam ligados a outros tipos de especialidades médicas, e se mostraram mais receptivos à idéia da condução de um estudo biomédico da ayahuasca quando Luna e McKenna a propuseram. Isto fazia parte dos objetivos deste grupo, sendo uma das razões para o convite aos pesquisadores estrangeiros para a primeira Conferência sobre os Estudos Médicos da Hoasca.

Além da oportunidade de satisfazer a curiosidade científica a respeito da farmacologia humana da hoasca, a UDV precisava demonstrar às autoridades de saúde brasileiras que o uso prolongado do chá de hoasca era seguro e não causava dependência nem outras reações adversas. Os médicos da UDV tinham esperança que os cientistas estrangeiros colaborassem na pesquisa. A questão de como seria estabelecida a fundação de tal estudo estava ainda por ser respondida.

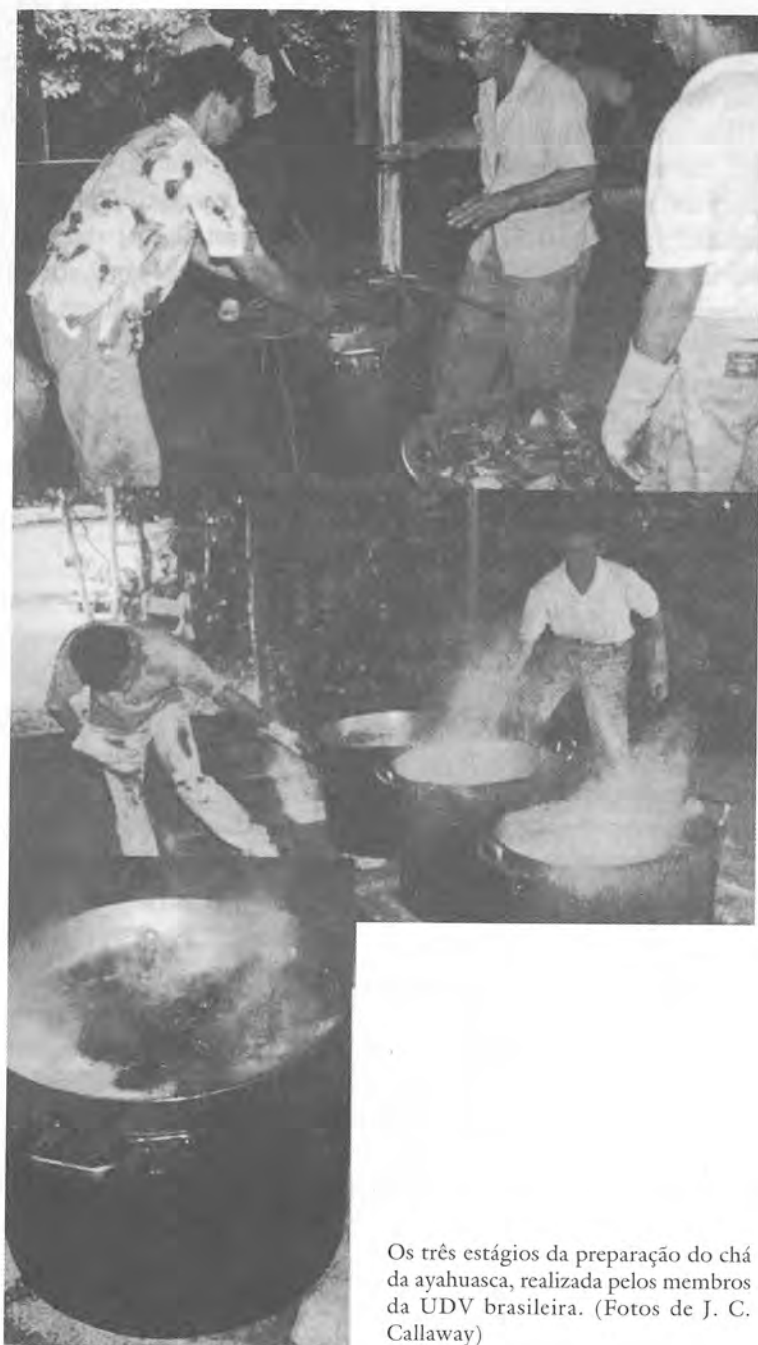
Depois da conferência de 1991, McKenna retornou aos Estados Unidos e iniciou o esboço de um projeto onde seriam descritos os objetivos do estudo que ficou conhecido como Projeto Hoasca. Inicialmente, a intenção era submeter a proposta a uma avaliação do Instituto Nacional do Abuso de Drogas; porém, à medida que o projeto ia tomando forma, tornou-se claro que os fundos para uma tal pesquisa não viriam de nenhuma agência governamental. Não somente por causa dos problemas de ordem legal, logística e política que dificultavam a liberação destas verbas, mas porque este Instituto não via com bons olhos qualquer proposta que não se alinhasse com a sua demonstra-

ção das presumidas conseqüências desastrosas do uso das drogas psicodélicas. Felizmente, McKenna mantinha conexões com a Botanical Dimensions, organização sem fins lucrativos que se dedica à investigação da etnomedicina de plantas importantes, e através dela conseguiu os recursos necessários para a pesquisa.

Com uma base financeira assegurada, pelo menos para uma pesquisa modesta, McKenna convocou a colaboração de diferentes talentos entre seus vários colegas das comunidades médicas e acadêmicas. Formou-se uma verdadeira equipe internacional e interdisciplinar de estudo, que contava com cientistas da UCLA, da Universidade de Miami, da Universidade de Kuopio, na Finlândia, da Universidade do Rio de Janeiro, da Universidade de Campinas, e do Hospital Amazônico de Manaus.

No verão de 1993, a equipe retornou a Manaus para iniciar a fase prática da pesquisa, que seria conduzida usando voluntários entre os membros do Núcleo Caupari de Manaus, uma das mais antigas e maiores congregações da UDV brasileira. O grupo permaneceu no Brasil por cinco semanas, administrando doses-testes do chá da hoasca aos voluntários e coletando amostras de plasma e urina para análises posteriores, pondo em prática também inúmeras medidas psicológicas e físicas.

O resultado constituiu uma das investigações mais esclarecedoras e multifacetadas sobre os efeitos químicos e da psicofarmacologia da droga psicodélica, entre as que já tinham sido realizadas neste século. Os efeitos agudos e prolongados, advindos da ingestão regular do chá da ayahuasca, foram criteriosamente medidos e caracterizados; fez-se também extensivas avaliações psicológicas e entrevistas psiquiátricas intensas com todos os voluntários. A natureza da resposta serotoninérgica à ayahuasca foi medida e caracterizada; mediu-se pela primeira vez no plasma humano a farmacocinética da maioria dos alcalóides da ayahuasca. Quando terminou a fase de pesquisa de campo, os resultados foram publicados em brochuras cuidadosamente revisadas (Grob e outros, 1996; Callaway e outros, 1994, 1996, 1998), recentemente sumariadas através de uma apurada revisão (McKenna e outros, 1998). Dentre as suas principais descobertas, destacamos a



Os três estágios da preparação do chá da ayahuasca, realizada pelos membros da UDV brasileira. (Fotos de J. C. Callaway)

constatação de que os membros mais antigos da UDV, aqueles que mais passaram por esse tipo de experiência, mudaram sua vida e seu comportamento de um modo profundo e positivo; verificou-se ainda uma persistente elevação de serotonina nas plaquetas, possivelmente indicativa de uma modulação serotoninérgica similar de longa duração, ocorrendo no sistema nervoso central, que a longo prazo poderá refletir mudanças adaptativas nas funções do cérebro. O estudo também estabeleceu que o uso da hoasca é seguro, pelo menos dentro do contexto ritualístico, somado ao apoio existente no ambiente social da UDV, e não apresenta a longo prazo nenhuma toxicidade adversa; além disso, sua utilização parece mesmo demonstrar que exerce influências positivas sobre a saúde física e mental.

O FUTURO DA PESQUISA SOBRE A AYAHUASCA

Tanto a fase de trabalho de campo como a de laboratório foram finalizadas há algum tempo; agora o projeto está no estágio final, até porque seus últimos relatos foram aceitos para publicação. Como este estudo da ayahuasca foi concebido como um estudo piloto, seus objetivos foram modestos e tentaram apenas indicar um direcionamento para futuras pesquisas. E por ter partido desse ponto de vista, obteve um enorme êxito. Como toda boa ciência, levantou mais interrogações do que respostas, sugerindo diversas questões para pesquisas posteriores. Uma vez que a ayahuasca teve uma demonstração clara de que é segura, não tóxica e terapeuticamente útil para a medicina, é de se esperar que as pesquisas futuras lhe devam um interesse que esteja a sua altura, e que possam conseguir recursos financeiros para explorar todo seu potencial de cura.

ALGUNS TEMAS ESPECULATIVOS

Depois que o Projeto Hoasca encerrou seus trabalhos, passou a existir uma base sólida de dados para as investigações científicas futuras, porque este estudo teve como base o campo laboratorial e clínico. Entretanto, se nos colocarmos fora do perímetro da noite fria da razão científica, resta ainda um bom número de temas em torno da ayahuasca, que não podem ser resolvidos apenas pela ciência, pelo menos através dos métodos científicos que conhecemos. A ayahuasca

sempre esteve simbioticamente aliada à espécie humana; sua associação com as demais espécies remonta, pelo menos, à pré-história do Novo Mundo. As lições que dela adquirimos, no curso milenar de nossa coexistência evolutiva, podem ter acarretado implicações profundas naquele que se constituiu em um ser humano inteligente no interior da comunidade biosférica das espécies.

Apesar de não termos certas respostas, a questão da natureza e das significações existentes na relação entre o homem e o cipó visionário e, por extensão, com todo o universo das plantas mestres, nos mantém perplexos. Por que existiriam plantas contendo alcalóides, análogos aos nossos neurotransmissores, que se tornam capazes de “falar” conosco? E que tipo de “mensagem” estão tentando nos transmitir, se é que há de fato alguma? Foi apenas uma coincidência, puro acidente que guiou os primeiros e experientes xamãs para fazer uma combinação do cipó da ayahuasca com as folhas da chacruna, obtendo o chá que pela primeira vez deu ensejo à contemplação das “terras invisíveis”? Por que os ingredientes misturados para fazer um chá não foram utilizados como alimento? Ao ouvirem tais indagações, os ayahuasqueiros nos dirão simplesmente que “o cipó fala”. Outros, tentando ser mais sofisticados e racionais, fornecem melhores explicações, recorrendo sobre os alcalóides das plantas como se estes fossem mensageiros de interespecíes silvestres, ou portadores de pistas sensorio-trópicas, que capacitam os seres humanos a selecionar e utilizar as plantas biodinâmicas do seu ambiente.

Outros, no entanto, como os irmãos McKenna no seu trabalho inicial e o antropólogo Jeremy Narby que fez uma reformulação da questão com uma teoria similar a deles (McKenna e McKenna, 1975; Narby, 1998), argumentam que as experiências visionárias propiciadas por plantas como a ayahuasca nos fornecem um *insight* – um conhecimento objetivo – a respeito do fundamento molecular do ser biológico, e ainda afirmam que este conhecimento objetivo, que só agora está sendo revelado ao mundo científico pelos métodos crus da biologia molecular, sempre esteve disponível para os xamãs e seus seguidores por meio de uma experiência direta com a sabedoria das plantas aliadas.

Tais noções são seguramente especulativas, não científicas; no entanto, na condição de observador do mundo contemporâneo, que vem se envolvendo com a ayahuasca de maneira pessoal e científica por tantos anos, cheguei à conclusão que estas especulações “libertárias”

continuarão vivas, a despeito do quanto tentemos dessacralizar seu chá, tornando-o uma matéria para a química, a botânica e a farmacologia. Embora todas essas perspectivas sejam importantes, acredito que nenhuma delas jamais poderá explicar o mistério profundo e inquestionável que há na ayahuasca.

REFERÊNCIAS

- Barriga-Villalba, A. M. 1925. “Yageine. A new alkaloid”. *Journal of the Society of Chemistry and Industry* 44:205-207.
- Beringer, K. 1928. “Über ein neues, auf das extrapyramidalmotorische System wirkendes Alkaloid (Banisterin)”. *Nervenarzt*: 265-75.
- Callaway, J. C., D. J. McKenna, G. S. Brito, L. P. Raymon, R. E. Poland, E. N. Andrade, E. O. Andrade, e D. C. Mash. 1998. “Pharmacology of hoasca alkaloids in healthy humans”. *Journal of Ethnopharmacology*, no prelo.
- Callaway, J. C., L. P. Raymon, W. L. Hearn, D. J. McKenna, C. S. Grob, G. S. Brito, e D. C. Mash. 1996. “Quantitation of N,N-Dimethyltryptamine and harmala alkaloids in human plasma after oral dosing with Ayahuasca”. *Journal of Analytical Toxicology* 20:492-97.
- Callaway, J. C., M. M. Airaksinen, D. J. McKenna, G. S. Brito, e C. S. Grob. 1994. “Platelet serotonin uptake sites increased in drinkers of ayahuasca”. *Psychopharmacology*. 116:385-87.
- Chen, A. L. e K. K. Chen. 1939. “Harmin: the alkaloid of caapi”. *Quarterly Journal of Pharmacy and Pharmacology* 12:30-38.
- Crévaux, J. 1883. *Voyages dans l’Amérique du Sud*. Paris: Librairie Hachette & Cie.
- Deulofeu, V. (1967). “Chemical compounds isolated from Banisteriopsis and related species”. Em *Ethnopharmacological Search for Psychoactive Drugs*, ed. D. H. Efron, B. Holmstedt, N. S. Kline. U. S. Public Health Service Publication N.º 1.645. Washington, D. C.: GPO.
- Der Marderosian, A. H., H. V. Pinkley, e M. F. Dobbins. 1968. “Native use and occurrence of N,N-dimethyltryptamine in the leaves of *Banisteriopsis rusbyana*”. *American Journal of Pharmacy* 140:137.
- Efron, D. H., B. Holmstedt, e N. S. Kline, edições. 1967. *Ethnopharmacological Search for Psychoactive Drugs*. U. S. Public Health Service Publication N.º 1.645. Washington, D. C.: GPO.
- Elger, F. 1928. “Über das Vorkommen von Harmin in einer südamerikanischen Liane (Yagé)”. *Helvetica Chemica Acta* 11:162.
- Fisher, C. G. 1923. *Estudio sobre el principio activo de Yagé*. Tese universitária. Bogotá: Université Nacional.

- Fish, M. S., N. M. Johnson, e E. C. Horning. 1955. "Piptadenia alkaloids. Indole bases of *Piptadenia peregrina* (L) Benth and related species". *Journal of the American Chemical Society* 77:5892-95.
- Grob, C. S., D. J. McKenna, G. S. Brito, E. S. Neves, G. Oberlender, O. L. Saide, E. Labigaline, C. Tacla, C. T. Miranda, R. J. Strassman, e K. B. Boone. 1996. "Human psychopharmacology of hoasca, a plant hallucinogen used in ritual context in Brasil". *Journal of Nervous & Mental Disease* 184:86-94.
- Gunn, J. A. 1935. "Relationship between chemical constitution, pharmacological actions, and therapeutic uses in the harmine group of alkaloids". *Arch. Int. Pharmacodyn.* 50:379-96.
- Hashimoto, Y. e K. Kawanishi. 1975. "New organic bases from the Amazonian *Banisteriopsis caapi*". *Phytochemistry* 14:1633-35.
- _____. 1976. "New alkaloids from *Banisteriopsis caapi*". *Phytochemistry* 15: 1559-60.
- Hochstein, F. A. e A. M. Paradies. 1957. "Alkaloids of *Banisteriopsis caapi* and *Prestonia amazonica*". *Journal of the American Chemical Society*. 79: 5735ff.
- Kawanishi, K., Y. Uhara, e Y. Hashimoto. 1982. "Shihunine and dehydroshihunine from *Banisteriopsis caapi*". *Journal of Natural Products* 45: 637-38.
- Koch - Grünberg, T. 1909. *Zwei Jahre unter den Indianern*. Vol. 1:298ff.
- Lewin, L. 1928. "Sur une substance envirante, la banisterine, extraite de *Banisteria caapi* Spr". *Comptes Rendus* 186:469ff.
- Luna, L. E. 1984 a. "The healing practices of a Peruvian shaman". *Journal of Ethnopharmacology* 11:123-33.
- _____. 1984b. "The concept of plants as teachers among four mestizo shamans of Iquitos, northeast Peru". *Journal of Ethnopharmacology* 11:135-56.
- _____. 1986. *Vegetalismo: Shamanism Among the Mestizo Population of the Peruvian Amazon*. Estocolmo: Almqvist e Wiksell International.
- McKenna, D., G. H. N. Towers, e F. S. Abbott. 1984. "Monoamine oxidase inhibitors in South American hallucinogenic plants: Tryptamine and Beta-carboline constituents of ayahuasca". *Journal of Ethnopharmacology* 10:195- 223.
- McKenna, D. J., C. S. Grob, e J. C. Callaway. 1998. "The scientific investigation of Ayahuasca: a review of past and current research". *Heffter Review of Psychedelic Research* 1:65-77.
- McKenna, D. J., L. E. Luna, e G. H. N. Towers. 1995. "Biodynamic constituents in Ayahuasca admixture plants: an uninvestigated folk pharmacopoeia". Em *Ethnobotany: Evolution of a Discipline*, ed. S. von Reis e R. E. Schultes. Portland: Dioscorides Press.

- McKenna, D. J. e T. K. McKenna. 1975. *The Invisible Landscape*. Nova York: Seabury Press.
- Michaels, M. e E. Clinquart. 1926. "Sur des réactions chimiques d'identification de la yagine". *Bulletin de Academie Royale Medicin Belgique*, Series 5,6:79ff.
- Morton, C. V. 1930. "Notes on yagé, a drug plant of southeastern Colombia". *Journal of the Washington Academy of Science* 21:485.
- Naranjo, C. 1967. "Psychotropic properties of the harmala alkaloids". Em *Ethnopharmacological Search for Psychoactive Drugs*, editores. D. H. Efron, B. Holmstedt, e N. S. Kline. U. S. Public Health Service Publication N.º 1.645. Washington, D. C.: GPO.
- Naranjo, P. 1979. "Hallucinogenic plant use and related indigenous belief systems in the Ecuadorian Amazon". *Journal of Ethnopharmacology* 1:121- 45.
- _____. 1986. "El ayahuasca in la arqueología ecuatoriana". *America Indigena* 46:117-28.
- Narby, J. 1998. *The Cosmic Serpen: DNA and the Origins of Knowledge*. Nova York: Jeremy Tracher/Putnam Publishers.
- O'Connell, F. D. e E. V. Lynn. 1953. "The alkaloids of *Banisteriopsis inebrians* Morton". *Journal of the American Pharmaceutical Association* 42: 753.
- Perrot, E. e R. Hamlet. 1927. "Le yagé plante sensorielle des Colombie". *Comptes Rendues de la Academie Scientifique* 184:1266.
- Pinkley, H. V. 1969. "Plant admixtures to ayahuasca, the South American hallucinogenic drink". *Lloydia* 32:305ff.
- Poisson, J. 1965. "Note sur le 'natem', boisson toxique péruvienne". *Annales Pharmacia Francaise* 23:241ff.
- Reinberg, P. 1921. "Contribution à l'étude des boissons toxiques des indiens du Nord-ouest de l'Amazon, l'ayahuasca, le yagé, le huanto". *Journal de la Société des Americanistes, Paris*, 4:49ff.
- Rivet, P. 1905. "Les indiens colorados". *Journal de la Société des Americanistes, Paris*, 2:201ff.
- Rivier, L. e J. Lindgren. 1972. "Ayahuasca, the South American hallucinogenic drink: Ethnobotanical and chemical investigations". *Economic Botany* 29: 101-129.
- Sanchez-Ramos, J. R. 1991. "Banisterine and Parkinson's Disease". *Clinical Neuropharmacology* 14:391-402.
- Schultes, R. E. 1967. "The place of ethnobotany in the ethnopharmacologic search for psychoactive drugs". Em *Ethnopharmacologic Search for Psychoactive Drugs*, editores. D. H. Efron, B. Holmstedt, e N. S. Kline. U. S. Public Health Service Publication N.º 1.645. Washington, D. C.: GPO.

- _____. 1982. "The Beta-Carboline hallucinogens of South America. *Journal of Psychoactive Drugs* 14:205-19.
- Schultes, R. E. e R. Raffaud. 1960. "Prestonia: An Amazonian narcotic or not?" *Botanical Museum Leaflets*, Harvard University 19:109-22.
- Simson, A. 1886. *Travels in the Wilds of Ecuador*. Londres: Lowe, Livingston, Marston & Searle.
- Spruce, R. A. 1873. "On some remarkable narcotics of the Amazon Valley and Orinoco. Ocean. Highways." *Geographical Magazine* 1:184-193.
- _____. 1908. *Notes of a Botanist on the Amazon and Andes*, ed. A. R. Wallace, 2 volumes. Londres: MacMillan.
- Szára, S. I. 1957. "The comparison of the psychotic effects of tryptamine derivatives with the effects of mescaline and LSD-25 in self-experiments". Em *Psychotropic Drugs*, ed. S. Garratini e V. Ghetti, 460-67. Nova York: Elsevier.
- Taylor, D. 1967. "The making of the hallucinogenic drink from *Banisteriopsis caapi* in northern Peru". Em *Ethnopharmacological Search for Psychoactive Drugs*, editores. D. H. Efron, B. Holmstedt, e N. S. Kline. U. S. Public Health Service Publication N.º 1.645. Washington, D. C.: GPO.
- Udenfriend, S., B. Witkop, B. G. Redfield, e H. Weissbach. 1958. "Studies with reversible inhibitors of monoamine oxidase: harmaline and related compounds". *Biochemical Pharmacology* 1:160-65.
- Villavicencio, M. 1858. *Geografía de la República del Ecuador*. Nova York: Craighead.
- White, O. E. 1922. "Botanical exploration in Bolivia". *Brooklyn Botanical Garden Record* 11:102ff.
- Wolfes, O. e K. Rumpf. 1928. "Über die Gewinnung vom Harmin aus einer südamerikanischen Liane". *Archive für Pharmakologie* 266:188ff.

A PSICOLOGIA DA AYAHUASCA

Charles S. Grob, M. D.

O CAMPO DE ESTUDOS DA AYAHUASCA desafia a psiquiatria e psicologia tradicionais. Negligenciada pela ciência euro-americana por muito tempo, conhecida entre os nativos Quéchuas como o "cipó dos mortos" ou "cipó da alma", esta bebida alucinógena só começou a atrair um maior interesse recentemente. As investigações acerca da farmacologia e da psicologia deste poderoso preparado vegetal tiveram início nos últimos anos. As questões estão sendo postas visando a um exame minucioso do potencial da ayahuasca para o auxílio da saúde. As perspectivas antropológicas e culturais sobre a importação do sistema de crenças indígenas para o mecanismo de ação da ayahuasca estão sendo avaliadas como possivelmente essenciais para o entendimento dos seus inúmeros e singulares efeitos; a ciência racional dos nossos dias terá de se confrontar com o dilema de como compreender ou encontrar algum sentido para uma experiência que ocorre numa zona muito além dos domínios lógicos do pensamento linear.

A psiquiatria e a psicologia nunca se sentiram confortáveis diante dos estados de consciência dos povos aborígenes. As culturas nativas têm sido quase sempre desvalorizadas, ao mesmo tempo que suas tecnologias de indução aos estados rituais de transe foram patologizadas ou ignoradas. Ainda recentemente, durante o período em que a psicanálise pontificava, os homens que se dedicavam à cura entre os povos aborígenes, os curandeiros, foram julgados doentes mentais (Devereux, 1958), recebendo invariavelmente diagnósticos que variavam entre a esquizofrenia, a histeria e a epilepsia. O homem de cura primitivo, ou xamã, foi freqüentemente identificado como um tirano aborígene desequilibrado, e esta pecha psicopatológica estendia-se a todo o grupo tribal, a ponto de nunca se permitir que a tribo fosse considerada uma sociedade civilizada.

Até hoje, a percepção predominante em relação ao indígena é a de que ele é um selvagem, ignorante, um desequilibrado de alta periculosidade, que só teria salvação caso abandonasse as tradições dos seus ancestrais em favor dos costumes e das crenças da cultura moder-

na. Porém, a crescente e firme proposta de levar a sério as tecnologias das plantas, subjacentes nos sistemas coletivos de crença dos xamanismos nativos, tem levado a ciência e a medicina oficiais a dar um pouco mais de crédito a estas culturas.

O cenário vem modificando-se aos poucos. E tem vindo à tona um grande interesse pelas antigas raízes da transcendência. Após décadas de silêncio, seguidas pelo declínio e desaparecimento da pesquisa do alucinógeno nos anos 1960 (Grob, 1994), houve uma renovação deste interesse nos campos da antropologia, da psiquiatria e da psicologia. Isto ocorreu fora dos limites da ciência oficial, em atividade paralela e alternativa, que retomou alguns tópicos da investigação de uma era anterior. As muitas explorações etnobotânicas nas mais variadas regiões geográficas trouxeram à luz uma plêiade surpreendente de plantas psicoativas, e algumas delas ainda não tinham recebido qualquer identificação cultural. Com a Internet, disseminou-se o conhecimento das potentes receitas psicoquímicas. O uso das plantas alucinógenas cresceu substancialmente, tanto no cenário *underground* como no formal. Já é hora, portanto, da ciência médica pós-moderna despertar para este fenômeno e ficar atenta para a rapidez com que ele está emergindo. É necessário estabelecer alguns parâmetros de segurança, e lutar por todas as implicações dos seus paradigmas de realidade e cura.

Estamos no limiar de uma nova era da investigação científica. Os antigos instrumentos de alteração da consciência ainda poderão fornecer informações valiosas e necessárias para guiar nossa cultura com segurança no próximo século e, também, depois dele. Este é o momento ideal para os campos oficiais da psiquiatria e da psicologia reabrirem a discussão sobre o valor da experiência xamanística, realizando uma investigação de suas estruturas cerimoniais e das tecnologias no interior das quais ocorre este fenômeno. No nosso contexto cultural e no atual estágio de nossa evolução histórica, devemos enunciar a seguinte questão: o que poderemos aprender do passado e dos povos que sustentam pontos de vista tão diferentes dos nossos? Uma área valiosa, e capaz de fornecer respostas importantes, é aquela da questão dos atuais sacramentos das plantas psicoativas usadas nos rituais aborígenes e a identificação botânica destas plantas, dos seus constituintes químicos, dos seus efeitos farmacológicos e de sua função cultural.

As plantas alucinógenas estão distribuídas pelo mundo inteiro e há registros históricos de sua vasta aplicação (Schultes e Hofmann,

1992). Existem aproximadamente 150 espécimes diferentes de plantas alucinógenas, 130 delas localizadas primeiramente no Novo Mundo e somente 20 na Europa. O papel destas plantas nas culturas antigas não é suficientemente conhecido, embora alguns tenham especulado que elas desempenharam um papel fundamental na grande maioria das religiões do mundo (Huxley, 1977; Wasson e outros, 1986). As regiões do planeta mais ricamente abastecidas destas poderosas plantas são as das florestas amazônicas, especialmente a bacia amazônica do nordeste da América do Sul. E a ayahuasca é o protótipo da mistura dessas plantas alucinógenas da Amazônia.

O QUE É A AYAHUASCA?

Existe uma importante bebida alucinógena, consumida pelos povos nativos de uma boa parte do vale amazônico e pelas isoladas tribos das encostas equatorianas do Pacífico e dos Andes colombianos. A base deste preparado vegetal é a casca de um enorme cipó conhecido como *Banisteriopsis caapi*. A ayahuasca, como é mais comumente chamada, é preparada a partir da fervura das cascas da *Banisteriopsis* junto às folhas de uma ou mais plantas, sendo a *Psychotria viridis* a mais utilizada. Embora só conste o uso da *Banisteriopsis* nas tradições de algumas tribos aborígenes, isto é, sem a adição de qualquer outra planta, o padrão predominante usado tem sido o da adição de outras plantas com características distintas nos seus constituintes químicos e nos seus efeitos psicoativos.

A ayahuasca possui uma fitoquímica singular. Quando tomada sem a *Banisteriopsis* na sua mistura, a maioria das outras plantas não constitui um efeito psicoativo. Embora a *Psychotria viridis* seja rica em alcalóides da potente e alucinógena dimetiltriptamina (DMT), ela torna-se bioquimicamente inativa após o consumo oral através da inibição da monoaminoxidase, uma enzima que degrada o DMT, juntamente com os neurotransmissores endógenos. No entanto, quando a *Psychotria* é preparada com a *Banisteriopsis*, que possui uma ação inibidora da monoaminoxidase, o DMT é ativamente absorvido, ultrapassa a barreira de sangue do cérebro e aciona poderosos efeitos alucinógenos no sistema nervoso central.

Não se sabe como os povos nativos da Amazônia descobriram este sofisticado processo bioquímico, embora as explicações reducionistas assegurem que os habitantes aborígenes da região chegaram a esta

combinação incomum depois de muitos experimentos e erros na manipulação da diversificada e abundante flora tropical ao longo das gerações ou mesmo dos séculos; entretanto, quando se faz esta pergunta aos povos nativos, obtém-se uma resposta inteiramente diferente. Praticamente todas as tribos da bacia amazônica que fazem uso da ayahuasca, bem como o conjunto das igrejas sincréticas que também a utilizam como uma forma de sacramento nos seus rituais psicoativos legalizados, atribuem à intervenção divina a descoberta da ayahuasca, tal como o fazem em relação às origens mitológicas e às idiosincrasias dos seus sistemas religiosos de crença. Os seres humanos foram direcionados para esta singular combinação fitoquímica e a descoberta foi fundamental, tanto para o desenvolvimento das primeiras culturas nativas como para o crescimento do interesse por estas plantas sagradas e pela sua aplicação na vida diária.

Em termos bioquímicos, a ayahuasca é a combinação da dimetiltriptamina, oriunda das folhas da *Psychotria*, com três alcalóides harmala, oriundos da casca da *Banisteriopsis*: a harmina, a harmalina e a tetrahydroharmina. A dimetiltriptamina compõe uma fantástica similaridade estrutural com o neurotransmissor endógeno serotonina, ou 5-hidroxitriptamina. O sistema da serotonina é tido como o primeiro sistema neurotransmissor a envolver-se na ativação e modulação dos profundos efeitos da DMT sobre a função do sistema nervoso central. O traço central e estrutural da bioquímica da DMT é a presença do anel indol, característica compartilhada com a serotonina e também com outros alucinógenos potentes, tal como o ácido lisérgico dietilamida (LSD). As triptaminas alucinógenas são encontradas em uma enorme variedade de plantas, inclusive na psilocibina oralmente ativa dos cogumelos (o *teonanácatl* dos antigos astecas) e no rapé de virola, usado pelos aborígenes da Amazônia. Quando fumadas ou inaladas, tanto a dimetiltriptamina como seu análogo, a 5-metoxi-dimetiltriptamina, induzem rapidamente a um intenso estado alterado de consciência, de duração relativamente curta, mas não produzem nenhum efeito quando ingeridas.

Os alcalóides harmala derivados da *Banisteriopsis* são Beta-carbolinas que possuem uma potente ação inibidora de monoaminoxidase (MAOI). Esta atividade MAOI propicia um quadro singular de efeitos bioquímicos, principalmente na ativação e intensificação das plantas suplementares. Quando ingeridos separadamente, os alcalóides harmala são capazes de induzir vários níveis de

êxtase visionário, e são utilizados ritualisticamente com este propósito por determinadas tribos nativas. O sabor caracteristicamente azedo da ayahuasca, juntamente com seus efeitos nauseantes e eméticos, são atribuídos a estes alcalóides harmala.

ANTECEDENTES HISTÓRICOS

As evidências arqueológicas indicam a existência do uso ritual das plantas alucinógenas pelos povos nativos do Novo Mundo ao longo de todo o período que abrange a chegada predatória dos exploradores e colonizadores europeus (Adovasio e Fry, 1976; Torres e outros, 1991). A utilização aborígine da farmacopéia nativa desencadeou uma reação severa e punitiva por parte dos colonizadores na altura do século XVI, sobretudo nas regiões mais tropicais das Américas Central e do Sul por sua abundância de vegetais psicoativos. Os espanhóis e os portugueses, justamente aqueles que ocuparam grande parte das florestas amazônicas, não só perseguiram brutalmente as culturas nativas como também as exploraram (Taussig, 1987). Depois de observar o uso das plantas sagradas na indução da intoxicação extática, e identificarem o papel central representado por elas na cultura e na ritualística aborígenes, os ocupantes passaram a condená-las com severidade.

Hernando Ruiz de Alarcon, antigo cronista espanhol dos costumes nativos, dá a seguinte descrição destas plantas: "Quando ingeridas, depravam os sentidos, pois sua bebida é muito poderosa e, através dela, os nativos estabelecem comunicação com o diabo. Ele só é capaz de falar com a tribo por causa da ausência de julgamento provocada por esta beberagem, que promove diversas alucinações atribuídas por todos a um deus que estaria dentro de suas sementes." (Guerra, 1971). O uso cerimonial das plantas alucinógenas pelos povos aborígenes do Novo Mundo só conseguiu sobreviver, depois de ter sido condenado em 1616 pela Santa Inquisição, porque manteve-se subterrâneo, camuflando-se diante da cultura européia que o hostilizava.

O primeiro relato da utilização da ayahuasca pelos povos nativos da Amazônia ocorreu quando os padres jesuítas descreveram a existência de "poções diabólicas" preparadas com os cipós da floresta pelos indígenas do Peru (Ott, 1994). Depois disso não houve nenhuma menção adicional na literatura coletiva da época, senão a do botânico inglês Richard Spruce, que trabalhou na Amazônia na metade do século

XIX e lá identificou a casca de um cipó como a substância central da lenda *caapi*, ou *yagé*, dos aborígenes. Este espécime identificado por Spruce fez parte do estoque do Museu Britânico por mais de um século, até ser submetido à moderna análise bioquímica, sendo identificado como uma amostra da *Banisteriopsis*, portadora dos alcalóides harmala.

De fonte contemporânea, a primeira descrição escrita da ayahuasca veio do geógrafo equatoriano Manuel Villavicencio, em 1858, quando estudou os grupos tribais do Rio Napa, região do seu país. Intrigado com a utilização ritualística do *yagé*, Villavicencio vislumbrou a oportunidade de investigar pela primeira vez os efeitos subjetivos desta bebida. Mais tarde, ele deu a seguinte descrição: "Ela começa a produzir um raro fenômeno em pouco tempo; sua ação na excitação do sistema nervoso é quase imediata; os sentidos logo se avivam, despertando todas as faculdades. Seguem-se as vertigens e os rodopios na cabeça e a sensação de que se é arremessado ao ar para uma viagem aérea. Nestes primeiros momentos, os seres possuídos começam a ver as mais deliciosas aparições, sempre em conformidade com suas idéias e seu conhecimento. Os selvagens [ao que tudo indica, trata-se dos Záparos do leste do Equador], dizem que suas visões são de lagos maravilhosos, florestas cobertas de frutas, pássaros deslumbrantes que comunicam coisas prazerosas e favoráveis que eles desejam ouvir, além de outras maravilhas relacionadas com a vida nativa. Ao terminar esta fase, eles passam a ver coisas horroscas que os devoram; cessa o frescor daquele vôo inicial; eles descem à terra para combater os terrores que trarão as notícias das adversidades e das desgraças que os aguardam... De minha parte, tomei a ayahuasca e experimentei uma tonteira. Comecei uma viagem aérea onde entreguei-me à percepção de algumas cenas maravilhosas das grandes cidades; surgiram-me torres elevadas, parques deslumbrantes e objetos extremamente atraentes. Então, minha imaginação me pôs sozinho numa floresta, onde me vi assaltado por muitos seres terríveis que me instigavam a lutar contra eles, em minha própria defesa. Por fim, fui tomado por uma forte sensação de sono..." (Villavicencio, 1858; Harner, 1973a).

PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA

A ayahuasca é conhecida por diversos nomes entre os diferentes povos nativos da bacia amazônica, tais como *caapi*, *yagé*, *natema*, *mili*,

kahi, *pinde*, e *dapa*. Ela é tida como um intoxicante mágico de origem divina, que facilita a libertação da alma do seu confinamento corporal, permitindo-lhe desfrutar esta liberdade para depois retornar ao corpo, trazendo consigo informações de importância vital (Schultes e Hofmann, 1992). Entre os povos nativos, a ayahuasca é tradicionalmente usada com propósitos mágicos nos rituais religiosos, na divinação, na feitiçaria, e no tratamento das doenças (Dobkin de Rios, 1972). Na época em que viveu entre os Cashinahua da Amazônia peruana, o antropólogo Kenneth Kensinger (1973) chegou à conclusão de que a ayahuasca induzia as visões de acordo com a gênese do comportamento volitivo. Desta forma, tais visões são percebidas como aquelas experiências do "espírito onírico" individual que tem acesso ao conhecimento das esferas sobrenaturais.

Kensinger descreveu como os Cashinahua fazem da ayahuasca um meio pelo qual recebem as informações que não estão disponíveis nos canais normais da comunicação. A base de sua ação pessoal resulta da soma desses dois tipos de informação. No entanto, aos olhos dos Cashinahua, tomar a ayahuasca é uma experiência desagradável e aterrorizante, à qual eles só se submetem quando necessitam urgentemente das revelações do espírito.

Os índios Jivaro, da Amazônia equatoriana, concebem o reino sobrenatural, acessado através da porta aberta pela indução da ayahuasca, como a verdadeira realidade. A vida normal é vista por eles como uma simples ilusão. Michael Harner, antropólogo que estudou e viveu entre os Jivaro, entendeu a importância da experiência da ayahuasca como uma forma de alcançar a mente aborígene. Harner optou por um encontro vivido com o objeto do seu estudo, enquanto os antropólogos tradicionais assumiam um papel passivo diante do fato, pois se restringiam a copiar e relatar os hábitos e costumes dos nativos. Harner narrou o seguinte: "Depois de ingerir a bebida, embora estivesse acordado, passei algumas horas num mundo situado muito além dos meus sonhos mais fantásticos. Nele, conheci um povo com cabeça de pássaro e vi criaturas parecidas com dragões, dizendo-me que eram os verdadeiros deuses deste mundo. Convoquei os serviços de outros espíritos guias para voar através dos confins da galáxia; assim, transportado para um transe onde o sobrenatural era semelhante ao natural, me dei conta de que todos os antropólogos, inclusive eu, tinham subestimado a importância fundamental da droga na formação ideológica nativa." (Harner, 1973b).

O contexto cultural, onde ocorre a experiência da ayahuasca, constitui um aspecto importantíssimo para a compreensão do conteúdo induzido por suas visões. Ao largo das florestas tropicais da América do Sul, os povos nativos compartilham o uso tradicional da ayahuasca através de uma série de elementos culturais comuns, e por consequência existem muitas semelhanças entre os temas contextuais de suas diferentes mitologias. Alguns antropólogos asseveram que é virtualmente impossível separar a natureza da experiência com a ayahuasca do seu contexto cultural (Harner, 1973a). A utilização da ayahuasca tem servido para unir as mais diversas comunidades, porque as mantém culturalmente coesas por meio de um contato com o reino sobrenatural dos seus ancestrais, de suas divindades e dos seus espíritos mitológicos. A sintonização das visões é induzida pela manipulação xamanística do cenário, de forma a que este possa provocar revelações, bênçãos, processos de cura, e segurança ontológica para aqueles que se valem das plantas sacramentais (Grob e Dobkin de Rios, 1992).

Nos contextos tradicionais, a iniciação xamanística no mundo das plantas alucinógenas como a ayahuasca inclui longas preparações, sempre associadas a uma autodisciplina estrita, na qual é prescrito o isolamento social prolongado, a abstinência sexual e dietas sem carne, sal, açúcar e álcool. A adoção coletiva desses sacramentos cerimoniais, por parte dos membros adultos da comunidade, resulta em um nível amplificado de coesão social, além de ser fundamental na constituição de uma identidade própria; um momento caracterizado por Mircea Eliade como um período de regressão simbólica ao "poderoso tempo" da origem mítica (Eliade, 1964). A intenção subjacente às sessões coletivas da ayahuasca não é necessariamente a de evocar visões em cada inconsciente individual da tribo, e sim a de assimilar e absorver o inconsciente estrutural da personalidade biográfica, inserida nos padrões culturais dos motivos visionários (Andritzky, 1989).

CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS

A partir da conquista e da colonização européia do Novo Mundo, os povos originais da bacia amazônica passaram a ser sistematicamente erradicados. A princípio, através de uma política de genocídio, escravidão e trabalho forçado (Taussig, 1987), e depois pela disseminação alarmante de doenças infecciosas. Mais tarde, com o processo

de aculturação gradual aos valores europeus, que se prolongou até nossos dias, a cultura, a religião, os costumes e os sistemas de crença dos aborígenes sobreviveram de uma forma pálida. Entretanto, existem algumas tribos isoladas nas regiões remotas da floresta amazônica que evitam os costumes da cultura moderna, quer sejam representados por motivos capitalistas ou missionários.

Em consequência, o uso tradicional da ayahuasca pelos povos nativos está quase que desaparecido, e foi substituído por sistemas de crença e formas de culto que criaram uma antítese para seu modo ancestral. Assim, enganados pelas armadilhas da civilização moderna na sua luta pela captura do mundo pagão, – sob a forma de ajuda médica por parte dos missionários, – o povo aborígene da Amazônia foi encorajado a abandonar seu uso tradicional da ayahuasca, às vezes de forma gentil, muitas vezes pela coerção. Apesar de tudo, sobreviveu o conhecimento desse extraordinário preparado vegetal, representativo daquilo que Schultes e Hofmann (1992) chamaram de "planta de Deus". Os modernos contextos culturais continuaram refletindo de diversas formas o uso da ayahuasca, com propósitos de cura e de culto religioso, até nossos dias.

Como o uso da ayahuasca foi um fator central para conceitualizar e tratar as doenças entre os povos nativos, este modelo de cura persistiu entre as populações mestiças, ou de raças miscigenadas, por toda a bacia amazônica. A antropóloga Marlene Dobkin de Rios estudou o fenômeno dos mestiços curandeiros urbanos da cidade de Iquitos, na floresta tropical peruana (Dobkin de Rios, 1972). Ela descreveu o contexto específico no qual perdurou o uso da ayahuasca, e também como este uso servia de função protetora contra os agentes estressantes da vida moderna, já que os habitantes mestiços de Iquitos sofriam fortes desgastes emocionais, como a ansiedade e várias desordens psicossomáticas, por causa da desmoralização advinda com o choque das forças aculturativas.

Supervisionado pelos curandeiros mestiços, o uso da ayahuasca está incorporado à ritualística complexa das cerimônias de cura. Neste modelo, a cura através da ayahuasca é mais eficaz naquelas doenças vistas como de origem mágica. Quando se toma a ayahuasca neste contexto, sua primeira função é diagnosticar a causa mágica da doença, bem como neutralizar e eliminar os maus espíritos ou a magia que é tida como responsável por esta doença. No sistema coletivo de cren-

ças dos mestiços modernos da Amazônia ainda é mantida a convicção de que existem os reinos sobrenaturais. Este modelo de cura com a ayahuasca parece funcionar com alto grau de sucesso (Dobkin de Rios, 1984).

Um outro modelo para a cura com a ayahuasca foi desenvolvido na província de San Martín, no alto Amazonas peruano. Na metade dos anos 1980, foi criado o Centro Takiwasi por um grupo de médicos franceses e curandeiros peruanos, tendo como motivação o conhecimento dos efeitos salutares deste cipó legendário e a necessidade urgente de encontrar um tratamento eficaz para o rápido crescimento do vício de pasta de coca na região. Intermediário barato entre a coca crua e a cocaína refinada, a pasta de coca é uma droga altamente viciosa, e espalhou-se pelas regiões de cultivo de coca e de produção de cocaína da América do Sul. As formas convencionais de tratamento para o vício da pasta de coca mostravam-se ineficazes, tornando-se um problema para a saúde pública. Estudando os modos de cura xamanísticos entre os nativos ainda existentes, o grupo Takiwasi desenvolveu com a ayahuasca uma estrutura apropriada para o tratamento do vício das drogas (Mabit, 1988; Mabit e outros, 1995). O fenômeno do Takiwasi serviu como primeiro exemplo para identificar o uso da ayahuasca, com propósitos de cura em condições persistentes, por parte de médicos treinados na medicina moderna.

Ao longo do século XX, a utilização da ayahuasca foi incorporada às práticas ritualísticas de algumas igrejas sincréticas brasileiras. A primeira delas, a do Santo Daime, começou nos anos 1930, na região amazônica do estado do Acre (Groisman e Sell, 1995). Fundado originalmente entre os caboclos e seringueiros, o Santo Daime espalhou-se subsequentemente pelas populações da classe média brasileira, expandindo-se até o exterior. Entre as atividades dos primeiros centros desta igreja incluiu-se a fundação de várias comunidades auto-suficientes nas regiões isoladas da floresta amazônica.

Ainda no estado do Acre, José Gabriel da Costa fundou, no início dos anos 1960, uma religião independente que também fazia uso da ayahuasca; ele desenvolveu o conhecimento deste preparado vegetal e sacramental quando trabalhava como seringueiro na floresta amazônica da Bolívia. Ao retornar ao Brasil, Mestre Gabriel, como veio a ser chamado por seus discípulos, fundou o Centro Espírita Beneficente da União do Vegetal (UDV). Espalhando-se inicialmente pelas áreas urbanas, a UDV tornou-se a maior e mais organizada das igrejas da

ayahuasca, estabelecendo sua sede em Brasília, capital federal (Ott, 1993). A UDV também foi primariamente responsável pela bem-sucedida petição ao governo brasileiro para que este retirasse a ayahuasca da lista das substâncias proibidas. Criando extraordinário precedente, uma declaração do governo brasileiro, de 1987, reconheceu esta bebida como uma substância legal, desde que utilizada no contexto da prática religiosa. E isto fez do Brasil a primeira nação do mundo a permitir o uso de plantas alucinógenas com objetivos espirituais, por parte dos seus habitantes não-indígenas, após 1.600 anos de proibição.

A partir da última década, o conhecimento e o uso da ayahuasca espalhou-se por toda a Europa e América do Norte através das atividades daquelas duas igrejas brasileiras. A do Santo Daime, em particular, estabeleceu muitos centros em várias cidades da Europa, sobretudo na Espanha, Holanda e Alemanha. A UDV, porém, tem sido mais circunspecta e cautelosa, procurando manter uma relativa discrição, evitando exposições desnecessárias na mídia. Este mesmo padrão continuou nos Estados Unidos, particularmente na Costa Oeste, onde o Santo Daime realizou, nos anos recentes, um bom número de "trabalhos", geralmente constituídos por eventos abertos, sem muito cuidado com o cenário ou a preparação dos participantes. A direção da hierarquia instituída na igreja brasileira da UDV só permite a participação nas suas atividades aos seus próprios integrantes ou a indivíduos previamente introduzidos no sacramento e na ritualística da planta.

O crescente interesse pelo estilo da ayahuasca, por parte dos acadêmicos norte-americanos, vem fomentando novas atividades nesta área. Neste particular, o trabalho do escritor *underground* e pesquisador autodidata Jonathan Ott fornece um campo mais vasto de informações. Nos seus livros (Ott, 1993; Ott, 1994a) e artigos (Ott, 1994b; Ott, 1999), ele descreve com abundantes detalhes uma enorme variedade de plantas e substâncias sintéticas que possuem propriedades químicas similares às das plantas principais da ayahuasca amazônica, ou seja, a *Banisteriopsis* e a *Psichotria*. Estes análogos da ayahuasca, que propiciam algumas fontes alternativas e não-tropicais das poderosas experiências alucinógenas, são constituídos por plantas que contêm alcalóides harmala Beta-carbolinas – tal como a *Peganum harmala* (Arruda Síria) – misturadas com plantas adicionais, sempre abundantes em triptaminas (como a *Anadenanthera colubrina*, a *Mimosa hostilis*, e a *Philaris arundinacea*).

A partir da classificação destes análogos da ayahuasca, Ott forneceu um esquema para o que ele nomeou de renascença *pangéica* do enteogênico (Ott, 1994a). Existem alguns outros análogos – combinações sintéticas de dimetiltriptamina, harmina e harmalina – que são produzidos em laboratórios com os efeitos aproximados da beberagem original. Esta *farmahuasca* – conforme foi identificada por Ott e outros (Ott, 1999; Callaway, 1994) –, juntamente com as diversas plantas análogas, possui a extraordinária capacidade de copiar a legendária experiência da ayahuasca para um grande número de “psiconautas” que não desfrutam da proximidade das plantas tropicais. As implicações deste fenômeno, nesta época de rápida e crescente disseminação da informação, tornam cada vez mais necessário o exame médico e científico da ayahuasca.

O QUE É A EXPERIÊNCIA DA AYAHUASCA

Tal como ocorre com todos os alucinógenos, a experiência da ayahuasca também é afetada pelos fatores extrafarmacológicos do cenário (Bravo e Grob, 1989). A intenção, a preparação e a estrutura da sessão são aspectos importantíssimos para o conteúdo e o resultado de qualquer encontro com os alucinógenos, o que os distingue claramente de todos os outros agentes psicotrópicos. A atenção diligente a estes fatores é reconhecida como fundamental para o modelo xamanístico dos estados alterados de consciência, pois eles minimizam os riscos e garantem resultados satisfatórios e salutares. Por outro lado, quando não se dá o devido valor à sabedoria que se oculta nestas comprovadas medidas de segurança, fica-se vulnerável às conseqüências infelizes freqüentemente observadas no atual contexto de uso e abuso das drogas (Grob e Dobkin de Rios, 1992; Dobkin de Rios e Grob, 1994).

Os estados alterados de consciência, induzidos pelos alucinógenos, possuem entre si uma variedade de elementos comuns (Ludwig, 1969; Dobkin de Rios, 1972). Antes de examinar as características mais intimamente identificadas com a experiência da ayahuasca, é necessário fazer uma revisão dos elementos comuns entre os alucinógenos. As dez características gerais e sabidamente universais dos estados alterados de consciência são:

1. Alterações do Pensamento. Mudanças subjetivas na concentração, na atenção, na memória e no julgamento podem ser induzidas em

- vários níveis pela forma apurada de um tal estado, junto a uma possível diminuição ou expansão da consciência reflexiva.
2. Sentido Alterado do Tempo. Pode haver alteração no sentido do tempo e da cronologia, induzindo a uma sensação subjetiva de que este não existe, assim como a temporalidade pode se apresentar acelerada ou desacelerada. E este mesmo tempo pode ser vivenciado como sendo infinito ou de duração infinitesimal.
3. Medo de Perder o Controle. O indivíduo tanto pode experimentar o medo de perder o contato com a realidade como o de se ver sem seu autocontrole. Em reação, ele pode desenvolver uma resistência crescente contra a experiência, ampliando o estado de ansiedade. Entretanto, se houver um condicionamento cultural positivo, e uma compreensão também positiva da experiência, podem ocorrer estados transcendentais e místicos.
4. Transformações na Expressão Emocional. Pode ocorrer uma reação intensamente emocional, que faça um percurso do êxtase ao desespero, junto à redução do controle da consciência.
5. Transformações na Imagem Corporal. São freqüentes os relatos de alterações na imagem do corpo, associadas com a dissolução das fronteiras existentes entre o eu e os outros, e também com os estados de despersonalização e de não-realização, onde o senso de realidade fica temporariamente perdido ou modificado. Tais ocorrências podem ser consideradas estranhas e aterradoras, ou estados místicos e oceânicos de unidade cósmica. Esta segunda alternativa é mais própria das experiências que ocorrem nos sistemas de crença condicionados pela necessidade emergente de encontros espirituais.
6. Alterações da Percepção. Tanto pode haver um aumento da imagética visual como uma enorme abertura para as percepções e alucinações. O conteúdo destas alterações é influenciado pelas expectativas culturais: pelas exortações do grupo e fantasias do indivíduo. Elas podem exprimir a psicodinâmica dos medos e outros conflitos internos, ou simplesmente os mecanismos neurofisiológicos indutores dos padrões geométricos e de transformações da luz, da cor e da forma. Estas alterações podem propiciar vivências das chamadas sinestesias, isto é, a mudança de uma determinada forma de experiência sensorial para outra.
7. Transformações dos Significados. Em meio aos poderosos estados alterados de consciência, alguns indivíduos tendem a se agarrar aos

significados especiais de suas próprias vivências, idéias ou percepções. Assim, a experiência tanto pode propiciar grandes *insights* como a sensação de significâncias profundas, que vão da sabedoria genuína à desilusão auto-imposta.

8. Sensação do Indizível. A singularidade de tais experiências subjetivas é associada aos estados alterados de consciência, portanto, dissociada dos seus estados comuns. Os indivíduos têm grande dificuldade para comunicá-las a quem não teve esse tipo de vivência.
9. Sensação de Rejuvenescimento. Depois de sair de um profundo estado alterado de consciência, muitos indivíduos relatam um novo sentimento de esperança, rejuvenescimento e renascimento. Tais transformações podem ser de curta duração ou promover ajustes duradouros e positivos no emocional e na aparência.
10. Hiper-sugestionabilidade. Em meio a violentos estados alterados de consciência, os indivíduos ficam exageradamente suscetíveis e aceitam ou respondem as questões sem nenhum senso crítico. As insinuações generalizadas, que refletem sistemas culturais de crença ou expectativas de grupo, podem ganhar um peso fundamental. A posição do xamã ou do orientador da sessão, especialmente no contexto do uso alucinógeno, assume um papel de grande responsabilidade, porque os demais participantes ficam extremamente sensíveis a quaisquer estímulos verbais e não verbais a eles dirigidos. O conteúdo e o resultado das experiências com os estados alterados de consciência são quase sempre diretamente atribuídos à integridade e à capacidade do líder.

Os relatos sobre os efeitos específicos da ayahuasca variam significativamente, de acordo com o contexto cultural, que vai do ritual tradicional dos nativos da Amazônia à cerimônia dos curandeiros mestiços, ou da estrutura sincrética da religiosidade à livre e curiosa exploração psiconáutica euro-americana. A tribo Tucano, da Amazônia colombiana, distingue três estágios nesta experiência. O primeiro, que pode começar nos instantes da ingestão, induz à característica reação gastrointestinal de náusea, vômito e diarreia, juntamente com suores, sensações de vôo e a percepção visual de vívidas cores caleidoscópicas e de padrões geométricos. Segundo os Tucanos, a percepção dos padrões geométricos intensamente coloridos começa a se extinguir no segundo estágio de intoxicação com a ayahuasca, ao mes-

mo tempo que ocorre a sensação de se estar voando no espaço profundo da interioridade, ao largo de visões de formas tridimensionais de animais mitológicos e “monstruosos”. O terceiro e último estágio envolve a interiorização das alucinações, juntamente com a progressão de visões mais tranquilas e de pensamentos associativos (Reichel-Dolmatoff, 1975; Schultes e Winkelman, 1995).

Os grupos aborígenes das florestas tropicais da América do Sul descrevem vários pontos idênticos nas suas experiências com a ayahuasca (Harner, 1973b). E estes pontos são:

1. Associada com a sensação de vôo, a percepção de que a alma está se separando do corpo físico. Esta viagem astral persiste ao longo dos efeitos da ayahuasca até o momento em que a alma retorna ao corpo. Em algumas tribos, a alma abandona o corpo sob a forma de um pássaro que voa para seu destino pré-determinado. Em geral, experimenta-se também uma sensação de vertigem.
2. Visões de serpentes, jaguares e outros animais predadores da floresta amazônica. Neste particular, serpentes e jibóias gigantes povoadas as visões dos nativos. Em algumas ocasiões, aquele que viaja com a ayahuasca percebe que está sendo atacado e consumido por estes répteis, embora às vezes seja ele quem devora as serpentes. Os confrontos com tais predadores das florestas podem fortalecer o viajante, permitindo-lhe uma aliança com determinado espírito animal poderoso, que o ajudará nas batalhas e jornadas pelo reino sobrenatural.
3. Sensação de contato com os reinos sobrenaturais. As visões de divindades e/ou demônios estão sempre ajustadas com o sistema de crença dos viajantes nativos. Influenciados pelos sermões dos missionários cristãos, os indígenas descrevem incursões pelo inferno e pelo paraíso, inclusive aqueles que mantiveram suas tradições do ritual da ayahuasca.
4. Visões de pessoas, cidades e países distantes, traduzidas pelos índios como experiências de clarividência. Tais sensações de “ver” fatos e lugares fora do tempo e do espaço vivido são utilizadas para objetivos que vão desde a identificação de uma floresta disponível para a caça, e de indagações a respeito do bem-estar de parentes e amigos, até à prática das diversas formas de feitiçaria existentes entre as tribos aborígenes da Amazônia.

5. A impressão de ter "visto" a reconstrução detalhada de crimes recentes ainda não solucionados. A identificação, através das visões, de algum xamã responsável pelo enfeitiçamento de alguém que esteja doente ou morrendo. Entre as tribos indígenas, a doença é tida como obra de algum feitiço e sua cura depende do reconhecimento do xamã que a tenha produzido. A divinação através da ayahuasca pode ser direcionada para a identificação de homicidas e ladrões, a descoberta de plantas usadas nos ataques do inimigo, a previsão da chegada iminente de estrangeiros, a resolução de que-relas e disputas e a investigação sobre a fidelidade da mulher ou do marido.

Embora as descrições dos observadores modernos reproduzam experiências do seu próprio contexto cultural, elas também evidenciam alguns motivos comuns aos povos aborígenes. Os relatos de animais predadores, especialmente de serpentes, não ocorrem apenas no cenário tropical dos curandeiros mestiços (Dobkin de Rios, 1971; Flores e Lewis, 1978), mas também entre os sofisticados habitantes de centros urbanos que estão a quilômetros de distância das florestas (Naranjo, 1973). De qualquer forma, as experiências visionárias da ayahuasca são elaboradas de acordo com o sistema de crença coletivo e individual dos participantes. No contexto das igrejas sincréticas brasileiras, por exemplo, muitas vezes as visões dos seus integrantes incorporam os elementos de sua própria mitologia religiosa e ao mesmo tempo interpretam estes eventos de acordo com os preceitos da igreja (Groisman e Sell, 1995; Grob e outros, 1996).

Apesar do elemento imprevisível ser inerente a estas experiências, até mesmo entre os usuários com longa prática, (Mabit e outros, 1995), o sentimento de estar sendo assolado por visões aterrorizadoras é mais freqüente nos indivíduos que se aventuram nos domínios da ayahuasca sem a preparação adequada e sem a estrutura ritual, elaborada para conter e canalizar esse tipo de vivência. Em 1960, o poeta Allen Ginsberg foi até à cidade peruana de Pucallpa em busca da legendária yagé, antecipando a exploração psiconáutica que seus contrerrâneos realizariam algumas décadas mais tarde. Com a ajuda de um curandeiro local, ele teve acesso a este preparado e o ingeriu. No dia seguinte, descrevendo sua experiência numa carta ao amigo William Burroughs, Ginsberg escreveu:

Logo compreendi que minha preocupação com os mosquitos e os vômitos não passava de uma bobagem, pois a questão da vida e da morte pairava acima de tudo. Sentindo-me diante da Morte, meu crânio pendurado na minha barba rolava de um lado para outro sobre o tapetinho da varanda, até que finalmente se detinha como que reproduzindo o último movimento físico que eu fizera antes de me colocar perante a verdadeira Morte... Tive náuseas, saí correndo e, todo coberto por cobras, comecei a vomitar como um Serafim Serpente. Com as serpentes coloridas desenhando uma auréola ao redor do meu corpo, eu me sentia como uma serpente vomitando o universo... Eu estava simplesmente apavorado e estirado ali com ondas e ondas de morte e de terror rolando em cima mim; restava-me apenas suportar. Eu não queria nem buscar refúgio; tudo era tão real e familiar e me parecia mesmo um ensaio para o Último Minuto da Morte. Continuei ali com muita dificuldade, a cabeça movendo-se de um lado para outro sobre o cobertor. Por fim, detive-me na última posição de imobilidade e resignação, sem esperança de qualquer Deus ou destino para meu ser, sentindo a alma completamente perdida, extraviada e fora do contato com alguma Coisa que parecesse presente. Finalmente, senti que poderia encarar a Questão naquele instante e ali mesmo, optando por compreender para morrer. Abandonei meu corpo para que o encontrassem pela manhã (Burroughs e Ginsberg, 1963).

Tal como ocorre com outros alucinógenos, a ayahuasca possui um potencial inato para mergulhar quem a consome numa experiência que pode atingir as profundezas do inferno ou os mais elevados planos dos reinos celestiais. Contrastando com o relato de Ginsberg sobre esse tipo terrível de qualidade existencial que mais parece um pesadelo, encontramos o relato de Heinz Kusel, comerciante que viveu entre os indígenas da tribo Chama do nordeste peruano durante os anos 1940. Depois de dois episódios desagradáveis, ocasionados pela ingestão da ayahuasca, Kusel decidiu tentar mais uma vez para ver se conseguia alcançar o nível de experiência narrado pelos habitantes da região. Descrevendo a última de suas três experiências, realizadas sob a supervisão de Nolorbe, o guia nativo, Kusel escreveu:

As imagens não eram casuais, nem acidentais ou imperfeitas, mas plenamente organizadas até o último detalhe dos seus desenhos altamente consistentes e complexos, apesar de suas constantes trans-

formações... Eu estava consciente de uma inexplicável sensação de intimidade com as visões: elas eram minhas e diziam respeito só a mim. Lembro-me de um índio dizendo-me que, toda vez que bebia a ayahuasca, suas visões eram tão maravilhosas que ele tapava os olhos com as mãos, com medo que alguém pudesse roubá-las. Eu me sentia do mesmo jeito... O esquema de cores tornou-se uma só harmonia de marrons e verdes...

Apareceram bailarinas nuas que giravam suavemente em movimentos espirais. Luzes prateadas esparramavam-se sobre seus corpos, dando-lhes a textura das pedras polidas. Mas seus rostos estavam inclinados e escondidos nas sombras. E o aparecimento delas no centro da minha visão coincidiu com o ritmo da canção que Nolorbe entoava, fazendo com que elas viessem de todos os lados, em giros suaves. Era grande meu esforço para tentar olhar seus rostos. Por fim, toda a visão ficou tomada por uma única bailarina que dançava com a face coberta por um dos seus braços erguidos. Meu desejo de ver aquele rosto tornou-se tão insuportável que ele surgiu à minha frente, em plano total e percebi que seus olhos estavam fechados. Quando aquela face extraordinária abriu os olhos, senti uma satisfação jamais sentida antes: ela era a solução visual de um enigma bastante pessoal (Kusel, 1965).

PESQUISA NEUROPSIQUIÁTRICA COM A AYAHUASCA

O interesse médico e científico pela ayahuasca é anterior às suas recentes atividades de campo. Durante os anos 1920 e 1930, alguns farmacólogos e médicos europeus e americanos começaram a prestar atenção na exótica bebida preparada com plantas oriundas das florestas tropicais da América Latina. O renomado farmacólogo e pesquisador alemão Louis Lewin isolou a harmina, um dos alcalóides ativos na ayahuasca. Ele chamou-a inicialmente de banisterina, ao trabalhar no seu último projeto, antes de sua morte com as cascas da *Banisteriopsis*, vista na época como o único constituinte da legendaria bebida da floresta (Lewin, 1929).

Seguindo as sugestões de Lewin, o neurologista Kurt Beringer investigou os efeitos da banisterina, também conhecida como telepatina, em referência às legendárias propriedades do cipó amazônico, para o tratamento do Mal de Parkinson. Administrando a droga para 15 pacientes que sofriam de *parkinsonismo pós-encefálico*, Beringer observou uma melhora espetacular dos sintomas clássicos de rigidez e

acinesia (Beringer, 1928). Embora o uso da banisterina no tratamento do Mal de Parkinson tenha sido substituído mais tarde por outras drogas, principalmente pela L-dopa, sua aplicação constituiu um primeiro ponto de referência para a descoberta dos empregos medicinais da ayahuasca por parte dos investigadores modernos (Sanches-Ramos, 1991).

Apesar dos ganhos notáveis adquiridos pelas investigações da bioquímica básica da ayahuasca nas últimas duas décadas, as pesquisas da psiquiatria formal não se fizeram presentes até recentemente (McKenna e outros, 1998). Em parte por culpa dos 30 anos de tabu em cima das pesquisas psiquiátricas com alucinógenos (Grob, 1994), em parte pela grande resistência da ciência moderna para investigar os produtos primários das plantas; a beberagem da ayahuasca, aparentemente remota por ser oriunda da Amazônia, não recebeu até hoje a devida atenção dos médicos cientistas. O entusiasmo dos médicos europeus do início do século XX, seguido pelas surpreendentes descobertas de Lewin e Beringer, parece totalmente esquecido, de tal maneira que as investigações psiquiátricas da ayahuasca caíram no ostracismo.

Nos anos 1950 e 1960, quando o interesse pelas propriedades básicas e pelo potencial terapêutico dos alucinógenos era tido como válido, houve pouca vontade de pôr as investigações da ayahuasca em evidência. Embora tenha surgido aqui e ali alguma atividade, era sempre dirigida para a exploração dos efeitos sintéticos dos alcalóides harmala. Ao trabalhar com a harmina sintética, os primeiros investigadores expressaram dúvidas quanto a sua inerente psicoatividade (Turner e outros, 1995; Pennes e Hoch, 1957).

Claudio Naranjo, psiquiatra e psicofarmacólogo chileno, foi o primeiro a estabelecer a atividade alucinógena dos alcalóides harmala. Examinando as propriedades básicas da harmalina, Naranjo chegou à conclusão de que seu teor alucinógeno ocorria em uma dose intravenosa com níveis acima de 1 miligrama por quilograma (mg/kg), ou de 4 mg/kg para uma dose oral. Traçando um paralelo entre os efeitos desta substância e os dos alucinógenos clássicos conhecidos como o LSD e a mescalina, Naranjo afirmou que "a reação típica da harmalina é a de uma visão contemplativa com uma imagética bastante vívida... que contrasta com o êxtase celestial ou infernal dos outros alucinógenos" (Naranjo, 1967). Ainda segundo Naranjo, os efeitos da harmalina são relativamente calmantes e sutis, e ele assim concluiu porque aqueles que lhe serviram de cobaias apresentaram estados de contempla-

ção filosófica e religiosa, sem qualquer agitação emocional. Em oito pacientes, dos 30 para os quais ele administrou a droga, foram observadas melhoras pronunciadas nos seus sintomas neuróticos (Naranjo, 1973). Embora o estabelecimento da psicoatividade básica da harmalina tenha sido realmente significativo, Naranjo não observou as poderosas, afetivas e perceptivas experiências alteradas que são descritas nos inúmeros relatos sobre os efeitos da ayahuasca.

Alguns investigadores subsequentes resolveram esta questão observando que a harmalina – de longe excedida quantitativamente pela harmina na ayahuasca – não era a única presente nas suas pequenas amostras. Esta beberagem demonstrava possuir também as potentes propriedades alucinatórias das outras plantas de sua mistura (McKenna e outros, 1984; Ott, 1993).

Um pouco mais de 75 plantas têm sido usadas pelos povos indígenas na preparação da ayahuasca (Bianchi e Samorini, 1993). Entre as mais habituais estão aquelas que contêm derivados da triptamina, especialmente a N,N-dimetiltriptamina (DMT), combinadas com as Beta-carbolinas do alcalóide harmala (McKenna e Towers, 1984) para induzir seu poderoso efeito alucinógeno.

Durante os anos 1950 e 1960, estudos laboratoriais e clínicos examinaram os efeitos psicofarmacológicos das triptaminas, a princípio para obter uma prova que determinasse a base neurobiológica da doença mental (Turner e Merlis, 1959). Contudo, os esforços para associar a presença da DMT endógena com a doença mental não obtiveram êxito por causa da descoberta de derivados da triptamina nos fluidos dos corpos de pacientes e de cobaias. A DMT vem sendo naturalmente detectada nos tecidos e fluidos corporais de várias espécies de mamíferos, inclusive nos seres humanos (Callaway, 1995). Tem sido também identificada uma estreita associação entre a DMT e a serotonina (5-hidroxitriptamina) do sistema neurotransmissor. De fato, notou-se que a produção endógena da DMT procedia diretamente da triptamina. Mais recentemente, foi proposta uma nova hipótese, segundo a qual a ocorrência natural e a função das triptaminas no interior do sistema nervoso central do ser humano podem ser explicadas pelo seu papel de produção do fenômeno visual do sonho (Callaway, 1988). Similar ao mecanismo de ação da ayahuasca, presume-se que os altos níveis de Beta-carbolinas endógenas que incidem durante o sono facilitam a atividade das triptaminas metiladas através do bloqueio do seu metabolismo.

Durante os anos 1960, foi desenvolvido na Universidade do Novo México um programa de investigação clínica da DMT em cobaias voluntárias. Foi a primeira pesquisa a receber a aprovação da FDA depois de um hiato de mais de duas décadas. Nela, a equipe de R. J. Strassman, junto aos colegas da referida universidade, realizou um estudo da base farmacológica e dos efeitos psicológicos da DMT nestas cobaias voluntárias (Strassman e outros, 1994). De acordo com a pesquisa, quando eram administradas dosagens intravenosas da DMT no interior do laboratório, as cobaias viam imagens brilhantemente coloridas, apesar de estarem com os olhos fechados. As pálpebras movimentavam-se com muita rapidez. Nas descrições subjetivas, as cobaias relataram a experiência da perda de controle, iniciada por um “ataque” breve e intenso, que as conduzia a um estado dissociado, onde a euforia alternava-se ou coexistia com a ansiedade. A dosagem encontrada para ativar o estado alucinatório foi estipulada entre 0,2 mg/kg e 0,4 mg/kg de DMT intravenosa. Nas dosagens de 0,4 mg/kg ou superiores a esta, as cobaias foram unânimes em relatar que se sentiram inteiramente tomadas pela grande intensidade e velocidade da experiência.

O PROJETO HOASCA

A primeira pesquisa psiquiátrica formal com a ayahuasca ocorreu na cidade de Manaus em 1993. Este estudo multinacional foi denominado Projeto Hoasca e teve como objetivo o exame bioquímico (Callaway e outros, 1994), farmacológico (Callaway e outros, 1996), fisiológico (Callaway e outros, 1999), e psiquiátrico (Grob e outros, 1996). Mas o objetivo primeiro destas investigações foi estabelecer um núcleo de dados qualitativos e quantitativos sobre a psicofarmacologia da ayahuasca, não só para determinar os perfis seguros para o consumo humano como também para organizar as bases para os estudos futuros (McKenna e outros, 1998). E esta pesquisa foi enormemente facilitada por ser a ayahuasca legalmente protegida no Brasil. Conduzido com a cooperação total da União do Vegetal (UDV), o Projeto Hoasca estabeleceu um modelo e um precedente para a investigação biomédica da ayahuasca no seu cenário natural.

Método: em conformidade com os objetivos desta investigação piloto, foram requisitados 15 usuários constantes da ayahuasca e 15 não-usuários. Os usuários eram membros da UDV, com pelo menos

dez anos nesta igreja, e consumiam o preparado em rituais religiosos com uma frequência de pelo menos duas vezes por mês. As demais cobaias foram escolhidas de acordo com parâmetros demográficos, com a única exigência de que não fossem membros da UDV e nunca tivessem consumido a ayahuasca. Foi utilizada uma variedade de parâmetros para que houvesse um acesso aos níveis das funções psicológicas do passado e do presente das cobaias. Os dois grupos submeteram-se a entrevistas psiquiátricas para diagnóstico (Composição Internacional para Entrevista de Diagnóstico [CIED]), a entrevistas para registro do histórico existencial de cada um dos indivíduos, a testes de personalidade (Questionário de Personalidade Tridimensional [QPT]), e a testes neuropsicológicos (*WHO-UCLA Auditory Verbal Learning Test*).

Foi pedido aos usuários da ayahuasca que respondessem a um questionário adicional, antes de uma sessão experimental com a bebida (Escala do Nível Alucinógeno [ENA]). E estes usuários também foram entrevistados por meio de um processo semi-estruturado e especialmente elaborado para a obtenção da história pessoal de cada um. Além da investigação psiquiátrica, organizou-se uma pesquisa metodológica para avaliar a bioquímica da serotonina através do exame de plaquetas receptoras de sua atividade nos dois grupos de cobaias. Algumas outras investigações biológicas incluíram farmacocinéticos da triptamina e da harmala e também os efeitos fisiológicos e neuroendócrinos da ayahuasca nos usuários de longa data.

Resultados: tanto as entrevistas pessoais como as de diagnóstico identificaram um considerável histórico de problemas psicológicos e de abuso de substâncias tóxicas nas cobaias oriundas da UDV. E este histórico demonstrava que, antes de entrarem para a igreja, 73% delas tinham um envolvimento com o consumo de álcool relativamente significativo, 33% havia associado o álcool com comportamentos violentos, 27% tinham adquirido o vício de estimulantes, e 53% tinham sido dependentes de tabaco. Todas elas, porém, resolveram este passado psicopatológico através da iniciação e do atendimento regular nas cerimônias da ayahuasca.

Os testes de personalidade identificaram diferenças significativas entre os usuários constantes desta bebida e aqueles que não a tinham consumido. Entre estas diferenças estavam as chamadas medidas inovadoras de busca, que mostravam os membros da UDV como mais reflexivos, íntegros, leais, estóicos, equilibrados, frugais, ordena-

dos e persistentes, além de mais sociáveis e emocionalmente maduros. Os usuários da ayahuasca também eram mais controlados, seguros, despreocupados, otimistas, carinhosos, desinibidos, arrojados e energéticos. Além disso, o grupo de usuários constantes apresentou mais traços de hipertímia, atenção, persistência e confiança.

Os testes neuropsicológicos básicos também revelaram diferenças entre os dois grupos; os usuários de longa data da ayahuasca exibiram um índice altamente significativo de concentração e agilidade da memória. O último instrumento psicológico, somente empregado nas cobaias usuárias da ayahuasca, foi a Escala do Nível Alucinógeno, elaborada para fazer uma correlação da intensidade e fenomenologia do estado subjetivo com as medidas conhecidas da dimetiltriptamina intravenosa (Strassman e outros, 1994). Neste estudo, foram relatadas contagens de 0,1 a 0,2 mg/kg numa série de DMT intravenosa.

As entrevistas sobre o histórico existencial visavam recolher uma quantidade maior de episódios pessoais dos usuários da UDV, anteriores a sua iniciação na ayahuasca; delimitar a natureza da primeira experiência de cada um deles com esta bebida e fazer um resumo do quanto haviam transformado suas vidas ao ingressarem nesta igreja. A maior parte dos entrevistados afirmou que levava uma vida impulsiva, desrespeitosa, violenta, agressiva, opositiva, rebelde, irresponsável, alienada e fracassada antes de entrar para a UDV. A maioria tinha tido um profundo encontro inicial com a ayahuasca. O tema recorrente na sua experiência visionária era a percepção de que haviam trilhado um caminho autodestrutivo que talvez os levasse a um péssimo final, caso não modificassem a conduta pessoal.

Dentre as visões aterradoras, destacamos: "Eu me vi dirigindo o carro em direção a uma festa. Em seguida aconteceu um terrível acidente, e pude me ver morrendo." "Eu estava no carrossel de um parque de diversões. Ele girava incessantemente e, por não poder pará-lo, fiquei completamente apavorado." "Eu pude ver para onde estava indo com a vida que levava. E assim me vi terminando em um hospital, na prisão ou no cemitério." "Eu me vi sendo arrastado e encarcerado na prisão, onde seria executado por ter cometido um crime terrível." Contudo, em meio à agonia das terríveis vivências visionárias, muitos desses usuários narraram o encontro com Mestre Gabriel, o fundador da UDV, num momento em que eram salvos por ele: "Eu vi animais horríveis que me atacaram de surpresa. Meu corpo foi dilace-

rado e suas partes ficaram espalhadas pelo chão. De repente, vi o Mestre, dizendo-me que eu teria de recolher estas partes do meu corpo para repô-las no seu lugar.” “Eu estava correndo aterrorizado por uma floresta porque iria morrer. Foi então que vi o Mestre. Ele me olhou, banhando-me com sua luz, e só aí me dei conta de que tudo estava bem.” “Eu estava numa canoa que descia desgobernada por um rio; pensei que minha morte se aproximava. Mas logo avistei o Mestre Gabriel em outra canoa à minha frente e percebi que, enquanto estivesse com ele, estaria a salvo.”

Nestas entrevistas sobre o histórico existencial, todos os usuários de longa data da ayahuasca relataram ter passado por grandes transformações pessoais depois de ingressarem na UDV, participando regularmente do ritual que faz uso desta bebida. Além do abandono dos cigarros, do álcool e de outras drogas, eles também descreveram a reestruturação radical de sua conduta pessoal e dos seus sistemas de valores. Um deles relatou: “Eu não dava a menor importância a ninguém, mas hoje sei o que é a responsabilidade. Esforço-me todo dia para ser bom pai, bom marido, bom amigo e bom trabalhador. Tento fazer o impossível para ajudar aos outros... Aprendi a ser mais tranquilo, autoconfiante e tolerante... Hoje tenho plena certeza de que passei por uma transformação.” Enfatizaram ainda a importância de “praticar boas ações”, de prestar atenção nas próprias palavras e de ter respeito pela natureza. Relataram também uma grande intensificação da memória e da concentração, persistência da positividade no estado emocional, plenitude nas interações cotidianas e um novo sentido e uma nova coerência nas suas vidas.

Os usuários disseram que as mudanças positivas nas suas vidas foram decorrentes das experiências pelas quais passaram no interior da UDV e de sua participação no ritual de ingestão da ayahuasca. Descreveram a ayahuasca como um catalisador para a evolução moral e psicológica de quem a prova. Contudo, insistiram que a ayahuasca não era a única responsável pelas mudanças. Julgavam fundamental viver a experiência dentro do contexto ritualístico do cerimonial da UDV. Alguns criticaram outros grupos brasileiros, dizendo que, neles, o uso da ayahuasca não obedece os devidos cuidados. A UDV era retratada como um “receptáculo” através do qual podia-se navegar com segurança pelos estados de consciência, quase sempre turbulentos, induzidos por esta bebida.

Segundo estes usuários, a UDV ainda cumpre o papel de “mãe... família... e casa dos amigos”, porque lhes dá “guia e orientação” e lhes permite trilhar o “caminho certo”. E eles sempre enfatizam a importância de haver uma “união” entre as plantas e as pessoas. Outro aspecto destacado é que, sem a estrutura da UDV, as experiências com a ayahuasca podem ser imprevisíveis, porque levam às vezes a um senso demasiadamente inflado do ego. Na “casa da UDV”, o estado induzido por esta bebida é sempre controlado e direcionado “para o caminho da simplicidade e da humildade”.

Reflexão: o Projeto Hoasca constituiu a primeira investigação psicológica formal a respeito deste lendário sacramento amazônico. O perfil psicológico dos frequentadores de longa data da igreja da União do Vegetal revelou um alto nível funcional em relação aos demais entrevistados, apresentando um tipo de personalidade mais saudável e uma função neuropsicológica superior. Entretanto, se estes achados podem ser atribuídos ou não aos efeitos diretos de sua ritualística específica na ingestão da ayahuasca, não podemos determinar, tendo em vista as limitações metodológicas desta investigação piloto; no entanto, os efeitos da ayahuasca podem ser saudáveis quando ela é utilizada no contexto ritualístico. E, ao examinar os resultados do uso desta bebida, deve-se levar em conta o aspecto importantíssimo da constituição do cenário e também o papel da sugestibilidade.

De acordo com as declarações das cabaías estudadas, sua filiação na igreja sincrética lhes deu o apoio e a proteção de uma comunidade, mas isto ocorre com todas as formas de religião, embora a marca distintiva no fenômeno da igreja da ayahuasca seja a utilização de uma poderosa planta alucinógena como um sacramento religioso psicoativo. Portanto, suscetível às mensagens explícitas e implícitas dos sistemas coletivos de crença, este indivíduo, sob a influência da ayahuasca, é tomado por um estado psicológico de alta sugestibilidade. De todo modo, caso haja integridade na estrutura religiosa, os efeitos da experiência serão salutaros no final, mesmo que sejam determinados em larga escala pelo conteúdo implícito e explícito das mensagens transmitidas.

CONCLUSÕES

Talvez haja muita ironia no fato de que tenha começado a crescer um grande interesse pelas antigas artes da transcendência, exatamente

no momento em que nos preparamos para a transição de um novo século e um novo milênio. Ainda mais se levarmos em conta que, desde o primeiro contato com as Américas, há 500 anos, os europeus desprezaram e demonizaram as plantas psicoativas usadas pelos povos indígenas nas suas práticas medicinais e nos seus ritos religiosos. Por não serem consideradas dignas de investigação, as plantas alucinógenas, como a ayahuasca, só despertaram o interesse de uns poucos antropólogos e etnobotânicos. Entretanto, depois que se deu início a um estudo multidisciplinar da ayahuasca, cresceram as esperanças de que a avaliação rigorosa deste preparado amazônico fornecesse informações novas sobre outros sistemas culturais de crença, sobre as funções mentais e sobre possíveis novos paradigmas para a cura.

A partir de uma tal variedade de perspectivas, o estudo da ayahuasca representa uma oportunidade de avanço para o conhecimento da condição humana e de uma miríade de outras condições que a influenciam. Através do exame antropológico do papel que estas plantas alucinógenas representam para as culturas indígenas, podemos determinar as formas pelas quais as estruturas particulares e os diferentes contextos culturais canalizam esta experiência e propiciam a segurança. Através da arte de pesquisar as metodologias e tecnologias avançadas da neurociência, novas informações críticas começam a estar disponíveis para os campos da medicina e da psiquiatria. A partir da perspectiva biológica ortodoxa, é possível que sua avaliação dos efeitos da ayahuasca sobre o sistema serotoninérgico em particular, leve a um novo entendimento dos mecanismos neurais, responsáveis pela função do sistema nervoso central (Callaway e outros, 1994; Grob e outros, 1996; McKenna e outros, 1998). Os novos modelos de tratamento, que fizerem uso desta poderosa planta alucinógena visando a uma resposta satisfatória, precisarão incorporar o conhecimento obtido pelos estudos antropológicos do cenário observado nas práticas xamanísticas e também as investigações psicobiológicas dos neurotransmissores e dos efeitos neuroendócrinos da ayahuasca.

Devemos tomar cuidado, na medida em que se expande este raro e intrigante conhecimento da ayahuasca, para evitar sua exploração e utilização indevidas. Existe atualmente uma grande preocupação com o "turismo da droga" na Amazônia, em virtude do envolvimento de turistas norte-americanos e europeus à procura de aventuras e novas experiências (Dobkin de Rios, 1994). Estas pessoas se arriscam por-

que experimentam preparados desconhecidos em cenários imprevisíveis e sem controle, além de exercerem uma péssima influência sobre as culturas locais. Tendo em vista os efeitos altamente sugestionáveis dos alucinógenos, os riscos são os mesmos quando os indivíduos se deixam guiar por aquele que talvez tenha uma experiência limitada e uma integridade duvidosa.

Deve haver o cuidado de estabelecer parâmetros farmacológicos de segurança para o uso da ayahuasca, dando-se atenção especial às possíveis interações adversas com os medicamentos farmacêuticos convencionais (Callaway e Grob, 1999).

O estudo da ayahuasca representa um desafio para a cultura tradicional, por causa do fenômeno das novas práticas religiosas exemplificadas pelas igrejas brasileiras que se espalham pela América do Norte e Europa. Tal como ocorre com outras plantas alucinógenas empregadas como sacramentos religiosos, particularmente o uso do peyote por parte da igreja norte-americana, as questões religiosas deverão ser levantadas a sério e levadas em consideração. Quanto às profissões ligadas à saúde da modernidade, estas terão de responder ao desafio de determinar os possíveis efeitos salutares desta antiga planta medicinal, tradicionalmente usada no contexto dos paradigmas de cura, efeitos considerados estranhos e inconseqüentes durante muito tempo.

A tentativa de evidenciar a capacidade da ayahuasca como propiciadora de cura e de respostas satisfatórias para os indivíduos afligidos pelas desordens psiquiátricas (Grob e outros, 1996) e pelas doenças clínicas (Topping, 1998) necessita de uma pesquisa rigorosa que estabeleça a validade das descobertas preliminares. Outra questão que aguarda explanações futuras é a do reputado papel da ayahuasca no tratamento dos vícios, do comportamento anti-social e, até, das doenças neoplásicas. E, para determinar apuradamente o valor potencial desta bebida como remédio, será finalmente necessário ultrapassar as barreiras dos modelos convencionais de tratamento, incorporando as lições dadas pelas distantes culturas do passado. Tão logo as antigas tecnologias da transcendência sejam levadas em conta pelas metodologias modernas de pesquisa, descobriremos para nós e para nossos descendentes o verdadeiro valor deste vinho da alma.

REFERÊNCIAS

- Adovasio, J. M. e C. F. Fry. 1976. "Prehistoric psychotropic drug use in northeastern Mexico and trans-Pecos Texas". *Economic Botany* 20:94-96.
- Andritzky, W. 1989. "Sociopsychotherapeutic functions of ayahuasca healing in Amazonia". *Journal of Psychoactive Drugs* 21:77-89.
- Beringer, K. 1928. "Über ein neues, auf das extrapyramidal-motorische System wirkendes Alkaloid (Banisterin)". *Nervenarzt* 1:265-75.
- Bianchi, A. e G. Samorini. 1993. "Plants in association with ayahuasca". *Jahrbuch für Ethnomedizin* (Livro Anual de Etnomedicina) 2:21-42.
- Bravo, G. e C. Grob. 1989. "Shamans, sacraments and psychiatrists". *Journal of Psychoactive Drugs* 21:123-28.
- Burroughs, W. S. e A. Ginsberg. 1963. *The Yagé Letters*. São Francisco: City Lights Books.
- Callaway, J. C. 1988. "A proposed mechanism for the visions of dream sleep". *Medical Hypotheses* 26:119-24.
- _____. 1994. "Some chemistry and pharmacology of ayahuasca". *Jahrbuch für Ethnomedizin* (Livro Anual de Etnomedicina) 3:295-298.
- _____. 1995. "DMTs in the human brain". *Jahrbuch für Ethnomedizin* (Livro Anual de Etnomedicina) 4:45-54.
- Callaway, J. C., L. P. Raymon, W. L. Hearn, D. J. McKenna, C. S. Grob, G. S. Brito e D. C. Mash. 1996. "Quantitation of N,N-dimethyltryptamine and harmala alkaloids in human plasma after oral dosing with ayahuasca". *Journal of Analytical Toxicology* 20:492-97.
- Callaway, J. C., D. H. McKenna, C. S. Grob, G. S. Brito, L. P. Raymon, R. E. Poland, E. N. Andrade, E. O. Andrade e D. C. Mash. 1999. "Pharmacology of hoasca alkaloids in healthy humans". *Journal of Ethnopharmacology*, no prelo.
- Callaway, J. C. e C. S. Grob. 1999. "Ayahuasca preparations and serotonin re-uptake inhibitors: a potencial combination for severe adverse interactions". *Journal of Psychoactive Drugs*, no prelo.
- Dobkin de Rios, M. 1971. "Ayahuasca, the healing vine". *International Journal of Social Psychiatry* 17:256-69.
- _____. 1972. *Visionary Vine: Hallucinogenic Healing in the Peruvian Amazon*. São Francisco: Chandler Publishing.
- _____. 1984. *Hallucinogens: Cross-Cultural Perspectives*. Albuquerque: University of New Mexico Press.
- _____. 1994. "Drug tourism in the Amazon". *Jahrbuch für Ethnomedizin* (Livro Anual de Etnomedicina) 3:307-14.

- Dobkin de Rios, M. e C. S. Grob. 1994. "Hallucinogens, suggestibility and adolescence in cross-cultural perspective". *Jahrbuch für Ethnomedizin*. (Livro Anual de Etnomedicina) 3:123-32.
- Devereux, G. 1958. "Cultural thought models in primitive and modern psychiatric theories". *Psychiatry* 21: 359-74.
- Eliade, M. 1964. *Shamanism: Archaic Techniques of Ecstasy*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Flores, F. A. e W. H. Lewis. 1978. "Drinking the South American hallucinogen ayahuasca". *Economic Botany* 32:154-56.
- Grob, C. S. 1994. "Psychiatric research with hallucinogens: What have we learned?". *Jahrbuch für Ethnomedizin* (Livro Anual de Etnomedicina) 3:91-112.
- Grob, C. S. e M. Dobkin de Rios. 1992. "Adolescent drug use in cross-cultural perspective". *Journal of Drugs Issues* 22:121-38.
- Grob, C. S., D. J. McKenna, J. C. Callaway, G. S. Brito, E. S. Neves, G. Oberlaender, O. L. Saide, E. Labigahine, C. Tacla, C. T. Miranda, R. J. Strassman, e K. B. Boone. 1996. "Human psychopharmacology of hoasca, a plant hallucinogen used in ritual context in Brazil". *Journal of Nervous and Mental Disease* 184:86-94.
- Groisman, A. e A. B. Sell. 1995. "'Healing power': cultural-neurophenomenological therapy of Santo Daime". *Yearbook Cross-Cultural Medicine* 6 :241-55.
- Guerra, F. 1971. *The Pre-Colombian Mind*. Londres: Seminar Press.
- Harner, M., ed. 1973 a. *Hallucinogens and Shamanism*. Londres: Oxford University Press.
- _____. 1973b. "Common themes in South American indian yagé experiences". Em *Hallucinogens and Shamanism*, ed. M. Harner, 155-75. Londres: Oxford University Press.
- Huxley, A. 1977. *Moksha: Writings on Psychedelics and the Visionary Experience*. Los Angeles: J. P. Tarcher.
- Kensinger, K. B. 1973. "Banisteriopsis usage among the Peruvian Cashinua". Em *Hallucinogens and Shamanism*, ed. M. Harner, 1-14. Londres: Oxford University Press.
- Kusel, H. 1965. "Ayahuasca drinkers among the Chama Indians of northeast Peru". *Psychodelic Review* 6:58-66.
- Lewin, L. 1929. *Banisteria Caapi, ein neues Rauschgift und Heilmittel*. Berlin: Verlag von Georg Stilke.
- Ludwig, A. M. 1969. "Altered states of consciousness". Em *Altered States of Consciousness*, ed. C. T. Tart, 11-24. Nova York: John Wiley and Sons.

- Mabit, J. 1988. Ayahuasca Hallucinations Among Healers in the Peruvian Upper Amazon. Document de Travail. Lima: Instituto Frances de Estudios Andinos.
- Mabit, J. R. Giove, e J. Vega. 1995. "Takiwasi: the use of Amazonian shamanism to rehabilitate drug addicts". *Yearbook Cross-Cultural Medicine* 6: 257-85.
- McKenna, D. J., J. C. Callaway, e C. S. Grob. 1998. "The scientific investigation of ayahuasca: a review of past and current research". *Heffter Review of Psychedelic Research* 1:65-77.
- McKenna, D. J., G. H. N. Towers, e F. S. Abbott. 1984. "Monoamine oxidase inhibitors in South American hallucinogenic plants: tryptamine and beta-carboline constituents of ayahuasca". *Journal of Ethnopharmacology* 10:195-223.
- Naranjo, C. 1967. "Psychotropic properties of the harmala alkaloids". Em *Ethnopharmacologic Search for Psychoactive Drugs*, editores, D. H. Efron, R. Holmstedt, e N. S. Klein, 385-91. U. S. Public Health Service Publication N.º 1.645. Washington, D. C.: GPO.
- . 1973. *The Healing Journey: New Approaches to Consciousness*. Nova York: Randon House.
- Ott, J. 1993. *Pharmactheon Entheogenic Drugs: Their Plant Sources and History*. Kennewick, WA: Natural Products.
- . 1994a. *Ayahuasca Analogues: Pangaean Entheogens*. Kennewick, WA: Natural Products.
- . 1994b. "Ayahuasca and ayahuasca analogues: pangaen entheogens for the new millennium". *Jahrbuch für Ethnomedizin* (Livro Anual de Etnomedicina) 3:285-93.
- . 1999. "Pharmahuasca: human pharmacology of oral DMT plus harmine". *Journal of Psychoactive Drugs*, no prelo.
- Pennes, H. H. e P. H. Hoch. 1957. "Psychotomimetics, clinical and theoretical considerations: harmine, win-2299 and nalline". *American Journal of Psychiatry* 113:887-92.
- Reichel-Dolmatoff, G. 1975. *The Shaman and the Jaguar*. Filadelfia: Temple University Press.
- Sanches-Ramon, J. R. 1991. "Banisterine and Parkinson's Disease". *Clinical Neuropharmacology* 14:391-402.
- Schultes, R. E. e A. Hofmann. 1992. *Plants of the God: Their Sacred, Healing and Hallucinogenic Powers*. Rochester, VT: Healing Arts Press.
- Schultes, R. E. e M. Winkelman. "The principal American hallucinogenic plants and their bioactive and therapeutic properties". *Yearbook Cross-Cultural Medicine Psychotherapy* 6:205-39.

- Strassman, R. J., C. R. Qualls, E. H. Uhlenhuth, e R. Kellner. 1994. "Dose-reponse study of N,N-dimethyltryptamine in humans". *Archives of General Psychiatry* 51:98-108.
- Taussig, M. 1987. *Shamanism, Colonialism and the Wild Man: A Study in Terror and Healing*. Chicago: University of Chicago Press.
- Topping, D. M. 1998. "Ayahuasca and cancer: one man's experience." *MAPS* 8(3):22-26.
- Torres, C. M., D. B. Repke, e K. Chan. 1991. "Snuff powders from pre-hispanic San Pedro de Atacama: chemical contextual analysis". *Current Anthropology* 32:640-49.
- Turner, W. J. e outros. 1955. "Concerning theories of indoles in schizophrenogenesis". *American Journal of Psychiatry* 112:466-67.
- Villavicencio, M. 1858. *Geografía de la República del Ecuador*. Nova York: R. Craigshead.
- Wasson, R. G., S. Kramrisch, J. Ott, e C. A. P. Ruck. 1986. *Persephone's Quest: Entheogens and the Origins of Religion*. New Haven, CT: Yale University Press.

FITOQUÍMICA E NEUROFARMACOLOGIA DA AYAHUASCA

Jace C. Callaway, Ph. D.

INTRODUÇÃO

COMO UM BÍPEDE SINGULAR, o *homo sapiens* dedicou-se a um curso extensivo de tentativas e erros, com o objetivo de identificar as plantas medicinais desde as épocas mais remotas, e as informações que resultaram desta procura são aplicadas em nossas culturas como qualquer outro instrumento importante. Talvez não seja por acaso que nossos receptores neurológicos abriguem uma variedade tão rica de alcalóides psicoativos. Isto pode ter ocorrido por causa da nossa exposição coletiva a estas substâncias através dos tempos. É provável que tais descobertas tenham sido acidentais no seu início. Talvez as primeiras experiências com estas substâncias fossem repetidas em função de alguma urgência adaptativa, como a necessidade de uma alta acuidade visual (McKenna, 1992). E é até possível que o uso continuado das drogas psicoativas tenha levado ao rápido desenvolvimento do neocórtex humano, como uma resposta a este desafio xenobiótico (observe na figura 1, por exemplo, a similaridade estrutural entre a serotonina e a psilocina).

A *etnofarmacologia* constitui o estudo do uso humano das drogas, seja com objetivos médicos, sociais, recreativos ou religiosos. O primeiro interesse desta área de pesquisa é identificar as plantas úteis para o desenvolvimento e a manutenção das culturas humanas, para depois determinar seus componentes através de análises fitoquímicas e farmacológicas. Outro objetivo importante é a aplicação deste conhecimento às culturas modernas; a alteração da consciência estabelece uma experiência essencial para a psique humana. Embora os efeitos deste processo possam ser ativados por uma variedade de métodos, a principal vantagem dos meios farmacológicos reside na segurança.

FITOQUÍMICA

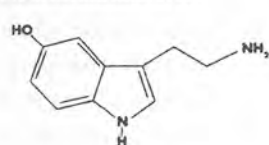
Algumas plantas psicoativas têm sido chamadas de “plantas mestres” por causa das informações aparentemente compartilhadas por elas com seus usuários (Luna e Amaringo, 1991). Muitas destas plantas são hoje conhecidas como portadoras de algumas entidades químicas específicas que, quando administradas na sua forma pura em doses apropriadas, acarretam certas modificações na percepção e na consciência dos seres humanos. Como estes efeitos vão sendo crescentemente identificados com determinados elementos químicos, seria mais apropriado falar deles como “mestres moleculares”. Estas moléculas são as formas mais fundamentais da matéria a propiciar esse tipo de efeito. A partir do nível molecular, as drogas psicoativas são conhecidas por restringir os receptores neurais no cérebro (Callaway e McKenna, 1998). Embora esta ação esteja relacionada com mudanças profundas na cognição, ainda se diz muito pouco sobre o conteúdo desta experiência altamente pessoal e quase universal.

As plantas mestres são tidas em alta estima desde o início dos tempos, e seu papel sagrado permaneceu intacto até nossos dias, justamente por causa dos seus efeitos. Há mais ou menos 100 anos, Arthur Heffter isolou quatro elementos químicos de um pequeno cacto e, depois de ingerir sistematicamente cada um deles, atribuiu as propriedades de expansão da consciência do peyote a uma substância química, hoje conhecida como mescalina (Heffter, 1896, 1898).

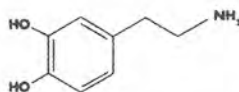
Ao lado dos componentes ativos do produto natural, existem inumeráveis componentes menores que podem servir para modificar de uma forma singular os efeitos centrais da substância. Esta é a única razão para que os produtos naturais sejam diferidos dos sintéticos químicos. Contudo, algumas moléculas específicas são essencialmente responsáveis pelos efeitos farmacológicos que só foram conhecidos a partir das plantas. A mescalina, oriunda da *Lophophora*, a ibogaína, oriunda da *Iboga*, e o THC, oriundo da *Cannabis* são alguns poucos dentre os muitos exemplos a serem listados. A psilocina (Figura 1) e a psilocibina, encontradas em vários espécimes de cogumelos, constituem um exemplo clássico deste tema. Depois de ter isolado e identificado estes componentes ativos, Albert Hofmann sintetizou-os através de métodos químicos orgânicos. A psilocibina sintética foi levada, sob a forma de pílulas, para o remoto vilarejo de Huatla de Jimenez, em

Oaxaca, no México, onde Gordon Wasson teve pela primeira vez algumas lições sobre o cogumelo mágico com a xamã asteca Maria Sabina. Após ingerir a pílula, Maria afirmou que esta substância era "o mesmo Deus" que ela só havia conhecido antes por intermédio do cogumelo sagrado (Hofmann, 1978).

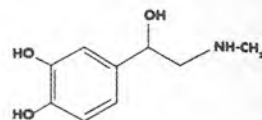
Neurotransmissores:



Serotonina
5-hidroxitriptamina
1940

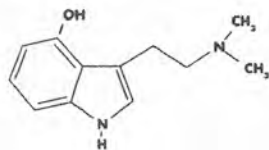


Dopamina
3,4-Dihidroxifenetilamina
1923

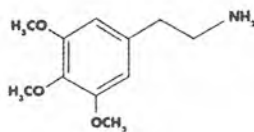


Epinefrina
"Adrenalina"
1901

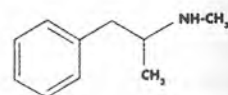
Drogas Psicoativas :



Psilocina
4-hidroxi-N,N-dimetiltriptamina
1958



Mescalina
3,4,5-Trimetoxifenetilamina
1896



Metanfetamina
Metil-Beta-fenilisopropilamina
1919

Figura 1. Estruturas moleculares dos neurotransmissores da serotonina, dopamina e epinefrina comparadas com as estruturas da psilocina, mescalina e metanfetamina. Estão também indicadas as datas em que estes elementos químicos começaram a surgir na literatura científica, em consequência de suas propriedades singulares sobre o sistema nervoso central humano.

NEUROFARMACOLOGIA

Parte da razão por que as drogas psicoativas afetam a psicoatividade normal está no fato de que se assemelham estruturalmente, na dimensão molecular, aos agentes neuroativos produzidos pelo nosso corpo para preencher receptores que existem nas células nervosas. Estes agentes endógenos, chamados de neurotransmissores, são responsáveis pela comunicação entre os nervos através do estímulo dos impulsos elétricos de uma célula para outra. A dopamina, a norepinefrina e a serotonina são os neurotransmissores primários, envolvidos com o comportamento. Por analogia, diversas drogas psicotrópicas usadas com objetivos religiosos tendem a possuir a índole ou a estrutura da triptamina, como a serotonina, ou a estrutura da fenetilamina, como a dopamina e a norepinefrina. Seria valioso observar aqui que a epinefrina, ou adrenalina, — metabólito da norepinefrina liberado pelas glândulas supra-renais, é francamente similar à metanfetamina em estrutura e atividade (Figura 1).

Constitui um verdadeiro mistério o porquê de tantas formas diferentes de vida produzirem e conservarem tais padrões singulares de átomos, como é o caso da serotonina, encontrada em todos os animais e em algumas plantas. E o mistério aumenta mais ainda com o fato de que moléculas substancialmente similares possam proporcionar profundos efeitos na mente humana. Apresentamos as estruturas moleculares adicionais de umas poucas substâncias bem conhecidas na Figura 2, para dar aos leitores alguma perspectiva nesta reflexão. É importante ter em mente que a química orgânica é somente o sistema mais recente e consistente que tem sido projetado para categorizar e contemplar as entidades singulares.

■ ■ ■

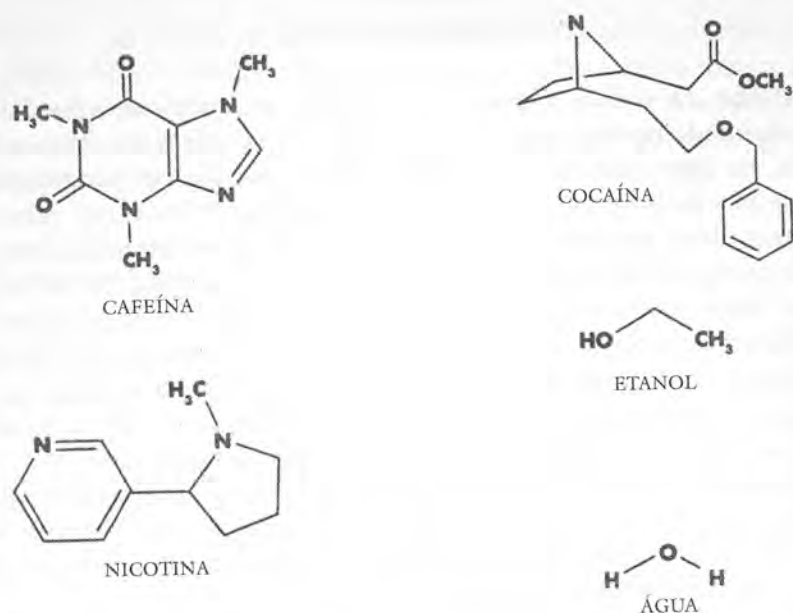


Figura 2. Estruturas moleculares de outros elementos químicos bem conhecidos, aqui ilustradas para perspectiva e comparação.

A SEROTONINA COMO NEUROTRANSMISSOR E AGENTE PSICOATIVO

A serotonina, neurotransmissor conhecido quimicamente como 5-hidroxitriptamina, ou 5-HT, é produzida no cérebro e no trato gastrointestinal e, ao que parece, é a responsável pelas funções mais nobres do comportamento, tais como planejar, agendar e muitas outras relacionadas com o tempo. Ela é produzida no corpo a partir do L-triptofano, um aminoácido alimentar essencial. (Figura 3).

Além de servir como neurotransmissor, a serotonina também é a precursora metabólica da melatonina, produzida pelo corpo durante a noite quando os olhos estão fechados, tal como ocorre com algumas formas de meditação. As deficiências no triptofano e na serotonina têm sido atribuídas a doenças mentais como o alcoolismo, a ansiedade, a depressão e o suicídio. O decréscimo da atividade serotoninérgica pode ser decorrente da pouca entrada de triptofano no cérebro, do fabrico escasso da serotonina que é produzida pelo triptofano disponível, da recaptação agressiva de serotonina a partir da junção sináptica e, tam-

bém, da atividade excessiva das enzimas que metabolizam a serotonina. Entretanto, a intensificação da atividade serotoninérgica pode ser induzida por meios farmacológicos, e isto constitui o objetivo primário dos modernos medicamentos antidepressivos.

A maior função da serotonina é basicamente a de inibir, no interior das complexas vias neuroquímicas, o sistema nervoso central (SNC), que se processa como se ela ocultasse fragmentos espúrios de fatos, para que o indivíduo possa focalizar de maneira mais adequada o que está ocorrendo. Qualquer modificação na ação destas funções serotoninérgicas no interior do organismo vivo resulta em mudanças típicas e visíveis do comportamento. Muitas substâncias psicotrópicas, tanto na forma de pós-sintéticos purificados como na de produtos naturais, afetam pelo menos algum aspecto da atividade serotoninérgica.

A maior parte da serotonina é eventualmente metabolizada em ácido 5-hidroxiindoleacético (5-HIAA) pela monoaminoxidase (MAO), enzima do corpo que também desativa outros neurotransmissores através de uma reação de oxidação específica. Enquanto os demais neurotransmissores são capazes de usar vias metabólicas adicionais, a serotonina é inteiramente dependente da atividade da MAO para sua desativação. Assim, quando a MAO é inibida, os níveis de serotonina no cérebro aumentam de tal forma que sua produção continua imbatível. Esta ação, por si só, é capaz de fornecer efeitos psicoativos, na medida em que o cérebro é hiperativado pelo seu próprio neurotransmissor.

As modernas drogas antidepressivas exploram este mesmo mecanismo (isto é, a inibição da MAO) com a finalidade de aumentar os níveis dos neurotransmissores nos indivíduos deprimidos. E os mais novos medicamentos antidepressivos tentam atingir este mesmo objetivo através do bloqueio seletivo do mecanismo reciclador de serotonina (isto é, sua recaptação), que estimula este neurotransmissor a procurar lugares receptores disponíveis. A náusea e o vômito podem ocorrer com estes medicamentos por causa dos níveis excessivos de serotonina no cérebro; estes sintomas resultam diretamente do nervo pneumogástrico quando este recebe muitos estímulos produzidos pelos níveis excessivos de serotonina. A diarreia é outro problema que pode surgir, bastando que a serotonina periférica do trato digestivo estimule a motilidade intestinal.

Outra consideração sobre a psicoatividade da serotonina é que ela pode servir no corpo humano sadio como uma precursora para a pro-

dução do poderoso agente psicotrópico 5-metoxi-N,N-dimetiltriptamina (5-MeO-DMT), e também da 5-hidroxi-DMT (bufotenina). Por outra via metabólica, a N,N-dimetiltriptamina (DMT) pode ser produzida do triptofano, seguindo a formação da triptamina endógena (Figura 3, ver Callaway, 1995a, para uma revisão). A bufotenina tem sido detectada na urina humana, particularmente depois da inibição MAO (Kärkkäinen e Räsänen, 1992), e isto poderia de certa forma explicar a psicoatividade associada ocasionalmente com os inibidores MAO. No entanto, a bufotenina não é prontamente psicoativa como um xenobiótico; por causa de sua polaridade, nunca se pensa que ela possa cruzar o cérebro, vinda do sangue. Qualquer que seja a psicoatividade oriunda da bufotenina endógena, ela será provavelmente decorrente de sua conversão em 5-metoxi-DMT no corpo (Callaway e outros, 1995).

A proposta deste breve discurso sobre a neuroquímica é erigir uma ponte entre a neuroquímica da ayahuasca e do SNC (Sistema Nervoso Central) humano. Existem alguns paralelos a considerar e a familiaridade básica com a atividade serotoninérgica é fundamental para a compreensão das ações neurofarmacológicas desta bebida singular.

OS ALCALÓIDES HARMALA DA *BANISTERIOPSIS CAAPI*

A bebida da ayahuasca também é conhecida por muitos outros nomes ao longo da Amazônia e das bacias do rio Orinoco no norte da América do Sul. E ela é, sem sombra de dúvida, uma das drogas mais sofisticadas e complexas que se tem conhecimento (Holmstedt e Lindgren, 1967; Callaway, 1994a, 1994b; Callaway e outros, 1996).

O caráter notável deste preparado está na presença dos alcalóides harmala, tipicamente derivados do cipó *Banisteriopsis caapi*, que servem como inibidores da enzima MAO. Estes alcalóides harmala, primariamente a harmina e a tetrahydroharmina (THH), são infundidos a partir de poções das cascas do cipó. E os métodos de preparação variam da simples imersão do material na água durante uma noite inteira até à fervura vigorosa deste mesmo material ao longo de muitas horas para extrair o extrato concentrado.

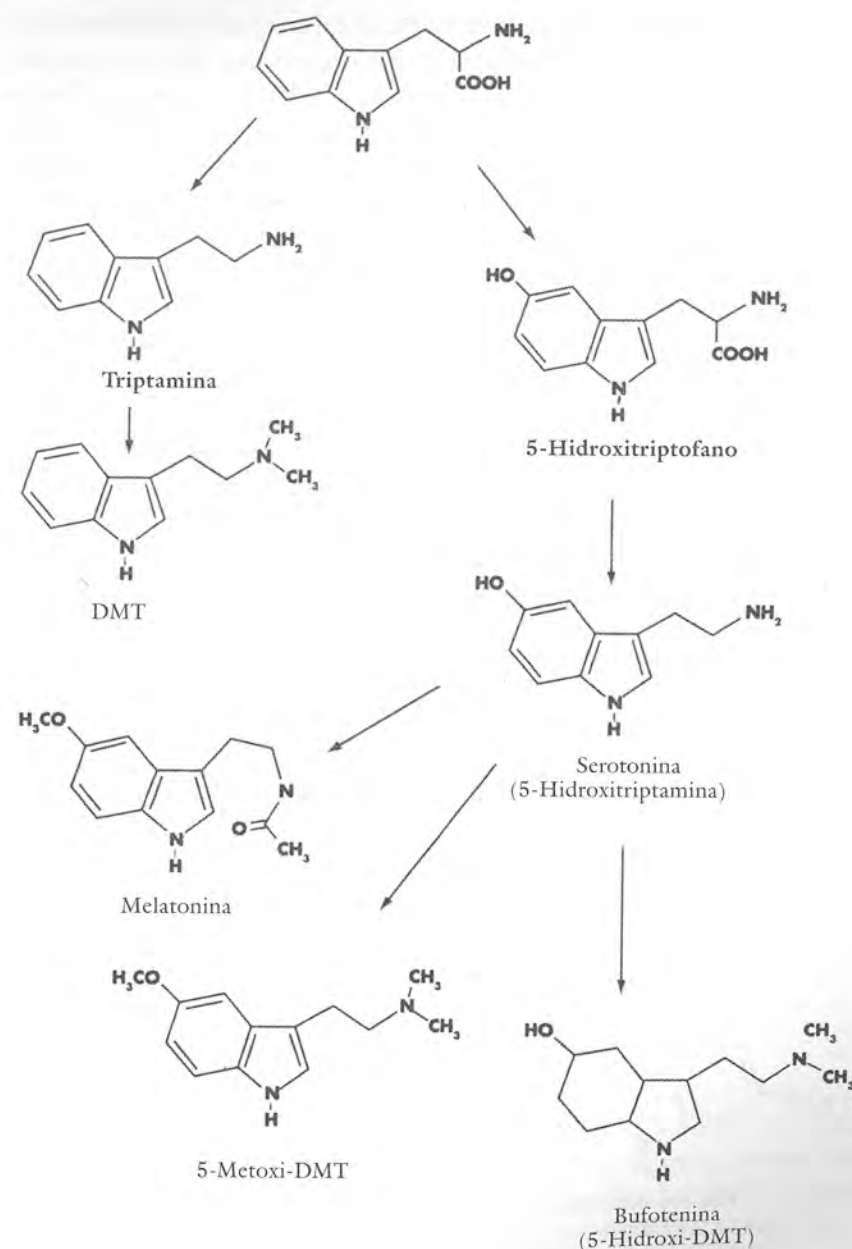
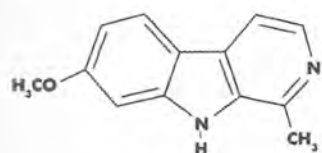


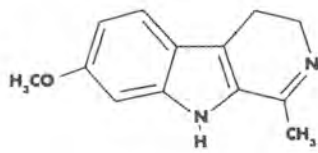
Figura 3. Vias metabólicas para a produção de diversas indoles endógenas a partir do triptofano alimentar.

Grande parte das amostras desta bebida contém altos níveis de harmina e tetrahydroharmina (THH), e menores quantidades de harmalina, harmalol, harmol, e alcalóides correlatos (Figura 4). A ação primária da harmina é inibir temporariamente a atividade da MAO (Udenfriend e outros, 1958; Buckholtz e Boggan, 1977). Esta ação é reversível com os alcalóides harmala, e isto significa que a enzima retorna ao seu estado original depois de ter inibido a molécula que foi removida por outros processos metabólicos. Para uma dose típica de ayahuasca, isto pode ser traduzido para um tempo de 8 a 12 horas. O efeito inibidor sobre a MAO também depende da quantidade total de alcalóide consumido, e ainda do peso corporal e da taxa metabólica do indivíduo.

A harmalina tem uma ação similar a da harmina, embora seja levemente mais potente na sua habilidade de inibir a MAO; no entanto, ela não se encontra altamente concentrada na *B. caapi*. A harmalina pode aglutinar-se nos lugares da triptamina, no interior do SNC, para induzir um refinado tremor muscular de mais ou menos 8-12 hertz, o que ocasionalmente manifesta-se como nistagmo (Airaksinen e outros, 1987; Rommelspacher e Brüning, 1984).



Harmina



Harmalina

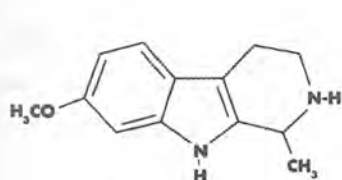
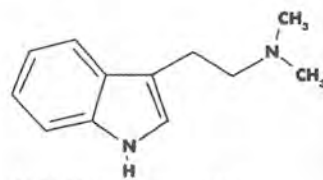
Tetrahydroharmina
THHN,N-Dimetiltriptamina
DMT

Figura 4. Três alcalóides harmala tipicamente encontrados na ayahuasca e na DMT. (Nota: embora não haja DMT na *Banisteriopsis caapi*, ela é um importante alcalóide geralmente encontrado na ayahuasca.

A THH é outro alcalóide maior da *B. caapi*. Eu também detectei este alcalóide nas folhas da *Calliandra pentandra*, que às vezes são adicionadas à ayahuasca pelos Shuar do Equador porque, segundo eles, intensificam os efeitos visionários deste preparado (Fericgla, 1996). Isto é surpreendente, uma vez que a THH não é por si mesma acentuadamente psicoativa, mesmo depois da inibição da MAO (resultados inéditos). Tal como as demais 1-metil-tetrahydro-Beta-carbolinas, é provável que a THH também sirva para aumentar as concentrações de serotonina através da fraca inibição da recaptção deste neurotransmissor nos neurônios pré-sinápticos depois da inibição da MAO pela harmina (Airaksinen, 1980). Mas este efeito não é trivial, pois o mecanismo de recaptção e o metabolismo da MAO são os processos primários que fazem a limpeza do excesso de serotonina da junção sináptica. Algumas sugestões indicam que as inibições da MAO e da recaptção de serotonina atuam juntas na ayahuasca, intensificando os níveis de segurança de serotonina pela inibição simultânea de seu metabolismo e da recaptção neural.

Assim, poder-se-ia dizer que uma bebida composta inteiramente da *B. caapi* é psicoativa, em decorrência de sua neuroatividade, embora tal atividade seja primariamente devida às ações hiper-serotoninérgicas. Afora isso, esse tipo de preparado é usado e tem sua utilidade, sobretudo como purgante e às vezes na remoção de parasitas intestinais. A náusea e o vômito que ocorrem com frequência após a ingestão da ayahuasca são provavelmente decorrentes do aumento crescente dos níveis de serotonina no cérebro, o que resulta na estimulação excessiva do nervo pneumogástrico. Tanto para propósitos religiosos como para indução de visões, a DMT é adicionada a este preparado através das folhas da *Psychotria viridis*, e tal combinação original de plantas é nada mais nada menos do que uma bênção da natureza.

A SÍNDROME DE SEROTONINA

A síndrome de serotonina é constituída pelo estado tóxico que resulta do aumento da atividade serotoninérgica. E isto é o resultado típico da combinação dos inibidores MAO com algumas outras drogas serotoninérgicas, particularmente um daqueles inibidores específicos da recaptção de serotonina (SSRIs), comumente populares no tratamento da depressão, das desordens obsessivo-compulsivas, e de algumas formas de vício. Mas esta síndrome também pode ocorrer pela combinação do triptofano com um inibidor específico da recaptção de



Um espécime jovem da *Psychotria viridis*, cultivada no Brasil (foto de Ralph Metzner)

serotonina. Em qualquer destes casos, os níveis de serotonina aumentam rapidamente depois que suas vias metabólicas primárias são bloqueadas, isto é, depois da oxidação pela MAO e de sua reciclagem pela recaptação neural nos neurônios pré-sinápticos.

A síndrome de serotonina geralmente ocorre no prazo de duas horas após a ingestão, ao passo que os sintomas podem regredir no decorrer de 6 a 24 horas. A combinação dos inibidores MAO com os inibidores específicos de recaptação de serotonina é potencialmente letal. E os sintomas iniciais incluem náusea, vômito, tremor, temperatura elevada, arritmia cardíaca, falha renal e coma, que acabam levando à morte. Em geral, a *ayahuasca* não deveria ser usada por nenhum indivíduo que estivesse tomando medicamentos antidepressivos ou outras drogas serotoninérgicas, justamente por causa da sua ação inibidora sobre a MAO (Callaway, 1993, 1994a; Callaway e Grob, 1998).

Quando a ayahuasca é tomada na sua forma básica, os níveis de serotonina no cérebro não apresentam situações tóxicas. Embora a THH possua alguma capacidade de inibir a recaptação de serotonina,

ela é aparentemente muito mais fraca do que a dos potentes inibidores específicos da serotonina. Ao que parece, a serotonina é capaz de deslocar a THH deste lugar, desde que seus níveis tenham excedido um certo limiar. Alguns sugerem que, em função da harmina e da harmalina serem inibidores naturais e reversíveis da MAO, tal aviso pode ser prematuro ou inapropriado; no entanto, os alcalóides harmala só são reversíveis depois de muitas horas, e os efeitos letais da síndrome de serotonina têm sido observados em menos tempo que isso (Neuvonen e outros, 1993).

Outro ponto gerador de confusão merece um esclarecimento. Vejamos alguém que tenha ingerido regularmente a ayahuasca por muitos anos, e que comece a tomar inibidores específicos de serotonina prescritos pelo seu médico. Serão notados poucos efeitos adversos, ou nenhum, porque deve ter-se desenvolvido uma certa tolerância no organismo deste indivíduo aos efeitos serotoninérgicos da ayahuasca (Callaway e outros, 1994). Bem diferente é a situação de quem já esteja tomando inibidores específicos de serotonina, e decide experimentar a ayahuasca pela primeira vez. É bom ter em mente que alguns inibidores específicos de serotonina possuem metabólitos ativos que permanecem no corpo por várias semanas; seria mais inteligente esperar que se passassem pelo menos oito semanas após a última ingestão destes inibidores específicos de serotonina, antes de ingerir a ayahuasca ou qualquer outro inibidor MAO.

MISTURAS DA AYAHUASCA

Pode-se dizer com segurança que, no transcorrer dos tempos, determinados homínídeos combinaram certas plantas disponíveis com a *B. caapi* para uma variedade de efeitos. Isto resultou na modificação dos efeitos típicos da coca, do café, do tabaco e de vários alcalóides oriundos da família *Solanacea*, entre outras. É improvável, porém, que a inibição da MAO ofereça de maneira significativa uma nova atividade a essas misturas; ao contrário da DMT, tais alcalóides são oralmente ativos por si mesmos. As modificações resultantes da constante atividade nativa podem ter levado ao despertar dos níveis crescentes de serotonina no cérebro. A descoberta da *Psychotria viridis* como aliada essencial na tecnologia da ayahuasca talvez tenha advindo deste curso de experimentação sistemática.

N,N-DIMETILTRIPTAMINA (DMT)

A DMT constitui um poderoso agente psicodélico (Szára, 1956). E vem sendo também usada como valioso instrumento molecular na criação da ayahuasca e de outros produtos sagrados da América do Sul. É o caso da bebida conhecida como *vinho da jurema*, tradicionalmente preparada apenas com as cascas da *Mimosa hostilis* (Holmstedt, 1995).

A DMT se ajusta mais adequadamente em certos subconjuntos dos lugares próprios dos receptores de serotonina no interior do cérebro (Callaway e McKenna, 1998), pois acredita-se que ela seja capaz de modificar nestes espaços o fluxo da informação neural. Ela também tem sido identificada como um componente natural do cérebro dos mamíferos sadios (Callaway, 1995a), além de ser encontrada em muitas espécies de plantas (Ott, 1994; Shulgin e Shulgin, 1997). Apesar de não ter sido demonstrada uma função para sua presença no cérebro, a produção das visões durante os sonhos vem sendo sugerida como um papel da DMT endógena (Callaway, 1988).

Ao contrário da maioria das outras plantas que produzem esta curiosa molécula (Ott, 1994), a *P. viridis* produz a DMT quase como que para a exclusão de qualquer outro alcalóide (Figura 4; observe a similaridade molecular entre a DMT, a psilocina, a bufotenina, e a serotonina). Se alguém fosse destacar uma molécula prioritária dentre as muitas que podem aparecer nas misturas da ayahuasca, a DMT seria, sem sombra de dúvida, a mais radical em termos de precipitação do fenômeno visual. Mas esta molécula é relativamente simples e não é ativa oralmente, a despeito de sua similaridade em efeito e estrutura molecular com a psilocina (Figura 1) que é ativa oralmente.

Sob circunstâncias ordinárias, a DMT é rapidamente metabolizada pela MAO, a mesma enzima que metaboliza a serotonina. Quando a MAO está intacta, a atividade potencial da DMT não passa de um simples arranhão para o homem. Entretanto, depois que a MAO é inibida pelos alcalóides harmala, por exemplo, a DMT torna-se oralmente ativa, fazendo com que uma intrincada gama de padrões coloridos seja freqüentemente obtida através desta combinação. É importante notar que os efeitos da DMT ativada oralmente são qualitativamente diferentes daqueles da DMT injetada ou fumada sem a presença da inibição da MAO (Strassman e outros, 1994; Callaway e outros, 1998). Depois então de injetar ou fumar a DMT, a investida dos efeitos ocor-

re em um minuto e dura de cinco a dez minutos. Este intervalo de tempo é tipicamente preenchido por um cenário de cores e geometrias; assim, com altas dosagens, é provável que o indivíduo experimente uma avalanche de visões, além de uma completa dissociação da realidade. Contudo, após a inibição da MAO, a investida oral da DMT começa depois de 20 minutos, durando tipicamente cerca de 90 minutos; desta forma, os efeitos psíquicos tendem a ser integrados, enquanto a consciência do ambiente físico permanece tipicamente intacta.

Tal diferença é parcialmente decorrente da via de administração da DMT, da quantidade de tempo envolvido, e quase que certamente do aumento de serotonina no cérebro após a inibição da MAO. Este último ponto é importante porque neste caso a DMT deve competir com a serotonina, de maneira a que possa aglutinar-se nos lugares receptores, para fazer efeito; sob este aspecto, a serotonina serve essencialmente para manter a viagem nos trilhos. Em se tratando da DMT, o intercâmbio entre a intensidade (quando ela é injetada ou fumada) e o tempo (estendido após a inibição MAO) permite que algumas outras funções cognitivas engajem posteriormente a experiência no cenário. Ainda quando fumada ou injetada, a DMT parece conter todo o conteúdo cognitivo de uma chuva de fogos de artifício.



O USO CONTEMPORÂNEO DA AYAHUASCA

Além dos seus usos indígenas, a ayahuasca vem sendo adotada por pessoas que habitam os centros urbanos, assim como têm surgido preparados sintéticos que se baseiam nesta antiga tecnologia (Callaway, 1993, 1995b; Ott, 1994). Embora muitas plantas sejam freqüentemente utilizadas nos preparados tradicionais, o uso moderno limita-se a bebidas produzidas exclusivamente com a *B. caapi* e a *P. viridis*. Aproximadamente 10.000 participantes regulares fazem parte destas novas religiões, com uma freqüência de duas vezes por mês ou uma vez por semana. No uso tradicional, esta regularidade na ingestão da ayahuasca só era cumprida por uma pequena parte do grupo tribal, embora todo e qualquer membro destas sociedades tivesse durante a vida pelo menos de três a cinco experiências em certos estágios do seu desenvolvimento físico e pessoal (Fericgla, 1997). Por outro lado, no uso contemporâneo, os adultos são estimulados a participar em todas as oportunidades. Salvo algumas exceções, a participação dos adolescentes não é regular.

Existem variações aparentes entre os diferentes grupos contemporâneos. A União do Vegetal (UDV), a maior igreja unificada da ayahuasca, procura fazer com que seus integrantes estejam sentados durante as sessões, ao passo que os membros do Santo Daime e da Barquinia costumam dançar. No Santo Daime é dançado um intrincado balé de dois passos, no qual os homens e as mulheres são ordenados em discretas configurações. Os seguidores da Barquinia dançam através de uma fileira serpenteante. A estrutura da UDV é essencialmente democrática, ao passo que o Santo Daime apresenta uma hierarquia patriarcal e a Barquinia é conduzida por uma carismática mulher negra. O que acabou de ser dito não passa de uma generalização ampla, servindo apenas para ilustrar a variedade cultural que pode ocorrer com o uso da ayahuasca.

A procura por estas situações particulares e a evidência de que elas são propiciadas por elementos químicos conhecidos serão ressaltadas no exemplo seguinte. Uma igreja da ayahuasca decidiu que sua prática seria mais responsável se ela mesma cultivasse a *B. caapi* e a *P. viridis*, em vez de ir constantemente à floresta para colhê-las. Depois de alguns anos, as plantas estavam prontas para o uso; no entanto, alguns dos efeitos desejados não ocorreram. Na época, foram ventiladas muitas hipóteses, tanto físicas como metafísicas, mas depois de uma cuidadosa inspeção botânica percebeu-se que a *P. nervosa* foi plantada em lugar da *P. viridis*. Os espécimes formadores da primeira *Psychotria* são essencialmente destituídos de DMT, embora suas características físicas sejam idênticas às da segunda. Como uma digressão interessante, estes espécimes da *P. nervosa* foram plantados em torno do templo como forma pitoresca de decoração, ou talvez para lembrar esta lição da natureza.

O PROJETO HOASCA

Em 1992, Dennis McKenna começou a agrupar algumas pessoas para um estudo prospectivo da ayahuasca que é usada e chamada pela UDV brasileira de Hoasca. Pouco antes de 1992, a UDV decidiu estabelecer contato com o Dr. McKenna para que ele iniciasse este estudo. A hoasca é feita exclusivamente a partir da combinação da *Banisteriopsis caapi* com a *Psychotria viridis*, e isto foi de enorme valia para definir este chá no sentido botânico propriamente dito. Assim, foram documentadas e medidas todas as fases do seu preparo. A práti-

ca habitual de ficar sentado nas sessões da hoasca foi especialmente conveniente, tanto para medir as respostas anatômicas como para colher amostras de sangue. Quinze voluntários do sexo masculino participaram da fase clínica deste estudo. Além de gozarem de boa saúde e de já terem usado o chá regularmente por pelo menos dez anos, estas pessoas deram seu consentimento para a pesquisa. Algumas das mais interessantes descobertas fitoquímicas e farmacológicas serão expostas no texto seguinte.



VARIAÇÕES DOS ALCALÓIDES HARMALA NAS AMOSTRAS DA *B. CAAPI*

Existem pelo menos duas variedades de *B. caapi* que são química e morfológicamente distintas, e a UDV refere-se a elas como *tucunaca* e *caupurí*. A tucunaca é um cipó liso, ao passo que a caupurí possui largos internódios onde seus ramos são produzidos. A tucunaca cresce nos climas mais frios do Sul do Brasil e é conhecida pelos seus efeitos suaves, principalmente sobre o aparelho digestivo. A caupurí cresce nas regiões quentes e temperadas do Norte brasileiro, sendo conhecida pelos seus fortes efeitos purgativos. As análises químicas destas duas variedades mostraram uma nítida diferença nas concentrações dos alcalóides harmala; comprovou-se que a caupurí contém um peso muito maior desses alcalóides do que a tucunaca (Tabela 1).



Duas variedades de *Banisteriopsis caapi*; à direita, dois espécimes de *tucunaca*; à esquerda, dois espécimes de *caupuri*. Observe a característica lisa e cilíndrica da *tucunaca* quando comparada com a aparência nodosa da *caupuri*. (Foto de Ralph Metzner)

Os relatos costumeiros a respeito de fortes ações fisiológicas como o tremor, o vômito e a diarreia coincidem com as altas concentrações dos alcalóides harmala encontrados na *caupuri*, uma variedade da *B. caapi*.

AMOSTRA	TETRAHIDROHARMINA	HARMALINA	HARMINA
<i>Capuri</i>	5.06mg/g	0.69mg/g	8.68mg/g
<i>Tucunaca</i>	0.19	0.11	5.50

Tabela 1. Resultados advindos da análise quantitativa das duas variedades de *Banisteriopsis caapi*, conhecidas como *tucunaca* e *caupuri*, pela cromatografia de alta pressão usando detecção ultravioleta. As quantidades estão expressadas em miligramas por grama (mg/g) da casca seca.

De acordo com a UDV, deve-se usar uma metodologia padrão ao se preparar o chá. Embora as quantidades das plantas utilizadas estejam hoje na posse do mestre, as proporções físicas de *B. caapi* e de *P.*

viridis permanecem essencialmente as mesmas. Teoricamente, são necessárias grandes quantidades de tucunaca para fazer um chá similar ao que é feito com punhados menores de *caupuri*, ou vice-versa. No entanto, o resultado prático é o de um chá contendo uma quantidade menor de alcalóides harmala quando se trata da tucunaca, uma dessas duas variedades da *B. caapi*.

Outro item de interesse fitoquímico é o da impressionante mudança dos perfis da harmala nas várias amostras de *B. caapi*, sobretudo quando se tem em vista a semelhança de suas aparências morfológicas. Apresentaram-se altas quantidades de THH e/ou harmina em algumas das 35 amostras de *B. caapi* analisadas, e isto resulta em impacto na qualidade total do chá. Neste particular, os usuários mais experientes preferem os chás onde as concentrações de THH são mais altas do que as da harmalina e da harmina, afirmando que estes chás trazem mais "força" à experiência. Na análise, a totalidade das concentrações de harmina foi considerada altíssima, seguida de perto pela THH, com menores quantidades de harmalina (resultados inéditos).



VARIAÇÕES DE DMT NAS AMOSTRAS DA *P. VIRIDIS*

Foram encontradas concentrações de DMT, que variavam de 0.00 a 17.65 miligramas por grama (mg/g) de folhas secas, nas 37 amostras de *P. viridis* coletadas na manhã de um mesmo dia em diversos lugares do Brasil. A maioria das amostras possuía um valor de aproximadamente 10 mg/g DMT, e somente uma delas não teve sua quantidade detectada; é possível que não fosse um espécime da *P. viridis*, mas um outro da *Psychotria*.

Extraordinários foram os resultados obtidos das amostras consecutivas retiradas da mesma planta em horas diferentes do dia. Observou-se os níveis mais altos de DMT nas folhas coletadas na madrugada (8.97 mg/g), ou um pouco antes do anoitecer (9.52 mg/g DMT). As folhas que apresentaram a menor quantidade de DMT foram coletadas ao meio-dia (5.57 mg/g), mas, por volta das 10 horas da manhã, apareceu outra depressão no conteúdo de alcalóide (8.01 mg/g), sendo que os valores subsequentes permaneceram baixos durante as horas mais quentes do dia. Talvez alguém pudesse argumentar que a ocorrência de tais valores deveu-se ao fato de haver folhas diferentes; no entanto, houve o cuidado de incluir aquelas folhas que estives-

sem em estágios equivalentes de desenvolvimento. É importante observar que tais resultados quantitativos estão em concordância com aquilo que vem sendo observado qualitativamente através de anos de experiência prática.

VARIAÇÕES DE CONCENTRAÇÕES DE ALCALÓIDES NA AYAHUASCA CONTEMPORÂNEA

De acordo com o esperado, a variação nos perfis dos alcalóides encontrados no interior de uma determinada espécie, ocorre em função da adição das plantas complementares à preparação. Assim, os chás preparados com as duas plantas usuais oferecem misturas únicas e complexas. Foram analisados os alcalóides de 20 amostras, dentre os chás oferecidos pela UDV, e os resultados estão apresentados na Tabela 2. Entretanto, esta coleção de resultados não disse muito sobre os preparados individuais, e menos ainda sobre as experiências particulares de cada um dos indivíduos. Ressalte-se, no entanto, que os poucos chás que não possuíam quantidades detectáveis de DMT eram mesmo assim considerados úteis no sentido cerimonial. E isto suscitou muitas perguntas interessantes sobre a atividade dessas misturas complexas, sem mencionar o aparte técnico, segundo o qual a DMT não está necessariamente contida em todas as formas da ayahuasca, embora tivessem sido apropriadas todas as plantas usadas na beberagem.

DMT	TETRAHIDROHARMINA	HARMALINA	HARMINA
Médias 1.18-+1.39mg/ml	1.82-+ 1.03mg/ml	0.13-+0.8mg/ml	2.25-+1.48mg/ml
Taxas 0.00-5.84	0.48-5.26	0.01-0.30	0.45-6.25

Tabela 2. Média dos alcalóides no conteúdo de 20 chás preparados pela UDV expressada em miligramas por mililitro de chá (mg/ml), _+ como padrão de divergência, e taxas de valores do mínimo ao máximo.

VARIAÇÕES NO METABOLISMO INDIVIDUAL

Embora todos os homens talvez tenham sido criados iguais, eles parecem metabolizar a hoasca de maneiras diferentes. Durante o Projeto Hoasca, medimos quatro alcalóides no sangue de 15 voluntários em um período de 24 horas. De acordo com a prática religiosa deles,

a hoasca foi administrada por um mestre, mas quando não estivemos em conformidade com esta mesma prática, a dosagem foi de 2 mililitros por quilograma. Tanto as médias e taxas da ayahuasca como o peso corporal e os alcalóides consumidos estão apresentados na Tabela 3. A intensidade dos efeitos subjetivos do chá mostrou-se intimamente correlacionada, em todos os casos, com o pico de concentração dos alcalóides no plasma, especialmente a DMT.

Descobriu-se que, entre os 15 voluntários, seis deles metabolizavam a harmina de maneira significativamente mais rápida do que a dos nove restantes (resultados inéditos). Esta diferença afetou as concentrações de plasma da DMT, pois estas quase dobraram em concentrações máximas de plasma nos metabolizadores mais lentos. Observou-se, ainda, que as concentrações do plasma para a THH não se mostraram grandemente influenciadas, o que deixou a sugestão de que talvez o seu metabolismo não estivesse ligado de maneira significativa à inibição MAO.

PESO CORPORAL	CHÁ	HARMINA	HARMALINA	THH	DMT
Médias 74 kg	148 ml	252 mg	30 mg	159 mg	36 mg
Taxas 58-90	120-180	204-306	24-36	128-193	29-43

Tabela 3. Quantidades médias e taxas do peso corporal, quantidade ingerida de chá, e quantidade total dos alcalóides consumidos pelos 15 voluntários durante a fase farmacocinética do Projeto Hoasca. Estes resultados estão apresentados em termos de quilogramas (kg) do peso corporal, miligramas (mg) do alcalóide, e mililitro (ml) do chá ingerido.

Entretanto, tais descobertas não têm muito a ver com o modo pelo qual a ayahuasca é usada atualmente, pois nestas circunstâncias quem determina a quantidade a ser ingerida é o xamã ou o mestre. E este discernimento é quase sempre baseado em anos de experiência deste guia, na força do chá e no possível conhecimento da(s) pessoa(s) que o estão recebendo.

MUDANÇAS FISIOLÓGICAS APÓS A INGESTÃO DA AYAHUASCA

Depois de 60, 90 e 120 minutos, todas as respostas neuroendócrinas dos níveis básicos de cada um dos voluntários se in-

tensificaram significativamente, apresentando concentrações máximas de cortisol, um hormônio do crescimento e também da prolactina. Todas estas medidas retornaram aos seus níveis básicos em 360 minutos. É comum ocorrer tal tipo de resposta com outras drogas serotoninérgicas (como, por exemplo, a dos inibidores MAO).

As medidas anatômicas também foram registradas. O diâmetro da pupila aumentou no decorrer dos efeitos subjetivos, indo de 3.7mm, após 40 minutos de ingestão, até 4.8mm, depois de 180 minutos. As pupilas permaneceram dilatadas depois da última medição aos 240 minutos e voltaram ao normal após 6 horas. A respiração aumentou levemente aos 90 minutos para um máximo de 22 respirações por minuto, e depois passou a oscilar na medida em que a sessão progredia. A temperatura oral também aumentou ligeiramente, mas sem alcançar um grau expressivo.

De início, as medidas cardiovasculares ampliaram o nível básico de cada voluntário. Chegou a ser registrada a taxa cardíaca máxima de 79 batidas por minuto depois de 20 minutos, mas, após 120 minutos, baixou de nível para um mínimo de 65 bpm (batidas por minutos), até que começou a aproximar-se do nível básico depois de 240 minutos. Tanto a pressão sistólica como a diastólica cresceram respectivamente para 137 e 92 mmHg, após 40 minutos, e depois de 180 minutos retornaram gradualmente aos níveis básicos; entretanto, as pressões sistólica e diastólica caíram respectivamente para 124 e 81 mmHg aos 240 minutos. Embora estes valores possam ser considerados baixos, eles também podem ser encarados como semelhantes aos daqueles que são induzidos por um estado meditativo profundo, o que afinal observou-se como aparentemente vivenciado. Por fim, registre-se que seriam provavelmente observados altos valores cardíacos nos voluntários, caso fossem examinados no momento em que estavam dançando, e não sentados.

CONCLUSÕES

Os agentes psicoativos nunca foram consumidos de maneira típica pelo seu valor alimentar. Evidências arqueológicas propõem que seu uso precede a escrita. Ao longo do curso contínuo da História sugeriu-se com veemência que as substâncias psicoativas eram úteis como adjuntas da prática religiosa.

Enfim, se a ayahuasca não é o mais complexo sistema de droga binária que já existiu, qual será então aquele que o é? É provável que esta bebida seja a mais antiga. Como foi desenvolvida a tecnologia para localizar e combinar certas plantas, com o intuito de possibilitar a atividade oral da DMT, permanece um mistério. A única certeza nesta área está na identificação dos alcalóides das plantas ativas e dos seus efeitos subseqüentes na consciência humana.

REFERÊNCIAS

- Airaksinen, M. M., H. Svensk, J. Tuomisto, e H. Komulainen. 1980. "Tetrahydro Beta-carbolines and corresponding tryptamines: In vivo inhibition of serotonin and dopamine uptake by human blood platelets". *Acta Pharmacologia et Toxicologia* 46:308-13.
- Airaksinen, M. M., A. Lecklin, V. Saano, L. Tuomisto, e J. Gynther. 1987. "Tremorigenic effects and inhibition of tryptamines and serotonin receptor binding by Beta-carbolines". *Pharmacology & Toxicology* 60:5-8.
- Buckhotz, N. S. e W. O. Boggan. 1977. "Monoamine oxidase inhibition in brain and liver by Beta-carbolines: Structure-activity relationships and substrate specificity". *Biochemical Pharmacology* 26:1991-96.
- Callaway, J. C. 1988. "A proposed mechanism for the visions of dream sleep". *Medical Hypotheses* 26:119-24.
- _____. 1993. "Tryptamines, Beta-carbolines and you". *MAPS Newsletter* 4(2):30-32.
- _____. 1994a. "Another warning about harmala alkaloids and other MAO inhibitors". *MAPS Newsletter* 4(4):58.
- _____. 1994b. "Some chemistry and pharmacology of ayahuasca". *Jarbuch für Ethnomedizin und BewuBtseinsforschung* (Livro Anual de Etnomedicina e do Estudo da Consciência) 3:295-98.
- _____. 1995a. "DMTs in the human brain". *Jarbuch für Ethnomedizin und BewuBtseinsforschung* (Livro Anual de Etnomedicina e do Estudo da Consciência) 4:45-54.
- _____. 1995b. "Pharmahuasca and contemporary ethopharmacology". *Curare* 18(2):395-8.
- Callaway, J. C., M. M. Airaksinen, D. J. McKenna, G. S. Brito, e C. S. Grob. 1994. "Platelet serotonin uptake sites increased in drinkers of ayahuasca". *Psychopharmacology* 116:385-87.

- Callaway, J. C., M. M. Airaksinen, e J. Gynther. 1995. "Endogenous Beta-carbolines and other indole alkaloids in mammals". *Integration-Journal of Mind Moving Plants and Culture* 5:19-33.
- Callaway, J. C., L. P. Raymon, W. L. Hearn, D. J. McKenna, C. S. Grob, e G. S. Brito. 1996. "Quantitation of N,N-dimethyltryptamine and harmala alkaloids in human plasma after oral dosing with *Ayahuasca*". *Journal of Analytical Toxicology* 20:492-97.
- Callaway, J. C. e C. S. Grob. 1998. "*Ayahuasca* preparations and serotonin reuptake inhibitors: a potential combination for severe adverse interaction". *Journal of Psychoactive Drugs*, no prelo.
- Callaway, J. C. e D. J. McKenna. 1998. "Neurochemistry of psychedelic drugs". Em *Drug Abuse Handbook*, capítulo 6.6, ed. S. B. Karch, 485-98. Boca Raton: CRC Press.
- Callaway, J. C., D. J. McKenna, C. S. Grob, G. S. Brito, L. P. Raymon, R. E. Poland, E. N. Andrade, e E. O. Andrade. 1998. "Pharmacokinetics of hoasca alkaloids in healthy humans". *Journal of Ethnopharmacology*, no prelo.
- Fericigla, J. M. 1997. *Al Trasluz de la Ayahuasca: Coleccion Cogniciones, Estados Modificados de Consciencia*. Barcelona: Los Libros de la Liebre de Marzo.
- Grob, C. S., D. J. McKenna, J. C. Callaway, G. S. Brito, E. S. Neves, G. Oberlander, O. L. Saide, E. Labigalini, C. Tacla, C. T. Miranda, R. J. Strassman, e K. B. Boone. 1996. "Human psychopharmacology of Hoasca, a plant hallucinogen used in ritual context in Brazil". *Journal of Nervous and Mental Disease* 184(2):86-94.
- Heffter, A. 1886. "Über Cacteenalkaloide. II Mittheilung". *Berichte der Deutschen Chemischen Gesellschaft* 29:216-27.
- _____. 1898. "Über pellote. Beiträge zur chemischen und pharmakologischen kenntnis der cacteen. Zweite Mittheilung". *Archiv für Experimentelle Pathologie und Pharmakologie* 40:385-429.
- Hofmann, A. 1978. "History of the basic chemical investigations on the sacred mushroom in Mexico". Em *Teonenácatl: Hallucinogenic Mushrooms of North America, Psycho-Mycological Studies* N.º 2, editores J. Ott e J. Bigwood. Seattle, WA: Madrona Publishers.
- Holmstedt, B. R. 1995. Personal communication.
- Holmstedt, B. R., J. E. Lindgren. 1967. "Chemical constituents and pharmacology of South American snuffs". Em *Ethnopharmacologic Search for Psychoactive Drugs*, editores D. H. Efron, B. Holmstedt, e N. S. Kline. U. S. Public Health Service Publication N.º 1645. Washington, D. C.: GPO.
- Kärkkäinen, J. e M. Räisänen. 1992. "Nialamide, an MAO inhibitor, increases urinary excretion of endogenously produced bufotenin [sic] in man". *Biological Psychiatry* 32:1042-48.

- Luna, L. E. e P. Amaringo. 1991. *Ayahuasca Visions: The Religious Iconography of a Peruvian Shaman*. Berkeley, CA: North Atlantic Books.
- McKenna, D. J. 1992. Personal Communications.
- McKenna, D. J. e G. H. N. Towers. 1984. "Biochemistry and pharmacology of tryptamines and Beta-carbolines: A minireview". *Journal of Psychoactive Drugs* 16(4):347-58.
- McKenna, D. J., G. H. N. Towers, e F. Abbot. 1984a. "Monoamine oxidase inhibitors in South American hallucinogenic plants: Tryptamine and Beta-carboline constituents of *ayahuasca*". *Journal of Ethnopharmacology* 10(2): 195-223.
- McKenna, D. J., G. H. N. Towers, e F. Abbot. 1984 b. "Monoamine oxidase inhibitors in South American hallucinogenic plants. Part 2: Constituents of orally active myristicaceous hallucinogens". *Journal of Ethnopharmacology* 12 (2):179-211.
- Neuvonen, P. J., S. Pohjola-Sintonen, U. Tacke, e E. Vuori. 1993. "Five fatal cases of serotonin syndrome after moclobemide-citalopram or moclobemide-clomipramine overdoses". *Lancet* 324:1419.
- Ott, J. 1994. *Ayahuasca Analogues: Pangaeen Entheogens*. Kennewick, WA: Natural Products Co.
- Rommelspacher, H. e G. Brüning. 1984. "Formation and function of tetrahydro-Beta-carbolines with special reference to their action on [3H] tryptamine binding sites". Em *Tryptophan*, editores H. G. SchloBberger, H. Kochen, A. Linzen, e R. Steinhart. Berlin: DeGruyter.
- Schultes, R. E. e A. Hofmann. 1992. *Plants of the Gods: Their Sacred, Healing and Hallucinogenic Powers*. Rochester VT: Healing Arts Press.
- Schultes, R. E. e R. F. Raffaud. 1992. *Vine of the Soul: Medicine Men, Their Plants and Rituals in the Columbian Amazon*. Oracle, AZ: Synergistic Press.
- Shulgin, A. e A. Shulgin. 1997. *TIHKAL: The Continuation*, ed. Dan Joy. Berkeley, CA: Transform Press.
- Spruce, R. [1908] 1970. *Notes of a Botanist on the Amazon and Andes* (dois volumes), ed. A. R. Wallace. Londres: Macmillan. Reprint, Nova York: Johnson Reprint.
- Strassman, R. J. e C. R. Qualls. 1994. "Dose-response study of N,N-dimethyltryptamine in humans I. Neuroendocrine, autonomic, and cardiovascular effects". *Archives of General Psychiatry* 51:85-97.
- Strassman, R. J., C. R. Qualls, E. H. Uhlenhuth, e R. Kelnner. 1994. "Dose response study of N,N-dimethyltryptamine in humans II. Subjectives effects and preliminary results of a new rating scale". *Archives of General Psychiatry* 51:98-108.

- Szára, S. 1956. "Dimethyltryptamin [sic]: Its metabolism in man; the relation of its psychotic effect on serotonin metabolism". *Experientia* 12:441-42.
- Udenfriend, S., B. Witkop, B. Redfield, e H. Weissbach. 1958. "Studies with the reversible inhibitors of monoamine oxidase: Harmaline and related compounds". *Biochemical Pharmacology* 1:160-65.

5

CONCLUSÕES, REFLEXÕES E ESPECULAÇÕES

Ralph Metzner

A INTRODUÇÃO, EM NOSSA CULTURA atual, das práticas e dos saberes xamanísticos, associados com um poderoso alucinógeno da floresta amazônica, suscita questões profundas e desafiadoras. Apesar de não poder respondê-las, gostaria de colocar, pelo menos, três destas questões. Primeira: quais as aplicações mais valiosas e úteis da ayahuasca no contexto da medicina e da psicologia ocidentais? Segunda: qual a visão global, ou cosmológica, revelada pelas visões xamanísticas da ayahuasca, e como ela difere da moderna visão também global do Ocidente? Terceira: que tipo de significação existe no ressurgimento da xamanismo enteogênico no atual estágio da história da civilização ocidental?

APLICAÇÕES MÉDICAS E PSICOLÓGICAS DA AYAHUASCA

No contexto das práticas de cura tradicionais amazônicas, a ingestão da ayahuasca apresenta-se como a cura fundamental para todos os males. Não porque ela seja em si mesma uma panacéia, mas porque funciona como um guia ou mestre para o curandeiro, apontando-lhe a(s) outra(s) erva(s) necessária(s) ao tratamento, permitindo-lhe travar um combate com os ataques mágicos ou efetivar a cura de infecções ou de infestações venenosas. Estas formas de praticar a cura presumem uma compreensão da doença e da medicina inteiramente distinta daquela a que estamos acostumados em nossa cultura ocidental.

Entretanto, conforme ficou claro na literatura e nas histórias narradas neste livro, é possível realizar inúmeras curas físicas e psicológicas admiráveis com o uso da ayahuasca, até mesmo no espaço da medicina e da psicoterapia ocidentais. No início do século XX, usou-se com sucesso um extrato do seu cipó no tratamento da doença de Parkinson, mas este procedimento não teve sequência. Além disso, surgiram muitos comentários sobre a completa regressão de alguns tipos de câncer depois de uma ou duas sessões com esta bebida medicinal. Porém, como tais ocorrências com a ayahuasca se deram

no contexto das tradicionais cerimônias de cura, torna-se impossível separar os efeitos farmacológicos dos elementos psicológicos e xamanísticos, até porque o estudo dos casos destas curas tem comprovação garantida.

De acordo com a observação do nível psicológico, há uma intrigante evidência das mudanças terapêuticas positivas induzidas pela ingestão ritualística da ayahuasca. A pesquisa realizada na UDV, a igreja brasileira da hoasca, por Grob, McKenna, Callaway e outros mostrou a existência de diferenças significativas entre os traços de personalidade medidos nos usuários da ayahuasca de longa data e os dos não-usuários que constituíam um grupo de controle. As entrevistas psiquiátricas também confirmaram tais diferenças: os interrogados narraram mudanças positivas no comportamento (menor ingestão de álcool e drogas, maior responsabilidade e mais confiança) como resultado da participação nas cerimônias da hoasca. Deve-se levar em conta o que os próprios pesquisadores enfatizaram: esta avaliação não foi do tipo “antes e depois”; além disso, não houve um acompanhamento suplementar; por isso, tais descobertas não são definitivas, mas sugestivas. Estas diferenças talvez tenham decorrido do efeito psicológico de pertencer à comunidade de uma igreja com regras e disciplinas específicas.

O mais raro e inesperado desses achados foi encontrado na diferença das funções neuropsicológicas. Os usuários da hoasca mostraram-se mais eficientes do que as cobiias do grupo de controle na compreensão das tarefas, – capacidades que usualmente declinam com a idade. É improvável que esta diferença tenha sido categoricamente constituída pelo efeito psicossocial; talvez a ayahuasca pertença à categoria das substâncias atualmente denominadas “intensificadoras da cognição”, ou “nootrópicas”. Muitas das histórias narradas neste livro e em outras literaturas exprimem a noção de que, sob a influência desta bebida, os indivíduos são capazes de ver e entender melhor, pensando com maior clareza os seus relacionamentos, a natureza do cosmos e o lugar que nele ocupam.

Diante das narrativas deste livro, talvez o leitor se veja impressionado com os admiráveis resultados de aprimoramento da saúde, atribuídos à ação purgativa da ayahuasca; as descrições do efeito posterior da *purga* são de liberação, esclarecimento, intensificação das cores, e fortalecimento. A purgação dá às pessoas a experiência emocional e corporal de força, denominada por alguns ayahuasqueiros como *mariri*;

não se trata apenas de uma força muscular; uma espécie de fortalecimento do intestino leva ao indivíduo a sensação acolhedora de estar muito próximo das raízes instintivas de sua própria natureza.

Ao fazerem uso da ayahuasca pela primeira vez, muitas pessoas inibem o vômito por causa das costumeiras associações com sintomas de doenças; no entanto, quando esta inibição é superada, descobre-se que a purgação é algo tranqüilo e fácil, que não precisa ser acompanhada por náuseas ou enjôos. Somente quando há a presença de toxidade no corpo, a tarefa do vômito pode se tornar intensamente debilitante. Os ayahuasqueiros enfatizam a necessidade de uma dieta alimentar livre de condimentos, açúcares e gorduras. As duas purgações mais violentas que já observei, foram a de um fumante inveterado e a de uma mulher que passou duas semanas usando antibióticos.

Existe uma interessante convergência entre a purgação física e a psíquica que ocorre freqüentemente sob a forma de uma descarga do tom negativo dos conteúdos psíquicos. Portanto, quem não detém algum tipo de toxidade mais consistente no seu sistema pode liberar, no momento do vômito, os resíduos tóxicos de um passado emocional conturbado, – a culpa ou a vergonha em relação a certos traumas, limitações, defesas, transferências, vícios, compulsões, e outros comportamentos neuróticos. Às vezes, os indivíduos chegam a pensar que tudo que é descarregado nos vômitos não faz parte do seu “acervo pessoal”, mas de alguma porção do inconsciente coletivo da humanidade. Lembro-me de alguém que me disse não ter ficado com nenhuma vontade de vomitar quando estava explorando o fluxo de suas visões pessoais; mas passou a vomitar abruptamente quando começou a pensar e a ter visões das guerras genocidas e de toda a opressão que ocorria na América Central (que ele não havia vivenciado pessoalmente).

Esta combinação da purgação física e psíquica, ocorrência constante na experiência da ayahuasca, permitiu-me sugerir que talvez a aplicação mais útil desta bebida medicinal em nossa sociedade seja no tratamento dos vícios, incluindo alcoolismo. O projeto hoasca brasileiro, do qual participaram os membros antigos da UDV, relatou um acentuado declínio do alcoolismo e dos vícios das drogas entre eles. Este resultado, porém, pode estar ligado ao fato destas pessoas pertencerem a uma comunidade estruturada. De modo semelhante, os usuários do peyote que são membros da Igreja Nativa Americana também relatam um declínio no alcoolismo, que é sabidamente o responsável

pela devastação da população indígena dos Estados Unidos. Neste caso, o retorno a uma forma tradicional de vida, associado à participação nos rituais da Igreja Nativa, pode ser igualmente tão importante quanto a planta alucinógena. Revendo as pesquisas do passado com as drogas psicodélicas, constatamos que a maior aplicação do LSD foi para o tratamento do alcoolismo. No final dos anos 1960, havia cerca de cinco ou seis hospitais na América do Norte que tinham um programa de tratamento do alcoolismo usando o LSD e sua taxa de eficácia foi equivalente em média a outras formas de tratamento.

Portanto, se as drogas e as plantas psicodélicas (enteogênicas, alucinógenas) expandem e incrementam a consciência, além de serem provedoras do autoconhecimento, nada seria mais judicioso do que estabelecê-las como os antídotos lógicos e naturais da constrição da consciência, das obsessões e do efeito narcótico produzido pelas drogas que viciam. Em função do efeito purgativo do peyote e da ayahuasca, existe razão suficiente para que se acredite que a combinação de tais eméticos possa ser mais eficaz do que o LSD no tratamento do alcoolismo e outros vícios. O viciado necessita realmente purgar os padrões e hábitos mentais, emocionais e perceptivos, além de fazer a purgação dos resíduos tóxicos do álcool e das demais drogas que se encontram no seu corpo. Neste particular, registramos um caso de autotratamento de uma pessoa que foi dependente de heroína por 15 anos: a mulher em questão trancou-se em um quarto, para ingerir diariamente a ayahuasca por duas semanas, purgando constantemente até ficar inteiramente livre do seu vício.

O programa Takiwasi, iniciado no Peru pelo Dr. Jacques Mabit, tratou dos dependentes de cocaína em um cenário residencial que envolvia aconselhamentos, sessões de ayahuasca e trabalhos físicos no jardim. Idealmente, deveria haver grupos comunitários, onde fossem recebidos os alcoólatras e os dependentes de drogas, para que neles houvesse a promoção daquele apoio necessário depois da fase de tratamento intensivo, tal como ocorre na UDV e na Igreja Nativo Americana.

Eu acredito que nos próximos dez anos haverá um tipo de tratamento do alcoolismo e da dependência de drogas através da utilização da ayahuasca, numa abordagem holística, onde também se faça uso da nutrição, do trabalho físico, do exercício e das práticas psicoespirituais; caso isto não seja possível nos Estados Unidos, certamente o será no México e no Canadá, pois nestes países é menos intensa a histórica política antidrogas.

A COSMOLOGIA ENTEOGÊNICA DOS XAMÃS

Se analisarmos o modelo básico de realidade que está revelado ou subentendido nas visões e experiências do homem moderno com a ayahuasca, veremos que é constituído por uma cosmologia similar àquela compartilhada pelas culturas indígenas xamanísticas do mundo inteiro. Os indivíduos que fizeram uso da ayahuasca ou de outras plantas enteogênicas de um modo mais ou menos sistemático para a cura, ou para as práticas espirituais e as investigações da consciência, desenvolveram implicitamente, uma visão de mundo radicalmente distinta do moderno e dominante paradigma cientificista do mundo ocidental.

Aqueles ideologicamente comprometidos com o ainda prevalecente paradigma newtoniano e cartesiano entenderão, na melhor das hipóteses, as afirmações e descrições dos *ayahuasqueros* como "alucinações" induzidas pela droga e, portanto, incapazes de serem cientificamente avaliadas ou verificadas. Contudo, a partir do empirismo radical de William James, as descrições fenomenológicas dos investigadores da consciência poderão estar de acordo com a mesma ordem de realidade das observações obtidas através de um microscópio ou de um telescópio. Porém, ainda que possam ser objeto de verificação, comparação, teste, ou mesmo de alguma réplica de quem tenha optado por avaliá-las em si mesmas como instrumentos capazes de incrementar a percepção, estas descrições pertencem a um tipo de esfera perceptiva que se encontra à margem da experiência sensível normal. Em outras palavras, ao contrário do que presume a ciência materialista, é possível alguém ser objetivo através de uma experiência subjetiva; se examinarmos mais atentamente as meditações budistas e a técnica de auto-recordação de Gurdjieff, chegaremos à conclusão de que são práticas elaboradas para esse tipo de realização.

Aqueles que investigam a consciência através das técnicas xamanísticas, da yoga ou de outras práticas psicoespirituais, bem como aqueles que preferem acreditar na sua própria experiência, ao invés de se submeterem aos conceitos e visões que lhes foram transmitidos como verdades absolutas, tendem a despertar gradualmente para uma visão de mundo mais ampla e diferente. É preciso assinalar que muitos aspectos da tradicional ou atual visão de mundo xamanística são inteiramente compatíveis com as mais recentes e cada vez mais crescentes teorias da ciência pós-moderna. Não dispomos, porém, de espaço para

uma discussão sobre cada detalhe de tal convergência. Mencionei simplesmente a afinidade relevante que existe entre a ecologia e alguns sistemas teóricos: a teoria Gaia, de James Lovelock e Lynn Margulis; as teorias da morfogênese, de Rupert Sheldrake; o "holomovimento" de David Bohm na interpretação da teoria quântica, da teoria do caos e das dinâmicas não-lineares; a hipótese da biofilia de Edward Wilson; a cosmologia evolutiva articulada por Brian Swimme e outros. E, como exemplo específico deste argumento, relembramos a evidência exposta de maneira persuasiva por Jeremy Narby, segundo a qual os xamãs da ayahuasca acabam transformando suas próprias consciências, para realizar observações na dimensão molecular da realidade, abrindo, assim, uma via subjetiva para o conhecimento das estruturas e funções do código molecular do DNA da vida.

Através de breves proposições desprovidas de argumentações, apresentarei o que entendo como algumas das características essenciais da cosmologia enteogênica xamanística, que está emergindo nas experiências contemporâneas como um reflexo das antigas tradições.

- A realidade fundamental do universo é constituída pelo *continuum* de um campo ou de um tecido unificado por energia e consciência que, além de estar para lá do tempo, do espaço e de todas as formas, encontra-se também no interior de cada uma destas dimensões, de algum modo misterioso, sendo simultaneamente transcendente e imanente. Nas religiões tradicionais da Ásia, este campo unificado recebe uma variedade de denominações: *Tao*, *Atman-Brahman*, *Tantra* (a teia ou o tecido) ou a "rede preciosa de Indra". Alguns nativos norte-americanos referem-se a ele como *Wakan-Tanka*, o Espírito Criador. Na tradicional religião anglo-saxônica das Ilhas Britânicas, ele é chamado de *myrd*, uma teia invisível de forças mágicas. Nas religiões teístas como o Cristianismo, esta unidade leva o nome de Ente Supremo, isto é, algo que se encontra além da divindade pessoal. Nos sistemas de linguagem das ciências pós-modernas, este campo é entendido como um infinito complexo de inter-relações, ou como a "teia da vida". Sob o ponto de vista do planeta Terra, ele é referido como Gaia, denominação da antiga Deusa Terra grega que tornou-se um nome para todo o nosso planeta, quando considerado como um superorganismo vivo, inteligente e com propósitos.

- O mundo ou o cosmos é multidimensional, ou seja, um espectro de muitos mundos. Segundo a concepção da maioria das tradições xamanísticas, existem três mundos: superior, médio e inferior. Em certas tradições míticas do xamanismo, esta divisão estende-se a cinco, sete ou mais mundos, quase sempre organizados em torno de uma árvore ou de um eixo central, o *axis mundi*. Mas há ainda outros nomes para esses reinos não-ordinários: "mundo do espírito", "outro mundo", "reino encantado" e "tempo onírico". Nas tradições esotéricas e teosóficas são freqüentes as referências sobre os sete níveis de consciência, entre eles o etérico, o astral, o mental e por aí fora. Nas tradições indianas e tibetanas também existem vários níveis ou esferas da consciência, por vezes organizados em um círculo ou uma roda. Nas tradições xamanísticas, e também entre os praticantes do neoxamanismo contemporâneo que fazem uso ou não de substâncias para afetar a mente, são rotineiras as visitas a estes outros mundos. Obviamente, tais esferas também são acessíveis através dos sonhos. Os véus ou as barreiras ou as telas existentes entre os mundos podem apresentar-se alternativamente ao ser humano como transparentes ou porosos, de maneira que ele pode ver e estar ao mesmo tempo (a partir de um mesmo espaço) no mundo ordinário e no mundo do espírito.

Porque a consciência é constituída pelas dimensões imateriais, transtemporais e transespaciais destes outros mundos, eles não são tidos como acessíveis à investigação científica, sendo portanto considerados não existentes. A psiquiatria utiliza o termo "desrealização" para a ação perceptiva de outras realidades. No entanto, os investigadores da consciência do passado e do presente, relatam que tais mundos existem e que sua realidade é tão familiar quanto a do mundo material sobre o qual focamos nossa atenção na maior parte do tempo. A ciência pós-moderna só consegue chegar perto do conhecimento sobre a realidade de outros mundos através da teoria dos sistemas holísticos, sobretudo quando ela tece seus comentários a respeito dos múltiplos níveis das totalidades e das partes. Por exemplo, ao nível do universo, existem agrupamentos de galáxias, sistemas solares e planetas. Ao nível planetário, aparecem a biosfera, os ecossistemas, as populações e as espécies. Ao nível do social humano, surgem as sociedades, as subculturas, as organizações sociais e as famílias. Além disso, o orga-

nismo é composto de sistemas de órgãos, células, moléculas, átomos e partículas subatômicas. É claro que, para elevar-se, o indivíduo precisa expandir sua consciência na direção dessas outras esferas menos comuns, de maneira que possa viver em um mundo maior e mais abrangente; embora a realidade ordinária esteja incluída neste outro mundo e seja considerada como a única existente, ela não o limita.

- O campo unificado universal, ou *continuum* cósmico, possui uma polaridade simétrica básica, referida por nomes como *yin* e *yang*, Shiva e Shakti, luz e trevas, carga negativa e carga positiva, masculino e feminino, elétrico e magnético, Pai Céu e Mãe Terra, e muitos outros. Tais polaridades podem ser observadas e experimentadas nos diversos níveis da realidade, do macrocósmico ao microcósmico.
- Este *continuum* básico, simetricamente polarizado, é diferenciado em todos os seus níveis por uma variedade de nomes e formas, imagens e objetos, identidades e seres. Podemos reorganizar uma tal multiplicidade sob o ponto de vista de galáxias, estrelas e planetas, ou a partir da pluralidade cultural das sociedades humanas e da diversidade psíquica de nossa própria vida.
- Porque fazemos parte de um sistema unificado de interdependências, tal como qualquer outro ser, jamais conseguiremos ficar de fora, como se fôssemos um observador distante e objetivo. Este campo unificado é energia, e todos nós estamos energeticamente interligados a cada uma das outras formas de existência do universo. Este campo também é consciência, o que habilita o ser humano a entrar em sintonia para poder identificar-se e comunicar-se com qualquer outra forma de vida do universo, seja ela macrocósmica ou microcósmica.
- Enquanto as chamadas religiões superiores, associadas com as civilizações cultas e urbanas, tendem a ser monoteístas e a ter uma única divindade, geralmente masculina, a teologia das culturas animistas-xamanísticas é politeísta, apresentando uma enorme variedade de nomes e formas de deuses e deusas, particularizados nas diferentes tradições míticas de cada uma delas. É rotineiro o sentimento ou a percepção da presença de divindades ou de espíritos oriundos de culturas distintas entre os participantes das sessões com plantas ou substâncias alucinógenas, inclusive das deidades ou espí-

ritos com os quais estas pessoas não têm nenhuma conexão genética, biográfica ou geográfica. Pode-se, também, estabelecer esta conexão com os espíritos e divindades da natureza e com as diversas tradições sem qualquer tipo de alteração psicoativa. Compreendendo e reconhecendo a existência dos outros mundos, os exploradores xamanísticos passam a aceitar a realidade dos seres imateriais com os quais é possível estabelecer uma comunicação, e entre estes estão essências animadas, inteligências vivas, e “espíritos”, conforme a linguagem tradicional a eles se refere.

O RESSURGIMENTO ANIMISTA E A TRANSFORMAÇÃO DA SOCIEDADE

Depois de apresentar algumas características fundamentais da visão de mundo animista dos indígenas, esta mesma que está associada com o ressurgimento das práticas xamanísticas, partidárias ou não do uso dos alucinógenos ou enteógenos, eu gostaria de indagar seu significado no contexto do nosso mundo contemporâneo: por que, atualmente, muitas pessoas estão retornando para as antiquíssimas tradições das práticas espirituais e de cura, nesta nossa vida de corporações industriais multinacionais, de computadores e de redes eletrônicas?

Voltando ao argumento que propus na Introdução, vejo-me obrigado a dar uma ênfase melancólica ao atual assalto industrial-tecnológico sobre a biosfera, como jamais presenciemos antes, ressaltando que tal atitude está enraizada no cientificismo mecanicista do mundo moderno, que se divorciou deliberadamente da espiritualidade, dos valores da vida e da consciência. Aos olhos do entendimento comum, existe um vasto abismo entre o que é considerado sagrado e o que é tido como natural. Milhares de pessoas no Ocidente aderiram às experiências com sacramentos baseados nos alucinógenos ou às demais práticas xamanísticas; somos testemunhas do ressurgimento de uma antiquíssima e integradora visão de mundo, através da qual a vida é compreendida como uma teia de relações interdependentes, que precisa ser protegida e preservada.

A história da re-emergência das plantas alucinógenas e psicoativas no Ocidente ocorreu em vários estágios. Surgiram algumas sincronicidades (termo de C. G. Jung para as coincidências significa-

tivas) nesta história, onde a descoberta do LSD é o evento mais radical. Em 1942, no auge da Segunda Guerra Mundial, o físico italiano Enrico Fermi, que na época trabalhava na Universidade de Chicago, impulsionou a primeira reação nuclear em cadeia, preparando o cenário para a construção das primeiras bombas atômicas. O poder de tais bombas superava em mil vezes o poder dos explosivos então existentes. Em 1943, trabalhando com os derivados do ergot no laboratório Sandoz, na Basileia, e tendo como objetivo a descoberta de tratamentos para a enxaqueca, o químico suíço Albert Hofmann absorveu acidentalmente pela primeira vez uma pequena quantidade do ácido lisérgico Dietilamida (LSD). Ele testou a droga e descobriu que se tratava do alucinógeno mais potente que até então conheceu: excedia mil vezes em potência à mescalina, na época, o psicoativo mais conhecido. Os anos 1940 foram o palco onde se desenvolveram simultaneamente a energia atômica e uma droga psicoativa que atua na mente humana como uma explosão atômica, transformando para sempre os conceitos básicos de vida de todos aqueles que a experimentaram.

Tal como a segunda nota de uma oitava acima gurdjieffiana das transformações culturais, a década de 1950 testemunhou a introdução na sua cultura ambiente de diversas plantas alteradoras da consciência, utilizadas pelos vários xamanismos interessados nos reinos espirituais. Em 1957, o banqueiro e micologista Robert Gordon Wasson redescobriu a cerimônia do cogumelo sagrado dos astecas, sob a orientação da curandeira Maria Sabina. Suas observações foram publicadas na revista *Life* e impulsionaram o surgimento das explorações da consciência, através das quais milhares de jovens norte-americanos e europeus começaram a experimentar os cogumelos alucinógenos do México e de outras regiões. Também na metade dos anos 1950, o seringueiro brasileiro Gabriel da Costa experimentou uma poção alucinógena da ayahuasca e teve uma visão onde se viu erigindo uma igreja – a União do Vegetal (UDV) –, cujo sacramento central seria o deste “chá”.

Atualmente, esta igreja é a mais vasta e organizada das três igrejas brasileiras da ayahuasca. Mas as outras duas – Santo Daime e Barquinia – também desenvolveram e atraíram um número crescente de seguidores durante este período. Apesar de separadas das demais ritualísticas xamanísticas, as igrejas brasileiras da ayahuasca mantêm uma atitude respeitosa e espiritual em relação ao uso das plantas medicinais visionárias, além de forte sentimento de conexão com suas

raízes indígenas dentro das práticas xamanísticas de cura que exercem. A expansão do cultivo e do uso do cogumelo alucinógeno criou uma ponte entre o movimento psicodélico e as antigas tradições animistas.

Então, em 1960, todas essas experiências com drogas e plantas alteradoras da consciência passaram também para o campo da psiquiatria clínica e dos laboratórios, o que impulsionou uma série de profundas transformações culturais com dimensões altamente significativas. No início dos anos 1960, Timothy Leary e seus companheiros começaram uma pesquisa com os psicodélicos na Universidade de Harvard; em 1963, Leary, Metzner e Alpert publicaram a obra intitulada *The Psychedelic Experience – A Manual Based on the Tibetan Book of the Dead*. Nesta mesma época, o romancista Ken Kesey e seus companheiros denominados *The Merry Pranksters* estrelaram uma série de concertos de rock na Califórnia, intitulados “testes de ácido”, nos quais milhares de pessoas tomavam LSD, enquanto ouviam música e assistiam os espetáculos. E assim nasceu uma verdadeira revolução na consciência coletiva, através da qual milhares ou talvez milhões de pessoas passaram por uma ou mais experiências profundas com os psicodélicos que modificaram expressivamente suas vidas.

Junto a esta transformação da consciência coletiva, e quase sempre envolvendo muitas daquelas pessoas que experimentaram os psicodélicos, a década de 1960 viveu o início ou a vitalização de diversos outros movimentos de mudança sócio-cultural que causaram profundos impactos: o movimento ecológico e ambiental (para o qual o livro *Silent Spring*, de Rachel Carson, publicado em 1962, foi o maior catalisador); o ressurgimento de uma inovação criativa na música, nas artes, na moda e na literatura; o movimento de liberação feminista com seus círculos de “consciência emergente” (para o qual o livro *The Feminine Mystique*, de Betty Friedan, publicado em 1963, foi o maior catalisador); a revolução sexual, junto a uma crescente liberdade da expressão sexual, catalisada pela pílula anticoncepcional; a propagação dos direitos civis, sobretudo o movimento de antidiscriminação, inspirado em Martin Luther King; e o movimento antiguerra, galvanizado pelos horrores que ocorriam no Vietnã e exibidos pela televisão.

Houve o fator transcendência em cada um desses movimentos que se iniciaram nos Estados Unidos, e se difundiram por quase todo o mundo durante os anos 1970 e 1980, realizando uma ruptura com as

convenções restritivas e as normas sociais dos anos 1950 para trás. E a atitude desses movimentos sociais — no sentido de transcender as convenções, ou de ir além dos paradigmas de realidade e de identidade até então aceitos, — é basicamente característica das experiências psicodélicas e alucinógenas. Torna-se tentadora a especulação segundo a qual a introdução dos poderosos agentes de expansão da mente com drogas e plantas poderia estar relacionada, de alguma maneira, quem sabe até em um profundo grau cármico-cósmico, com a enorme crise mundial da civilização.

Não haverá dificuldade de enxergar os paralelos entre os diversos movimentos culturais que procuram corrigir o perigoso desequilíbrio que há na relação da humanidade com a natureza: entre a ecologia e o ecofeminismo, ambos clamando por atitudes igualitárias, ecocêntricas e respeitadas para com o mundo natural; entre a agricultura orgânica e os movimentos agrários, que buscam o retorno aos métodos tradicionais, evitando fertilizantes e pesticidas químicos; entre as mobilizações interessadas no incremento das ervas e as modalidades complementares de nutrição e cura, ambas cada vez menos comprometidas com as intervenções tecnológicas; e entre diversos movimentos filosóficos, científicos e religiosos, nos quais estão incluídos o biorregionalismo, a ecopsicologia, a teoria dos sistemas vivos, a espiritualidade da criação, a ecoteologia, e vários outros.

No seio destes movimentos oriundos de tantas disciplinas, desempenha-se ainda um papel altamente significativo para a transformação das percepções humanas e das atitudes e práticas em relação à Terra, assim como neles cultiva-se ainda o reconhecimento de um tipo de interrelação mais saudável, sem resquícios de dominação e exploração, e com isso um uso mais respeitoso das plantas medicinais enteogênicas nos contextos espirituais e terapêuticos.

Nas suas considerações a respeito das igrejas brasileiras da ayahuasca, diversos observadores fizeram especulações provocativas porque tais grupos, juntamente com a Igreja Nativo Americana e o culto africano Bwiti, foram considerados como movimentos genuínos de revitalização religiosa depois de sua expansão ao longo dos anos 1980 e 1990, pois disseminaram-se pelo Brasil, América do Norte e Europa, atraindo milhares de pessoas. Segundo eles, a poderosa ação emética da ayahuasca, e os muitos estilhaçamentos de suas auto-revelações, tornaram o uso desta bebida um improvável candidato para

o sacramento religioso. Mas a ayahuasca já adquiriu uma quase lendária reputação em função dos seus atributos de cura e fortalecimento. Eu mesmo tenho testemunhado extraordinárias transformações de personalidade em pessoas que aderiram a uma ou outra dessas igrejas.

Afinal, o que está acontecendo? Será que tais igrejas poderão vir a instituir as religiões mais populares do século XXI? Pois bem, há dois mil anos três religiões monoteístas despontaram nos confins do Oriente Médio. O ecologista Paul Shepard argumentou que o meio ambiente hostil e desértico pode ter contribuído para o tipo de idealização de transcendência encontrado no monoteísmo, assim como para a sua "ideologia ascética, autoritária e machista" que dominou o mundo inteiro. Ocorre que o caráter e o imaginário das igrejas brasileiras da hoasca, bem como das tradições xamanísticas que lhes serviram de fonte, embora derivados indiretamente são bastante diferentes. Assim, a imagética essencial das tradições xamanísticas é a do fluir das águas e do crescimento das plantas. O rio flui, a inebriante bebida das visões flui, o vômito purgativo flui, os sentimentos de alegria e tristeza também fluem e os reinos vegetal e animal florescem em luxúria e abundância no meio da floresta mais rica do planeta. Por outro lado, a teologia fundamental das igrejas brasileiras é inteiramente distinta: nelas estão presentes os hinos, as rezas e as figuras bíblicas, sem que haja a exclusão dos espíritos da floresta, do Sol, da Lua, das estrelas e das várias divindades indígenas. Esta religião animista e politeísta da natureza está trazendo à tona a reunificação do sagrado e do natural.

São muitas as questões advindas das visões de alguns ayahuasqueiros, sobretudo daqueles que professam a biologia ecológica e evolutiva. Por que será que tantas plantas carregam triptaminas psicoativas e outras substâncias químicas capazes de produzir transformações profundas na percepção e na consciência dos seres humanos, abrindo-lhes os mistérios inatingíveis da vida e da morte? Isto confirma a unidade básica de toda a vida na Terra e também a completude do código molecular genético. A concepção usual do darwinismo é a de que nada evolui por acaso; a seleção natural trabalha em favor das estruturas e capacidades que de algum modo são adaptáveis. Onde está, então, este fator de adaptação naquelas plantas que produzem alcalóides e que parecem não ter qualquer função específica, e que ainda são provedoras de curas e *insights* para os seres humanos?

Sempre houve e ainda há uma espécie de estranha simbiose; sabemos que existe uma variedade de aspectos naquilo que tem sido chamado de "grande simbiose" entre as plantas e os animais na biosfera da Terra. Em primeiro lugar, há por todo o mundo uma troca constante de gases: o oxigênio exalado pelas plantas é nutrição para os animais, ao passo que o gás carbônico emitido pelos animais é absorvido e convertido pelas plantas verdes. E esta simbiose é mais visível na dimensão dos arbustos e árvores frutíferas, que produzem frutas que são pacotes de sementes. Os animais comem estas frutas e deslocam suas sementes para certas distâncias onde conseguirão propagar-se em áreas com mais espaço para seu crescimento. Nós, que também somos animais, estamos trabalhando para as plantas, na medida em que somos carregadores de suas sementes. Esta troca nos é abundantemente enriquecedora; a maioria dos nossos alimentos e remédios, e de todos os tônicos e extratos responsáveis pelo nosso bem-estar e longevidade, é oriunda do reino vegetal.

Deve haver alguma coisa a ser trocada com essas plantas que os ayahuasqueiros chamam de "plantas mestres". Sabendo que delas extraímos conhecimento, iluminações e a cura física e psíquica, nesta relação devemos dar algo em troca. Quem se encontra nesse tipo de experiência não consegue atinar como retribuir nesta troca. No entanto, caso esta pessoa pergunte às plantas mestres, ou a si própria, a melhor maneira de retribuir ou pagar o grandioso presente que lhe foi dado por elas, não resta dúvida de que terá respostas admiravelmente consistentes. É provável que tais plantas estejam esperando que esta pessoa exerça práticas que reduzam o impacto adverso sobre os ecossistemas, ajudando a preservar a natureza e a diversidade essencial da vida. Talvez por isso muitos experimentam a ayahuasca (assim como outros psicodélicos, outras práticas xamanísticas, vivências de proximidade com a morte, ou a perda de um ente querido) e depois envolvem-se com a preservação ecológica ou projetos afins, e também com os esforços para manter viva a cultura dos povos indígenas.

Está ocorrendo uma mudança substancial e misteriosa no equilíbrio da vida deste planeta. A manipulação e dominação do ser humano sobre o mundo natural vem provocando um desastre ecológico de proporções gigantescas, e uma degradação do habitat de todos nós e a extinção de muitas espécies. Será que o intenso emergir da consciência e da compaixão, advindo dos preparados e tinturas feitas de plan-

tas visionárias, está assinalando a iniciativa de evolução neste planeta a outras inteligências não-humanas? Ao contrário da nossa costumeira atitude de arrogância e superioridade exploradora, aqueles que experimentaram a ayahuasca e outros enteógenos estão mais propensos a um mergulho nos misteriosos poderes da natureza e à luta por uma vida mais simples e equilibrada, de maneira a minimizar os danos ambientais e a celebrar a deslumbrante diversidade e beleza da vida.

Ralph Metzner, Ph.D., obteve o bacharelado em filosofia e psicologia na Universidade de Oxford, e o Ph.D. em psicologia clínica na Universidade de Harvard, além de ter feito um pós-doutorado em psicofarmacologia na *Harvard Medical School*. Trabalhou com Timothy Leary e Richard Alpert em pesquisas psicodélicas, editou a *Psychedelic Review*, foi co-autor da *The Psychedelic Experience* (1964), e editou a *The Ecstatic Adventure* (1968). É também o autor de *Maps of Consciousness* (1971), *Know Your Type* (1979), *Opening to Inner Light* (1986), e *The Wheel of Remembrance* (1994). Continuou pesquisando os estados alterados de consciência e os métodos de expansão da consciência e, nesta vertente, publicou mais de 75 artigos sobre a consciência, o xamanismo, a alquimia, a transformação e a mitologia. É professor de psicologia no *California Institute of Integral Studies*, em São Francisco, e mantém um consultório de psicoterapia em Bay Area. É também presidente e co-fundador da *Green Earth Foundation*, uma organização sem fins lucrativos, devotada à cura e à harmonização do relacionamento humano com a Terra. Seu trabalho mais recente é o livro *The Unfolding Self* (Origin Press, 1998), e ele está prestes a publicar uma coleção de ensaios intitulada *Green Psychology* (Inner Traditions International, 1999). O contato com o Dr. Metzner pode ser feito por correio eletrônico no seguinte endereço: rmetzner@svn.net. O endereço do seu site na Internet é: www.rmetzner-greeneearth.org.

Charles S. Grob, M.D., é diretor da *Division of Child and Adolescent Psychiatry* do *Harbor-UCLA Medical Center* e professor de psiquiatria e pediatria na *UCLA School of Medicine*. Estudou no *Oberlin College* e na Universidade de Colúmbia, obtendo nesta seu bacharelato em ciências, em 1975. Conquistou o título de doutor em medicina no Centro Médico da Universidade do Estado de Nova York, em 1979. O Dr. Grob dá aulas e ocupa posições na Universidade da Califórnia, em Irvine, no *College of Medicine*, na *The Johns Hopkins University School of Medicine*, e também em departamentos de psiquiatria e pediatria. Ele conduziu os únicos estudos psicológicos da MDMA aprovados pelo governo; participou do projeto hoasca do Brasil, juntamente com McKenna, Callaway e outros. Publicou inúmeros artigos sobre suas pesquisas em diversos jornais especializados em medicina e psiquiatria, e em outros tipos de publicação. É membro fundador do *Heffter*

Research Institute. O Dr. Grob pode ser encontrado no seguinte endereço eletrônico: grob@humc.edu.

Dennis J. McKenna, Ph.D., recebeu o título de Doutor em Botânica da Universidade do Havaí, em 1979, e o seu Ph.D. em ciências botânicas da *University of British Columbia*, em 1984. Sua tese de doutorado concentrou-se na investigação fitoquímica e farmacológica das plantas psicoativas da Amazônia. Complementando o doutorado, o Dr. McKenna recebeu o pós-doutorado no Laboratório de Farmacologia Clínica, *National Institute of Mental Health*, e no Departamento de Neurologia, *Stanford University School of Medicine*. Juntamente com seu irmão Terence, é co-autor da obra intitulada *The Invisible Landscape: Minds, Hallucinogens, and the I Ching* (1975; Citadel Press, 1991), uma exploração metafísica especulativa de implicações ontológicas das drogas psicodélicas que resultaram das primeiras investigações destes dois irmãos sobre os alucinógenos amazônicos. Trabalhou para o *Shaman Pharmaceuticals*, como diretor de etnofarmacologia, e para a *Aveda Corporation* de Minnesota, uma fábrica de cosméticos naturais, como chefe de pesquisa farmacológica. Atualmente, trabalha como consultor científico para indústrias alimentares, farmacêuticas e fitoterápicas. Ele é autor e co-autor de diversas publicações científicas: o *Journal of Ethnopharmacology*, o *European Journal of Ethnopharmacology*, e outras. É um dos membros fundadores e vice-presidente do *Heffter Research Institute* e também cumpre a função de Consultor de Pesquisa para a *Botanical Dimensions Foundation*. O contato com o Dr. McKenna pode ser feito no seguinte endereço eletrônico: djmckenna@aol.com.

Jace C. Callaway, Ph.D., obteve o bacharelato em química na *Henderson University* do Arkansas, em 1980, o título de doutor em química orgânica na *University of Mississippi*, em Oxford, Mississippi, no ano de 1980, e o Ph.D. (1994) em química médica na *University of Kuopio*, em Kuopio, na Finlândia. O foco principal de sua pesquisa tem sido a química medicinal, a farmacognose, a farmacologia e, especialmente, a análise quantitativa dos alcalóides nas plantas, nos seres humanos e em outros animais. Publicou diversos trabalhos sobre a química e a farmacologia da ayahuasca e de outras triptaminas, e também sobre a química da maconha em inúmeras publicações científicas como o *Journal of Ethnopharmacology*, *Pharmacology and Toxicology*, *Journal of*

Analytical Toxicology, e o *Journal of Nervous and Mental Disease*. É o autor da monografia intitulada *Pinoline and Other Tryptamine Derivatives* (1994). Atualmente, está envolvido com uma pesquisa no Departamento de Química Farmacêutica e leciona no Departamento de Farmacologia e Toxicologia, ambos na *University of Kuopio*, na Finlândia. Ele pode ser encontrado no seguinte endereço eletrônico: callaway@uku.fi.



GRYPHUS

Endereço na Internet: www.gryphus.com.br – e-mail: gryphus@gryphus.com.br

RIO DE JANEIRO: Av. Erasmo Braga, 227-B e 299 – Tel.: (0XX21) 2533-5537 – Fax: (0XX21) 2533-4752
Centro-RJ – CEP 20020-000 – Caixa Postal nº 269

SÃO PAULO: Rua Senador Feijó, 137 – Tels.: (0XX11) 3105-0111 – 3105-0112 – 3105-7346
3104-6456 – 3104-7233 – 3104-8180 – Fax: (0XX11) 3104-6485 – Centro-SP – CEP 01006-001

BELO HORIZONTE: Rua Guajajaras, 337-Lj. 3 – Tel.: (0XX31) 3222-2184 – Fax: (0XX31) 3222-7516
Centro-MG – CEP 30180-100

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO E IMPRESSO NA

GRÁFICA FORENSE

AV. GUILHERME MAXWELL, 234
TELS.: 2564-5743 – 2590-6640
BONSUCESSO – RIO DE JANEIRO
CEP 21040-210